

TÉRCIA RODRIGUES TIMO

**O PROJETO JORNAL DA ESCOLA**

**Belo Horizonte**

**Universidade Federal de Minas Gerais**

**Faculdade de Letras**

**2015**

TÉRCIA RODRIGUES TIMO

O PROJETO JORNAL DA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Área de Concentração:** Linguística do Texto e do Discurso

**Linha de Pesquisa:** Textualidade e textualização em Língua Portuguesa

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Delaine Cafiero Bicalho

BELO HORIZONTE

2015



Faculdade de Letras  
da UFMG



POSLIN  
Programa de Pós-  
Graduação em  
Estudos Linguísticos

Tércia Rodrigues Timo. *O projeto jornal da escola.*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Área de Concentração:** Linguística do Texto e do Discurso

**Linha de Pesquisa:** Textualidade e textualização em Língua Portuguesa

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dra. Delaine Cafiero Bicalho

Aprovada em fevereiro de 2015 pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Delaine Cafiero Bicalho – Orientadora

---

Juliana Alves Assis – PUC Minas

---

Leandro Rodrigues Alves Diniz - FALE/UFMG

**Para Beto e Gui,  
porque os espelhos da minha alma sempre refletem os seus rostos.**



## **AGRADECIMENTOS**

À Delaine Cafiero Bicalho, minha admiração por sua competência, delicadeza em ensinar e tranquilidade em orientar.

À Prof. Regina Lúcia Péret Dell’Isola, à Prof. Sueli Maria Coelho, ao Prof. Renato de Mello e ao Prof. Luiz Francisco Dias, foram aulas muito boas, em suas excelentes companhias.

Ao Prof. Audemaro Taranto Goulart, cujas palavras se misturam às minhas e ao Prof. Hugo Mari, à PUC-Minas; o Prepes em Literatura Brasileira e Língua Portuguesa mudaram, completamente, o meu modo de pensar a educação e de ser.

À Escola Pública (assim, em maiúsculas).

Aos meus alunos, obrigada por tudo o que me ensinaram e ensinam.

Às faculdades Doctum, pelo apoio institucional.

Aos meus colegas, à moda de Dumas, “um por todos e todos por um”: Alex, Camila, Carolina, Ghisene, Jairo, Patrícia, Romilda e Tovar; eu não poderia ter encontrado melhores amigos.

A Deus que permitiu ser a minha vida dedicada à educação.

Ao meu pai, Rosa diz que há pessoas que ficam encantadas.

À minha mãe, uma força, uma luz, um exemplo de amor, de princípios e de trabalho.

Aos meus irmãos e às minhas irmãs, eu sinto tanto orgulho de vocês.

À Izabella, pelo acolhimento e carinho em sua casa.

Ao meu filho Alberto, pelo olhar atento e o amor cuidadoso.

Ao meu filho Guilherme, por esse amor e pela amizade que eu tanto sei e sinto.

Ao Luiz Alberto, os laços todos de amor e amizade da nossa família.

## RESUMO

A constatação de que, no final do ensino médio, os alunos não conseguem produzir textos como aparecem nas práticas de referência, levou a escola em que trabalhamos à adesão do projeto *Jornal da Escola*, uma tentativa de estimular o processo de produção textual. O resultado das publicações, no entanto, não foi satisfatório. As críticas nos levaram ao questionamento que está na base desta pesquisa: *Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na Escola?* O objetivo geral desta pesquisa é investigar em que medida a produção de um jornal da Escola pode colaborar para a formação de autores críticos. Considerando esse objetivo, a metodologia adotada neste trabalho está em acordo com uma abordagem textual-interacional, por entendermos que a dimensão interacional envolve e caracteriza a produção textual-discursiva dos redatores do jornal da Escola. O nosso referencial teórico compõe-se, de: Antunes (2010); Bakhtin, (2011 [1953]); Bonini (2011); Bronckart (2012 [1999]); Freinet (1926); Koch e Elias (2011); Lozza (2009); Marcuschi (2001, 2002, 2003, 2008); Melo (2003); Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004); Pécora (1980); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), dentre outros importantes autores. O *corpus* desta pesquisa constitui-se dos três primeiros números do jornal de uma escola de ensino fundamental, o *Folha Conexão Santa Clara*, a saber: o nº 1 de junho de 2011; o nº 2 de novembro de 2011 e o nº 1 de novembro de 2012. Os resultados que obtivemos em relação ao projeto foram que ele propicia aos alunos e às professoras uma experiência intensa de educação, ensino e aprendizagem; pressupõe a aceitação de crítica e necessita do envolvimento da comunidade escolar e das comunidades de que os alunos provêm. Os resultados relativos ao jornal da Escola foram que, para capturar o leitor, apresenta uma diversidade de seções, de gêneros, de temas, de abordagens; os textos não podem ser monossêmânticos e repetitivos, é necessária a presença de textos multimodais, de imagens, que resultam em ludicidade, rapidez da interação social, ao mesmo tempo em que apresenta espaço para a informação mais densa que denote competência linguística e habilidade de persuasão e de argumentação do autor; ii. o investimento na publicação de artigos de opinião é fundamental para a inclusão do leitor em uma arena de discussões; iii. os textos mais representativos de atividades reais de linguagem buscam a adesão do leitor, a sua fidelização e o incitam a realizar outras atividades reais de linguagem; iv. o processo de preparação do material para a produção dos textos (as entrevistas, enquetes, pesquisas, fotos) exige competência comunicativa e soluções satisfatórias para situações múltiplas, para práticas de interação internas ao processo de produção de um artigo jornalístico, produto de um procedimento intenso de intertextualidade, dialogismo e, no caso do artigo de opinião, alteridade; v. a visão do texto como um *folhado textual*, Bronckart (2012 [1999] p. 122-129) ou segundo os elementos constitutivos da dimensão *global*, eixo de sua coerência, Antunes (2010, p. 55-58) e a didatização do gênero, em seus aspectos mais peculiares, o seu uso e suas funções sociais; conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) corroboram para que o leitor estabeleça coerência, e seja fisgado pelos efeitos de sentido por ela produzidos; vi. a atividade real de linguagem permite aos alunos o exercício da argumentação, mas, às vezes, ultrapassa esse primeiro estágio de treino e proporciona situações reais de desenvolvimento do pensamento crítico. Os resultados relativos à formação do autor crítico apontam para um autor leitor de jornal, um cidadão responsável por sua participação social, por exercer o direito à opinião e que conhece as estratégias de produção do texto jornalístico, o qual não só veicula, mas administra a memória coletiva, marcando assim posturas mais mercadológicas ou as mais plurais. O autor crítico assume uma atitude permanentemente responsiva (BAKHTIN, 2011 [1953]) e indagadora frente ao leitor, visto ser o texto, em sua materialidade e como produto de um discurso histórico, uma reação para provocar reação no outro. A pesquisa possibilitou-nos uma reflexão sobre a relevância social deste estudo para o

ensino de língua portuguesa: o projeto *Jornal da Escola* permite aos alunos a compreensão dos mecanismos de produção de textos bem redigidos, como surgem nas práticas de referência, mas também permite uma reformulação da prática pedagógica dos professores.

**Palavras-chave: Interacionismo Sociodiscursivo. Gêneros. Jornal da Escola.**

## ABSTRACT

After realizing that, at the end of High School, students are not able to produce texts as they appear in the practices of reference, the school where we work decided to join the *Jornal da Escola* Project (School Paper), in an attempt to stimulate the process of textual production. The result of those publications, however, was unsatisfactory. The criticism led us to the base question for this research: *How do we transform the paper into an instrument that participates in the formation of critical authors in the school environment?* The main aim of this research is to investigate the extent to which the production of a school paper can collaborate for the formation of critical authors. Considering such an aim, the methodology for this work was picked according to a textual-interactional approach, because we understand that the interactional dimension involves and characterizes the textual and discursive production of school paper authors. Our theoretical background is based on Antunes (2010); Bakhtin, (2011 [1953]); Bonini (2011); Bronckart (2012 [1999]); Freinet (1926); Koch e Elias (2011); Lozza (2009); Marcuschi (2001, 2002, 2003, 2008); Melo (2003); Dolz, Noverraz and Schneuwly, (2004); Pécora (1980); Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), among other authors. The *corpus* for this research is composed of the three first issues of the school paper from an institution focused on basic education, *Folha Conexão Santa Clara*, as listed: issue 1, from July 2011; issue 2 from November 2011, and issue 3, from November 2012. The results achieved from the project involved its provision for students and teachers of an intense experience of education, teaching and learning; it presupposes the acceptance of criticism and relies on an involvement by the school community and other communities that may be part of the student's life. The results on the school paper indicate that: i. in order to capture the reader they present a diversity of sections, genres, themes, approaches; texts must not be monosemantic and repetitive, rendering necessary the presence of multimodal texts, images, resulting in playfulness, quickness in social interaction, at the same time it introduces space for a denser information that implies linguistic competence and persuasion skills in the author's argument; ii. Investing in the publication of opinion pieces is fundamental for the inclusion of the reader in the arena of discussion; iii. Texts representing actual language activities seek the reader's focus, its formation of loyalty and propose other actual language activities; iv. The process of separation of the material for text production (interviews, polls, research, photos) demands communicative competence and satisfactory solutions for multiple situations, for internal interaction practices in the process of production of journalistic pieces, product of an intense procedure of intertextuality, dialogism and, in the case of the opinion piece, otherness; v. Bronckart's (2012 [1999] p. 122-129) view of the text as *textual layers*, or, according to the constitutive elements of the *global dimension*, axis of coherence, Antunes (2010, p. 55-58) and the didactics of genre in its most peculiar aspects, its usage and social functions; Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) endorse the view that the reader establishes coherence and gets hooked by the meaning effects produced; vi. The actual language activity permits students to exercise argumentation, but, occasionally, exceeds this first training stage and provides real situations for development of critical thinking. Results according to the formation of the critical authors indicate an author-reader of newspaper, a citizen responsible for its social participation, for practicing the right to a particular opinion and understands the strategies of production for a journalistic texts, which does not only broadcast but also manages collective memory, with a permanently responsive attitude (BAKHTIN, 2011 [1953]), questioning in the face of the reader, since the text, in its materiality and as a product of historical discourse, a reaction to ensue other reactions. This research enabled a reflection of the social relevance of this study for teaching Portuguese: The *Jornal da Escola* project allows students to understand the mechanisms for the production of well-written texts, as

directed by the practices of reference, but it also allows a reformulation of the teachers' pedagogical practice.

**Keywords:** Social-discursive interactionism. Genres. School paper.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Texto <i>Resíduo sólido em creche</i> .....	67
Figura 2 –	Texto <i>Editorial</i> .....	73
Figura 3 –	Texto <i>Roda de versos: Minas ontem, Minas hoje</i> .....	91
Figura 4 –	Texto <i>Editorial</i> .....	96
Figura 5 –	Texto <i>Ensino e educação na escola</i> .....	126
Figura 6 –	Texto <i>Editorial</i> .....	130
Quadro 1 –	Critérios utilizados na descrição dos três primeiros números do jornal escolar <i>Folha Conexão Santa Clara</i> .....	50
Quadro 2 –	Os textos do <i>Folha</i> número 1 .....	61
Quadro 3 –	Os textos do <i>Folha</i> número 2 .....	82
Quadro 4 –	Os textos do <i>Folha</i> número 3 .....	104

## LISTA DE TABELAS

1 –	Gêneros e Textos do <i>Folha</i> número 1 .....	60
2 –	Gêneros e Textos do <i>Folha</i> número 2. ....	81
3 –	Gêneros e Textos do <i>Folha</i> número 3 .....	103

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>22</b>
1.1 Projetos, a esfera jornalística e o jornal da Escola .....	22
1.2 Autoria crítica para jornais pressupõe leitura crítica.....	30
1.3 O artigo de opinião e o editorial: características e funcionamento .....	39
1.3.1 O artigo de opinião.....	39
1.3.2 O editorial.....	44
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
2.1 O <i>corpus</i> .....	46
2.2 Panorama geral da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha: aspectos físicos, financeiros e humanos .....	47
2.3 As categorias de análise do jornal e dos textos .....	50
<b>3 ANÁLISE DO CORPUS.....</b>	<b>55</b>
3.1 O <i>Folha Conexão Santa Clara</i> número 1 .....	55
3.1.1 Artigo de opinião no <i>Folha</i> número 1: <i>Resíduo sólido em creche</i> .....	66
3.1.2 Editorial no <i>Folha</i> número 1 .....	72
3.2 O <i>Folha Conexão Santa Clara</i> número 2.....	79
3.2.1 Análise dos textos do <i>Folha</i> número 2.....	81
3.2.2 Artigo de Opinião no <i>Folha 2: Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje</i> .....	91
3.2.3 Editorial no <i>Folha 2</i> .....	96
3.3 O <i>Folha Conexão Santa Clara</i> número 3.....	100
3.3.1 Análise dos Textos do <i>Folha 3</i> .....	103
3.3.2 Artigo de Opinião no <i>Folha 3: Ensino e educação na escola</i> .....	125
3.3.3 Editorial no <i>Folha 3</i> .....	130
<b>4 DISCUSSÕES .....</b>	<b>135</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>150</b>
<b>7 ANEXO A .....</b>	<b>154</b>
<b>8 ANEXO B .....</b>	<b>190</b>



## INTRODUÇÃO

Há 22 anos trabalho com o ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas. Percebo, com preocupação, o resultado do ensino tradicional, das aulas expositivas de morfossintaxe, das redações escolares e do ensino de língua inteiramente dependente dos livros didáticos (quando o professor consegue entendê-los). É comum que o professor da rede pública não se sinta suficientemente competente para aplicar o livro didático e menos ainda para assumir, com autonomia, a tarefa de adequação do currículo à criação de situações de ensino ou atividades em que se aplique o Conteúdo Básico Comum (CBC, 2005), produzido de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e os Parâmetros Curriculares Nacionais Mais (PCN+, 2002).

Essa ausência de autonomia é, ao que parece, o prejuízo de uma má formação do professor. Dialogicamente, pode-se pensar em uma graduação mal feita, como também se podem imaginar os outros e muitos motivos que contribuíram para isso: políticos, sociais, econômicos, culturais, institucionais. Este último, no que diz respeito às escolas de formação básica, às IES e aos programas de ensino, ofertados, muitas vezes, por outros professores igualmente despreparados. Concomitantemente a esses argumentos, existem outros que dizem respeito ora à desmotivação do professor, em razão da desvalorização de sua profissão, ora às dificuldades de o professor participar de bons programas de formação continuada ou arcarem com os custos dessa formação. As constantes mudanças de políticas educacionais, com exigências e sobrecargas para o professor, a cada governo, também deixam-no muito inseguro.

Desconectar essas causas históricas intrínsecas do frustrante resultado da formação dos professores e do conseqüente resultado escolar dos alunos é afastar as possibilidades de compreender a educação para a vida e para o mundo do trabalho a que documentos governamentais tanto fazem referência.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais Mais (PCN+, 2002) recomendam que o aluno deve desenvolver:

[...] seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica das regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho (PCN+, 2002, p. 52).

Mas, no Brasil, apenas escolas especializadas visam oferecer uma educação assim, e dessas, apenas algumas o conseguem fazer com êxito, uma vez que se considera, de maneira reducionista, que a educação para a vida e para o trabalho é relativa a cursos técnicos e de graduação específicos. Dessa forma, o mito da educação para o futuro embaça a necessidade de se educar para o presente e para qualquer situação da vida social, vida que acontece nas escolas e ultrapassa os seus muros, bem como os das casas, da igreja ou os limites da rua, do bairro, da cidade, do estado, do país. Portanto, a educação para o presente e para a vida presente deve preparar o educando para compreender e atuar nos espaços públicos e particulares em que lhes são exigidas capacidades relativas à observação, à reflexão, à compreensão e à ação.

Considerando-se que toda ação é política, a escola deveria propor os conteúdos como estratégias políticas de atuação ou interação social. Não obstante, o que se tem visto é a grande massa de escolas à margem da compreensão do processo educativo que depende de consciência política, da capacidade de ação e da persistência de educadores bem qualificados.

Para entendermos melhor a assertiva “escolas à margem da compreensão do processo educativo”, basta refletirmos sobre uma questão muito simples: que resposta obteríamos, se perguntássemos aos professores ou aos alunos do Ensino Fundamental ou Médio ‘O que a sociedade brasileira espera dos jovens?’. A mesma pergunta feita a estadunidense, a um francês, a um árabe, a um japonês poderia ter respostas diretas que, provavelmente, seriam, respectivamente: “que o jovem trabalhe, ganhe dinheiro e gaste acumulando riqueza, para aumentar o patrimônio líquido nacional.”, “que seja capaz de defender as próprias ideias e tenha uma identidade.”, “que seja um adorador de Alá”, “que se envolva em pesquisas para o desenvolvimento de alta tecnologia”. Mesmo assim não se poderia prever que as respostas não fossem outras ou múltiplas e não se pode afirmar que as sugestões de respostas não sejam mais que uma generalização. As possibilidades de respostas postas aqui dizem respeito às representações sociais; dizem respeito a uma identidade que se espraia no planeta em relação a eles, à sua cultura, à sua identidade internacional. Essa questão apresentada, por nós, informalmente, a professores e a alunos do Ensino Médio deixou-os vacilantes ou sem

resposta. Isso parece evidenciar a dificuldade de se chegar a uma identidade, o que pode ocorrer em função da diversidade cultural do país, mas também da dificuldade de projetar uma imagem, uma identidade frente ao mundo.

Alunos ou professores do Ensino Fundamental e Médio saberiam dizer com segurança como cada conteúdo ensinado ou aprendido em qualquer disciplina pode ser aplicado à vida social e, mais especificamente, ao universo do trabalho? Ou o que se ouviria deles seria o equivalente a um “não sei”, às vezes reformulado “isso é complexo”, “o meu conteúdo é muito abstrato”, “não há aplicabilidade assim tão objetiva”, “diz respeito a um conhecimento que o aluno tem de ter.” etc. Tais respostas dos professores, obviamente, distanciam-se das que esperamos ouvir e que dizem respeito a uma ou mais habilidades que tornam alunos em sujeitos competentes, permitindo-lhes mobilizar conhecimentos a fim de enfrentar situações reais específicas. No caso do ensino de língua portuguesa, as “[...] habilidades sociocognitivas, de apropriação de conhecimentos e de culturas necessárias à inserção e ao trânsito social” (CBC, 2005, p.75). Vemo-nos distantes do que seria um ensino que visa atingir os objetivos descritos nos documentos sobre a educação e, mais particularmente, educação em língua portuguesa.

Pécora (1980) assinala problemas historicamente relativos a professores e alunos que reproduzem atividades exclusivamente da instituição escolar, aos prejuízos trazidos por esse tipo de atividade e da má qualidade desse tipo de ensino, ao destacar sua ineficiência e sua ineficácia, representadas no fracasso das redações de vestibular. Ele observa que as redações acumulam quatro tipos de problema: o morfosintático, o de estabelecimento de coesão textual, os relativos à norma da escrita, fixadas pelo padrão culto e formal do português, e os de argumentação. Para ele, o pior fracasso diz respeito às redações se traduzirem em “[...] falsa produção, falsificação do processo ativo de elaboração de um discurso capaz de preservar a individualidade do sujeito e de renová-la, desdobrá-la, na leitura de seus possíveis interlocutores” (PÉCORA, 1980, p. 13-14). Para esse autor, as redações são uma redução autoanuladora, por não serem representativas de uma escrita pessoal e intransferível, de uma experiência de significação, da interação entre protagonistas ou das intersubjetividades (ação entre autor e leitor) senão um arremedo de ninguém. E enfatiza que as redações são a redução drástica de um público à caricatura de si mesmo, porque nunca teve “chance de dizer, mostrar, conhecer, divertir, ou seja lá o que for, outra atividade a que possa atribuir um valor e um empenho pessoal” (PÉCORA, 1980, p. 69).

Vinte e quatro anos depois, constatamos que, ao final do EM, os alunos considerados medianos na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha não conseguem atingir um nível de produção textual, representativo de uma autoria menos anuladora que a descrita por Pécora (1980), uma autoria que atenda às expectativas de um leitor medianamente crítico. Dessa forma, para professores que têm dificuldades de “apresentar sugestões didáticas para o uso dos textos enquanto exemplares e fonte de referência de um determinado gênero” (KLEIMAN, 2002, p. 7), pode haver alunos que não conseguem produzir textos heterogêneos que atualizam os gêneros como aparecem nas práticas de referência, com a finalidade de responderem às exigências comunicativas do cotidiano.

Por isso, pensando nas possibilidades de aproximar os alunos dessa autoria crítica, em 2011, aderimos à proposta de criação de um jornal na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, na qual trabalho há oito anos. Essa, para nós, seria uma atividade de linguagem conectada à vida fora dos muros da Escola, porque o produto do nosso trabalho seria semelhante ao que se vê nas bancas de revista e produziria resultado semelhante nas comunidades para as quais esse jornal seria escrito.

Estávamos criando um suporte para os textos que informariam as comunidades dos alunos sobre os problemas que eles discutiam na Escola, no projeto institucional “Meio ambiente, minha vida”. Por isso, o jornal ganhou em seu nome a palavra “conexão”, representativa da conexão do bairro Santa Clara, onde se localiza a Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, com os mais de vinte bairros de onde vêm os alunos e da conexão desses alunos com a vida, com a cidade, com a *internet* que os liga ao mundo.

Tendo iniciado uma aprendizagem de como ensinar com e para a produção do jornal, entendemos que a experiência de envolver os alunos em atividades reais de linguagem, que permitem o desenvolvimento da competência<sup>1</sup> comunicativa para a vida social presente, não pode, evidentemente, ser considerada insatisfatória. A produção, a princípio, parece-nos imatura, mas um fator relevante é termos dado início a uma educação mais significativa em relação à proximidade da atividade linguística com as atividades que os estudantes realizaram. Os primeiros números do *Folha Conexão Santa Clara* nos permitiram seguir algumas orientações propostas pelos PCNLP (Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa):

---

<sup>1</sup> “A abordagem por competências leva a fazer menos coisas, a dedicar-se a um pequeno número de situações fortes e fecundas, que produzem aprendizados e giram em torno de importantes conhecimentos. Isso obriga a abrir mão de boa parte dos conteúdos tidos, ainda hoje, como indispensáveis” (PERRENOUD, 1999, p. 64).

- a) Adotamos o texto como unidade básica de ensino, apesar de a nossa noção de texto estar muito aquém da necessária, que seria uma noção mais próxima daquela que propõe Bronckart (2012):

[...] toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação e da comunicação) que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário (BRONCKART, [1999] 2012, p. 137).

- b) Proporcionamos aos alunos o contato com a produção linguística, como a produção de discursos contextualizados.
- c) Rejeitamos a fragmentação de conteúdos, o planejamento extenso e inflexível para valorizarmos a situação-problema<sup>2</sup>.
- d) Trouxemos para a sala de aula a noção de que é impossível comunicar verbalmente a não ser por gêneros ou textos sócio-historicamente organizados (BAKHTIN, [1953] 2011; BRONCKART, [1999] 2012; MARCUSCHI, 2002).

Não conseguimos ainda realizar um trabalho representativo da compreensão dos gêneros como “[...] relativamente estáveis” (BAKHTIN, [1953] 2011) ou “[...] altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2002), definíveis ora por seus aspectos formais (estruturais ou linguísticos), mas muito mais comumente identificáveis pelos aspectos sociocomunicativos e funcionais. Marcuschi (2002) observa que as mídias, no último século, criaram gêneros híbridos:

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento (MARCUSCHI, 2002, p. 21).

Não conseguimos trabalhar devidamente esse critério de produção textual com nossos alunos, em virtude da insuficiência de tempo, da nossa competência em compreender essas semioses como elementos formadores do texto.

O trabalho desenvolvido nos três primeiros números da *Folha Conexão Santa Clara* é parcialmente representativo da compreensão da língua em seus aspectos discursivos e

---

<sup>2</sup> Philippe Meirieu define situação-problema: “situação didática na qual se propõe ao sujeito uma tarefa que ele não pode realizar sem efetuar uma aprendizagem precisa. Esta aprendizagem, que constitui o verdadeiro objetivo da situação-problema, se dá ao vencer o obstáculo na realização da tarefa” (MEIRIEU, 1998, p. 192).

enunciativos, o que denota a dificuldade de se pôr em prática o ensino e a aprendizagem da noção de língua conforme Marcuschi (2010) ensina: língua, atividade social, histórica e cognitiva, de natureza funcional e interativa, cujo caráter é de indeterminação e, ao mesmo tempo, de atividade constitutiva da realidade.

Além disso, ao longo dos anos, as dificuldades que enfrentamos são cada vez maiores, porque à medida que o jornal se torna mais extenso ou a produção “mais sofisticada”, aumentam as distâncias entre os nossos colegas que não abraçaram o projeto desde seu início e que não compreendem ainda que qualquer hora é hora de começar, ainda que esse início pressuponha muitos erros como os que nós também cometemos antes, como se verá pela análise dos três primeiros números do jornal, e outros que ainda cometemos agora. Também não é fácil envolver os alunos em uma atividade demorada como a de uma sequência de atividades<sup>3</sup>, organizada para a aprendizagem de um gênero e produção de um texto expositivo ou argumentativo com a finalidade de posterior publicação no jornal. Uma sequência de atividades que envolva um período longo de aplicação exige adaptações, pois o que se quer é que o aluno decida sobre o que quer escrever. Assim, a sequência para a produção do *Folha Conexão Santa Clara* foi composta por: situação-problema; produção inicial; leitura; análise do gênero com planificações diversas em função dos propósitos de interação; pesquisa livresca ou de campo (entrevista, enquete, foto, criação de gráfico); discussão democrática para a escolha de tema; objetivo de produção do texto; produção inicial; revisão; refacção; não raro, retextualização; e reflexão constante sobre a produção, a publicação, e a metalinguagem.

Apesar das dificuldades, o jornal *Folha Conexão Santa Clara* tem-se fortalecido quantitativamente, no que diz respeito ao número de alunos envolvidos, ao número de páginas, à extensão dos textos escritos pelos alunos, ao número de gêneros e ao número de professores que se responsabilizam diretamente, não só pelo jornal, mas pelos alunos que se envolvem em sua produção.

Em relação aos alunos, verificamos a importância da experiência de escreverem para o *Folha*, visto que a produção textual, para esse suporte, proporciona a dinamicidade e a significação de todo o trabalho de produzir textos. O ganho maior para eles é de apropriarem-se dos gêneros, “[...] um mecanismo fundamental de socialização, e inserção prática nas atividades

---

<sup>3</sup> Ao nos referirmos à “sequência de atividades” distanciamos-nos da nomenclatura “sequência didática”, em função de a elaboração daquela, não ter se pautado essencialmente nos moldes de Dolz, Scheneuwly e Noverraz (2004).

comunicativas humanas” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 103). Marcuschi (2002, p. 22) traduz essa visão sobre o trabalho de produção que convém à escrita do jornal: “[...] os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo”.

O que nos faz deter o olhar sobre a produção escrita desses exemplares, representativa do nível de crítica de todos os atores envolvidos em sua produção, é a necessidade de avançarmos; primeiro, porque acreditamos no projeto; segundo, porque a terceira edição, de novembro de 2012, sofreu críticas severas de um professor muito bem conceituado. Tais críticas quase inviabilizaram a publicação do jornal e diziam respeito à inconsistência temática e da má qualidade da redação, ou seja, de problemas relativos à conexão e à coesão.

Não foi difícil entender o teor da crítica: o argumento racional e o de autoridade são fundadores e dominantes nos artigos de opinião e reportagens. A técnica de obtenção dos dados é também repetitiva: são os resultados de rápidas pesquisas de campo, ou de enquetes feitas pelos alunos. Às vezes, os artigos são produto de retextualização de entrevistas, sem que haja uma discussão sobre os argumentos postos nelas. Um tipo de “oficialismo” tem espaço nos textos; já que as vozes e imagens dominantes no jornal são as da direção, da supervisão, dos professores, de autoridades políticas e de empresários da cidade. Na terceira edição, de 2012, as vozes dominantes são as das comunidades das quais esses alunos provêm, porém a voz dos alunos quase não se faz ouvir, visto serem os textos paráfrases do dito pelo discurso das pessoas entrevistadas dessas comunidades, da Educação e dos educadores. É, portanto, baixo, o grau de marcas de autoria individual e crítica.

Por isso mesmo, propusemos aos alunos do ano de 2013, uma série de temas, dentre os quais eles deveriam escolher um ou sugerir outro para a produção de um artigo de opinião. Cada aluno fez uma pesquisa dentro do seu campo de interesse, escreveu o artigo de opinião e o apresentou à sala, conforme os conhecimentos prévios que tinham sobre o gênero e também em conformidade com as orientações gerais oferecidas por nós. Depois de apresentados, os artigos considerados os melhores pelos alunos, no que se diz respeito à temática desenvolvida, foram selecionados, receberam as críticas e sugestões de colegas de sala e desta professora.

Os autores dos artigos reescreveram-nos e enviaram-nos por *e-mail*. Antes que se veja um exemplo de como os textos escritos para o jornal ficam em sua primeira versão, é interessante que sejam apresentadas quatro situações: (i) o autor do texto que se verá é um aluno do

terceiro ano do Ensino Médio (EM), turma C, um homem de 18 anos, considerado um aluno mediano pelo Conselho de Classe da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, isso quer dizer que, no ano de 2013, possivelmente, entrou no mercado de trabalho, finalidade para a qual esses alunos concluem o EM na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha. (ii) o autor afirmou estar redigindo pela primeira vez para uma possível publicação, situação ambígua entre os alunos; (iii) esse artigo de opinião foi um dos textos escolhidos para a publicação no jornal; (iv) embora este texto seja do ano de 2013, foi escolhido para ser apresentado por não termos os textos originais publicados nos exemplares de 2011 e 2012, *corpus* desta pesquisa, e este texto ser representativo do nível de escrita da maioria dos alunos, quando estes iniciam a produção de textos para publicarem no jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, independentemente de estarem no 1º, 2º ou 3º ano do EM.

#### Fidelidade

Saia um pouco da frente do computador, coloque alguns discos pra rodar e mergulhe fundo no papel de ser fiel, como se fazia a 30 anos.

Ser fiel não é ser como um fã que simplesmente ouve músicas ou vai pro show da banda favorita e, sim, aquele que segue através do globo, que vai para seu “cafofo”, onde é difícil até de respirar, mas ali passa boa parte do tempo caçando, revirando e mergulhando de cabeça em determinados períodos musicais da banda.

Muitas empresas perceberão isso. Empresários visionários tiveram a ideia de patrocinar essas bandas afin não somente do lucro, mas sim de ajudar a banda a se erguirem através da fabricação de bolsas, cardenetas etc ... beneficiando ambas as partes inclusive os fieis, abrindo portas para q se imortalizem sua arte através das eras proporcionando a oportunidade para que os fieis possam carregar consigo uma parte de sua nação mas o tiro sai pela culatra.

Certas bandas causam grandes polêmicas como a banda Venom em uma entrevista com Ricardo Seelig da Rodie Classic foi lhe perguntado as o vocalista Conrad (CRONUS) como definia sua banda e ele respondeu com um trecho de sua música “Nos somos possuídos por tudo q é mal/Exirgimos a morte de seu Deus/Cuspimos na virgen que voce adora /E sentamos na Mao esquerda do senho satan. Isso gerou revolta entre alguns fieis isso deu inicio a sua definhacao da banda em 1987 ao seu fim logo depois.

Sao bandas como o Venom que generalizam os fieis como pessoa que vestem preto e que veneram satan obstruindo a visao da sociedade sobre os fieis gerando discriminação e conflito entre os religiosos.

Poucos sabem ,mas quando usam uma simples blusa com o logo da banda e como se fossem guerreiros indo para a batalha usando o escudo de sua nação defendendo-a com unhas e dentes a sua fé ate com a própria vida alguns chamam de maluquise eu chamo de fidelidade

Nesse texto, veem-se desvios da norma padrão de tipos diversos: desvio de escolha de conectores, impropriedade vocabular, desvios de ortografia, pontuação, acentuação gráfica, presença de pluralização de advérbios, inadequações de concordância verbal e nominal, redundâncias, problemas de coesão e, portanto, problemas relativos à formação e à



composição, segundo as regras da gramática socialmente valorizada. Mas se percebem níveis intermediários de legitimidade social, de funcionalidade comunicativa, de semanticidade, de referência à situação e de intencionalidade<sup>4</sup>.

Por isso, textos como esse, pela profusão de desvios e problemas, pela possibilidade de acertos, **levaram-nos ao questionamento que se busca responder neste trabalho (grifo nosso):** *Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na escola?*

Algumas hipóteses orientaram a nossa pesquisa, que tem como objetivo geral “Investigar como o ensino de linguagem para a formação de autores críticos pode se dar a partir da produção de um jornal escolar”:

(i) Não se forma o autor crítico, se ele não conhece a linguagem mas também as formas, os modos de uso da linguagem; (ii) Não existe projeto institucional sem envolvimento da comunidade escolar; (iii) O jornal da escola deve privilegiar gêneros em que uma argumentação mais densa e variada seja exigida; (iv) Os gêneros a serem privilegiados não precisam ser os mesmos dos jornais de grande circulação; (v) O artigo de opinião deve ser um gênero de destaque no jornal.

- a) Não se forma o autor crítico, se ele não conhece as exigências de uma atividade real de linguagem.
- b) Não existe projeto institucional sem envolvimento da comunidade escolar.
- c) O jornal deve contemplar uma diversidade de gêneros.
- d) Os gêneros privilegiados não precisam ser todos os mesmos dos jornais de grande circulação.
- e) O artigo de opinião deve ser um gênero de destaque no jornal.

Assim, para respondermos a esse questionamento, no capítulo 01, Fundamentação Teórica, apresentamos os conceitos de língua, linguagem, sujeito, gênero; posteriormente, investimos na investigação sobre o projeto Jornal na e da Escola, no ato de produzir textos para participar do discurso da esfera jornalística, discutimos autoria crítica e a nossa escolha por analisarmos, neste trabalho, artigos de opinião e os editoriais do jornal *Folha Conexão Santa Clara*. Para encerrar o capítulo, caracterizamos e apresentamos o funcionamento desses dois gêneros.

---

<sup>4</sup> Categorias dadas por H. Isenberg, 1976, *apud* Koch, 2005.

O segundo capítulo, Metodologia, apresenta os objetivos específicos da pesquisa, o *corpus*, a hipótese, o panorama geral da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha (aspectos físicos, financeiros e humanos) e apresenta as categorias de análise do jornal e dos textos.

O terceiro capítulo versa sobre o projeto Jornal *Folha Conexão Santa Clara*. Nesse capítulo, apresenta-se o projeto e faz-se uma análise da sua importância para todos os atores da comunidade escolar envolvidos, discute-se a viabilidade de sua otimização para tornar mais eficaz o ensino de leitura, interpretação e produção textual, tomando-se por base o exposto nos capítulos um e dois deste trabalho.

Este texto se justifica por apresentar-se como um instrumento de pesquisa sobre produção e recepção de textos em uma Escola Estadual, mais especificamente, por apresentar a análise do projeto jornal *Folha Conexão Santa Clara*, destacando-se suas potencialidades e fragilidades, o que acaba por possibilitar a visão de entraves para que a Educação em língua portuguesa se desenvolva na escola, mas que, de alguma forma, é também um reflexo de grande parte da Educação no país. Justifica-se por ser uma análise de prática embasada no desenvolvimento de projetos que deve tornar-se cada vez mais corrente em todas as escolas, independentemente, do nível de desenvolvimento em que essa prática se dê.

Este trabalho é movido pela disposição de compreendermos a realidade do ensino de língua portuguesa, partindo da análise da experiência da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, vivida a partir do projeto *Folha Conexão Santa Clara*. Reconhecemos a complexidade desse empreendimento e não temos outra pretensão senão a de tentarmos perceber o que é possível fazer para tornar o projeto ainda melhor. Nesse sentido, reconhecemo-nos limitados; por isso, não devemos resistir à busca de congruência dos sentidos e de impressões, não devemos ceder à pretensão de tomá-los por definitivos, não devemos resistir ao encontro com o despropositado das nossas próprias crenças.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, organizado em três seções, apresentamos as teorias que ancoram este trabalho. Na primeira seção, expomos o objetivo desta pesquisa que propõe observar as contribuições do jornal escolar para a formação de autores críticos no Ensino Médio e situamos o objeto da pesquisa no contexto das exigências dos documentos oficiais que norteiam o Ensino Médio, tais como: Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Língua Portuguesa; Diretrizes curriculares para o ensino médio, a Proposta Curricular – CBC (Conteúdos Básicos Comuns) de Língua Portuguesa – Ensinos Fundamental e Médio. Na segunda seção, partimos das ideias inaugurais sobre língua, linguagem, texto e gênero do discurso (Bakhtin, 2011 [1953]), e as comparamos com a terminologia “gênero do texto” do Interacionismo Sócio-Discursivo (ISD) de Bronckart<sup>5</sup>, concepções que já estão na base de documentos como PCN desde 1998. Partindo desses conceitos, a seção relaciona a formação de autoria crítica à atuação de leitores críticos. A terceira seção apresenta e discute características fundamentais da forma e função do artigo de opinião e do editorial, gêneros que serão tomados como objeto de análise do jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha.

### 1.1 Projetos, a esfera jornalística e o jornal da Escola

O questionamento *Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na escola?* traduz-se no objetivo geral deste texto “Investigar como o ensino de linguagem para a formação de autores críticos pode se dar a partir da produção de um jornal escolar”.

A investigação para responder a esta questão e atender a esse objetivo levou-nos, inicialmente, às orientações postas nos Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio, os quais dizem respeito à área Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – PCNEM (BRASIL, 2005), e recomendam que o ensino estimule nos alunos a curiosidade, o raciocínio e a capacidade de interpretar e intervir no mundo. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização. (p. 16). Orientações semelhantes, porém mais específicas, aparecem também em documentos que norteiam o Ensino Médio,

---

<sup>5</sup> Opção que mantemos nesta dissertação.

como: Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Língua Portuguesa; Diretrizes curriculares para o ensino médio, a Proposta Curricular – CBC (Conteúdos Básicos Comuns) de Língua Portuguesa – Ensinos Fundamental e Médio, que são posteriores ao PCNEM. Estes documentos amplificam a primeira proposta.

Assim, compreendemos que o processo de produção de textos críticos para o jornal da escola envolve, claramente, o desenvolvimento dessas capacidades, bem como uma concepção muito clara de linguagem como forma de ação, atividade de base sociointerativa, cognitiva e histórica, determinada pelos objetivos dos sujeitos e em contextos historicamente situados. Nessa perspectiva, compreender a língua como uma atividade sociointerativa permite uma compreensão efetiva dos usos da linguagem, pois a atividade linguística não ocorre aleatoriamente, mas com base em objetivos, normas e valores que são transformados na interação, através da qual a língua é construída e reconstruída. Língua “no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico relativo à vida” (BAKHTIN, 2010 [1929], p. 95). Conforme Marcuschi, isso faz percebê-la como ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes, vinculada aos usuários, colada à realidade, semanticamente dependente do usuário, histórica em suas variedades dialetais ou socioletais; língua variada com marcas de classes e posições sociais, de gêneros e etnias, de ideologias, éticas e estéticas, determinadas; língua multifacetada, heterogênea, semanticamente opaca, já que os sentidos por ela transmitidos e nela gerados não estão especificamente nela (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

Harmonizando-nos com os conceitos de desenvolvimento de capacidades<sup>6</sup>, de língua e linguagem para uma ação educativa, entendemos que projetos educacionais de Língua Portuguesa devem viabilizar o acesso do aluno aos textos que circulam socialmente. Isso pressupõe ampliação da capacidade do aluno de apropriação (leitura, compreensão e interpretação) dos discursos sociais específicos de esferas ou instâncias do discurso e, concomitantemente, ensino de produção de textos (orais e escritos). Esses textos pertencem a gêneros textuais (BRONCKART, 2012 [1999]) ou gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011

---

<sup>6</sup> Capacidades ou habilidades necessárias para a afirmação da existência de uma competência, como o propõe a Proposta Curricular da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais nos Conteúdos Básicos Comuns (CBC) Língua Portuguesa - ensinos fundamentais e médio (2005).

1953])<sup>7</sup> que não podem ser estudados apenas por suas características formais, porquanto isso seria limitá-los à sua materialidade.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 81-108), o domínio dos gêneros discursivos proporciona desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual. Caberia então, ao professor, conduzir os trabalhos de conhecimento, leitura e discussão sobre o uso e as funções sociais, produção (caso seja pertinente) e circulação de gêneros diversos em situações de comunicação real, de tal forma a proporcionar aos alunos a apropriação das características discursivas e linguísticas desses gêneros.

É necessário tempo para que se dê a apropriação do gênero, e a ansiedade do professor sobre isso pode ser um complicador. Então, talvez seja importante ouvir o que diz Piaget (1999), o qual concebe que a inteligência não se dá pelo acúmulo de informações, mas pela possibilidade de organização das informações para se ter maior possibilidade de assimilação dessas.

Uma outra resposta para essa ansiedade é que o envolvimento dos alunos nas práticas sociais propostas nos projetos permite o desenvolvimento da inteligência verbal, visto que eles precisam lidar com a organização da linguagem para agirem através de gêneros<sup>8</sup> nessas práticas. Nesses contextos reais de interação social, os alunos aprendem que língua, linguagem, texto, discurso e sujeitos, são indissociáveis e oscilam, pois nesses elementos tudo é relativamente estável, tudo é - e isso parece permanência -, mas também está em constante processo de formação já que cada interação social dos sujeitos na experiência dialógica das práticas sociais faz estremecerem os elementos estruturais do discurso.

Além disso, a formação do sujeito-aluno-autor consiste na compreensão de participações motivadas para uma finalidade e realização que denota o perfil do autor e da sua possibilidade de autonomia. Por isso, nesse processo, em sala de aula, devem-se proporcionar situações de descentralização do poder, como o ensina Piaget:

---

<sup>7</sup> Bakhtin (2011[1953]) entende que os gêneros do discurso são práticas sócio-comunicativas construídas historicamente, influenciados por fenômenos sociais e dependentes da situação comunicativa em que são enunciados. Bronckart (2012 [1999]) considera que as produções de linguagem relacionam-se com a atividade humana em geral, sendo necessário, portanto, delimitar as ações de linguagem na atividade coletiva, o autor considera também que uma ação de linguagem exige a mobilização dos gêneros de textos. Entretanto, dado o aspecto variável dos textos, Bronckart não considera os gêneros como objeto de análise, e sim os textos. Com a finalidade de explicitar a organização interna dos textos, *corpus* desta pesquisa, optamos pelas concepções que envolvem a escolha do termo “gênero do texto” de Bronckart, para quem o texto é um folhado de três camadas em sobreposição: a infraestrutura geral do texto; os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos.

<sup>8</sup> Os gêneros do discurso sofrem constantes atualizações ou transformações. A este respeito, Bakhtin (2011[1953], p. 106) diz que “o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo.” Esta passagem, de certa forma, explica o “relativamente estável”, pois, bem como a sociedade, os gêneros também se modificam para atender às necessidades desta sociedade.

Na realidade, a educação constitui um todo indissociável, e não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectual, não conseguiria ser livre moralmente. Reciprocamente, porém, se sua moral consiste exclusivamente em uma submissão à autoridade adulta, e se os únicos relacionamentos sociais que constituem a vida da classe são os que ligam cada aluno individualmente a um mestre que detém os poderes, ele também não conseguiria ser ativo intelectualmente (PIAGET, 1988, p. 61)

O sujeito do Construtivismo descrito por Piaget é, portanto, um investigador dos objetos, mas é preciso saber que isso não lhe exclui da condição de ser um sujeito histórico-social, ativo, aquele que se atém e se envolve no processo de construção do conhecimento de si mesmo, de sua capacidade de autonomia na presença do outro, o sujeito indissociável de sua condição primeira, o dialogismo (BAKHTIN, 2011 [1953]).

No início do século XX, em 1924, esses elementos, provavelmente, já povoavam o imaginário de Célestin Freinet (1896-1966), professor que fundou a Escola Ativa na França e acreditava na formação e na capacidade dos alunos. Sobre a prática, *A imprensa escolar* diz:

O jornal escolar é uma "produção", uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa. Põe-nos no caminho de uma fórmula nova de escola, aquela escola do trabalho cuja necessidade começamos a sentir, que já não trabalha segundo normas intelectualizadas, mas sim com base numa atividade social.<sup>9</sup>

Na esteira de Freinet, Fernando Hernández (1998), baseando-se em Dewey (1916 *apud* Hernández, 1998) quando este afirma “o pensamento tem sua origem numa situação problemática” defende os projetos que denomina como “Projetos de trabalho”. Segundo Hernández (1998), a visão do conhecimento e do currículo transdisciplinar que os projetos de trabalho implicam pode contribuir para uma mudança na educação por permitirem: (i) aproximar a escola da identidade dos alunos e favorecem a construção da sua subjetividade; (2) aproximar a escola dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas; (iii) levar em conta o que acontece fora da Escola, nas transformações sociais e nos saberes e aprender a dialogar criticamente com esses fenômenos.

Mas, por que um projeto de trabalho como o projeto jornal em sala de aula e não outro? Faria (2009) diz que a anacronia e a diversidade de linguagens formais do texto literário fazem com que esse não se apresente como modelo de língua padrão. Além disso, o ensino de gramática, de conteúdo purista, está alienado da realidade linguística do Brasil hoje.

---

<sup>9</sup> Não há autoria neste site. A referência que se encontra é apenas esta: “O Jornal Escolar”, de Celestin Freinet, (1926). Material preparado pelo Comunicação & Cultura para capacitação de professores. Disponível em: [www.jornalescolar.org.br](http://www.jornalescolar.org.br). Acesso em 23 set. 2013.

Faria (2009) afirma que o objetivo da Pedagogia da Informação é ensinar ao aluno a situar-se no caos causado pelo excesso de informação, ensinando-lhe a selecionar fatos, organizá-los, analisá-los, criticá-los e, nesse sentido, o trabalho com o jornal levará o aluno a desenvolver operações e processos mentais que concorrem para a construção da inteligência, tais como: identificar; isolar/relacionar; combinar; comparar; selecionar; classificar; ordenar; induzir e deduzir; levantar hipóteses e verificá-las; codificar; esquematizar; reproduzir; transformar; transpor conhecimentos; criar; conceituar; memorizar; reaplicar conhecimentos. (FARIA, 2009, p. 13 e 14)

Bonini (2011) contribui nesse mesmo sentido ao afirmar que o estudo dos gêneros jornalísticos apresenta grande relevância social para a formação de professores, jornalistas e cidadãos críticos e habilidosos no manejo das manifestações culturais, visto ser toda a sociedade afetada por elas<sup>10</sup>. Sobre os gêneros do jornal a serem estudados na escola, Bonini (2011) afirma ser mais produtivo ensinar primeiro os gêneros que venham a ser úteis ao ensino de linguagem e, posteriormente, os gêneros essenciais ao entendimento do jornal, pois eles funcionam em conjunto, de modo que a explicação de um, depende de se explicar outro (ou outros). É provável que Bonini destaque a importância dos gêneros centrais livres (notícia, editorial, artigo de opinião, reportagem etc.) em relação aos centrais presos (cabeçalho, chamada, expediente, entre outros) que constituem a parte menos flexível.

O jornal na escola pode ainda colaborar para a resolução de uma questão problemática: o ensino do gênero “redação escolar” já apontado por Pécora (1980, p. 119) neste trabalho quando postula “(...) os efeitos da cristalização de uma atitude que retira a escrita da linguagem e esta do mundo e da intersubjetividade (...) constituem os problemas de redação escolar”.

Assim, o projeto jornal como objeto de investigação e produção de gêneros, para uma situação real de publicação, em um suporte da escola, propicia aos atores nele envolvidos, oportunidades para o desenvolvimento de um espírito investigativo e autônomo tão necessário às práticas sociais de linguagem.

Compreenda-se, no entanto, que há um elemento sobre o qual qualquer escola que tenha em vista o projeto jornal deva refletir:

---

<sup>10</sup> BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: Questões de Pesquisa e Ensino in KARWOSKI, Acir Mário; GRAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.); MARCUSCHI, Luiz Antônio, *et al. Gêneros Textuais: Reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 4ª edição, 2011.

Os nossos jornais não são imitações nem substitutos de jornais adultos. São uma produção original que tem a partir de agora as suas normas e as suas leis, que têm, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento na criação de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade. (FREINET, 1974, [1926])

O jornal *Folha Conexão Santa Clara*, em 2012, de acordo com o que afirma uma das suas editoras, a aluna Huhn: “Foi um trabalho em equipe, que será visto como o jornal que a E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha tem condições de oferecer à comunidade neste momento, no processo de maturação de um dos Projetos Institucionais de maior visibilidade da Escola<sup>11</sup>”.

O que se busca, no entanto, é um pouco mais do que se tem, já descrito como “em processo de maturação”, por isso, não se deve perder de vista o que se pode ainda produzir em melhor qualidade. Para isso, faz-se necessária uma maior compreensão sobre a complexidade que envolve a produção textual escrita para jornal.

Neste ponto, é essencial também não perder de vista que as concepções de sujeito, de ensino e aprendizagem, de texto, de gênero, de linguagem e de língua como elementos que oscilam na interação social, subjazem o processo de escrita e exigem de quem escreve a percepção de que entrar no jogo da interação é ativar conhecimentos e mobilizar estratégias de persuasão.

Nessa perspectiva, Koch e Elias (2011) propõem que o produtor pensa em seu leitor e, de forma não-linear no que escreve; por isso, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, levado pelo princípio da interação. Para as autoras, escrever exigirá, portanto, pensar na presença do outro, visto ser esse um processo interacional (dialógico), um processo sócio-histórico-cultural em que os atores envolvidos autor/leitor são atores, construtos sociais e sujeitos ativos que – dialogicamente – constroem-se e são construídos no texto, em toda a sua gama de implícitos, no contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

É para participar dessa interação que o autor mobiliza uma série de estratégias como: (i) conhecimento sobre os interactantes e sobre a configuração textual adequada à interação em foco; (ii) seleção, organização e desenvolvimento de ideias, de modo a garantir a continuidade e a progressão temática; (iii) “balanceamento” entre informações explícitas e implícitas; (iv) revisão da escrita guiada pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende

---

<sup>11</sup> HUHNS, Gabriele Kelly de Jesus. *Jornal Folha Conexão Santa Clara*. Ano II, n. 1. Teófilo Otoni, nov., 2012.



estabelecer com o leitor. Assim, segundo Koch e Elias (2011), a escrita ativa conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, de textos e interacionais. (p. 34)<sup>12</sup>.

A escrita de um jornal segue os mesmos princípios, mas é orientada em uma perspectiva anteriormente determinada pelo enunciador que nem sempre é quem escreve os artigos, mas que pode ser o dono do jornal, o grupo de diretores ou editores. Assim, é em função dessa perspectiva que se afirmam os posicionamentos e apresentam-se as opiniões, as contraditórias, inclusive. Nesse jogo de argumentação, mostrar e ocultar devem ser lidos como forma de desvendamento ou interpretação dos interesses e das intenções de se escolherem esses e não aqueles gêneros para o suporte em determinada edição, esse e não aquele argumento para determinados textos, essa e não aquela construção frasal etc. Do que se pressupõe que seja o discurso jornalístico uma arena de embates não só, no que diz respeito à presença de temas marcados por pontos de vista divergentes inclusive, mas de significações ideológicas, de estilos relativos aos gêneros escolhidos e de construções composicionais diversas.

Participar desse campo discursivo parece desafiador em razão de concepções e estratégias que precisam ser conhecidas para que se reproduzam as características de cada gênero e a força de persuasão que lhes é necessária. Isso, sem que o escritor se desvie de uma pretensa racionalidade trazida em linguagem objetiva, marca da suposta neutralidade com que os jornais se revestem, objetivando sempre uma maior adesão do público leitor.

É nesse sentido que Mosca (1999, p. 230) ensina que o discurso jornalístico não se constitui unicamente em um ato informativo, mas sim de um saber capaz de induzir o enunciatário, predispondo-o a crer e a fazer, visto ser o texto jornalístico não só aquele que informa, mas também aquele que apresenta uma realidade recriada, à qual dá um sentido em função dos interesses que o movem.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4), por sua vez, postulam que a Nova Retórica é uma teoria cujo objetivo é estudar (itálico dos autores) “as técnicas discursivas que *permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhes apresentam ao assentimento*”. Para estes autores, o ato de argumentar vale-se de meios de convencer, de racionalizar, dirigidos ao entendimento e de meios de persuadir (de emocionar) dirigidos à vontade. Os objetivos do jornal estão intrinsecamente ligados a esses recursos e não se pode abrir mão deles.

---

<sup>12</sup> KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo. Contexto, 2011.

Para Breton (2003), argumentação e cidadania são indissociáveis:

Saber argumentar não é um luxo, mas uma necessidade. Não saber argumentar não seria aliás uma das grandes causas recorrentes da desigualdade cultural, que se sobrepõe às tradicionais desigualdades sociais e econômicas, reforçando-as? Não saber tomar a palavra para convencer não seria, no final das contas, uma das causas da exclusão? Uma sociedade que não propõe a todos os seus membros os meios para serem cidadãos, isto é, para terem uma verdadeira consciência ao tomar a palavra, seria verdadeiramente democrática? (p. 19)

Apesar do uso que enfraqueceu o sentido desta palavra, a “opinião” continua a ser uma realidade forte, que designa aquilo em que acreditamos, aquilo que guia nossas ações e que alimenta nossos pensamentos. O homem não é feito unicamente de opiniões, mas são estas opiniões que fazem um homem e sobretudo sua identidade social.

A opinião, neste sentido, é ao mesmo tempo o conjunto das crenças, dos valores, das representações do mundo e da confiança nos outros que um indivíduo forma para ser ele mesmo. Mas a opinião não é tudo, pois ela é móvel, está em perpétua mutação, submetida aos outros e levada por uma corrente de mudanças permanentes. A opinião se distingue da certeza ou da fé, que se situam fora de qualquer discussão (mas não necessariamente fora do espaço da dúvida). Três grandes campos escapam à opinião e estão ligados à certeza: a ciência, a religião e os sentimentos (p. 36 e 37).

Mediante o que dizem esses autores, entendemos que, a condição de ler o mundo e dizer o que se pensa sugere a identidade social do cidadão, assim, podemos pensar que quanto mais crítica à leitura, maior a possibilidade de se formar um cidadão autor crítico, embora não se possa exigir isso de excelentes leitores que não escrevem. Assim, vemos que o jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha é em parte um suporte de “redações escolares”, mas também é um certificado da identidade social de alunos cidadãos que têm a “chance de dizer, mostrar, conhecer, divertir, ou seja lá o que for, outra atividade a que possa atribuir um valor e um empenho pessoal” (PÉCORA, 1980, p. 69). Rodrigues e Araújo, alunos do 3º ano do ensino médio, publicaram na seção “Cartas do leitor e ao leitor” do *Folha*:

O Jornal *Folha Conexão Santa Clara* é o canal informativo e instrumento de aprendizagem pelo qual, alunos da E. E. [...] expõem seus trabalhos, suas produções. Os textos jornalísticos que redigimos baseiam-se no nosso desenvolvimento, na nossa capacidade de pesquisar, estudar, observar o passado, mas estamos antenados às atualidades.” (2013, *Folha Conexão Santa Clara*, nº 4, p.2)

Na carta que se introduz com o trecho acima, essas alunas fazem um importante questionamento:

Um projeto de tal proporção com os atributos e a estrutura que o constituem, não mereceria ampliação, passando a ser bimestral ao invés de anual, já que o jornal é

uma forma de qualificação dos estudantes no que diz respeito ao desenvolvimento da habilidade de leitura e, sobretudo, de escrita? (idem)

Uma das editoras do *Folha* apresenta uma dificuldade para a editoria do jornal: “O desafio desta edição esteve em escolher entre tantos, tão diversos e bons textos, aqueles que representam uma arena de discussões em que ler seja resistir já que escrever é reescrever.” (2013, *Folha Conexão Santa Clara*, nº 4, p.2)

## **1.2 Autoria crítica para jornais pressupõe leitura crítica**

Em um projeto como a produção de jornais, sobretudo, por alunos do ensino médio, a leitura de jornais tem a função primordial de pôr o aluno-autor em contato com a mídia impressa além de, conseqüentemente, outras funções. Essas funções são: ampliar a sua compreensão do que é ser um cidadão-autor, capaz de compreender a si mesmo frente à necessidade de participação social; proporcionar a esse aluno assumir posicionamentos em relação ao que se passa em volta de si ou além dele, no mundo, com as pessoas em seus aspectos contraditórios e influências sobre as decisões que definem o presente e/ou o futuro; possibilitar-lhe o entendimento do que seja o jornal como veículo que influencia e regula as interpretações, uma vez que não só veicula, mas também administra a memória coletiva, marcando assim posturas mais mercadológicas ou mais plurais; colocar esse aluno em contato com diversas formas de linguagem (literária, jornalística, publicitária) mais ou menos subjetiva ou objetiva; propiciar a ele uma reflexão sobre o jornal como um negócio em que é preciso manter a adesão do leitor e, para isso, fazer escolhas de publicação e de argumentação a fim de manter a própria face e a face institucional do jornal (sua linha editorial); proporcionar-lhe a construção de vínculos entre o cotidiano escolar e o social; propiciar ao aluno perceber os vínculos do jornal com linguagens alternativas como: a literatura, a cultura e as artes, a moda, o humor, a publicidade; proporcionar-lhe também, a compreensão de que o jornal é interdisciplinar, visto que as discussões postas nos textos envolvem diferentes áreas do conhecimento.

Logo, a leitura, em diversos tipos de jornal, é pressuposta para a coerência da produção futura, pois permite a percepção dos contrastes, das semelhanças e da pluralidade de opiniões incompletas ou distorcidas, versão irrefletida da realidade à espera de reflexão sobre as circunstâncias históricas. Essa leitura deve ser depuradora do discurso hegemônico, capitalista, engajado na permanência dos valores sociais, padrões morais, costumes, crenças e é por isso que ler para escrever em um jornal é uma ação política, porque mesmo sob a pressão do pensamento e da ação hegemônica, o aluno pode indignar-se com a desigualdade

social e assim ganhar lucidez para exercer o direito de escolha e de criação sobre a humanização do homem. Mas, se não chegar a essa conclusão, o aluno ainda pode escrever o avesso de tudo isso, se o avesso é o que pensa, ou seja, pode dar a sua versão da realidade. A liberdade de expressão do aluno, desde que não fira os direitos humanos, é uma forma democrática de o professor livrar-se da tradição, da centralização da palavra e qualificar a voz do aluno. Com isso, abre-se criticamente espaço ao novo, a outras opiniões, a pesquisas que envolvam cidadania e à liberdade de expressão do aluno, para construir alternativas de participação e de intervenção social.

Lozza (2009) destaca que, ao lado do elogio à utilidade do jornal, é preciso não se afastar dos seus limites e das problemáticas que os envolvem. A autora ainda elenca essas problemáticas: a crítica aos valores que são essenciais à lógica do sistema, à forma de ser da sociedade, aos princípios do liberalismo e do positivismo como modo de compreender e analisar os fatos sociais; o oficialismo também marca o jornalismo brasileiro, o poder constituído dissimula, omite e exime-se de informar a verdade, a imprensa, nesse mesmo diapasão, também o faz e, com propósito muito semelhante, em função de articulações políticas em busca de apoio à sua iniciativa. A naturalização dos fatos diz respeito ao uso idêntico da linguagem para se considerar um fato histórico como um fenômeno natural, como se para o fato histórico não houvesse outra possibilidade de resolução, como não se tivesse outra saída a não ser submeter-se ao tsunami; a dificuldade da linguagem é um complicador importante para leitores que não desenvolveram uma maior habilidade de leitura ou não dominaram o conteúdo específico da matéria; a segmentação e a especialização, além de serem formas de construção do conhecimento, são utilizadas pelo jornal com fins de ganho de credibilidade.

Para compreender melhor esses critérios, entendemos que o jornal expressa-se assim porque a sequência técnica de pensar, analisar, escrever e publicar parece permitir que os textos insiram-se no mercado, imprimindo um caráter de cientificidade, lógica e objetividade, que ofusca o conteúdo ideológico de que as matérias estão impregnadas. Assim a forma como a informação é dita, organizada e distribuída, parece casual em função de um espalhamento ou caráter fragmentado, mas essa forma é intencional e segundo os efeitos de sentido que o jornal busca realizar.

A realidade, portanto, não se reflete nas páginas do jornal, o que se vê nelas é uma leitura da realidade, uma interpretação dos fatos movida por interesses da instituição jornalística. Marcondes Filho (1989, p. 40-41) afirma que a fragmentação:

Produz igualmente “mentalidades fragmentadas”, diluídas, difusas, que veem o contexto social e a realidade social, sem nenhum nexos, sem nenhum fio ordenador. Para a mentalidade fragmentada, a fragmentação noticiosa cai como uma luva. Os processos fragmentados de transmissão noticiosa quebram a lógica dos fatos entre si; estes são tomados no seu aparecimento imediato e perde-se a dimensão de uma totalidade que os subsuma e os explique.

Lozza (2009) ainda lembra que a educação para a leitura e a produção do jornal envolve, assim, compreensão da lógica da fragmentação própria do mundo jornalístico. Dito de outro modo, a maior abrangência de nexos entre os conteúdos está em sua evolução histórica entre uma sequência de publicações do mesmo conteúdo, mas não se pode esperar que não haja reviravoltas e contradições entre uma e outra publicação ou na página do mesmo caderno ou de outro.

A controvérsia é responsável pelo movimento tensão/distensão característico desse tipo de suporte, mas também pode representar a linearidade e o simplismo, ou seja, a ausência de reflexão e de articulação entre as notícias dadas sobre um mesmo assunto, o que denota a superficialidade e o imediatismo que se deriva da atualidade do conhecimento, condição intrínseca do jornal e condição maior de sua precariedade na discussão de temas e fundamentos. A precariedade também se justifica, em parte, pela necessidade de se apresentar o “furo” de reportagem ou pelo tempo que o jornalista não tem para uma análise ponderada do fato ou do acontecimento. Assim, o leitor necessita, não raro, de informações complementares de outros jornais, inclusive para superar o estágio inicial da fragmentação. Outros problemas relativos ao jornal podem ser elencados: o individualismo é elogiado em detrimento dos sujeitos coletivos. Dá-se valor ao indivíduo e não à classe, ao grupo a que ele pertence ou representa. Mas isso confunde o leitor iniciante, visto que os conflitos não se dão entre indivíduos, mas entre classes e grupos. São características ainda dos jornais as generalizações que ocupam lugar privilegiado nas manchetes, em que se toma a parte pelo todo com finalidade exclusiva de dar a impressão de que o fato tem maior relevância, visto ter ocorrido com um número superior ao real. Isso se dá também em função da necessidade de concisão e impacto (LOZZA, 2009).

Então, formar o autor crítico é formar simultaneamente o cidadão atento ao exercício inicial de sua opinião e posterior experimentação do mundo da crítica, é aquele capaz de se comprometer em trabalhar e refletir para compreender o mundo em que vive: as causas, as consequências e os resultados do funcionamento das coisas, dos objetos para além da aparência. Dito de outra maneira, é formar um cidadão que esteja próximo de sua razão, isto

é, da sua capacidade de reflexão, capacidade de autonomia de construção de valores e ética, com a interferência do que é inalienável a qualquer sujeito: a sua história, a sua imaginação e a sua intuição.

Portanto, a primeira resposta que obtivemos, em relação a *Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na escola?*, está relacionada à formação do leitor crítico, ou seja, aquele que entende que a leitura o inclui em um processo ativo de busca para atingir objetivos, levantamento de hipóteses, inferências e apresentação de conclusão. Não há como produzir textos jornalísticos sem pesquisa, sem leitura, sem uma compreensão do gênero e dos efeitos que estes possibilitariam causar.

Assim, a fim de que o aluno se forme como um cidadão autor-crítico, propõe-se que ele leia a *mass media*, e jornais completos e, em jornais completos, optar por ler apenas o que lhe interessa nos editoriais, seções, manchetes, chamadas, cadernos, leitura rara em qualquer sala de aula do país, mas altamente necessária quando se lê para produzir um jornal. Pensamos isso em consonância com Geraldi (1993), que critica a leitura sem propósitos “Os alunos, leitores e, portanto interlocutores, leem para atender a legitimação social da leitura externamente constituída fora do processo em que estão, eles, leitores/alunos, engajados” (p.169). O que propomos é uma leitura que faz parte do processo em que os alunos se inserem: se o objetivo é navegar no jornal, e, portanto, a fruição do texto, então se cumpre o objetivo de entretenimento; se o objetivo é buscar informações, então a leitura é atenta e trabalhosa. Ambos os casos, no entanto, não dispensam o olhar cuidadoso do cidadão.

Em função mesmo da defesa da importância da argumentação, pode-se imaginar o motivo de se terem escolhido os editoriais e os artigos de opinião como foco desta pesquisa. Esses são gêneros exigentes, porque são mais especializados, dependem de considerável desenvolvimento da leitura, produção crítica e ampliação da competência linguística, o que inclui desenvolver capacidades de solucionar situações problemáticas e, para tanto, desenvolver habilidades como: discutir, analisar, solicitar, concordar, refutar, reclamar, reivindicar, explicar, informar. Essas são muito importantes para alunos que já estão no ensino médio e muito próximos a atuarem em esferas sociais que lhes exigirão uma postura mais crítica, seja ela o universo do trabalho ou o da academia. Essas habilidades<sup>13</sup> auxiliam os

---

<sup>13</sup> Resende (2000, p. 38) afirma que competência é a aplicação prática de conhecimentos, aptidões, habilidades, valores, interesses – no todo ou em parte – com obtenção de resultados. Já para Deffune e Depresbiteris (2000, p. 50), competência é a capacidade de alguém fazer uso de habilidades, conhecimentos, atitudes e experiências para alcançar um propósito, desenvolver bem papéis sociais, por desenvolver de modo autônomo atividades como: planejar, implementar ou avaliar. Habilidades, portanto, são um dos quesitos da competência e da capacidade.

alunos a intervirem em situações mais formais da comunicação pública nas quais podem atuar e devem fazê-lo, com respeito ao interlocutor, o que não quer dizer tolerância ou submissão a ele. Nessas instâncias públicas, precisam atuar com desenvolvido senso crítico, que se revela nos textos com que buscam a interação, nas escolhas e nos argumentos que dão suporte a eles e na adequação linguística que fazem. Não será muito diferente do exercício de produzirem os textos para a publicação. Nessa outra instância pública, escolhem textos que dão suporte à sua produção e analisam a própria produção, o que requer capacidade de domínio da dimensão global do texto, eixo de sua coerência e de aspectos mais pontuais de sua construção<sup>14</sup>, como ensina Antunes (2010):

Vale salientar, contudo, que *qualquer análise deve ser feita, sempre em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito*. O que significa admitir que, em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito (Itálico da autora) (ANTUNES, 2010, p. 59).

Para Antunes (2010, p. 58) as análises são orientadas por dois princípios: i. Um teórico, que resulta da linguística textual, a qual considera o texto “fenômeno linguístico original” ou “forma necessária” de a comunicação verbal acontecer; e outro, ii. De natureza aplicativa, que resulta do primeiro e que assegura ter todo o ensino da língua objetivo de ampliar a competência comunicativa das pessoas.

Ora, tal competência é, essencialmente, discursiva. Ou seja, a competência de uma pessoa em termos linguísticos se avalia pela capacidade que essa pessoa tem de falando, escutando, lendo e escrevendo, atuar por meio de diferentes discursos, em diferentes práticas sociais e de obter, com esses discursos, os fins a que propõe (ANTUNES, 2010, p.58).

Antunes (2010) aponta para objetivos práticos e cotidianos do processo de ensino e aprendizagem, basilares para a inserção social dos alunos que devem aprender a olhar para os textos, já que: “os textos são o campo natural para a análise de todos os fenômenos da comunicação humana. Neles é que aspectos da produção e da recepção e nossas atuações verbais se tornam acessíveis à observação” (2010, p. 55). Assim, quando dizemos que alguém é um leitor crítico, afirmamos que é capaz de lançar um olhar perscrutador sobre o texto como um todo, mas também de enxergar suas partes constitutivas.

Antunes (2010, p. 56) propõe, como primeiro foco de análise, a *dimensão global do texto*, por representar o eixo de sua coerência. Destaca também: o universo de referência (real ou

<sup>14</sup> Aqui, faz-se uma remissão ao foco de análise segundo Antunes (2010, p. 56-58).

fictício), para o qual o texto remete; o campo discursivo de origem ou de circulação; o tema ou a ideia central; a função comunicativa predominante; o propósito ou intenção mais específica; a vinculação do título ao núcleo central; o critério de subdivisão de parágrafos; a direção argumentativa assumida; as representações, as visões de mundo explícitas ou implícitas; os padrões de organização decorrentes do tipo que o texto materializa; as particularidades da superestrutura de cada gênero; os esquemas de progressão temática; os recursos de encadeamento; articulação e continuidade; a síntese global de ideias ou informações; o discernimento de ideias principais e secundárias; a adequação às especificidades do destinatário, a relevância comunicativa; o grau de novidade das informações; o grau de adequação desse nível à situação comunicativa; as relações com outros textos (remissões, alusões, paráfrases, paródias ou citações literais). Antunes (2010, p. 56-58) ainda propõe um outro foco de análise do texto, centrado em aspectos mais pontuais de sua construção:

[...] as expressões referenciais [...]; as retomadas dessas expressões referenciais, que asseguram a continuidade referencial pretendida seja pela substituição pronominal [...], seja pela substituição lexical [...]; as diversas funções da repetição de palavras ou de segmentos maiores; as elipses; aspectos do significado de uma unidade, de uma expressão ou até de um morfema; o caráter polissêmico das palavras em decorrência de seu trânsito para um outro campo de referência; os segmentos em relação e sinonímia, antonímia e paronímia; a associação semântica entre palavras (ou as cadeias ou redes de elementos afins que se distribuem ao longo do texto); a concordância verbal e nominal e suas relações com a continuidade temática do todo ou de uma passagem; os valores sintático-semânticos da conexão interfrástica, possibilitados pelo uso de preposições, conjunções, advérbios e de respectivas locuções; o uso de dêiticos pessoais, espaciais e temporais e a relação dessas expressões com elementos do contexto; a ocorrência de paráfrases e suas marcas indicativas; a presença de estruturas sintáticas paralelas; os efeitos de sentido (ênfase, refutação, ambiguidade, humor, gradação, contraste) pretendidos pela escolha de determinada palavra ou por certos recursos morfosintáticos e gráficos (aspas, itálico, sublinhado, diferentes cores, tamanhos e disposições das letras ou figuras etc.); os efeitos de sentido pretendidos pela transgressão de qualquer um dos padrões morfosintáticos e semânticos estabelecidos; as marcas de ironia; as marcas de envolvimento do autor frente ao que é dito; os comentários do enunciador sobre seu próprio discurso; a forma (direta ou indireta) de como o interlocutor está presente ou apenas suposto; as ‘falas’ que se fazem ouvir; os implícitos ou ‘vazios’ de sentidos; os diferentes usos e correlações dos tempos e modos verbais; as marcas das especificidades de uso da oralidade ou da escrita; o nível de maior ou menor formalidade a linguagem utilizada; a presença de sinais que indicam a distribuição das informações em itens, em pontos distintos; as marcas de polidez conversacionais; aspectos da pontuação, da ortografia das palavras e da apresentação gráfica do texto, subordinados sempre, à coerência e à relevância; e outras questões que se ponham a descoberto ou outra análise.

Embasada em Ilari e Basso (2006), Neves (2002) e Perini (2008), Antunes (2010) apresenta, portanto, uma análise linguística centrada em aspectos mais pontuais da construção e faz refletir sobre outra forma de se aplicarem conhecimentos gramaticais do português. Segundo a



linguista, as obras desses autores “[...] são obras que descrevem questões de gramática do português numa perspectiva ampla, aberta e bem mais consistente que os livros de gramática tradicional.” (ANTUNES, 2010, p. 58).

Dessa forma, compreende-se que um autor ou leitor crítico é aquele que tem os olhos voltados para o texto, isto é, observa o texto criticamente, avaliando-o em seus aspectos *global e pontual*.

A aproximação de Antunes (2010) de Bronckart (2012 [1999]) é pertinente, à medida que ambos dão ênfase à materialidade discursiva ou à atividade de textualização. Assim como Antunes, Bronckart (2012 [1999]) coloca foco na constituição do texto e em seu funcionamento: o *folhado textual*. “Concebemos a organização de um texto como um *folhado* constituído por três camadas superpostas: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 119).

Assim, o primeiro nível, o da infraestrutura ou *plano geral/global do texto*, ou seja, organização de conjunto do conteúdo temático, se dá por categorias de operações: (i) a escolha de um mundo discursivo ou de um modo de apresentação do conteúdo referencial: EXPOR (mundo real) OU NARRAR (mundo ficcional); (ii) a escolha de um tipo discursivo; (iii) a escolha de uma ou mais sequências<sup>15</sup> (ADAM, 1992 *apud* BRONCKART, 2012 [1999]), operação que consiste em organizar o segmento de texto: sequência narrativa, descritiva, explicativa, dialogal, argumentativa ou injuntiva; (iv) a escolha de implicar, ou não, no texto os parâmetros da situação de produção (produtor e receptores previstos ou eventuais).

O segundo nível é o dos mecanismos de textualização cujo relevo está em possibilitar aos textos uma coerência global por meio de recursos linguísticos, para assegurar a progressão temática. Os mecanismos de textualização existem para produzir um efeito de coerência que diz respeito às relações entre os níveis de organização de um texto e pode ser explicitada pelos organizadores textuais. Denomina-se conexão, aos articuladores de progressão temática, aplicados ao plano geral do texto, com a finalidade de propiciar transições entre tipos de discurso e fases de uma sequência, ou ainda às articulações mais locais entre frases sintáticas. Esses organizadores textuais podem ser: conjunções, advérbios, locuções adverbiais, grupos preposicionais, grupos nominais e segmentos de frases. A conexão diz respeito às macroideias

---

<sup>15</sup> Da diversidade de combinação dessas sequências e da diversidade de modalidades de articulação, decorre a heterogeneidade composicional da maioria dos textos. (BRONCKART, 2012 [1999], p. 219)

do texto e pode dividir-se em coesão nominal, que tem a função de introduzir os temas e personagens novos, assegurar retomadas ou sua substituição ou pode se dar por retomadas nominais e pronominais ou anáforas e catáforas e coesão verbal: os verbos asseguram a organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, acontecimentos ou ações) verbalizados no texto: tempos verbais. Assim, para o discurso teórico: presente; para a narração: pretérito perfeito, imperfeito. (BRONCKART, 2012 [1999], p. 122-129)

Já o terceiro nível é o dos mecanismos de enunciação (vozes e modalização), que são mecanismos relativos à organização geral do gênero e têm a função de explicitarem os jogos de vozes e os julgamentos de que procede o conteúdo temático de um texto, ou seja, o agente-produtor e os seus destinatários. Sobre os mecanismos enunciativos, cabe ainda destacar as vozes do autor e de instâncias enunciativas que se responsabilizam pelo dito.

O autor, como agente da ação de linguagem que se concretiza num texto empírico, é, aparentemente, responsável pela totalidade das operações que darão a esse texto seu aspecto definitivo: é, aparentemente, ele quem decide sobre o conteúdo temático a ser semiotizado, quem escolhe um modelo de gênero adaptado à sua situação de comunicação, quem seleciona e organiza os tipos de discursos, quem gerencia os diversos mecanismos de textualização, etc. Portanto, tratando-se da produção de linguagem, ou produção textual, a noção de autor parece realmente corresponder à definição geral dada pelos dicionários: “aquele que está na origem” e “aquele que é responsável”. (BRONCKART, 2012 [1999], p. 320)

As vozes explicitam as instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que está sendo dito e contribuem para esclarecer os posicionamentos enunciativos.

A cada tipo de discurso, relacionam-se mecanismos de posicionamento enunciativo:

- a) Discurso interativo (nomes próprios; pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoas que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal têm valor exofórico).
- b) Discurso teórico (ausência de nomes próprios, pronomes de 1ª e 2ª pessoa com valor exofórico. Presença de formas na 1ª pessoa do plural que podem remeter aos polos da interação verbal em geral e não da interação em curso).
- c) Relato interativo (presença de pronomes e adjetivos de primeira e de segunda pessoas do singular e do plural que remetem aos protagonistas da interação verbal em cujo quadro o relato se desenvolveu). Presença dominante de anáforas pronominais, às vezes associadas a anáforas nominais, na forma particular de repetição fiel do sintagma antecedente.

- d) Narração (ausência de pronomes da 1ª pessoa e da 2ª pessoa do singular que remetem ao agente produtor e a seus destinatários. Presença conjunta de anáforas pronominais e nominais, estas últimas apresentando-se geralmente na forma de uma retomada do sintagma antecedente, com substituição lexical). Já as modalizações concorrem para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto e traduzem-se nos julgamentos, nas opiniões, nos sentimentos, nas avaliações do enunciador tornando óbvias as representações dialógicas no texto.

Bronckart (2012 [1999]) faz lembrar da manutenção da coerência pragmática (ou interativa) do texto que é uma contribuição para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos (quais as instâncias que assumem o que é enunciado no texto? Quais são as vozes que aí se expressam?) e traduz as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos). Isso se revela na presença marcada do autor empírico e das vozes que participam do texto e das modalizações lógicas, julgamentos sobre o valor de verdade das proposições enunciadas apresentadas como: certas, possíveis, prováveis, improváveis, etc. (BRONCKART, 2012 [1999], p. 130-133)

Consideramos importante esclarecer que, a partir dos mundos discursivos da ordem do Expor e do Narrar, Bronckart (2012 [1999]) propõe quatro tipos de discurso: o discurso interativo; o discurso teórico; o relato interativo e a narração. Esses mundos discursivos e seus respectivos tipos discursivos apresentam características muito específicas:

- a) Ordem do EXPOR (com conjunção com o mundo real ou de interação social em curso, em acordo com os critérios de validade do mundo ordinário ou das ações):
- a') *Mundo do expor implicado / discurso interativo*: verbos no presente com implicação de parâmetros materiais a ação de linguagem (agente produtor, interlocutor eventual, situação espaço temporal marcado por dêiticos que conduzem o leitor às condições de produção). Ex.: Conversas e entrevistas, marcadas pela presença de sujeitos que se autodefinem como “Eu” / “Você”.
- a'') *Mundo do expor autônomo / discurso teórico*: verbos no presente, mas sem marcas explícitas de interlocutor ou primeira pessoa ou qualquer referência aos parâmetros da situação. Ex.: Editoriais, alguns Artigos científicos, Textos Didáticos.
- b) Da ordem NARRAR (disjunção com o mundo real, e independente, portanto do mundo ordinário ou das ações):

b’) *Mundo do narrar implicado / relato interativo*: verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, com implicação de parâmetros materiais de ação de linguagem (agente produtor, interlocutor eventual, situação espaço temporal marcado por dêiticos que conduzem o leitor às condições de produção). Ex.: Biografia ou Depoimento.

b’’) *Mundo do narrar autônomo / narração*: verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo, mundo do narrar marcado pela disjunção em relação aos parâmetros da situação de produção do enunciado. Ex.: Conto, Parábola, Fábula, Novela, Romance.

Vistos os fundamentos das análises de textos propostas por Antunes (2010) e Bronckart (2012 [1999]), cabe agora apresentarmos uma teoria que sustente as análises de textos empíricos que se constituem segundo as características relativamente estáveis dos gêneros de que são representativos. Por isso, a próxima seção aborda os dois gêneros que interessam a esta pesquisa: o “artigo de opinião” e o “editorial”.

### **1.3 O artigo de opinião e o editorial: características e funcionamento**

Propomos aqui uma revisão de elementos do aparato teórico e metodológico que fundamenta, nesta pesquisa, a análise dos artigos de opinião e dos editoriais do *Folha*. Para essa tarefa, na primeira seção, abeiramo-nos do artigo de opinião, destacando características necessárias e prováveis do gênero, do autor que o redige e do leitor que interagirá com este texto. Posteriormente, apresentamos-lhe o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional e a função social, lembrando que esse gênero pertence ao domínio social da comunicação.

Na segunda seção, focalizamos o editorial, no que diz respeito à estrutura, à função social, ao fato de pertencer ao jornalismo opinativo, às forças argumentativas e persuasivas e ao estilo.

#### *1.3.1 O artigo de opinião*

Ao aprofundar o olhar sobre o artigo de opinião, um dos gêneros jornalísticos (de reconhecida força político-ideológica), reafirmamos a compreensão de que esse é um dos gêneros que devem fazer parte dos jornais escolares porque possibilita aos alunos a aprendizagem de uma forma de interação através da linguagem que lhes permite defenderem os seus pontos de vista em situações de efetiva participação social. O artigo de opinião possibilita ainda aos alunos, aprenderem a defender os seus pontos de vista de forma racional, concordando ou discordando, apresentando ideias, corroborando ou refutando ideias de outrem.

Conforme Coimbra e Chaves (2012), o artigo de opinião não é a divulgação do fato, mas a opinião de alguém sobre o fato. Esse gênero caracteriza-se por comentar, interpretar e oferecer informações para os leitores, explicitando o posicionamento de um profissional (articulista / colunista), nem sempre jornalista, mas especialista que pode tratar de temas polêmicos que necessitam de um tratamento bem fundamentado dos argumentos e de dados. Esse articulista contratado para opinar quanto ao tema a ser comentado, deve ter e pode ser que tenha respeitabilidade e confiabilidade suficientes para garantir a credibilidade de sua opinião e cumprir o seu objetivo de defender uma tese de interpretação de um assunto, opinando sobre ele e responsabilizando-se inteiramente por ele, motivo pelo qual deve cuidar da veracidade dos argumentos utilizados e estar atento à ética jornalística. Concomitantemente, o leitor crítico deve estar ciente da carga opinativa e subjetiva do artigo. O desenvolvimento do artigo de opinião caracteriza-se por combinar o tipo discursivo expositivo (apresentação do ponto de vista e explicação de ideias, assuntos e fatos por meio da exposição de dados) com o tipo predominante, o argumentativo (defesa ou refutação de opiniões ou posicionamento por meio de argumentos). O articulista ainda pode, ao apresentar os argumentos, selecionar contra-argumentos para refutá-los, o que se dá por operações constantes de sustentação da tese e refutação de pontos de vista contrários. As conclusões apresentadas são baseadas em impressões e pontos de vista do autor com relação a fatos recentes e, em geral, polêmicos. Essas autoras ainda afirmam sobre o gênero artigo de opinião que:

Os artigos geralmente iniciam-se expondo assuntos ou problemas sociais controversos que logo vão ser debatidos. O autor expõe dados que sustentam seu posicionamento, negocia ideias e antevê pontos de vista. Trata-se, portanto, de uma constante negociação de tomada de posições, num jogo de aceitação e refutação das ideias e dos argumentos apresentados. (COIMBRA e CHAVES, 2012, p. 83)

Coimbra e Chaves (2012), ao proporem uma detalhada análise do artigo de opinião, parecem estar de acordo com o que propõe Bakhtin (2011 [1953]), quando esse afirma que os gêneros do discurso são caracterizados por três elementos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Essas autoras indicam como critérios da análise dos artigos de opinião: a linguagem, a materialidade linguística, a forma composicional, a temática, a seleção lexical, o uso de imagens e a interdiscursividade. Quanto à linguagem, vocabulário e estilo são pessoais e mais livres. O articulista, o editor e os leitores interessados na opinião do articulista são os interactantes da produção do artigo de opinião, fundado em duas tentativas: a de convencer (plano das ideias) e a de persuadir (plano das ações), embora o leitor tenha a definitiva escolha

de mudar ou não de posicionamento em favor da argumentação. Quanto à materialidade linguística, no que diz respeito ao sujeito ou ao enunciador, ele não é uma escolha aleatória, a sua escolha tem propósitos e funções. O artigo de opinião pode ser escrito em primeira pessoa do singular (o eu – individual) que individualiza a opinião do autor suas experiências e impressões são marcas bastante pessoais que têm o objetivo de fortalecer a argumentação. O “nós” inclusivo, “plural de modéstia”, produz o efeito de universalizar a opinião do articulista que também pode usá-lo em função de estar representando uma classe e falar por ela. O você – imparcial/persuasivo induz à ilusão de imparcialidade. O artigo de opinião também tem suas estratégias argumentativas por meio do uso de alguns aspectos linguísticos como: o modo imperativo e as conjunções. Exclamações e interrogações incitam à posição de reflexão favorável ao enfoque do autor que faz o leitor refletir sobre suas próprias ações em relação ao tema discutido. O imperativo (afirmativo ou negativo) tenta convencer o leitor e a levá-lo a agir de acordo com a defesa do autor. A interrogação e o imperativo no fim do texto têm função de chamar o leitor para o diálogo com o texto. As conjunções, articuladores por excelência, trazem maior clareza às relações lógicas do texto e, portanto, às ideias veiculadas, são utilizadas para introdução ou acréscimo de argumentos, indicar contraposição e conclusão, dentre outras relações lógicas. Quanto à forma composicional do gênero artigo de opinião, veem-se traços característicos: o título (síntese de palavras-chave), o subtítulo ou olho (trecho breve de duas linhas máximas). Este pode resumir o texto, tornando-o ainda mais atrativo, expressivo para o leitor e antecipar, de forma concisa, o tema e a opinião a ser defendida. A assinatura (registra o responsável pelo artigo) pode vir depois do subtítulo. Quanto à introdução é provável que seja o momento da apresentação da problemática e da visão do articulista a respeito de determinado tema. A tese pode ser apresentada no início, caso o autor prefira a dedução ou na conclusão, caso prefira a indução. Sobre o desenvolvimento ou corpo, este é o espaço da apresentação dos argumentos de defesa e de sustentação da tese e apresentação dos contra-argumentos para refutação.

O autor expõe argumentos em defesa de seu ponto de vista a respeito do fato que gerou o artigo, estabelece comparações, tece justificativas e questionamentos, cita opiniões de especialistas e dados numéricos, procurando explicitar ao leitor os porquês de seus posicionamentos. Portanto, no corpo há o encadeamento progressivo de argumentos, informações e justificativas que visam a dar consistência à opinião ou à refutação apresentada pelo articulista. (COIMBRA e CHAVES, 2012, p. 101)

Segundo essas autoras, no desenvolvimento, veem-se o problema, um tema ou fato polêmico, ou não, sobre o qual o articulista opina e discute, com o qual concorda ou do qual discorda,

contrapondo-se a uma classe específica de pessoas ou à opinião da maioria. A tese é o eixo central, o ponto de vista do articulista. São argumentos, ideias ou fatos que visam à desconstrução de opiniões que se contrapõem para justificar e construir a posição do articulista. O contra-argumento, ou antítese, é a previsão de argumentos contrários à tese apresentada pelo articulista que os refuta de antemão. O fato é evento, acontecimento ligado à esfera do real. A opinião sobre o fato são as impressões que esse causou no observador, o qual dá ênfase àquela. Conclusão é a posição final a respeito do tema, o que leva o leitor a refletir sobre a opinião apresentada e quiçá concordar e agir em função dela.

Quanto à temática e aos temas polêmicos do artigo de opinião, Coimbra e Chaves (2012) afirmam que a polêmica é a principal base de sustentação do artigo de opinião, visto que o que é polêmico suscita opiniões divergentes e diversas. Quando o tema é polêmico, a defesa se torna mais difícil, o articulista precisa de elementos discursivos pertinentes ao contexto e consistentes, para obter uma progressão efetivamente clara das ideias e evitar contradizê-las, de forma a convencer o leitor a entrar na polêmica e acompanhar seus raciocínios. Polemizar pode deixar à mostra razões obscuras, propiciar o exercício do pensamento acomodado e possibilitar avançar o conhecimento ou possibilitar o recrudescimento de posturas. No debate, preconceitos são postos em questão, ocorre a possibilidade de novas ideias surgirem e do conhecimento acerca do desconhecido se construir.

Quanto à seleção lexical e aos efeitos de sentido, Coimbra e Chaves (2012) lembram a importância da seleção lexical por meio da qual o autor constrói o seu discurso e a sua orientação argumentativa. Essa escolha denota o posicionamento do articulista com implicação emocional na exposição do seu ponto de vista. O conhecimento prévio do leitor também pode ser sugerido por meio dessa seleção “Como todos sabem” ou, ao contrário desse domínio do tema, a sucinta paráfrase do fato é apresentada como forma de contextualizar o leitor. A modalização é outro recurso do discurso do artigo de opinião, assim como, os efeitos de distanciamento ou aproximação, o jogo com o elemento emocional, a provocação e o uso de frases feitas.

É fundamental, portanto, que o leitor saiba identificar a hierarquia das ideias do texto e avaliar sua consistência, procedendo, enquanto lê, a um mapeamento (explícito ou implícito ao próprio ato de leitura) da seleção lexical e dos efeitos de sentido presentes no texto. (COIMBRA e CHAVES, 2012, p. 109)

O uso de imagens nos artigos de opinião não é gratuito. Charges e caricaturas também são um meio de marcar a opinião. A caricatura ou a charge em artigo de opinião atrai o leitor,

convidando-o a um segundo olhar sobre o texto, a uma releitura. Isso ocorre porque, para se entender a charge, devem-se entender os fatos e conhecer as pessoas a que ela faz referência. “A caricatura é irônica, jocosa, busca enfatizar e exagerar as características de alguém ou de um tipo social, acentua gestos e hábitos com função humorística, vexatória ou elogiosa” (COIMBRA e CHAVES, 2012).

Essas autoras ainda destacam a interdiscursividade, a qual se refere ao diálogo entre discursos ou à forma como um tipo de discurso se constitui em relação a outros tipos já conhecidos. Diz respeito a características discursivas: as propriedades dialógicas do texto, isto é, a capacidade de veicular ideias, opiniões e informações permeadas por conhecimentos acumulados e visões de mundo.

Espécie de um interdiscurso, o discurso jornalístico ocorre à base do processo de acolhimento amplo que faz e, ao mesmo tempo, em que é movido por diversas tensões e práticas discursivas” (FAUSTO NETO, 1991, p.32).

O interdiscurso ou a interdiscursividade é fundamental para entender situações de polêmica, de compreensão, de incompreensão, de coerção, de debate com prós e contras e também na apresentação de pontos de vista, no artigo de opinião inclusive (COIMBRA e CHAVES, 2012).

Bräkling (2000) define o artigo de opinião como um gênero caracterizado pelo objetivo de convencer o outro sobre determinada ideia, de influenciá-lo e de transformar os seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Nesse sentido, a autora também entende que o processo de produção do gênero prevê operação constante de sustentação das afirmações, o que se dá por apresentação de dados consistentes (p. 226-227).

Revisitando Dolz e Schneuwly (2004), é possível acrescentar informações fundamentais sobre o gênero artigo de opinião à definição de Bräkling (2000). Os genebrinos observam que o artigo de opinião é do domínio social da comunicação, visto que esse gênero propõe discussões de problemas sociais controversos, que a tipologia do artigo de opinião é da ordem do argumentar e que esse gênero exige capacidades de linguagem dominantes como: envolvimento da compreensão, sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.

Tanto a definição do gênero proposta por Bräkling (2000), quanto os pressupostos oferecidos por Dolz e Schneuwly (2004) induzem a pensar em alteridade e no dialogismo constitutivo



defendido por Bakhtin, (2011 [1953]). Alteridade, porque tendo o gênero produzido uma opinião, ou seja, a busca de causas para um fato, o que se apresenta é somente uma outra opinião e não a opinião definitiva. Dialogismo constitutivo, porque nenhum autor de artigo de opinião pode distanciar-se de uma tese anterior capaz de refutar a sua tese ou de furtar-se à compreensão de que há argumentos que são não só contrários, mas diferentes do seu e que não lhes são afins, bem como que outros autores já se utilizaram de argumentos que são semelhantes ao de sua defesa.

### *1.3.2 O editorial*

O gênero editorial possui estrutura argumentativa, inscreve-se no quadro das atividades de uma formação social, de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras, etc.) e está intrinsecamente relacionado ao tempo e ao espaço, por isso é considerado como um evento de comunicação dinâmico e como uma realidade histórica. Reconhecendo tal gênero como a voz dos editores e do jornal como empresa, não é difícil compreender que há fortes indícios de que o jornal defende os próprios interesses frente à sociedade leitora, persuadindo-a a pressionar, sobretudo, os poderes públicos.

Uma rápida revisão da literatura relativa ao gênero permite-lhe uma descrição mais precisa. Para Marques de Melo (2003), o editorial pertence à categoria dos gêneros do jornalismo opinativo, caracterizados por emitir juízos de valor e opiniões sobre acontecimentos. Mello (2003) ainda observa que os gêneros opinativos que são uma clara tentativa de fazer o leitor posicionar-se frente aos acontecimentos relatados. Pinto (2004), considera o editorial um “gênero de predominância organizacional argumentativa e funcional persuasiva” que apresenta em sua estrutura, em uma forma geral: ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusão. Complementarmente, Souza (2006), lembra que a estrutura argumentativa do editorial relaciona-se, intrinsecamente, à intenção da instituição jornalística de persuadir os leitores sobre a visão dos fatos que ela apresenta e destaca características fundamentais do gênero: a impessoalidade (linguagem objetiva), a condensalidade (delimitação do tema e redução de argumentos) e a plasticidade (dinamicidade da forma) também são aspectos peculiares ao editorial (cf. 2006: 62-63). Faria e Zanchetta Jr. (2002, *apud* PERFEITO, 2007) destacam a necessidade de vocabulário objetivo e com frases curtas nesta composição, observação que merece uma reflexão, visto que há editoriais em que frases longas são muito utilizadas. Aguiar (2003, p. 56) ressalta a importância de título com a

finalidade de “estabelecer vínculos com informações textuais e extratextuais, orientando o leitor para a conclusão a que o mesmo deve chegar”.

Portanto, para se analisar o editorial, primeiro é preciso atentar para uma condição intrínseca da linguagem: a dinamicidade do gênero, concomitantemente, não se pode desconsiderar a necessidade de buscar nele os elementos de sua identidade. Por isso retomamos as características acima elencadas pelos autores, como ponto de partida da análise do editorial do *Folha* número 1. Sintetizando os elementos de análise do gênero dados por eles, tem-se que é necessário estar atento à sua estrutura argumentativa, ao tempo, ao espaço, à sua realidade histórica, à sua função política para a instituição jornalística que publica, ao seu caráter opinativo, caracterizado, assim sendo, pela apresentação de argumentos de causalidade e emissão de juízos de valor, pela estrutura fundada em ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusão, pela impessoalidade, condensalidade e plasticidade, pelo vocabulário objetivo e as frases curtas, pelo título, responsável por estabelecer vínculos com informações textuais e extratextuais que orientam o leitor para a conclusão desejável ao jornal e ao propósito comunicativo do editorial, ou seja, fazer que o leitor compartilhe da opinião da instituição jornalística, motivo pelo qual esse gênero se caracteriza pela ausência da assinatura de um indivíduo, o que difere do editorial, principalmente, do artigo de opinião.

## 2 METODOLOGIA

O objetivo geral desta pesquisa é investigar em que medida a produção de um jornal da Escola pode colaborar para a formação de autores críticos. Para alcançar esse objetivo geral, propusemos os seguintes objetivos específicos: 1. Justificar a existência de um projeto de produção de jornal para o ensino de linguagem e para a formação de autores críticos; 2. Discutir sobre o que se deve ler e escrever na escola; 3. Apresentar a dinâmica de produção de um jornal na escola; 4. Identificar os gêneros escritos pelos alunos no jornal e justificar a necessidade de se escolherem gêneros (fixos e variáveis) essenciais para o funcionamento do jornal; 5. Avaliar a produção textual no jornal *Folha Conexão Santa Clara*, a partir das contribuições que a teoria da argumentação jornalística propõe, considerando-se as particularidades específicas do jornal na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha; 6. Propor modificações na metodologia de produção do jornal, considerando o objetivo maior de sua existência: a formação de autores críticos.

Considerando esses objetivos, a metodologia adotada neste trabalho está em acordo com uma abordagem textual-interacional, por entendermos que a dimensão interacional envolve e caracteriza a produção textual-discursiva dos redatores do jornal da Escola. Por isso, pensamos em uma metodologia que permitisse a visualização dos objetivos, dos objetos desta investigação e do contexto em que esse objeto, os três primeiros números do *Folha Conexão Santa Clara*, foi produzido. Nesse sentido, o capítulo se organiza em três seções. Na primeira seção, é apresentado o *corpus*; na segunda seção, o panorama geral da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha; na terceira seção, são apresentadas as categorias de análise.

### 2.1 O *corpus*

O *corpus* da pesquisa proposta é constituído pelos três primeiros números do jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, o *Folha Conexão Santa Clara*, a saber: o nº 1, de junho de 2011; o nº 2, de novembro de 2011 e o nº 3, de novembro de 2012 (ANEXO A – Exemplos da *Folha Conexão Santa Clara* e CD anexo). Esses números foram os primeiros a serem produzidos pela Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha. Para um recorte específico nos gêneros argumentativos, destacamos, para uma análise detalhada na composição dos textos, os gêneros artigo de opinião e editorial produzidos em cada um dos jornais.

A opção de utilizar esse material leva em conta os seguintes motivos: (i) a necessidade de se repensar a prática de projetos como método de ensino de língua portuguesa; (ii) a necessidade de pensar o jornal da escola como produto dessa prática; (iii) a necessidade de colocar em questão a prática de produção de gêneros, predominantemente argumentativos, para um suporte criado pela Escola.

As hipóteses que investigamos relacionam a materialidade dos textos às condições em que eles foram produzidos.

## **2.2 Panorama geral da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha: aspectos físicos, financeiros e humanos**

Buscamos aqui traçar um perfil da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha em seus aspectos físicos, financeiros e humanos<sup>16</sup>, porque sabemos o quanto esse perfil pode levar à compreensão de estratégias de ensino adotadas pela Escola.

Dos aspectos físicos, pode-se afirmar que a Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha localiza-se em área privilegiada, não só no que diz respeito à extensão de terras que ocupa, uma vez que a sua rede física é considerada uma das maiores das escolas públicas da cidade, mas por situar-se entre o meio urbano e o rural e a menos de seis quilômetros do centro da cidade. Com relação à sua infraestrutura compõem-se de salas amplas e arejadas, cozinha e refeitório, biblioteca, laboratório de computação, salas da direção e supervisão, pátios e jardins bem cuidados e quadra esportiva coberta. A estrutura tecnológica compõe-se de quadros brancos para pincel e ventiladores em todas as salas, televisão e DVD, um laboratório de informática com quinze máquinas funcionando perfeitamente e acesso à internet *wireless*, quatro *data-shows*, cinco máquinas fotográficas e uma filmadora. Material disponível a todos os professores. A biblioteca oferece livros usados e novos em grande quantidade, com obras diversas da literatura infanto-juvenil e adulta. Clássicos e *best sellers* da literatura brasileira de todas as épocas, da literatura clássica (estes em menor número) à contemporânea. Assim, vários estilos e gêneros literários são contemplados: romances do cânone ou dos *best sellers*,

---

<sup>16</sup> Os aspectos físicos e financeiros estão descritos no Projeto Político Pedagógico da Escola do ano de 2012, documento que ajudamos a construir e de que produzimos essa síntese. Sobre os aspectos humanos relativos aos professores, advém da pesquisa realizada em 28 de maio de 2012, para a qual foi utilizado um questionário semiestruturado. *Vide* anexo B.

livros de conto, poesia, crônica das literaturas inglesa, francesa e russa. Além dos livros didáticos suficientes para suprir a necessidade de todos os alunos. Há ainda dicionários de português e inglês, paradidáticos e livros de histórias em quadrinho. Há livros atuais (em número reduzido) de Teoria Literária, Linguística e Filosofia e livros de teoria de todas as áreas para o professor, (em menor número). Revistas atuais sobre o ensino de Língua Portuguesa fazem parte do acervo. A biblioteca também disponibiliza o jornal Estado de Minas.

Quanto aos aspectos financeiros, não se diferencia das outras escolas estaduais do interior de Minas Gerais. A Escola recebe assistência financeira do Estado, considerada razoável pelo seu diretor, pois a escola consegue atender à demanda de matrículas de em torno de 1400 alunos oriundos das classes C e D, do meio-rural, dos assentamentos, dos bairros próximos e do centro da cidade que convergem para ela, ainda oferece merenda de boa qualidade aos que a querem, além de oferecer material de higiene pessoal para alunos do projeto Tempo Integral.

Quanto aos aspectos humanos, a escola é relativamente organizada. Hoje, além do trabalho da supervisão e da vice-direção (um vice-diretor por turno), conta com o trabalho de parceria e pacificação da Polícia Militar. As razões fundamentais de as famílias confiarem no trabalho executado pelo corpo docente, supervisão e direção escolar são: 1. O ambiente da escola ser, relativamente, calmo e propício à convivência social, o que reflete bem o nível de socialização atingido pelos alunos, sobretudo a partir do 9º ano, quando o sistema educacional e a filosofia de convivência da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha já foram absorvidas pelos alunos, oriundos das mais diversas e precárias situações; 2. A direção comprometer-se com a educação, estar atenta aos projetos do governo do estado, prontificar-se a ajudar e a apoiar projetos que partem das iniciativas dos professores, buscando parcerias com as faculdades particulares, a UFVJM (Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri) e empresas estatais e privadas, essas últimas, patrocinadoras de projetos como a *Revista Literária Caminho das Letras* e o *Jornal Folha Conexão Santa Clara*, dentre outros de outras áreas; 3. Ser de conhecimento público que a escola promove as artes, a literatura, o teatro, a música. Sendo também esta uma das razões por que muitos alunos são atraídos para a escola.

Os alunos são filhos de pais que, em sua maioria, não concluíram o ensino fundamental ou médio. Os pais são pequenos agricultores, trabalhadores do campo, chapas, pedreiros,

açougueiros, vendedores, donas de casa, empregadas domésticas, lavadeiras, pequenos comerciantes, ou pais que se mudaram para São Paulo ou Portugal em busca de uma vida melhor, realidade crescente entre os pré-adolescentes e adolescentes que ficam sob a proteção de um avô, parente ou que moram sozinhos. A diversidade da composição familiar deixa entrever que os alunos assumem responsabilidades muito cedo.

A escola, alvo de marginais que aliciam alunos de todas as idades, perdeu, nos últimos cinco anos, seis alunos que se envolveram em dívidas com traficantes, trabalharam no tráfico e foram mortos como “queima de arquivo” ou se suicidaram em função de estarem endividados. Esses alunos e tantos outros que fizeram ou fazem parte do grupo de risco são, em geral, aqueles que não obtiveram sucesso em seu empreendimento escolar; chegam, às vezes, ao ensino médio, depois de passarem por projetos convencionais ou especiais, com dificuldades de interagirem lendo, escrevendo, falando e ouvindo. Não conseguem ou têm dificuldade de representar o lido e o ouvido ou são ignorados em sua forma de representação (dança, música, fotografia, desenho, trabalho). O grupo de risco é também caracterizado pela presença de meninos e meninas explorados sexualmente por familiares, vizinhos e amigos. Esses alunos são identificados pelo descaso e alienação em relação ao processo de ensino-aprendizagem ou indisciplina excessiva.

O corpo docente de Língua Portuguesa da Escola é formado por 13 (treze) professores, todos têm formação acadêmica equivalente à graduação em Letras e, pelo menos, uma especialização *lato-sensu* em Arte, Língua e/ou Literatura em Língua Portuguesa e trabalham há mais de quatorze anos. Todos trabalham em outras escolas públicas da rede estadual ou municipal. Todos adotam o livro *Português Linguagens* de William Roberto Cereja e Thereza C. Magalhães. Um deles utiliza outros livros didáticos de apoio e editoriais de revista. Todos leem, regularmente, contos, crônicas e poemas; cinco leem, regularmente, jornais; nenhum deles lê artigos e textos científicos sobre linguística; quatro dos professores leem revistas informativas; quatro dos professores leem romances; quatro leem revistas pedagógicas; um lê quadrinhos e outros, como livros de autoajuda e a Bíblia, mitologia modernizada, letras da MPB. Desse grupo, três professoras participam do processo de produção de textos que são publicados no *Folha Conexão Santa Clara*, e as três trabalham no turno vespertino, sendo que 90% dos textos são oriundos do trabalho de produção de uma delas junto aos alunos das turmas C, D, E do 2º e 3º anos do Ensino Médio da Escola. Uma dessas professoras prefere o trabalho com o livro didático e entende que as atividades de gramática, a leitura e a interpretação devem ser predominantes em sala de aula. Esta professora diz que os alunos não

sabem escrever para participarem de um projeto como esse. Outra professora trabalha nos anos finais do Ensino Fundamental e prefere o trabalho com o livro didático e o texto literário. Diz constantemente estar em processo de aprendizagem e não se sentir preparada para fazer com que os alunos produzam para publicarem no jornal da Escola, visto que ela mesma se sente insegura quanto à própria produção textual. A outra professora, embora utilize em sala o livro didático, prefere investir em pequenos projetos interdisciplinares de fala, leitura e interpretação e produção textual escrita que a Escola possibilita desenvolver, isso significa envolver os alunos em pequenos projetos de arte e educação, relacionados a recitais, teatro, cinema, oratória, produção para a revista literária e jornal. Esse é o motivo pelo qual os seus alunos, além de escreverem pelo menos 30% dos textos publicados na revista literária, também escrevem 90% dos textos produzidos para o jornal.

### 2.3 As categorias de análise do jornal e dos textos

Para revisitar a produção de três números do *Folha Conexão Santa Clara*, com uma análise, propusemos os critérios elencados no Quadro 1 a seguir. Esse quadro resulta da síntese das teorias que dão sustentação a este trabalho. Assim, para observar como os textos escritos pelos alunos se organizam em sua materialidade e como funcionam no jornal escola, buscamos critérios em Antunes (2010) e em Bronckart (2012 [1999]). Para verificar até que ponto os textos escritos podem ser considerados artigos de opinião e/ou editoriais, recorte deste trabalho, nos apoiamos nos critérios de Coimbra e Chaves (2012), Bräkling (2000), Dolz e Schneuwly (2004), Marques de Melo (2003), Pinto (2004), Souza (2006), Faria e Zanchetta Jr. (2002), Aguiar (2003), também descritos no capítulo 1, dentre outros acrescentados, em função da especificidade das ocorrências de casos na análise dos textos.

QUADRO 1 – Critérios utilizados na descrição dos três primeiros números do jornal escolar *Folha Conexão Santa Clara*

(Continua)

Número do jornal	O que foi observado
Aspectos gerais	Tema
	Formato
	Nº de páginas
	Objetivos de acordo com a descrição feita pelos alunos no processo de produção do texto e aceita pelas professoras.
	Editoriais

QUADRO 1 – Critérios utilizados na descrição dos três primeiros números do jornal escolar  
*Folha Conexão Santa Clara*

(Continua)

Número do jornal	O que foi observado
Condições de produção	1. Autores do jornal 2. Tempo de execução do projeto jornal 3. Lugar onde se planejaram e se produziram os textos 4. Como os textos foram produzidos 5. Surgimento do tema 6. Planejamento 7. Etapas para a produção do texto (Ações em conjunto e em sequência): Professores Alunos 8. Publicação 9. Papel social dos produtores dos textos a partir do princípio retórico-semântico de que todo texto tem conteúdo argumentativo 10. Papel social dos leitores 11. Modos de Planificação da linguagem 12. Aspectos Tipológicos do ARGUMENTAR A. Domínio social de comunicação B. A capacidade de linguagem do argumentar 13. Aspectos Tipológicos do EXPOR A. Domínio social de comunicação B. A capacidade de linguagem do expor 14. Aspectos Tipológicos do NARRAR A. Domínio social de comunicação B. A capacidade de linguagem do narrar 15. Aspectos Tipológicos do DESCREVER A. Domínio social de comunicação B. A capacidade de linguagem do descrever ações
Os gêneros	Centrais presos, Centrais livres, Periféricos
As páginas	Como se organizam, que gêneros e que textos trazem



QUADRO 1 – Critérios utilizados na descrição dos três primeiros números do jornal escolar  
*Folha Conexão Santa Clara*

(Continua)

Número do jornal	O que foi observado
O artigo de opinião	<p>A linguagem, a materialidade linguística, a forma composicional, a temática, a seleção lexical, o uso de imagens, a interdiscursividade, a alteridade e o dialogismo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>a) Requerem traduzir uma tese e, assim, individualizar a opinião, as experiências, as impressões, a discussão do articulista sobre o fato, por isso, pode ser escrito em primeira pessoa do singular. O “nós” inclusivo, “plural de modéstia”, produz o efeito de universalizar a opinião do articulista que também pode usá-lo em função de representar uma classe e falar por ela.</li> <li>b) Poder o articulista utilizar-se do “você” – imparcial/persuasivo e induzir à ilusão de imparcialidade, principalmente, se aliada ao imperativo.</li> <li>c) Fundamentar-se o articulista em duas tentativas: a de convencer (plano das ideias) e a de persuadir (plano das ações), visto discutir temas polêmicos.</li> <li>d) Caracterizar-se a linguagem por comentários, interpretações, refutações e sustentações de informações, ou seja, pela negociação de tomadas de posição.</li> <li>e) Combinar o tipo discursivo expositivo com o tipo predominante, o argumentativo.</li> <li>f) Desenvolver-se o texto por operações constantes de sustentação da tese e refutação de pontos de vista contrários.</li> <li>g) Apresentar conclusões baseadas em impressões e pontos de vista do autor.</li> <li>h) Apresentar linguagem: vocabulário e estilo pessoal mais livres.</li> <li>i) Ter a qualidade da materialidade linguística propósitos e funções específicos.</li> <li>j) Serem o uso de sinais de exclamação e interrogação, o modo imperativo e as conjunções estratégias argumentativas.</li> <li>k) Apresentar, em acordo com a forma composicional, traços de expressividade: o título, o subtítulo ou olho; e a assinatura vir seguida do subtítulo.</li> <li>l) Apresentar-se a tese no início, caso o autor prefira a dedução ou na conclusão, caso prefira a indução.</li> <li>m) Desenvolver-se com a apresentação do problema, um tema, um fato polêmico, argumentos de defesa e de sustentação da tese e apresentação dos contra-argumentos para refutação dessa.</li> <li>n) Ser o fato um evento, acontecimento ligado à esfera do real; a opinião sobre o fato, as impressões que esse causou no observador, o qual dá ênfase àquele; e a conclusão, a posição final a respeito do tema que leva o leitor a refletir sobre a opinião apresentada e quiçá concordar e agir em função dela.</li> <li>o) Apresentar, em relação à temática, a polêmica, principal base de sustentação.</li> <li>p) Apresentar uma seleção lexical, por meio da qual o autor constrói o seu discurso e a sua orientação argumentativa para provoca os efeitos de sentido.</li> <li>q) Apresentar modalização e efeitos de distanciamento ou aproximação, o jogo com o elemento emocional, a provocação e o uso de frases feitas.</li> <li>r) Apresentar imagens como charges e caricaturas como meio de marcar a opinião.</li> </ol>

QUADRO 1 – Critérios utilizados na descrição dos três primeiros números do jornal escolar  
*Folha Conexão Santa Clara*

(Conclusão)

Número do jornal	O que foi observado
O editorial	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Possuir estrutura argumentativa e inscrever-se no quadro das atividades de uma formação social, de uma forma de interação comunicativa que implica o mundo social (normas, valores, regras, etc.).</li> <li>b) Estar intrinsecamente relacionado ao tempo, ao espaço, por isso é considerado como um evento de comunicação dinâmico e como uma realidade histórica.</li> <li>c) Reconhecer-se tal gênero como a voz dos editores e do jornal como empresa, haver fortes indícios de que defende os próprios interesses frente à sociedade leitora, persuadindo-a a pressionar, sobretudo, os poderes públicos.</li> <li>d) Pertencer à categoria dos gêneros do jornalismo, caracterizados por emitir juízos de valor e opiniões sobre acontecimentos.</li> <li>e) Predominar uma organização argumentativa e uma função persuasiva, apresentar em sua estrutura, em uma forma geral: ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusão.</li> <li>f) Predominarem características fundamentais do gênero, como: a impessoalidade (linguagem objetiva), a condensalidade (delimitação do tema e redução de argumentos) e a plasticidade (dinamicidade da forma).</li> <li>g) Apresentar vocabulário objetivo e frases curtas.</li> <li>h) Ressaltar a importância de título com a finalidade de “estabelecer vínculos com informações textuais e extratextuais, orientando o leitor para a conclusão a que o mesmo deve chegar”.</li> <li>i) Objetivar fazer que o leitor compartilhe da opinião da instituição jornalística, motivo pelo qual esse gênero se caracteriza pela ausência da assinatura de um indivíduo, o que difere o editorial, principalmente, do artigo de opinião.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 1 é, pois, constituído de sete seções:

- a) Número do jornal, em que se identifica o jornal de que se trata a descrição.
- b) Aspectos gerais (tema, formato, número de páginas, objetivos) com as editorias que podem dar ao leitor uma ideia ampla do jornal e das suas páginas, pois se apresentam: o número de colunas, o número de textos e de gêneros por coluna, fonte e tamanho de letra.
- c) Condições de produção, em que se destacam elementos externos e internos relativos à produção dos textos. Entendemos ser importante explorar esses elementos externos por dois motivos: a) Para que se entenda o caráter histórico discursivo da produção: sujeitos se envolveram em projetos temáticos e interdisciplinares, em um dado tempo-espaço, com um modo de planejamento e etapas de execução das ações de linguagem; b) A apresentação da forma de se entender a linguagem como essencialmente argumentativa e, por isso, indissociável do contexto de recepção. Dessa forma, elencamos: autores do jornal, tempo de execução do projeto, lugar onde se planejaram e se produziram os textos,

como os textos foram produzidos, surgimento do tema, planejamento, etapas para a produção do texto (ações em conjunto e em sequência de professores e alunos), publicação, papel social dos produtores dos textos a partir do princípio retórico-semântico de que todo texto tem conteúdo argumentativo, papel social dos leitores, modos de planificação da linguagem; aspectos tipológicos do argumentar, do expor, do narrar, do descrever. Entendemos ser fundamental observarmos pelo menos um aspecto linguístico interno da produção textual, ou seja, a apresentação dos modos de planificação da linguagem.

- d) Os gêneros, segundo Bonini (2011), devem ser classificados como centrais presos (considerados essenciais para o jornal), centrais livres (considerados possíveis, mas não obrigatórios) e periféricos (gêneros de publicidade, literários, de entretenimento, dentre outros). Assim, apresentamos uma tabela em que se vê uma prospecção de gêneros (centrais presos, centrais livres e periféricos). Em cada tabela de cada jornal, ver-se-ão quantos gêneros e quantos textos foram publicados, para que se possa fazer uma avaliação quantitativa de cada número do jornal.
- e) As páginas: traduz-se em um estudo de texto por texto, segundo os seguintes critérios: esfera ou instância discursiva; gênero de texto; tipo de discurso (narrar, relatar, argumentar, expor); tema, objetivo do texto e título.
- f) A caracterização do artigo de opinião em que se enumeram objetivamente as características mais marcantes e possíveis ao gênero.
- g) A caracterização do editorial, em que se enumeram objetivamente as características mais marcantes e possíveis ao gênero.

### 3 ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo apresenta a análise do *corpus* segundo critérios elencados no Quadro 1. Está dividido em três seções, cada uma delas refere-se a um dos números do jornal escola *Folha Conexão Santa Clara*. Alguns elementos da análise mostram-se muito semelhantes ou até idênticos de um número de jornal para o outro, visto não haverem mudanças nas realidades. Cumpre agora apresentar a análise de cada um dos números dos jornais para que se tenha uma visão geral sobre eles e as impressões iniciais que temos deles.

#### 3.1 O *Folha Conexão Santa Clara* número 1

O *Folha* número 1 é um jornal compacto de 8 folhas com a dimensão de 21cm X 31,5 cm fechado e a área impressa 18,5cm X 29,5cm, impresso em papel branco, AP 75g. Tem como objetivo discutir o comportamento da sociedade de T.O. em relação às embalagens, por isso o seu tema dominante é a relação sociedade/lixo, apesar da denominação “Embalagens”.

Quanto às editoriais, as páginas são divididas em quatro colunas, mas com variações para duas colunas de espaço duplo; o número de textos e gêneros por coluna é variável, indo de um a três textos e às vezes do mesmo gênero, mas, na maioria das vezes, com gêneros distintos, como se comprovará pela análise individual das páginas; a fonte básica é *Times New Roman* com letras, predominantemente, de tamanho 10, com exceção apenas para os títulos. O número 1 do *Folha* apresenta 17 imagens, sendo 16 fotos e 1 charge. Em cada página há pelo menos uma imagem. O jornal é *fullcolor*, ou seja, todas as páginas são coloridas. Todas as páginas possuem cabeçalho e todos os seus textos são assinados.

Destacamos as condições de produção que, para esta pesquisa, parecem-nos mais significativas por seu valor histórico, situacional.

O tema foi proposto pelo SESC - T.O. e faz parte de um projeto de preservação ambiental mais abrangente que essa instituição desenvolve junto a várias escolas públicas da cidade, suas parceiras.

Os autores do jornal são alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino. Alunos do turno vespertino, isso quer dizer que, embora não tenham, em sua maioria, alcançado os 20 anos, há um percentual importante deles, em torno de 35%, que estão acima da faixa etária e que já foram reprovados ou passaram pelo processo de atraso nos estudos por

evadiram-se da escola, e sendo assim, assumem outras responsabilidades além de estudar, como por exemplo, cuidar de crianças, trabalhar em lapidação de pedras semipreciosas, etc. A maioria destes alunos têm os objetivos voltados para o trabalho.

Todo o projeto jornal foi realizado no espaço de três meses, no período de abril de 2011 a junho de 2011. Os textos foram produzidos na Escola, receberam revisão em outros ambientes, como na casa dos alunos, em espaços como os da biblioteca ou de salas vazias, por exemplo.

O trabalho de planejamento do jornal ficou centralizado, inicialmente, nas mãos de uma das especialistas, mas as tarefas para que o trabalho fosse realizado dependiam de planejamentos menores e da ação dos alunos junto aos professores de todas as áreas. Era o momento de *Código, linguagens e suas tecnologias* participar, a adesão de outros professores foi difícil e rara. Juntos, professoras e alunos discutiram o que fazer para produzir os textos para o jornal; traçaram linhas gerais de um planejamento em que o mais importante eram as ações para atingir os objetivos.

Não se pensou particularmente, nos leitores do jornal ou em como persuadi-los. Os objetivos primeiros eram outros, dentre eles: encontrar o que dizer, os assuntos de que os textos iriam tratar, fazer pesquisas para encontrar os argumentos, buscar a sua ordenação e trabalhar um pouco o estilo próprio para uso de uma linguagem que deveria trazer uma objetividade e ser informativa, por ser jornalística. Isso representava alguma dificuldade, visto que os alunos da escola que escreviam, faziam isso, sobretudo, para compor textos literários, porque a “*Revista Literária Caminho das Letras*” era e ainda é o maior projeto institucional da Escola. Assim, à medida que se faziam o planejamento, discutiam-se questões como “as diferentes funções e usos sociais da linguagem”, tempo também em que se apresentavam aos alunos alguns tipos de argumento.

As etapas de produção diziam respeito, sobretudo, a estas ações em conjunto e subsequentes:

- a) Professoras oferecem orientações gerais sobre a produção do gênero textual e sobre a pesquisa bibliográfica, a de campo ou da necessidade de ambas para se reunir o material necessário para a produção do texto, segundo o gênero.
- b) Alunos, geralmente, em duplas, trios, quartetos, conforme afinidades, habilidades e possibilidades, pesquisam; consultam a *internet* para lerem sobre os assuntos que

lhes interessam e escolhem aquele sobre o qual discutirão. Se necessário, vão a campo com questionários estruturados e semiestruturados.

- c) De posse do material de pesquisa, escrevem o texto, em sala de aula ou na biblioteca, ou em salas vazias, alguns fazem uso do laboratório de informática; enquanto as professoras os acompanham e orientam-lhes os trabalhos; os alunos que têm maior dificuldade, em geral, trabalham com os seus colegas ou outros de outras turmas, como é o caso de alunos do segundo ano serem orientados por outros do terceiro. Os alunos orientados aceitam, em geral, a colaboração dos colegas mais velhos ou de outras turmas. Assim, a primeira versão de cada texto é produzida.
- d) A primeira versão do texto passa por um processo. Os alunos se reúnem todos em semicírculo em torno da professora. O autor do texto, sentado ao lado do professor, lê em voz alta o texto para toda a turma com a finalidade de receber auxílio dos colegas e da professora na verificação da possibilidade de os leitores estabelecerem alguma coerência para o texto produzido. Por isso, neste momento, são feitas propostas de revisão do texto, tanto da professora quanto dos colegas da sala. Essa revisão proposta é feita em casa ou na Escola, mas em outro horário e não no da aula de português, porque há muitos alunos que precisam apresentar os seus textos.
- e) Esse processo se repete até que os textos estejam prontos, na opinião dos alunos, para a publicação.
- f) Finalmente, os textos, já digitados, chegam ao e-mail da professora que os revisa para a publicação. Alguns dos textos não são escolhidos para a publicação e outros não chegam a serem concluídos, por vários motivos. Mas esse número não chega a mais que 10%.

As professoras que se envolveram no projeto contavam com leituras e aprendizagens prévias dos alunos sobre os gêneros jornalísticos, visto que são alunos do ensino médio. Mas, na realidade, foi possível constatar que eles sabiam muito pouco sobre o processo de produção de textos. Os conhecimentos específicos sobre os gêneros que precisariam escrever para o jornal eram insuficientes. Muitas das dificuldades demandadas pela produção do jornal também se estendiam para as professoras, em função do conhecimento raso sobre o ensino do próprio processo de produção de um jornal. Essa ausência de conhecimentos específicos é um dos motivos que se pode apontar para o fato de alunos e professoras terem alcançado resultados

parciais na produção do jornal da Escola. Os textos escolhidos para a publicação passaram por uma revisão das professoras e depois pela professora revisora do jornal.

O papel social dos produtores dos textos do jornal da Escola foi definido previamente e era convencer, persuadir e facilitar a leitura. Mas essa noção era muito abstrata, visto que foi apenas tratada como uma recomendação aos alunos escritores. Não foram sistematizadas atividades que levassem os alunos a perceber, primeiramente, como leitores críticos de outros artigos e de outros editoriais que circulam socialmente em jornais e revistas, como os recursos linguísticos utilizados em um texto marcam tanto a direção argumentativa que se pretende, quanto os leitores que o texto prevê (papel igualmente determinado pelo princípio retórico-semântico de que todo texto jornalístico tem conteúdo argumentativo). A previsão que se fez sobre o papel social dos leitores era o de que eles se colocassem na expectativa da leitura.

Quando os professores se propuseram a produzir o *Folha Conexão Santa Clara* número 1, contavam com seus conhecimentos, como leitores de jornais inclusive. Mesmo assim, veem-se nos textos que os alunos produziram, os aspectos tipológicos do relatar, do argumentar e do expor, embora algumas vezes faltem a esses textos elementos fundamentais relativos ao que seria desejável em relação às sequências e à planificação da linguagem. Assim, deveriam ser encontrados nesse jornal os seguintes aspectos tipológicos, em sua integralidade, sempre que necessário:

- a) Aspectos tipológicos do *relatar* em que se destacam dois elementos fundamentais: A. Domínio social de comunicação: documentação e memorização de ações humanas. B. Capacidade de linguagem dominante do relatar (notícia e reportagem), ou seja, Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo. Segundo Bronckart (2012 [1999]), o relato interativo pode apresentar sequências: a) Descritivas e b) Narrativas com cinco fases constituintes: i) Situação inicial, ii) Complicação, iii) Ações, iv) Resolução e v) Situação final.
- b) Aspectos Tipológicos do *argumentar* em que se destacam dois elementos fundamentais A. Domínio social de comunicação: discussão de problemas sociais controversos. B. A capacidade de linguagem do argumentar: i) Sustentação, ii) Refutação, iii) Negociação de tomadas de posição.
- c) Aspectos Tipológicos do *expor* em que se destacam dois elementos fundamentais: A. Domínio social de comunicação: Transmissão e construção de saberes. B. A

capacidade de linguagem do expor: Apresentação textual de diferentes formas de saberes.

- d) Aspectos Tipológicos do *descrever* em que se destacam dois elementos fundamentais:  
A. Domínio social de comunicação: instruções e prescrições. B. A capacidade de linguagem do descrever ações: regulação mútua de comportamentos.

A variedade de gêneros e textos do *Folha Conexão Santa Clara*, em seu número 1, pode ser conferida na Tabela 1. Nessa tabela os gêneros foram categorizados conforme ensina Bonini (2011) “em centrais e periféricos (quanto à maior ou menor proximidade dos propósitos principais do jornal) e, os centrais, em presos e livres (quanto ao papel que desempenham na estruturação do suporte jornal) (p.60)”.

Essa classificação dos gêneros pode ser aproximada de outra classificação, também apresentada pelo mesmo autor e segundo critérios bem parecidos com os dispostos acima, a de que os gêneros podem ser classificados como fixos e variáveis. Dessa forma os gêneros fixos seriam aqueles essenciais à caracterização do suporte jornal e seriam comparáveis aos centrais presos, e os variáveis seriam os demais, caracterizados como centrais livres e periféricos.



TABELA 1 – Gêneros e Textos do *Folha* número 1

<b>Gêneros</b>	<b>Textos</b>
<b>Centrais presos</b>	
Cabeçalho	1
Chamada	1
Editorial	1
Expediente	1
<b>Centrais livres</b>	
Reportagem	4
Notícias	3
Entrevista	2
Comentário	1
Artigo de Opinião	1
Charge	1
Gravura	1
<b>Periféricos</b>	
Curiosidades	3
<b>TOTAL DE GÊNEROS – 12</b>	<b>TOTAL DE TEXTOS – 20</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese, o *Folha* número 1 apresenta quatro (4) gêneros centrais presos, sete (7) gêneros centrais livres e um (1) gênero periférico, do que se conclui que sejam, portanto, onze (11) gêneros fixos e um (1) variável.

O Quadro 2 coloca uma lente nos textos do *Folha* número 1, apresentando, a primeira coluna, “Páginas” e, na segunda coluna, “Classificação”, as categorias de análise: a esfera discursiva; o gênero de texto; o aspecto tipológico ou tipologia discursiva predominante, o tema e o título e a constituição textual desejável a cada gênero do texto. No quadro, os textos se apresentam na sequência em que aparecem nas oito páginas do *Folha* número 1.

QUADRO 2 – Os textos do *Folha* número 1

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 1	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Notícia
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Os trabalhos realizados para a comemoração dos 40 anos da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Representar as primeiras ações da Escola para a realização do “Meu ambiente, minha vida”.
	<b>Título</b>	“Projeto institucional “Meu ambiente, minha vida”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Editorial
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	“Degradação ambiental por descompromisso com a vida”
	<b>Objetivo</b>	Sustentar a importância da produção do jornal para mobilização da comunidade. Destacando a razão central do jornal, esclarecendo questões relativas às temáticas desenvolvidas nas matérias e a intencionalidade dos editores
	<b>Título</b>	-
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Notícia	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	A parceria Escola, o SESC-TO e a Polícia Militar do Meio Ambiente de MG	
<b>Objetivo</b>	Mostrar à comunidade a parceria	
<b>Título</b>	“Projeto Temático: A revolução das embalagens”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Comentário	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	O modo de atuação dos envolvidos na execução do projeto “A revolução das embalagens”.	
<b>Objetivo</b>	Mostrar o modo de adesão dos atores ao projeto	
<b>Título</b>	“Malhação e colaboração”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Chamada	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	A focalização dos textos mais significativos do número 1.	
<b>Objetivo</b>	Chamar a atenção do leitor para a leitura dos textos que parecem aos editores, os mais relevantes desse número.	
<b>Título</b>	“ <i>Nesta Edição</i> ”	

QUADRO 2 – Os textos do *Folha* número 1

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 2</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Fundamentação legal para a produção de um projeto sobre o meio ambiente na Escola
	<b>Objetivo</b>	Apresentar os princípios do projeto.
	<b>Título</b>	“Revolução das embalagens: Parceria”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Notícia
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Outros setores educacionais e o tema da proteção ambiental.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar outro setor educacional interessado no tema.
	<b>Título</b>	“Internato Rural: meio ambiente em foco”
<b>Textos</b> <b>Página 3</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Entrevista
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O nível de comprometimento da CLTO
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a visão da CLTO sobre os problemas relativos ao meio ambiente e a ela.
	<b>Título</b>	“CLTO – Cooperativa de Laticínios de T.O.; Gestão ambiental e segurança no trabalho”

QUADRO 2 – Os textos do *Folha* número 1

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Curiosidades
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A durabilidade dos resíduos no solo e nos oceanos.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as contradições presentes na concepção sobre reaproveitamento de resíduo sólido em creche
	<b>Título</b>	“Tempo de decomposição dos resíduos”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A visão sobre os resíduos sólidos e as soluções alternativas
	<b>Objetivo</b>	Persuadir a população a assumir responsabilidades sobre o tipo de lixo que produz.
	<b>Título</b>	“Resíduo sólido em creche”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Charge
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A degradação das florestas.
	<b>Objetivo</b>	Criticar a alienação dos sujeitos envolvidos no corte de árvores e a atuação dos mandatários
	<b>Título</b>	“Emparedadas”
<b>Textos</b> <b>Página 5</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O lixo hospitalar em Teófilo Otoni.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar aos leitores problemas a respeito do lixo hospitalar.
	<b>Título</b>	“Secretaria do meio ambiente”
	<b>Esfera</b>	Artística (Pictórica)
	<b>Gênero</b>	Gravura
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A poluição do Rio Todos os Santos.
	<b>Objetivo</b>	Possibilitar uma reflexão sobre o contraste que há entre o Rio Todos os Santos, imagem real em oposição à ideal.
	<b>Título</b>	“Óleo sobre tela (Rio Todos os Santos)”

QUADRO 2 – Os textos do *Folha* número 1

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 6</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A relação meio ambiente/indústria de agronegócios.
	<b>Objetivo</b>	Investigar sobre quais são os recursos da JBS- Friboi para redução do impacto ambiental no que diz respeito aos resíduos animais e tecnológicos e ao consumo de energia da biomassa (queima de madeira).
	<b>Título</b>	“JBS-FRIBOI: Responsabilidade social e preservação – Progresso e natureza podem coexistir?”
<b>Textos</b> <b>Página 7</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Entrevista
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O destino do lixo hospitalar.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as condições de descarte do lixo hospitalar.
	<b>Título</b>	“Lixo Hospitalar”
<b>Textos</b> <b>Página 7</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Curiosidades
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Vantagens e desvantagens das embalagens
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a superficialidade das vantagens em relação à gravidade dos riscos em que se traduzem as embalagens usadas.
	<b>Título</b>	“Embalagens”
<b>Textos</b> <b>Página 7</b>	<b>Esfera</b>	Escolar
	<b>Gênero</b>	Resumo de Projeto
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Ações do projeto.
	<b>Objetivo</b>	Prestar contas aos leitores das ações do projeto a serem realizadas.
	<b>Título</b>	“Ações do Projeto ‘A Revolução das Embalagens’ em desenvolvimento”

QUADRO 2 – Os textos do *Folha* número 1

(Conclusão)

Páginas	Classificação	
Textos Página 8	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O descarte da embalagem.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o comportamento do consumidor.
	<b>Título</b>	“Embalagens Alternativas: como essa ideia é recebida pela população de Teófilo Otoni”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
<b>Gênero</b>	Curiosidades	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	Soluções tecnológicas para as embalagens.	
<b>Objetivo</b>	Apresentar um aspecto tecnológico curioso relativo às embalagens.	
<b>Título</b>	“Embalagens Comestíveis”	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Expediente
	<b>Tipologia</b>	Expor
	<b>Tema</b>	Apresentação dos colaboradores do jornal.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar ao leitor o envolvimento da comunidade escolar como um todo e dos parceiros na produção do jornal.
	<b>Título</b>	“Expediente”

Fonte: Elaborado pela autora.

A Tabela 1 e o Quadro 2 apontam para a predominância de gêneros fixos, jornalísticos centrais, o que nos leva a concluir que o *Folha* 1 apresentou uma tendência a produzir os textos mais essenciais ou básicos, sem se preocupar com os gêneros variáveis. Parece clara a preocupação da edição de reproduzir e ler o real<sup>17</sup>. Essa hipótese é confirmada por uma segunda opção: a predominância da tipologia discursiva do relato. Essa tipologia aponta para duas categorias: jornalismo informativo e jornalismo opinativo. O jornalismo informativo, predominante no *Folha*, caracteriza-se pelo imediatismo e a mediação do jornal entre protagonistas e leitores, e, com muito menor frequência, surge o jornalismo opinativo ou de

<sup>17</sup> Como o ensina Melo (1985), que opta por classificar os gêneros a partir das trocas jornal/sociedade e que adota dois critérios para classificação, sendo o 1º a intencionalidade presente nos relatos que, para ele, se mostra no jornalismo de duas maneiras: a. como a tentativa de reproduzir o real e como a tentativa de ler o real e 2º a natureza estrutural do relato que aponta para duas outras categorias: o jornalismo opinativo (opinião e perspectiva temporal e espacial) e o jornalismo informativo (imediatismo e mediação).

opinião e a perspectiva temporal e espacial. Tais escolhas impactam na projeção de um leitor imediatista, um tanto rígido ou convencional.

O *Folha 1* constituiu-se como parte do projeto “Meu ambiente, minha vida”. Os temas dos textos são pertinentes por estarem ligados à linha de estudos desenvolvida pelos alunos naquele projeto e às pesquisas que realizaram, mas também por estarem relacionados às situações sociais vivenciadas pelas comunidades leitoras do *Folha*.

Os títulos do *Folha 1* não são, em geral, grandes o suficiente para informarem, com precisão, o fato relevante. Alguns deles apenas expressam a tentativa de dar agilidade à leitura, mas nenhum deles vem seguido de elementos que podem auxiliar nessa tarefa, como: os subtítulos ou o “olho” (a “lupa”), que destacam elementos mais específicos ou complementares ao título. Por isso, não chegam a cumprir satisfatoriamente o objetivo para o qual são criados.

### *3.1.1 Artigo de opinião no Folha número 1: Resíduo sólido em creche*

O artigo de opinião “Resíduo sólido em creche” foi publicado na página quatro do *Folha 1* e foi produzido por três alunas da turma C, do segundo ano do ensino médio: Alessandra M. Ramalho, Raíssa Miranda Dias e Roberta Alves Trindade. O texto apresenta de forma levemente irônica as tentativas frustradas de uma creche ao tentar reciclar parte do resíduo sólido que produz.

FIGURA 1 – Texto *Resíduo sólido em creche*

**ENTREVISTA EM ARTIGO DE  
OPINIÃO  
RESÍDUO SÓLIDO EM CRECHE**

O resultado da pesquisa realizada na Creche Municipal Maria Urânia, do bairro Turma 37, sobre o volume de resíduo sólido, preocupa.

É grande o número de fraldas descartáveis que vão para o lixo todos os dias. Em torno de 180 fraldas para 9 crianças, num período de 5 dias. Conforme afirmou a diretora da creche, Jaqueline Santos de Souza. Isso quer dizer que cada criança usa em torno de 4 fraldas descartáveis por dia, sem contar o consumo noturno em suas casas. A diretora lembra: "Os pais optam pela fralda descartável, por isso a de pano fica como reserva para ser utilizada quando eles não tiverem condições financeiras para comprar as descartáveis, consideradas pela população mais práticas e fáceis de utilizar". A diretora revela não saber quanto tempo a fralda leva para se decompor no meio ambiente.

A fralda descartável demora cerca de 450

a 600 anos (se não for biodegradável), 1 ano (se for biodegradável) para se transformar em elementos naturais do meio ambiente. Isso justifica a preocupação que não deveria ser apenas da diretora da creche, mas de todos.

Um pequeno projeto para a reutilização de garrafa PET e caixas de leite também é desenvolvido pela instituição. Esses dois materiais são transformados em brinquedos. Apesar dos esforços, é preciso pensar "Essa é uma medida viável. Mas é definitiva?" Os brinquedos não têm grande durabilidade, quanto tempo levarão para se tornarem em resíduo sólido (lixo) da mesma forma?

O planeta carece de soluções mais efetivas, todos sabemos. O difícil é conseguir as tais soluções considerando tempo, distância e ausência de projetos mais abrangentes.

*Alessandra M. Ramalho  
Raíssa Miranda Dias  
Roberta Alves Trindade.  
2º ano C*

Fonte: Recorte do *Folha Conexão Santa Clara 1*.

Formalmente, o texto não apresenta algumas características mais gerais de um artigo de opinião. O título "Resíduo sólido em creche" está vinculado ao núcleo central de investigação proposta e, implicitamente, aponta para uma problemática: a reciclagem, assunto gerador de questões marcadamente polêmicas ou que suscitam muitas divergências, muitas controvérsias. O título não aponta para a leve ironia com que o tema é tratado, não apresenta elementos atrativos para que a atenção do leitor seja capturada, não é, portanto, uma chave que remeta o leitor às informações mais ricas e diversas que estão nas entrelinhas. Não permite ao leitor, em sua primeira incursão ao texto, deslindar e apreender o conteúdo desse texto, porque é um título muito geral e, portanto, pouco informativo. Além disso, não cativa, não prende e não desperta a atenção e a curiosidade do leitor, como o sugere Gradim (2000, p.68-70). Ou como diz Guimarães (1995), não sintetiza poeticamente o texto, com a finalidade de seduzir e criar expectativas.



Relativamente à organização interna, o primeiro parágrafo apresenta a premissa (tese) utilizando-se do recurso de constatação. Nele se vê que o artigo remete o leitor ao universo de referência, mundo real, como é devido a textos do campo discursivo da informação, ao mesmo tempo em que se revela que as informações que traz foram coletadas de uma pesquisa feita *in loco*. Pode-se afirmar que a direção argumentativa, ou seja, o juízo de valor sobre a forma como o resíduo sólido produzido na creche é tratado, é implicitamente assumida, sendo marcada pelo presente do indicativo do verbo “preocupar”, com a forma flexionada “preocupa”.

O resultado da pesquisa realizada na Creche Municipal Maria Urânia, do bairro Turma 37, sobre o volume de resíduo sólido, preocupa.

O segundo parágrafo abre-se com argumento e desenvolve-se com duas justificativas ou suportes, ambas tomadas do discurso da diretora da creche, o que revela a estratégia de coleta de informações por meio de entrevista. Essas informações implicam o objetivo subliminar do artigo, ou seja, “Apresentar as contradições presentes na concepção sobre reaproveitamento de resíduo sólido em creche”. Assim, as autoras do artigo principiam um embate indireto e cauteloso com as concepções da diretora da creche, explorando assim as contradições presentes nas respostas dadas por ela.

O artigo de opinião, então, apresenta-se mesclado, neste ponto, por aspectos de uma sequência dialogal própria da entrevista e da controvérsia que esse gênero suscita. As questões ficam implícitas nas respostas apresentadas, mas é possível ver a tensão gerada, pois cada lado tenta controlar a conversa, direcionando-a segundo os seus interesses. As autoras extraem do discurso da diretora da creche as contradições, e as mostram no artigo com uma argumentação atenuada e vigorosa, o que se conclui pela forma como são postas as tímidas sugestões de que há uma incoerência relativa às soluções encontradas pela diretora da creche para os resíduos sólidos. Vê-se, portanto, nesse jogo de linguagem, a liberdade que têm de investir no tema e apresentarem o juízo de valor com que defendem o ponto de vista.

É grande o número de fraldas descartáveis que vão para o lixo todos os dias. Em torno de 180 fraldas para 9 crianças, num período de 5 dias. Conforme afirmou a diretora da creche, Jaqueline Santos de Souza. Isso quer dizer que cada criança usa em torno de 4 fraldas descartáveis por dia, sem contar o consumo noturno em suas casas. A diretora lembra: “os pais optam pela fralda descartável, por isso a de pano fica como reserva para ser utilizada quando eles não tiverem condições financeiras para comprar as descartáveis, consideradas pela população mais práticas e fáceis de utilizar”. A diretora revela não saber quanto tempo a fralda leva para decompor no meio ambiente.

São raras as modalizações lógicas presentes no texto, vale destacar esta “É grande o número de fraldas descartáveis...” uma asserção autoritária. Dito de outro modo, o aspecto modal dessa declaração positiva tem validade e veracidade que, assumidas pelas autoras/locutoras, influenciam o leitor a tomá-la como premissa verdadeira, ou seja, os leitores são sugestionados a um acordo com a direção dada pelas autoras, à argumentação.

Nesse parágrafo, observa-se que, possivelmente, a dúvida se instala, porque a diretora perspectiva o comportamento dos pais e da população, sem, no entanto, admitir a própria responsabilidade pelo número de fraldas descartáveis que são utilizadas nas crianças ou dar explicações mais abrangentes sobre isso. O que as autoras parecem contestar é a diretora não admitir que o uso dessas fraldas é mais prático e fácil para a creche inclusive e, portanto, não só para as famílias e para a população. Por isso as autoras isolam um comentário da diretora em relação ao desconhecimento sobre o tempo de decomposição das fraldas e que torna, repetido por elas em quase um comentário irônico.

No quarto parágrafo, vê-se a apresentação de argumento do mundo do narrar implicado, do relato interativo, seguido de duas perguntas retóricas. Isso porque há a tentativa didática de ensinar não só à diretora da creche sobre duração da fralda em função da qualidade que se escolhe, mas também a um “todos”.

A fralda descartável demora cerca de 450 a 600 anos (se não for biodegradável), 1 ano (se for biodegradável) para se transformar em elementos naturais do meio ambiente. Isso justifica a preocupação que não deveria ser apenas da diretora da creche, mas de todos.

Este movimento de convocação de um “todos” é estratégico, visto que “todos” reúne a diretora, as autoras, as comunidades que leem o jornal e os pais que preferem fraldas descartáveis às de pano. Esse pronome indefinido serve a diferentes funções: a. Deixar menos marcado o embate travado com a diretora da creche b. Marcar a presença dos leitores do artigo, mas também cooptá-los, visto tratarem-nos como a si mesmas, ou seja, como parte dos que têm algo a aprender, forma subliminar de nova proteção de face.

A fase da conclusão traduz-se em problemática. No quinto parágrafo, as autoras apresentam um pequeno projeto realizado pela creche e parecem reconhecer a importância dos esforços, mas não do projeto, que questionam com duas perguntas retóricas que tendem a parecer irônicas, porque vêm precedidas de um comentário “é preciso pensar”, expressão ambígua gerada pela indeterminação do sujeito relativo ao verbo “pensar” posto no infinitivo, o que

poderia remeter tanto a uma necessidade de todos pensarem, então seriam novamente incluídos leitores, autores, pais, a diretora, como também poderia apontar para outro sentido, o de que quem criou ou implementou o projeto que tenta contribuir para a redução de resíduo sólido na creche, não pensou ou não pensou o suficiente, visto que as perguntas alertam para duas situações: a. A da baixa durabilidade dos brinquedos; b. A da condição de que o que ocorreria seria apenas o adiamento muito pequeno para que o material reciclado voltasse ao estado de resíduo sólido produzido pela creche. Portanto, a técnica de confronto ou embate subliminar permanece nesse parágrafo, permitindo ao leitor inferir uma certa incompetência da gestora, diretora da creche, para pensar em projetos mais eficazes.

Um pequeno projeto para a reutilização de garrafa PET e caixas de leite também é desenvolvido pela instituição. Esses dois materiais são transformados em brinquedos. Apesar dos esforços, é preciso pensar “Essa é uma medida viável. Mas é definitiva?” Os brinquedos não têm durabilidade, quanto tempo levarão para se tornarem em resíduo sólido (lixo) da mesma forma?

A ausência de conexão entre os parágrafos e conectores entre as orações evidenciam as dificuldades dos alunos em conectar as informações temáticas associadas. Esses prejuízos na textualização do artigo se refletem nos leitores que necessitam reconstruir as relações lógicas em quase todo o texto, observando-lhe as relações morfológicas, semânticas, sintáticas e discursivas.

Conquanto se perceba a dificuldade apresentada pelos alunos em relação ao trabalho com conectores, verifica-se a ocorrência de uso de dois conectores no terceiro parágrafo que são fundamentais para a produção de efeito de sentido de ironia no texto. O primeiro conector é uma locução conjuntiva concessiva que marca uma oposição sutil, “Apesar dos esforços...” (3º parágrafo), já o segundo conector é uma conjunção coordenada adversativa, marca de uma forte oposição e, portanto, de intensificação de oposição: “Essa é uma medida viável. Mas é definitiva?” (3º parágrafo). Desmontando essa estrutura, seria possível ver: 1. “Essa é uma medida viável” 2. Se é uma medida viável é porque deve ser definitiva 3. “Mas é definitiva?” 4. Conclusão intencionada pelas autoras: “Não é definitiva”. Portanto, o “mas” instaura a dúvida sobre a validação da viabilidade da medida a partir da negação da perenidade da solução.

O último parágrafo, o de conclusão, introduz-se com uma macrogeneralização, seguida por nova tentativa de envolver todos os participantes do discurso. Em função da macrogeneralização, perde-se completamente o contato com o universo de referência “a

creche”, perdendo-se também a oportunidade de produzir uma conclusão embasada em um argumento muito produtivo como parte/todo. As autoras procuram manter o tom irônico, mas a tentativa é falha, visto que a ironia teria de ser revelada pela expressão “as tais soluções”, mas essa expressão nominal retoma na cadeia referencial “soluções mais efetivas” e não soluções temporárias como as que a creche deu, para resolver o problema das garrafas PET ou das caixas de leite.

O planeta carece de soluções mais efetivas, todos sabemos. O difícil é conseguir as tais soluções considerando tempo, distância e ausência de projetos mais abrangentes.

Das causas apresentadas para o agravamento do problema do resíduo sólido nas creches, duas delas “tempo e distância” não procedem, visto não terem sido mencionadas e, portanto, não terem sido explicadas no desenvolvimento do texto. Apenas a última causa poderia ser retomada ao final do texto; a ausência de “projetos mais abrangentes”. Na conclusão, residem os problemas maiores do texto, pois se perde, em função dela, todo o trabalho de indução anterior que poderia ser culminado com a retomada explícita da tese que se defende no texto, ou seja, algo como “Os projetos para resolver os problemas relativos à produção de resíduos sólidos nas creches são pouco abrangentes”.

A argumentação introduzida pelas redatoras, na segunda parte do último parágrafo, iniciada com a ideia sobre o “planeta” poderia ser aproveitada como penúltimo parágrafo em que se introduziria um argumento do tipo parte/todo. Esse tipo de argumento permitiria às autoras desenvolver um raciocínio: a. o universo micro “creche” ser representativo do universo macro “planeta”, e, relacionar a seguinte situação: da mesma forma como a creche encontrou uma solução imediatista que não resolve o problema dos resíduos sólidos produzidos por ela, também de forma macro é o que tem acontecido no planeta. Assim, tanto para resolver o problema da creche, quanto o do planeta seriam necessárias soluções mais abrangentes, essas soluções exigiriam investimentos para o desenvolvimento de estratégias que aproximassem os locais de produção de resíduo sólido dos locais de sua reciclagem ou coleta seletiva com transporte eficaz às empresas de reciclagem.

Portanto, embora se tente manter a focalização temática estruturada na preocupação em relação ao “volume de resíduo sólido” (todo), “fraldas” (não biodegradáveis) e as “garrafa PET e caixas de leite” (solução temporária), as autoras produziram uma conclusão incoerente, que se revela nas discrepâncias e inadequações entre o desenvolvimento do tema e a conclusão que dificultam ao leitor do texto estabelecer relações de continuidade de sentido

para o texto. Para Roncarati (2010, p. 22), “a incoerência, entre outras coisas sinaliza inabilidade em organizar o conteúdo relevante, em relação às partes constituintes de um texto”.

Com relação à coesão verbal do artigo, cabe destacar nele a predominância do presente do indicativo em toda intervenção das autoras, o pretérito perfeito para a introdução do discurso direto da diretora da creche, a presença do futuro do pretérito do indicativo apenas para apresentar o discurso da ciência, no que diz respeito à hipótese apresentada no 3º parágrafo, o futuro do presente utilizado para a produção das questões retóricas (hipotéticas) do quarto parágrafo e, finalmente, o presente do indicativo de valor gnômico ou sentencioso do último parágrafo, o que dá ao texto um valor autoritário e didático.

O segundo texto a ser analisado é o editorial do *Folha* número 1.

### 3.1.2 Editorial no *Folha* número 1

O “Editorial” publicado na capa ou primeira página do *Folha* 1, foi produzido por duas alunas da turma C, do 3º ano do ensino médio: Daniela Alves Nogueira e Tathiane Honório Schuffner. O texto apresenta os principais problemas ambientais a que o homem, consciente de sua ação desastrosa sobre a natureza, submete o meio ambiente, em função de sua busca desenfreada pelo progresso, e conclama os membros da comunidade escolar a se mobilizarem em favor do meio ambiente.

FIGURA 2 – Texto *Editorial*

## EDITORIAL

Reciclagem. Preocupar-se com o lixo produzido em casa. Acabar com o desperdício de água. Evitar queimadas. Respeitar os recursos naturais. Não prender animais silvestres. Não jogar lixo na rua... Todos conhecem esses e tantos outros preceitos, por isso é condenável a atitude que grande parte da sociedade desempenha no que diz respeito à preservação do meio ambiente. Apesar dos inúmeros desastres ecológicos que ocorrem com demasiada frequência, a população continua cega, e o pior é que essa cegueira é por opção. Não somos especialistas no assunto, mas não é preciso que sejamos para percebermos que o planeta não anda bem.

Desertificações, derretimento de geleiras, aquecimento global, entre outros fenômenos, assustam a população. Seria isso mera coincidência ou a mais clara resposta da natureza contra o descaso com o futuro da terra? Acreditamos na segunda opção.

Enquanto o homem cego pela ganância se empenha na busca obsessiva pelo progresso, o tempo passa e a situação adquire proporções alarmantes. Onde está o tal desenvolvimento sustentável que é ou era primordial? Sabemos que o progresso é inevitável e indispensável para a sociedade, mas vale à pena conquistar esse progresso à custa da destruição da fauna e da flora, da qualidade de vida que a natureza nos proporciona? Não podemos continuar cegos diante dessa realidade.

O que uma pequena comunidade pode fazer em favor do meio ambiente? Pode mobilizar-se para a conscientização e preparar os caminhos para a transformação da realidade. É isto que esse jornal busca: mobilizar os membros de sua comunidade.

**Daniela Alves Nogueira**  
**Tathiane Honório Schuffner**  
 3º ano C.

Fonte: Recorte do *Folha Conexão Santa Clara* 1.

Formalmente, o editorial da *Folha* número 1 não apresenta uma característica fundamental: o título. Esse erro pode ser analisado como bastante marcado, se se considerar que o título vincula-se ao núcleo central de investigação proposta sobre o conteúdo textual e, implicitamente, aponta para o ponto de vista da empresa jornalística sobre a problemática em questão, além de ser o responsável por atrair o leitor. Chaparro (2005), para destacar o quanto o título é fundamental para o universo jornalístico, diz que ele “fisga o leitor” e que “o jornalismo precisa do título como o esfomeado precisa do pão”.

Relativamente à organização interna, o primeiro parágrafo apresenta, inicialmente, a fase de premissas, com uma sequência de máximas ordenadas com pontuação excessivamente forte, já que cada uma das máximas é apresentada com ponto final, quando a vírgula seria suficiente para separá-las. No entanto, o recurso de uso de máximas, em que se utilizam verbos no infinitivo impessoal é uma estratégia considerável para se incluírem no texto vozes sociais a quem as autoras se referem como “todos”. Com essa estratégia que as locutoras/autoras tentam lembrar o leitor de que “grande parte da sociedade” detém o conhecimento que não lhes daria o direito de degradar o meio ambiente; uma tentativa de deixar implícito que o leitor pode fazer parte dessa parcela e agir em consonância com ela.

No entanto, ao redigirem o trecho “Todos conhecem esses e tantos outros preceitos, por isso *é condenável a atitude* que grande parte da sociedade desempenha no que diz respeito à *preservação do meio ambiente.*”, ao invés de destacarem a degradação, destacam a preservação como a atitude que a sociedade desempenharia. Essa incoerência inicial pode produzir um efeito contrário ao esperado por elas. Provavelmente, mesmo sem definirem o erro inicial, as autoras tinham a desconfiança dessa obscuridade do texto, visto terem buscado reformular o dito no período seguinte, ao se referirem aos “desastres ecológicos que ocorrem com demasiada frequência” e à “cegueira” da população. Esse recurso, no entanto, não lhes fez obterem maior êxito, visto não explicitarem a tese e introduzirem no texto um elemento incoerente: “cegueira”. No último período do parágrafo, ainda levadas pelo senso de atribuir clareza ao discurso, elas produzem nova reformulação. As autoras incluem-se no discurso, perspectivando-se “não somos especialistas no assunto”, mas o heterônimo “assunto” novamente falha, pois não auxilia o leitor na compreensão do núcleo central da investigação pretendida (tese). Somente as últimas palavras, da última oração do último período, oferecem uma pista sobre esse núcleo “o planeta não anda bem”.

Na última tentativa de reformulação, ao se perspectivarem, as autoras incorrem na possibilidade de perda da adesão do leitor, em função da assimetria entre os interactantes: enquanto o interlocutor - leitor, parte da população a que as autoras fazem referência - é perspectivado com uma face negativa, como “cego por opção”, as locutoras são aquelas que percebem o que há para ser percebido, são, portanto, perspectivadas por si mesmas com faces positivas. Essa postura das autoras/locutoras é agressiva e pode produzir efeito contrário ao esperado pela instituição jornalística que visa à adesão para a persuasão e não o afastamento do leitor por excesso de pressão.

Os erros evidentes, portanto, nesse parágrafo, são: a. Prolixidade das reformulações textuais infrutíferas que contrariam a condensalidade e a plasticidade (a dinamicidade da forma); b. A subjetividade da linguagem utilizada; c. A ausência de polidez<sup>18</sup> no trato com o leitor/interlocutor d. Não se veem, no primeiro parágrafo, os critérios explícitos de divisão ou organização dos parágrafos seguintes.

Preocupar-se com o lixo produzido em casa. Acabar com o desperdício de água. Evitar queimadas. Respeitar os recursos naturais. Não prender animais silvestres. Não jogar lixo na rua... Todos conhecem esses e tantos outros preceitos, por isso é condenável a atitude que grande parte da sociedade desempenha no que diz respeito à preservação do meio ambiente. Apesar dos inúmeros desastres ecológicos que ocorrem com demasiada frequência, a população continua cega, e pior é que essa cegueira é uma opção. Não somos especialistas no assunto, mas não é preciso que sejamos para percebermos que o planeta não anda bem.

No entanto, apesar dos problemas introdutórios, o primeiro parágrafo remete parcialmente o leitor ao universo de referência pretendido e aponta a direção argumentativa, dada pela última informação do último período “o planeta não anda bem”. Como se viu, as informações coletadas para a produção inicial do editorial advêm de vozes sociais ou *topói* (senso comum).

O segundo parágrafo introduz-se com o mesmo tipo de estratégia de enumeração visto no primeiro parágrafo, a pontuação se altera positivamente com vírgulas, propiciando dinamicidade à leitura. Os argumentos elencados são do mundo do narrar implicado, do relato interativo (da ciência) e estão seguidos de uma pergunta retórica. Essa enumeração pode servir a dois propósitos: a. Alertar o leitor sobre as consequências da devastação e b. Desencadear, pelo efeito de sentido, ou seja, pela pressão que provoca, um sentimento de impotência ou de responsabilização e cuidado já que, conforme dizem as autoras, “assustam a população”. No segundo período deste parágrafo, o pronome anafórico “isso” traduz-se em uma ambiguidade indesejada, pode retomar: a. Desertificações, derretimento de geleiras, aquecimento global; b. Outros fenômenos e c. assustar a população. A melhor forma de solucionar o problema seria utilizar uma expressão nominal para fazer a retomada na cadeia referencial, como em “Os fenômenos acima elencados seriam mera coincidência ou a mais

<sup>18</sup> Interação pressupõe atos de fala que podem resultar em ruptura de equilíbrio pré-existente. Por isso os interlocutores, frente à possibilidade da ameaça às faces procuram manter o equilíbrio e a harmonia. Goffman postula como regras sociais: o autorrespeito e a consideração como comportamentos de ajustes interacionais para a manutenção da face. A face é “valor social positivo, que uma pessoa reclama para si”, isto é, “a imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1980, p. 77). A partir de Goffman, Brown e Levinson (1987), postulam o Princípio Universal da Polidez, isto é, para eles, face é a imagem pública que o sujeito sustenta e constitui-se de face negativa (território) e face positiva (“face”). A elaboração da face (território e face), é uma necessidade social, requer esforço permanente dos indivíduos. A polidez consiste no esforço de manter e aperfeiçoar a própria face e a do outro. Para Goffman “perda da face” é perda de prestígio social, por isso é necessário o trabalho de figuração (GOFFMAN, 1980) que é todas as ações de uma pessoa para preservar a sua face e as faces de todos os participantes de uma interação. Brown e Levinson, 1987, asseguram que essa realidade paradoxal da face necessita da implementação de múltiplas estratégias de polidez para manter a harmonia interacional, mas a impolidez pode ser uma escolha estratégica, racional e elaborada também. (BROWN, P.; LEVINSON, S. 1987. P.67)



clara resposta da natureza contra o descaso com o futuro da Terra?”. Como se vê nesta refacção<sup>19</sup>, a palavra “Terra” foi escrita com letra maiúscula, visto se tratar do planeta e não do solo.

Desertificações, derretimento de geleiras, aquecimento global, entre outros fenômenos, assustam a população. Seria isso mera coincidência ou a mais clara resposta da natureza contra o descaso com o futuro da terra? Acreditamos na segunda opção.

O terceiro parágrafo abre-se com o conectivo “enquanto”, cuja função é, ao mesmo tempo, remeter o leitor ao juízo de desperdício do tempo, e introduzir um argumento de causalidade que poderia ser assim representado: causa “o homem cego pela ganância se empenha na busca obsessiva pelo progresso” e consequência “a situação adquire proporções alarmantes”.

O que se verifica, no entanto, é uma lacuna nesse raciocínio, a causa não tem relação direta com a consequência. Então é necessário pensar em argumentos que ficaram implícitos. A causa coerente para a consequência explicitada no texto deveria ser “O homem, cego pela ganância, não dedica parte do seu tempo para a resolução da problemática da devastação Terra”, a consequência seria, então “Essa devastação adquire proporções alarmantes” o que faria surgir o argumento de conclusão com suporte ou justificativa “Logo, é inválido buscar um progresso de que o homem nada aproveitará, uma vez que todos os fenômenos naturais citados induzem a pensar em catástrofe ou na inutilidade do progresso conquistado pelo homem”. Dessa forma, percebe-se que a má articulação dos argumentos torna o texto obscuro, impreciso e deselegante. Esses fatores são contrários ao que se espera de um texto argumentativo em que o desenvolvimento tem como função precípua explicitar ao máximo tudo o que ficou implícito na introdução. Goffman (1980), Geraldi (1997 e 1996).

A introdução no parágrafo de uma pergunta retórica fundada em uma forte oposição, expressa pelo “mas” (progresso X destruição), traduz-se em dois efeitos: a. Focalizar o tema do

---

<sup>19</sup> Outras operações ou meta-operações (estas, neste grupo de trabalho, estão sendo denominadas de “operações de refacção de textos”) resultam de atividades epilingüísticas que incidem sobre os recursos expressivos enquanto sistematização aberta e por isso mesmo revelam muito mais da relativa ‘autonomia da língua’ e seriam exemplos concretos de “ações da linguagem” presentes nas ações que se fazem com a língua sobre a língua (GERALDI, 1991). Nestas, a produtividade dos processos discursivos, manifestando-se inclusive em microelementos, remete muito mais ao “sistematizado” [...] Se tal produtividade se presentifica na escrita de textos – e, portanto, numa relação interindividual, já que toda escrita é uma proposta de leitura – uma pergunta é essencial: o que tais ocorrências, no seu gesto individual de construção, revelam da atividade mental do nós, uma atividade intra-individual? A hipótese aqui assumida é a de que os gestos de autocorreção, nos diferentes níveis em que se manifestam, revelam na atividade do eu a presença do outro, típica de toda ação da linguagem. (GERALDI, 1996, pp. 139/140).

desenvolvimento sustentável; b. Ironizar o fato de historicamente o mundo ter chegado à conclusão de que o desenvolvimento sustentável é primordial e nada ser feito a esse respeito.

No terceiro período, as autoras discretizam o seu ponto de vista, convocando um nós, de modo a criar um coro de vozes sócio-histórico, cognitivamente consensual, a “cegueira” que era característica de parte da população, passa a ser também característica das locutoras. Isso o fazem, com finalidade claramente argumentativa, ou seja, no intuito de se aliar e/ou buscar a adesão do leitor com quem fazem parecer que dividem um perfil cognitivo. Também neste parágrafo não se vê explicitado o tema “Degradação ambiental por descompromisso com a vida” embora toda a discussão seja nessa direção.

Enquanto o homem cego pela ganância se empenha na busca obsessiva pelo progresso, o tempo passa e a situação adquire proporções alarmantes. Onde está o tal desenvolvimento sustentável que é ou era primordial? Sabemos que o progresso é inevitável e indispensável para a sociedade, mas vale à pena conquistar esse progresso à custa da destruição da fauna e da flora, da qualidade de vida que a natureza nos proporciona? Não podemos continuar cegos diante dessa realidade.

No parágrafo de conclusão, fase final da argumentação, a parte da população da qual o texto tratava, se transforma na comunidade leitora do *Folha*. A pergunta retórica que abre este parágrafo é representativa da voz social dessa comunidade. A pergunta pressupõe a consciência anterior da comunidade sobre a problemática relativa à degradação “O que uma pequena comunidade pode fazer em favor do meio ambiente?”. A resposta à pergunta é claramente pouco eficaz, porque diz respeito a “mais conscientização” quando o jornal deveria incitar o leitor para ações, visto que o leitor é considerado como aquele que tem consciência, dada tanto pelo senso comum (o que deve fazer – informação dada pela enumeração do 1º parágrafo) quanto pela ciência (as consequências do descompromisso com a vida do e no planeta). Dito de outra forma, o texto diz sobre a “cegueira” de parte da população, da sociedade, da comunidade, até da cegueira das locutoras, mas mostra o quanto a comunidade enxerga quando diz que todos conhecem (primeiro parágrafo) e que “sabemos” (terceiro parágrafo). Então, o fundamental para o editorial do jornal como espaço histórico de luta política, não diz respeito a querer que mais pessoas saibam ou se conscientizem sobre a degradação, como o propõe no último parágrafo, mas que o povo aja proativamente contrariamente a ela. Para isso, o editorial deveria incitar a comunidade a trabalhar nesse sentido e não no sentido de uma conscientização sobre a degradação, já que essa conscientização está instalada. Esse tipo de erro, percebido desde o primeiro parágrafo na

dificuldade de formulação da tese, deve-se à ausência de um objetivo claro a ser defendido no editorial.

O que uma pequena comunidade pode fazer em favor do meio ambiente? Pode mobilizar-se para a conscientização e preparar os caminhos para a transformação da realidade. É isto que esse jornal busca: mobilizar os membros de sua comunidade.

Ao final dessa análise, compreende-se que o discurso do editorial é extremamente convencional, mera redação escolar, vazia e incoerente, pois não parece ser um editorial produzido para provocar o leitor a uma mudança de comportamento, o editorial não é um texto pensado na perspectiva de uma interação social real, faltam-lhe: objetivo, tese, articulação, coerência interna e externa.

O *Folha* número 1 está carregado de redações escolares, diria Pécora (1980), ou transcrições de vozes de autoridade, sem que haja crítica dessas vozes. Isso quer dizer que não representam suficientemente os autores, os quais parecem não terem face e cuja voz está subsumida no ruído das vozes dessas autoridades. Dito em outras palavras, esses textos não permitem ao leitor partilhar do diálogo dos alunos com os seus interlocutores, por isso pode-se afirmar que o *Folha* 1 não é senão, o arremedo de conceitos escolares e da voz do senso comum, como se vê no editorial. Isso nos leva a considerá-lo imaturo.

Nesse número, a realidade sócio-histórica parece distante, fora dos muros da escola. As páginas do jornal se sucedem sem que as produções permitam que se transpareça alguma ação comunicativa verdadeiramente interacional, até que se chega ao artigo de opinião, em que as redatoras deixam entrever um pouco de sua face um tanto crítica e irônica, e abrem espaço para que o leitor seja capturado.

Não obstante a todos os problemas que envolvem o processo de produção e o produto, o *Folha* 1 é um jornal que oferece uma contribuição inestimável para a formação dos alunos como sujeitos que vão, timidamente, ocupando espaços sociais e assumindo tarefas mais complexas de produção textual. Produzir textos jornalísticos, ainda que muito convencionais ou ingênuos, exige habilidades ou capacidades e competências, desses alunos, redatores. Eles precisam se organizar, pesquisar (ler), se preparar para as pesquisas de campo produzindo as entrevistas, reescrevê-las, receber críticas do grupo e pesquisar novamente.

Esses alunos precisam agir linguisticamente e comportamentalmente de modo inteligente com os seus colegas de grupo e com outras pessoas a quem entrevistam, para produzirem o

material a partir do qual redigem os textos. É necessário que desenvolvam uma postura para isso, o que quer dizer, desenvolver uma educação muito mais completa do que a mera aquisição de conteúdos. Todo esse processo é ainda o *Folha 1*.

### **3.2 O Folha Conexão Santa Clara número 2**

O *Folha* número 2 é um jornal compacto de 12 folhas com a dimensão de 21 cm X 31,5 cm, fechado e com área impressa de 18,5cm X 29,5cm, impresso em papel branco, AP 75g. Tem como objetivo registrar os eventos que ilustraram as comemorações dos 40 anos e a história da Escola e por isso, tem como tema principal, a história de 40 anos da Escola. Quanto às editoriais, as páginas são divididas em quatro colunas, mas com variações para duas colunas de espaço duplo; o número de textos e gêneros por coluna é variável, indo de um a três textos e às vezes do mesmo gênero, mas, na maioria das vezes, com gêneros distintos, como se comprovará pela análise individual das páginas. A fonte básica é *Times New Roman* com letras, predominantemente, de tamanho 10, exceção apenas para títulos. O número 2 do *Folha* apresenta 40 figuras, sendo 39 fotos e 1 desenho. Em cada página há de duas a quatro imagens. O jornal é *fullcolor*, ou seja, todas as páginas são coloridas. Todas as páginas possuem cabeçalho e todos os seus textos são assinados. O jornal foi produzido em dois meses incompletos: de setembro de 2011 a novembro de 2011.

Além desses aspectos particulares, o *Folha* número 2 traz novidades em relação ao contexto de produção: os alunos estavam envolvidos em um projeto de escrita literária da escola o “*Revista Literária Caminho das Letras*”, eles haviam trabalhado com peças teatrais, recitais e queriam publicar parte disso. Todos estavam muito motivados também pelo clima de produções, as quais foram muito intensas, além disso, já tinham uma ideia de como escrever para o jornal e, aproveitando a oportunidade e as orientações que haviam recebido, produziram o segundo número em que dividiram lugares nas páginas com educadores da Escola.

O quadro de produção alterou-se muito mais, porque os alunos decidiram com maior liberdade sobre o que escrever e o que publicar. Alunos que não participaram na produção do número 1, quiseram dar a sua contribuição. No que diz respeito a assumir responsabilidades e lideranças, houve uma evolução importante. Embora os textos pareçam em alguns momentos inacabados e um tanto infantis, é preciso considerar que aqueles que os escreveram nunca havia produzido nada que fosse para eles tão significativo.

O tema foi proposto pela diretoria e pelos professores de línguas e surgiu da necessidade de se registrar a história de 40 anos da Escola, que foi também a história dos profissionais que construíram uma filosofia de educação a qual imprime em toda a comunidade uma identidade de fazeres relacionados à comunicação.

O trabalho de planejamento do jornal se deu de forma diversa em relação ao primeiro número. O jornal foi uma iniciativa da diretora cuja proposta foi aceita pelas turmas de uma professora. Juntos, professoras e alunos discutiram o que fazer para produzir os textos para o jornal; traçaram linhas gerais de um planejamento em que o mais importante eram as ações para atingir os objetivos.

Não se refletiu, particularmente, sobre os leitores do jornal ou em como persuadi-los, nem sobre o *layout* do jornal, ou suas seções. Os objetivos primeiros eram outros, dentre eles: encontrar o que dizer, os assuntos de que os textos iriam tratar, isso porque o jornal não podia tratar apenas da mídia dos alunos, pois havia um grande interesse em que ele fosse representativo das realizações históricas da Escola. Professores e alunos não planejaram, portanto, página por página do jornal, com escolha de gêneros para cada seção ou coluna. Não havia tempo para isso. Também não foram realizados estudos aprofundados dos gêneros.

A preocupação mais evidente era incluir o maior número de alunos possíveis no processo de produção, para que eles aprendessem com os colegas alguma coisa sobre a linguagem jornalística e se sentissem parte indispensável do processo de produção. A palavra de ordem era que ninguém deveria se excluir, ser excluído ou eximir-se da responsabilidade de produzir. Isso ficou muito claro no planejamento.

Sobre itens de análise do número 2, pode-se afirmar que não se alteram em relação ao número 1. Portanto, entende-se que as etapas de produção, os textos escolhidos para a publicação, o papel social dos produtores e leitores do texto e as noções que os professores tinham sobre os modos de planificação da linguagem, são praticamente os mesmos do número 1.

A variedade de gêneros e textos do *Folha Conexão Santa Clara*, em seu número 2 pode ser conferida na Tabela 2: Gêneros e Textos do *Folha* número 2.

TABELA 2 – Gêneros e Textos do *Folha* número 2

<b>Gêneros</b>	<b>Textos</b>
<b>Centrais presos</b>	
Cabeçalho	1
Editorial	1
Expediente	1
<b>Centrais livres</b>	
Reportagem	22
Notícias	2
Entrevista	2
Comentário	2
Artigo de Opinião	3
Charge	1
Gravura	1
<b>Periféricos</b>	
Curiosidades	1
<b>TOTAL DE GÊNEROS – 11</b>	<b>TOTAL DE TEXTOS – 37</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese, o *Folha* número 2 apresenta três (3) gêneros centrais presos, sete (7) gêneros centrais livres e um (1) gênero periférico, do que se conclui que sejam, portanto, onze (11) gêneros fixos e um (1) variável.

O Quadro 3 coloca uma lente nos textos do *Folha* número 2, apresentando, na primeira coluna, “Páginas” e, na segunda coluna, “Classificação”, sob as seguintes categorias de análise: a esfera discursiva; o gênero de texto; o aspecto tipológico ou tipologia discursiva predominante, o tema e o título e a constituição textual desejável a cada gênero do texto. No quadro, os textos se apresentam na sequência em que aparecem nas 12 páginas do *Folha* número 2.

### 3.2.1 Análise dos textos do *Folha* número 2

O Quadro 3: os textos do *Folha* número 2, a seguir, mostram, as mesmas categorias que foram analisadas no Quadro 2: Os textos do *Folha* número 1.

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Editorial
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A importância do jornal para a Escola.
	<b>Objetivo</b>	Sustentar a ideia da importância do jornal, para a Escola. Destacando a razão central do jornal, esclarecendo questões relativas às temáticas desenvolvidas nas matérias e a intencionalidade dos editores.
	<b>Título</b>	“Editorial”
Textos Página 1	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Comentário
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A importância do hino da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Mostrar o empenho de professoras por ensinar aos alunos o hino da Escola.
	<b>Título</b>	Hino: parceria de Vera Lúcia e Jackeline”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A qualidade de ensino na Escola.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a filosofia de ensino e a definição de ensinar dos professores.
	<b>Título</b>	“O ensino no Waldemar”
Textos Página 2	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Entrevista
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	As mudanças pelas quais passou a Escola, segundo a diretora.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o perfil da diretora, registrando sua filosofia de trabalho.
	<b>Título</b>	“Vilma Leão da Silva: carisma e compromisso na direção da Waldemar”

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

Páginas	Classificação	
<b>Textos</b> <b>Página 3</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Entrevista
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Evolução e retrocessos na Educação.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as evoluções e os retrocessos históricos da educação.
	<b>Título</b>	“Entrevista com o professor Wilson Anjos Silva”
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Pesquisa premiada.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar novidades sobre parcerias da Escola com a UFVJM.
	<b>Título</b>	“Parceria de Sucesso”
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Educação e formação humanística na Escola.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as experiências da vice-diretora sobre o que é educar.
	<b>Título</b>	“Vera Lúcia – uma vice-diretora e muita paixão por ensinar”
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Os objetivos de ensino de Educação Religiosa.
	<b>Objetivo</b>	Divulgar o Ensino Religioso como é proposto na Escola.
	<b>Título</b>	“Educação religiosa no Waldemar”
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O projeto desenvolvido pelos alunos do 2º ano “As fontes de energia”.
	<b>Objetivo</b>	Divulgar o projeto e os seus objetivos.
	<b>Título</b>	“Geografia no Ensino Médio”
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de Opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar



<b>Tema</b>	Congratulações à Escola pelo seu aniversário de 40 anos.
<b>Objetivo</b>	Fidelizar o leitor a esta Escola.
<b>Título</b>	“Waldemar, quarenta anos pelo desenvolvimento humano”

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>												
	<table> <tr> <td><b>Esfera</b></td> <td>Jornalística</td> </tr> <tr> <td><b>Gênero</b></td> <td>Reportagem</td> </tr> <tr> <td><b>Tipologia</b></td> <td>Relatar</td> </tr> <tr> <td><b>Tema</b></td> <td>O trabalho de literatura no sexto ano do ensino fundamental</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Apresentar para a comunidade escolar o projeto “Literatura de Cordel”.</td> </tr> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>“O Sertão... a Literatura de Cordel”</td> </tr> </table>	<b>Esfera</b>	Jornalística	<b>Gênero</b>	Reportagem	<b>Tipologia</b>	Relatar	<b>Tema</b>	O trabalho de literatura no sexto ano do ensino fundamental	<b>Objetivo</b>	Apresentar para a comunidade escolar o projeto “Literatura de Cordel”.	<b>Título</b>	“O Sertão... a Literatura de Cordel”
<b>Esfera</b>	Jornalística												
<b>Gênero</b>	Reportagem												
<b>Tipologia</b>	Relatar												
<b>Tema</b>	O trabalho de literatura no sexto ano do ensino fundamental												
<b>Objetivo</b>	Apresentar para a comunidade escolar o projeto “Literatura de Cordel”.												
<b>Título</b>	“O Sertão... a Literatura de Cordel”												
<b>Textos</b> <b>Página 5</b>	<table> <tr> <td><b>Esfera</b></td> <td>Jornalística</td> </tr> <tr> <td><b>Gênero</b></td> <td>Artigo de opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Tipologia</b></td> <td>Argumentar</td> </tr> <tr> <td><b>Tema</b></td> <td>Projetos do governo na Escola.</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Discutir os métodos de ensino que visam preparar o aluno para um mercado de trabalho exigente.</td> </tr> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>“O grande desafio do educador – Projetos do Governo: PAV – Acelerar para vencer; EJA – Educação de Jovens e Adultos”</td> </tr> </table>	<b>Esfera</b>	Jornalística	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião	<b>Tipologia</b>	Argumentar	<b>Tema</b>	Projetos do governo na Escola.	<b>Objetivo</b>	Discutir os métodos de ensino que visam preparar o aluno para um mercado de trabalho exigente.	<b>Título</b>	“O grande desafio do educador – Projetos do Governo: PAV – Acelerar para vencer; EJA – Educação de Jovens e Adultos”
<b>Esfera</b>	Jornalística												
<b>Gênero</b>	Artigo de opinião												
<b>Tipologia</b>	Argumentar												
<b>Tema</b>	Projetos do governo na Escola.												
<b>Objetivo</b>	Discutir os métodos de ensino que visam preparar o aluno para um mercado de trabalho exigente.												
<b>Título</b>	“O grande desafio do educador – Projetos do Governo: PAV – Acelerar para vencer; EJA – Educação de Jovens e Adultos”												
	<table> <tr> <td><b>Esfera</b></td> <td>Jornalística</td> </tr> <tr> <td><b>Gênero</b></td> <td>Curiosidades</td> </tr> <tr> <td><b>Tipologia</b></td> <td>Relatar</td> </tr> <tr> <td><b>Tema</b></td> <td>A história da Revista Literária Caminho das Letras.</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Apresentar aspectos curiosos sobre a Revista.</td> </tr> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>“Fique sabendo...”</td> </tr> </table>	<b>Esfera</b>	Jornalística	<b>Gênero</b>	Curiosidades	<b>Tipologia</b>	Relatar	<b>Tema</b>	A história da Revista Literária Caminho das Letras.	<b>Objetivo</b>	Apresentar aspectos curiosos sobre a Revista.	<b>Título</b>	“Fique sabendo...”
<b>Esfera</b>	Jornalística												
<b>Gênero</b>	Curiosidades												
<b>Tipologia</b>	Relatar												
<b>Tema</b>	A história da Revista Literária Caminho das Letras.												
<b>Objetivo</b>	Apresentar aspectos curiosos sobre a Revista.												
<b>Título</b>	“Fique sabendo...”												
<b>Textos</b> <b>Página 6</b>	<table> <tr> <td><b>Esfera</b></td> <td>Jornalística</td> </tr> <tr> <td><b>Gênero</b></td> <td>Reportagem</td> </tr> <tr> <td><b>Tipologia</b></td> <td>Relatar</td> </tr> <tr> <td><b>Tema</b></td> <td>A Arte na Escola e na vida.</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Divulgar os princípios de educação em arte na concepção do professor entrevistado</td> </tr> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>“Professor João Eduardo Pereira de Freitas, o seu nome é Arte”</td> </tr> </table>	<b>Esfera</b>	Jornalística	<b>Gênero</b>	Reportagem	<b>Tipologia</b>	Relatar	<b>Tema</b>	A Arte na Escola e na vida.	<b>Objetivo</b>	Divulgar os princípios de educação em arte na concepção do professor entrevistado	<b>Título</b>	“Professor João Eduardo Pereira de Freitas, o seu nome é Arte”
<b>Esfera</b>	Jornalística												
<b>Gênero</b>	Reportagem												
<b>Tipologia</b>	Relatar												
<b>Tema</b>	A Arte na Escola e na vida.												
<b>Objetivo</b>	Divulgar os princípios de educação em arte na concepção do professor entrevistado												
<b>Título</b>	“Professor João Eduardo Pereira de Freitas, o seu nome é Arte”												
	<table> <tr> <td><b>Esfera</b></td> <td>Jornalística</td> </tr> <tr> <td><b>Gênero</b></td> <td>Reportagem</td> </tr> <tr> <td><b>Tipologia</b></td> <td>Relatar</td> </tr> <tr> <td><b>Tema</b></td> <td>A festa de despedida do terceiro ano.</td> </tr> <tr> <td><b>Objetivo</b></td> <td>Divulgar a realização anual do evento.</td> </tr> <tr> <td><b>Título</b></td> <td>“Um show de despedida”</td> </tr> </table>	<b>Esfera</b>	Jornalística	<b>Gênero</b>	Reportagem	<b>Tipologia</b>	Relatar	<b>Tema</b>	A festa de despedida do terceiro ano.	<b>Objetivo</b>	Divulgar a realização anual do evento.	<b>Título</b>	“Um show de despedida”
<b>Esfera</b>	Jornalística												
<b>Gênero</b>	Reportagem												
<b>Tipologia</b>	Relatar												
<b>Tema</b>	A festa de despedida do terceiro ano.												
<b>Objetivo</b>	Divulgar a realização anual do evento.												
<b>Título</b>	“Um show de despedida”												

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O papel da coordenação pedagógica na Escola.
	<b>Objetivo</b>	Divulgar o papel da coordenação.
	<b>Título</b>	“Coordenação Pedagógica na Escola”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A importância da Secretaria.
	<b>Objetivo</b>	Destacar as responsabilidades dos profissionais desse setor e os deveres dele em relação à comunidade.
	<b>Título</b>	“Um show de secretaria”
<b>Textos</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
<b>Página 7</b>	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A organização de salas temáticas, representantes dos projetos executados na Escola nos seus 40 anos.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as salas temáticas como um dos elementos de exposição na festa dos 40 anos da Escola.
	<b>Título</b>	“Salas Temáticas”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Apresentação da sala temática de teatro.
	<b>Objetivo</b>	Rememorar as peças produzidas pela Escola e premiadas no festival Fest Teatran.
	<b>Título</b>	“Um templo para o teatro”

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Apresentação da sala temática dos parceiros da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Destacar a importância dos parceiros da Escola.
	<b>Título</b>	“Nossa história se faz com projetos e parcerias de sucesso”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Apresentação da sala da evolução da Rede física da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a prerrogativa da Escola em ter a maior e a mais privilegiada rede física da cidade.
	<b>Título</b>	“Evolução da rede da Waldemar”
<b>Textos</b>		
<b>Página 8</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Apresentações no anfiteatro.
	<b>Objetivo</b>	Retratar a sequência de apresentações realizadas por mais de 150 alunos do ensino médio.
	<b>Título</b>	“Língua e Literatura do popular ao clássico”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O destaque à qualidade dos policiais do POPI.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar os projetos do POPI da Polícia de proteção integral à criança e ao adolescente
	<b>Título</b>	“Um espaço para a lei – POPI”

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Vitórias conquistadas nos esportes.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar resultados dos jogos com destaque para títulos conquistados pelos alunos nas competições locais e estaduais.
	<b>Título</b>	“História de um povo Polivalente”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Influência dos hábitos alimentares para a saúde.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o tema em uma visão interdisciplinar e prática.
	<b>Título</b>	“Projeto alimentação saudável”
<b>Textos</b>		
<b>Página 9</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Apresentação da sala temática do PROETI (Projeto Escola de Tempo Integral)
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o trabalho com leitura e letramento em congruência com os esportes, o teatro, jogos e música.
	<b>Título</b>	“Um trabalho a pincel”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Comentário
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Leitura nas férias.
	<b>Objetivo</b>	Incentivar o hábito da leitura.
	<b>Título</b>	“Leia!”

QUADRO 3 – Os textos do *Folha* número 2

(Continua)

Páginas	Classificação
Textos Página 10	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Reportagem
	<b>Tipologia</b> Relatar
	<b>Tema</b> Oficina de representação teatral de textos literários (prosa e verso).
	<b>Objetivo</b> Mostrou uma forma interdisciplinar e alternativa de se aprender literatura.
	<b>Título</b> “Oficina: O teatro vive – folclore, tragédia e romance em prosa e poesia”
	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Notícia
	<b>Tipologia</b> Relatar
	<b>Tema</b> Encenação de páginas do “Grande Sertão: Veredas” na festa dos 40 anos da Escola.
	<b>Objetivo</b> Apresentar uma possibilidade de se ler Rosa.
	<b>Título</b> “Grande Sertão: Veredas”
	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Reportagem
	<b>Tipologia</b> Relatar
<b>Tema</b> Encenação de “O Bicho”	
<b>Objetivo</b> Apresentar a visada mais crítica do poema.	
<b>Título</b> “O Bicho – Manuel Bandeira”	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Comentário	
<b>Tipologia</b> Relatar	
<b>Tema</b> Síntese do poema de Gonçalves Dias encenado.	
<b>Objetivo</b> Despertar o desejo de conhecer o poema	
<b>Título</b> “Marabá”	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Reportagem	
<b>Tipologia</b> Relatar	
<b>Tema</b> Encenação para Homenagem a Gregório de Matos Guerra.	
<b>Objetivo</b> Destacar a importância de representar um poema de um autor crítico de instituições governamentais, militares e religiosas do séc. XVII.	
<b>Título</b> “Epigrama – Gregório de Matos Guerra”	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Comentário	

	<b>Tipologia</b>	Encenação de “O Bicho”
	<b>Tema</b>	Relatar
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a visada mais crítica do poema.
	<b>Título</b>	“O Bicho – Manuel Bandeira”
<b>Textos</b> <b>Página</b> <b>11</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A opinião sobre o trabalho: Roda de versos em que se canta Minas Gerais do passado e do presente.
	<b>Objetivo</b>	Sustentar a hipótese da importância de uma estratégia de ensino. “Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje”
	<b>Título</b>	“Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Encenação de “Romeu e Julieta” na festa dos 40 anos da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Destacar a leitura de peças consagradas e a encenação da peça Romeu e Julieta.
	<b>Título</b>	“Romeu e Julieta”
<b>Textos</b> <b>Página</b> <b>12</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Crítica à reprise das apresentações realizadas pelos alunos do Ensino Médio, no dia do aniversário de 40 anos da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Sustentar a importância do trabalho realizado pelos alunos. “Um breve olhar”
	<b>Título</b>	“Um breve olhar”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Expediente
	<b>Tipologia</b>	Expor3-21
	<b>Tema</b>	Apresentação dos colaboradores e parceiros da Escola no processo de produção do jornal.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar os colaboradores e parceiros na produção do jornal.
	<b>Título</b>	“Expediente”

Fonte: Elaborado pela autora.

A Tabela 2 e o Quadro 3 acima apontam para a predominância de gêneros fixos, jornalísticos centrais, o que nos leva a concluir que o *Folha 2* mantém a tendência já apresentada no *Folha 1* de apresentar gêneros mais essenciais ou básicos. O número 2 é mais criativo que o

número1, apresenta temáticas mais relevantes para abranger um público maior de leitores, uma vez que priorizou a mídia escolar e, portanto, o protagonismo de membros da comunidade escolar, como direção, secretários, professores e, sobretudo, dos alunos em realizações de projetos, além de lhes permitir a todos, voz e autoria muito mais frequente e autônoma, ainda que sejam os textos publicados por eles muito curtos ou menos bem realizados que os do *Folha 1*.

No *Folha 2*, a preocupação com o real que se afigura é o da filosofia e o da vida escolar em clima de aprendizagem e festa de caráter histórico e pedagógico, por isso a predominância do relato, do jornalismo informativo e opinativo. Tais escolhas impactam na projeção de um leitor imediatista, mas agora esse leitor tem outras faces: o aluno que quer se ver protagonista, os profissionais de cada área do conhecimento e dos diferentes setores da escola que querem também se ver representados nesse número 2 do jornal (quase um documentário do aniversário de 40 anos da escola).

A filosofia da escola “a arte como forma de educar” sobressai nas páginas do *Folha 2*. Essa filosofia é o fulcro dos trabalhos interdisciplinares, por isso está bem concretizada em cada projeto que a espelha da primeira à última página do jornal, nos textos híbridos de palavras e fotos.

A temática “Aniversário de 40 anos” do *Folha 2* desdobra-se em textos de temas diversos e pertinentes àquele, representativos de visadas sobre o que se construiu historicamente a partir de uma filosofia, de uma educação e de uma pedagogia que nos últimos 10 anos têm se desenvolvido na esteira também do desenvolvimento de projetos institucionais e no surgimento de outros menores. Os títulos tornam-se mais criativos, mais poéticos, mais cativantes; muitos deles são chaves e orientadores de leitura, propiciam uma compreensão textual rica e diversa, anunciam, encabeçam, capturam e apreendem o leitor em seu primeiro debruçar nas páginas do jornal, mas uma boa parte deles tem função eminentemente prática, cumpre a tarefa de oferecer ao leitor uma prévia da leitura que fará. Os títulos longos visam cobrir a ausência de subtítulos e “olho” ou “lupa”, mas isso parece não fazer falta na boa parte dos textos, cujo título parece ser suficiente e, portanto, satisfatório por cumprirem o objetivo para o qual existem.

### 3.2.2 Artigo de Opinião no Folha 2: Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje

FIGURA 3 – Texto Roda de versos: Minas ontem, Minas hoje

Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje

**Artigo a partir de entrevista a Filipe Soares Cajazeiro, 1º E - Ensino Médio**

O objetivo do evento de comemoração dos 40 anos é mostrar para a comunidade a cultura que, com o passar dos anos está sendo desvalorizada e esquecida pela população mais jovem. A Escola está cumprindo o seu papel de levar conhecimento e cultura à comunidade. A latê de elaborar a exposição da Roda de Versos foi da professora Tércia Rodrigues Timo com a colaboração dos alunos. O objetivo da exposição é demonstrar conhecimento de atividades desenvolvidas em Minas ontem, por pessoas que não tinham outro tipo de lazer. É muito importante manter viva a Roda de Versos para manter viva a cultura dos nossos antepassados. Para mim, a Roda de Versos tematiza a forma cultural de se discutir assuntos importantes como foi feito com o Direito do

Trabalho, pela utilização do refrão de “Mulhé Rendeira” e discutir Filosofia com o refrão de “A Pombinha Voou”. Mas também de buscar a tradição do causo mineiro como as mentiras de pescador nos versos da “Traíra”. Foi bom aprender através de uma tradição tão divertida quanto a Roda de Versos Minas ontem, Minas hoje. A reação das pessoas diante da apresentação foi de euforia por estarem revendo uma tradição quase extinta. A literatura proporciona conhecimentos adicionais na minha vida. Mais importante é o resultado final do projeto, o processo é sempre difícil. Há uma contribuição para o desenvolvimento das inteligências para os participantes e para a plateia. Enfrentamos problemas inicialmente com o desinteresse de alguns alunos; mas, no decorrer do trabalho, compreenderam e fizeram acontecer com sucesso.

**Kevin Dantas Schweighofer - 1º E**



*Exposição Roda de Versos*

Fonte: Recorte do *Folha Conexão Santa Clara 2*.

O artigo de opinião “Roda de versos: Minas ontem, Minas hoje” foi publicado na página 11 do *Folha 2*, tendo sido por dois alunos da turma E, do primeiro ano do ensino médio: Filipe Cajazeiro (aluno entrevistado) e Kevin Dantas Schweighofer (entrevistador e redator do artigo). O texto tematiza a releitura de uma cultura antiga para a aprendizagem dessa cultura e de novos conceitos baseados na no Direito e na Filosofia sem perder a graça e a ludicidade, mas a intencionalidade de sua produção aponta para conclusões pedagógicas ao sustentar a tese “É importante manter viva a cultura dos nossos antepassados”.

O título “Roda de versos: Minas ontem, Minas hoje” pode instigar o leitor, visto que traz o nome de um entretenimento que já não é habitual na maior parte do estado de Minas Gerais, onde as pessoas se reuniam em rodas para “jogarem” ou recitarem versos rimados e improvisados, sustentados por um refrão. Outro elemento que pode instigar o leitor é o



binômio antitético temporal dado pelos advérbios “ontem”/ “hoje”, marcando “passado” e “presente”. O título induz o leitor a, pelo menos, duas questões: a primeira diz respeito a conhecimentos prévios que o remetam à atividade de cultura popular “Roda de Versos”, o que nos leva a afirmar que o título neste sentido é exofórico e extratextual, uma vez que remete o leitor para uma realidade não explicitada no texto; a segunda questão é a dificuldade representada pela conciliação desse binômio “ontem” “hoje”, explicada no decorrer do artigo, o que justifica classificar parte desse título como catafórico e intratextual, já que o leitor encontrará no texto a explicação sobre a atividade ligada à tradição cultural mineira que viabiliza a síntese “passado presente”.

Chama maior atenção, no entanto, a forma de composição do subtítulo do artigo de opinião, descrita abaixo do título. A princípio, pensamos em classificar tal uso como equívoco e o texto como produto de plágio, mas preferimos a via da descrição e de uma explicação menos generalizante. Assim, dado fugir ao critério mais habitual de composição de subtítulos, preferimos entender o recurso utilizado por Schweighofer como uma estratégia utilizada pelo redator na busca de soluções para a própria produção textual. A frase que provoca tais reflexões é: “Artigo a partir de entrevista a Filipe Cajazeiro, 1º E – Ensino Médio”. Para compreender a ação de Schweighofer, voltamos ao contexto de produção o qual nos oferece pistas sobre os motivos que o levaram a utilizar-se do recurso. O redator do texto faz a opção por deixar registrado, algo que deveria ser suprimido. Mero erro de edição, equívoco, seria a primeira hipótese, mas precisamos considerar que Cajazeiro, colega de Schweighofer a quem este entrevista, era, àquela época, visto pelos alunos do ensino médio vespertino, dentre outros, como o mais habilidoso, capaz e competente para o uso de linguagens diversas, visto ser reconhecido bom aluno, ator, cantor, compositor, violonista e percussionista exímio. Assim, levanta-se a segunda hipótese de leitura do equívoco de Schweighofer, este poderia ter deixado a frase que está no lugar do subtítulo como forma de capturar a atenção do leitor com uma voz que para ele e para grande número de leitores do *Folha 2* é a voz de uma autoridade. A terceira hipótese de leitura é complementar à segunda, Schweighofer não quer se expor sozinho, então mistura sua voz à de Cajazeiro, toma a voz deste, afirma que o faz, mas não se utiliza de marcas linguísticas para separar os discursos. Isso pode se dar porque Schweighofer não tem noções de como fazê-lo ou porque, juntando a voz de Cajazeiro à sua, torna a persuasão mais provável. Apesar disso, não abre mão da autoria, assina o texto para possivelmente mostrar que à resistência da competência de fala de Cajazeiro corresponde a resistência da competência de escrita do autor.

Assim, não se sabe ao certo, por ausência de marcas linguísticas, até que ponto o texto é de autoria de um ou de outro, mesmo quando surgem marcas linguísticas como no terceiro parágrafo “Para mim (...)”. Embora se desconfie de que a voz dominante seja a de Cajazeiro. Em função dessas possibilidades de dupla autoria, preferimos aqui tratar este artigo como produção de dois autores e não apenas de quem o assina<sup>20</sup>.

Quanto à infraestrutura geral, o texto organiza-se em discurso interativo do mundo do expor implicado, de sequência argumentativa predominante. A fase de apresentação se inicia com a exposição do objetivo geral do evento de comemoração dos 40 anos da escola, trazendo assim de forma abrangente o contexto em que se dá a atividade, resultado do projeto de cultura mineira. Apresenta-se então uma constatação e a justificativa da importância de se trazer de volta a atividade cultural de que o artigo tratará e, em seguida, traduz-se essa importância em premissa (tese) a ser defendida. Nos dois últimos parágrafos, desenvolve-se de forma mais acirrada a fase da argumentação com justificações ou suportes que variam do mais racional ao emocional, contrabalançando as forças de convencimento e de persuasão, nesta fase e na próxima percebem-se algumas ausências de justificações do argumento. Mesmo assim, a fase da conclusão apresenta a integração dos efeitos dos argumentos.

Com relação aos mecanismos de textualização, verifica-se que os quatro parágrafos do texto organizam-se, sem conexão marcada por elementos linguísticos, mas a progressão temática e a coerência se dão a partir da organização textual (do maior para o menor), ou seja, partindo da descrição no âmbito mais geral para o mais específico, para posteriormente voltar ao âmbito mais geral. A progressão ainda se dá a partir da organização dos objetivos alcançados. Assim se veem representados quatro pilares do universo de referência do mundo real: a juventude, a escola, os alunos e o público (pessoas de todas as comunidades que conformam a comunidade escolar e esta). A textualização se dá pelo uso de ostensiva coordenação, marcada, às vezes, pela presença de conectores aditivos, com raro conector adversativo; por isso também, não é difícil perceber a fragmentação, sobretudo, no segundo e no quarto parágrafos. Não obstante, a mudança de assunto contínua sem sustentação ou explicação para cada um deles é o maior responsável pela fragmentação. Quanto à coesão verbal, pode-se afirmar que o presente do indicativo domina praticamente todo o texto, com raras inserções do

---

<sup>20</sup> Fazemos esta escolha, mesmo reconhecendo que Bronckart (1999, p. 130) afirma ser o autor, à primeira vista, quem assume ou toma posição sobre o que é enunciado, ou aquele que atribui explicitamente essa responsabilidade a outros. Assim, o autor seria, aparentemente, responsável pela escolha do conteúdo temático a ser semiotizado, pelo modelo de gênero próprio a uma determinada situação de comunicação, pela seleção e organização das sequências textuais, e pelo gerenciamento dos diversos mecanismos de textualização, etc.; ou seja, seria autor o responsável pela totalidade das operações que dão ao texto seu aspecto definitivo.

pretérito perfeito, tais tempos garantem parte da coesão textual e estão em acordo com o que se requer para o gênero artigo de opinião.

Feitas essas primeiras considerações, podemos progredir a análise do texto, retomando os mecanismos enunciativos: os agentes-produtores. Ambos os autores, Schweighofer e Cajazeiro dialogam, com uma voz subliminar, ou seja, parte dos destinatários que provavelmente lhes impõe resistência e que diverge fortemente deles: a voz da população mais jovem que desvaloriza e se esquece da cultura antiga. Essa oposição traduz-se na marca mais clara do dialogismo e da polêmica necessárias à produção do gênero artigo de opinião:

O objetivo do evento e comemoração dos 40 anos é mostrar para a comunidade a cultura que, com o passar dos anos, está sendo desvalorizada e esquecida pela população mais jovem.

No segundo parágrafo, Schweighofer e Cajazeiro buscam justificar a prática pedagógica com o argumento de que a “Roda de Versos” é um conteúdo escolar obrigatório, no que diz respeito ao tópico “cultura”. Em seguida, propõem valorizar a atividade “Roda de Versos” de forma persuasiva, fazendo um apelo ao leitor jovem para que compreenda a importância histórica do entretenimento, criado por mineiros que viveram em um passado longínquo “antepassados”, e reafirmam a necessidade de preservação da cultura mineira. Nesse ponto, não deixam claro se sabem que, embora antiga, a tradição das rodas de versos eram muito comuns, no interior do estado, há menos de 40 anos e que ainda têm um espaço naqueles ambientes. Mesmo assim, precisamos considerar que os autores, implicitamente, tentam justificar, ao mesmo tempo, a ingenuidade dos criadores das rodas e a ausência de conhecimento dos jovens (que os criticam), com quem os autores parecem partilhar também certa restrição à atividade, restrição cujas pistas surgem primeiro, na passagem: “O objetivo é demonstrar conhecimento de atividades desenvolvidas em Minas ontem, por pessoas que não tinham outro tipo de lazer”. Nessa frase, deixam implícito que hoje os autores e os outros jovens têm outros tipos de lazer. E, posteriormente, na modalização enfática inicial relativa ao apelo da frase seguinte: “É muito importante manter viva a cultura dos nossos antepassados.”, frase cujo argumento não vem seguido de sustentação.

A escola está cumprindo o seu papel de levar o conhecimento e cultura à comunidade. A ideia de elaborar a exposição foi da professora X com a colaboração dos alunos. O objetivo da exposição é demonstrar conhecimento de atividades desenvolvidas em Minas ontem, por pessoas que não tinham outro tipo de lazer. É muito importante manter viva a cultura dos nossos antepassados.

Para se afastarem da restrição, buscam convencer o leitor pela sustentação da tese com argumentos racionais que dizem respeito à aprendizagem de Direito e de Filosofia que se deu, à medida que aprendiam, ludicamente, um pouco de tradição dos “causos mineiros” e “das mentiras de pescador”. Observe-se que a justificativa racional não diz respeito realmente à tradição, mas ao que foi acrescentado a ela. Mesmo assim, a estratégia de convencer e persuadir tende a conquistar o auditório, porque atuam sobre esse auditório, duas forças fundamentais: a razão e a emoção. Para reafirmarem o valor da tradição do folclore mineiro e sobre a sua aprendizagem, introduzem: primeiro, a ideia de terem produzido, a partir das músicas tradicionais, paráfrases; depois introduzem no texto a palavra “diversão”, argumento fundamental que reforça o trabalho de persuasão do leitor e na defesa da tese:

Para mim, a Roda de Versos tematiza a forma cultural de se discutir assuntos importantes, como foi feito com o Direito do Trabalho, pela utilização do refrão de “Mulhé Rendeira” e discutir Filosofia com o refrão de “A Pombinha voou”. Mas também de buscar a tradição do caso mineiro como as mentiras de pescador nos versos de “Traíra”. Foi bom aprender através e uma tradição tão divertida quanto a Roda de Versos Minas ontem, Minas hoje.

Na conclusão, outro argumento é utilizado, os autores descrevem a reação do público que assistiu à apresentação, e para aumentarem a persuasão introduzem a palavra “euforia”, reafirmando em seguida a ação causada pela literatura “proporciona conhecimentos adicionais”. Em seguida, lembram que não é simples o processo, em outras palavras, que a aquisição de conhecimento não é fácil ou rápida, mas que os ganhos que se veem ao final dele, “desenvolvimento de inteligências para os participantes e a plateia”, são uma contribuição deixada pelo projeto. No fecho do artigo, fazem lembrar também o principal problema enfrentado - “desinteresse de alguns alunos” - para depois mostrarem que compreenderam e fizeram os trabalhos terem um saldo positivo:

A reação das pessoas diante da apresentação foi de euforia por estarem revendo uma tradição quase extinta. A literatura proporciona conhecimentos adicionais na minha vida. Mais importante é o resultado final do projeto, o processo é sempre difícil. Há uma contribuição para o desenvolvimento das inteligências para os participantes e para a plateia. Enfrentamos problemas inicialmente com o desinteresse de alguns alunos; mas, no decorrer do trabalho, compreenderam e fizeram acontecer com sucesso.

O texto então nos permite inferir com mais clareza o objetivo e a intencionalidade dos autores, ou seja, incentivarem os alunos a se permitirem participar, sem preconceitos, de atividades que propõem uma releitura da cultura histórica dos “antepassados”, enquanto proporcionam uma aprendizagem para o presente. Talvez seja interessante notar como a voz

dos autores é orientada por um discurso escolar subliminar, o discurso da necessidade de disciplina para a aprendizagem. Parece-nos que os autores estão cientes da sua posição, embora admitam e desejem que essa posição seja partilhada e adotada por grande parte dos leitores do artigo. Por isso escrevem para convencer e persuadir.

A suspeita de que os próprios autores, embora escrevam para defender a atividade realizada no projeto de cultura, façam alguma restrição a ela, parece bastante importante, porque nos faz pensar nos autores como aqueles que dizem o que acreditam ser correto para um dado contexto sócio-histórico, para um determinado público, em um suporte específico. Escrever para o jornal da escola é então uma atividade de linguagem que se aproxima muito do real, já que é representativa de pressões sociais reais.

### 3.2.3 *Editorial no Folha 2*

Figura 4 – Texto *Editorial*

## Editorial



**Equipe Administrativa 2011 – Oldair, Vilma, Jacqueline e Vera**

A comemoração dos 40 anos da E.E. Dr. Waldemar Neves da Rocha iniciada em 16 de junho com o lançamento do Jornal Folha Conexão Santa Clara, teve culminância no dia 30 de setembro. O Jornal Folha conexão Santa Clara, nasceu de uma parceria oferecida pelo SESC-TO à E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. E deu certo! O empreendimento foi bem - sucedido ao garantir o contato dos alunos com o texto jornalístico. A abertura do evento de comemoração contou com a execução do Hino Nacional Brasileiro pela Banda de Música do 19º Batalhão da PM; e, posteriormente, com o Hino da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha cantado pela comunidade. A vice-diretora, Jacqueline Guimarães Gonçalves fez uma oração de ação de graças pelo aniversário da Escola. A diretora Vilma Leão da Silva abriu os trabalhos daquela tarde. A cerimônia contou com a presença de cidadãos ilustres como autoridades políticas, militares, ex-alunos, ex-professores, ex-diretores, ex-funcionários. Familiares do Dr. Waldemar prestigiaram a festa que teve por objetivo apresentar a história deste Educandário à toda comunidade escolar.

Esse evento foi um momento excepcional de trabalho e demonstração da força desta Escola. As atividades desenvolvidas por alunos e professores contaram com diversas apresentações culturais, visando levar conhecimento e entretenimento à comunidade.

Os alunos do ensino médio vespertino foram a campo registrar os acontecimentos em fotos, artigos, notas e entrevistas à direção, aos professores que mais dominam o contexto histórico dessa comunidade escolar. Registraram homenagens, história, arte, literatura, crenças, princípios que são a filosofia viva desta Escola. Tudo isso para compor esta segunda edição. A edição: Aniversário da Escola Waldemar.

**Eva Almeida Martins  
Maria Luíza Barbosa Gonçalves - 2º C**

Fonte: Recorte do *Folha Conexão Santa Clara 2*

O “Editorial” do *Folha 2*, publicado na primeira página ou na capa do jornal, foi produzido pelas seguintes alunas do 2º ano C do ensino médio: Eva Almeida Martins e Maria Luíza Barbosa Gonçalves.

Este editorial deveria focalizar, comentar e analisar um dos acontecimentos históricos mais marcantes da Escola em sua festa de 40 anos - a criação do jornal *Folha Conexão Santa Clara* - o que implica o mundo social e sua história e cultura. Para isso, as autoras deveriam trazer a opinião dos editores do *Folha* sobre a criação desse suporte. Assim se ouviria a voz dos editores pelas vozes das alunas Martins e Gonçalves, cuja tarefa seria persuadir os leitores a pressionarem os poderes públicos; nesse caso, a direção da Escola, a manter o jornal em funcionamento como projeto institucional. Para isso, trabalhariam seguindo os padrões do gênero, de estrutura predominantemente argumentativa e funcional persuasiva, apresentando ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusão.

Mas, uma primeira visada no editorial do *Folha 2* já justifica o descrédito com que o texto pode ser visto. De início, apresenta uma sequência de falhas: não tem título que o encabece, que o anuncie, que o abra para o leitor; no lugar deste surge a imprópria indicação do gênero. As autoras garantem a impessoalidade da linguagem objetiva, mas a condensalidade (delimitação do tema e redução de argumentos) é desrespeitada.

Quanto à infraestrutura geral, segundo Bronckart (2012 [1999]), textos como o editorial pertencem ao mundo do expor autônomo e do discurso teórico. Neste editorial, a descrição dá sustentação à sequência argumentativa, representativa da função social que o editorial precisa assumir, ou seja, convencer e persuadir.

Com relação aos mecanismos de textualização, verifica-se que os quatro parágrafos do texto organizam-se sem conexão marcada por elementos linguísticos, mesmo assim, a progressão temática e a coerência se dão a partir da organização textual fundada em duas teses, em que a primeira domina e engloba a segunda.

A coesão nominal é garantida pelo trabalho de pronominalização, e a coesão verbal, pela predominância dos verbos no presente do indicativo com uso discreto do pretérito perfeito.

Dentre as dificuldades deste editorial, há que se considerarem alguns desvios da norma padrão da língua: (i) um dos itens do substantivo próprio “Folha conexão Santa Clara” em minúscula; (ii) a ausência de vírgulas para separar termos coordenados (adjuntos adverbiais) em: “[...]”

Rocha iniciada em 16 de junho com o lançamento do Jornal Folha Conexão Santa Clara, teve [...]” e 4. O uso indevido do acento indicativo de crase antes do pronome indefinido “toda” em “[...] apresentar a história deste Educandário à toda comunidade escolar.”.

Nos primeiros períodos - do primeiro parágrafo, de mais de quinze linhas, aspecto que depõe contra a plasticidade e dinamicidade do texto -, após breve contextualização, as autoras focalizam o tema e deixam parcialmente implícita a primeira tese que afirma sobre o lançamento do *Folha* “E deu certo!”, dita em outras palavras, a tese seria “O *Folha* deu certo!”. Com essa tese, assumem o ponto de vista que defendem, ao apresentarem um juízo de valor.

Sem mudarem de parágrafo, entram na fase da argumentação, apresentando um argumento com um único suporte ou explicação “O empreendimento foi bem-sucedido ao garantir o contato dos alunos com o texto jornalístico”. Explicações sobre o jornal, comentários ou análise das mudanças trazidas pelo suporte que poderiam ser apresentadas com argumentos e justificativas não o foram, por isso a expectativa do leitor é quebrada: o tema focalizado inicialmente parece desaparecer do texto.

As autoras focalizam outro tema - “a apresentação dos eventos e participações na festa dos 40 anos da Escola” -, como se houvessem esquecido o tema base do editorial. A quantidade de texto com que dão prosseguimento a este novo assunto é pelo menos duas vezes maior que a do tema inicial. Nesse ponto, o discurso argumentativo é substituído pelo discurso descritivo, cuja maior qualidade é induzir o leitor à composição de uma grande tela em que se veem eventos da festa dos quarenta 40 anos da Escola.

O primeiro parágrafo se encerra, trazendo o objetivo da festa “apresentar a história deste Educandário à toda comunidade escolar”.

A comemoração dos 40 anos da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha iniciada em 16 de junho com o lançamento do Jornal Folha Conexão Santa Clara, teve culminância no dia 30 de setembro. O Jornal Folha conexão Santa Clara, nasceu de uma parceria oferecida pelo SESC-TO à E. E. Dr Waldemar Neves da Rocha. E deu certo! O empreendimento foi bem-sucedido ao garantir o contato dos alunos com o texto jornalístico. A abertura do evento de comemoração contou com a execução do Hino Nacional Brasileiro pela Banda de Música do 19º Batalhão da PM; e, posteriormente, o Hino da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha foi cantado pela comunidade. A vice-diretora, Jacqueline Guimarães Gonçalves fez uma oração de ação de graças pelo aniversário da Escola. A diretora Vilma Leão da Silva abriu os trabalhos daquela tarde. A cerimônia contou com a presença de cidadão ilustres como autoridades políticas, militares, ex-alunos, ex-professores, ex-

diretores, ex-funcionários. Familiares do Dr. Waldemar prestigiaram a festa que teve por objetivo apresentar a história deste Educandário à toda comunidade escolar.

O segundo parágrafo abre-se com a segunda tese “Esse evento foi um momento excepcional de trabalho e de força desta Escola”, em que também se vê expresso um juízo de valor, que obriga as autoras às justificativas subsequentes.

Esse evento foi um momento excepcional de trabalho e de força desta Escola. As atividades desenvolvidas por alunos e professores contaram com diversas apresentações culturais, visando levar conhecimento e entretenimento à comunidade.

O último parágrafo retoma a tese inicial, criando, com o discurso descritivo, uma nova tela, a da festa ainda, mas agora, em que surgem os alunos atuando ativamente como jornalistas. Assim, mostrar a utilidade do jornal é a técnica persuasiva utilizada pelas redatoras Martins e Gonçalves. Para elas, discutir a utilidade do projeto, não pode ser mais importante do que mostrá-lo em seu processo de execução, transformá-lo em imagem. A nova tela parece ter o objetivo de mostrar como o jornal mobiliza os alunos à realização de trabalhos importantes como a cobertura total de um evento, relativamente grande, em que esses alunos são apresentados como aqueles que têm a tarefa e o compromisso de apresentarem aquele evento, na segunda edição do *Folha Conexão Santa Clara*.

Os alunos do ensino médio, vespertino, foram a campo registrar os acontecimentos em fotos, artigos, notas e entrevistas à direção, aos professores que mais dominam o contexto histórico dessa comunidade escolar. Registraram homenagens, história, arte, literatura, crenças, princípios que são a filosofia viva desta Escola. Tudo isso para compor esta segunda edição. A edição: Aniversário do Waldemar.

Talvez agora seja importante ouvir Beltrão (1980): “Um jornal sem voz nem voto é como um homem sem juízo. Jornalismo que não se sente capaz ou não pode dar orientação nem formular critérios é um jornalismo sem uso da razão”. Tal afirmação, neste ponto da análise, leva-nos a reforçar que este editorial, à sua maneira, está intrinsecamente relacionado a um tempo, a um espaço e a um público que valoriza imagens e por isso pode ser considerado um evento de comunicação dinâmico e uma realidade histórica.

O *Folha* número 2 é mais próximo do que se espera de um jornal dos alunos da escola. Embora os textos dos profissionais da Escola ocupem grandes espaços em suas páginas, os alunos têm um espaço para a sua mídia, o que os motiva. Mas as reportagens, por exemplo, ainda são produto de transcrições de vozes de autoridades, sem que haja crítica a essas vozes e, por isso, não parecem representar os autores. As entrevistas são menos tímidas, mais



criativas, vibrantes e inteligentes. Textos mais densos, como o editorial e o artigo de opinião, permitem entrever escolhas, autoria e interação.

A maioria dos outros textos são relatos muito curtos, um tanto repetitivos e, às vezes, incompletos. Isso pode parecer um ponto muito negativo, mas não para nós que vemos esses textos como parte de um processo de conquista de espaço e de autoria, como uma oportunidade para os alunos, como a “chance de dizer, mostrar, conhecer, divertir, ou seja, lá o que for, outra atividade a que possa atribuir um valor e um empenho pessoal”. (PÉCORA, 1980, p. 69)

Nesse número, a realidade sócio-histórica parece muito mais próxima, o leitor se sente dentro dos muros da Escola, vendo-a, sentindo a filosofia, o processo educacional, é isso que os redatores têm a dizer. As outras produções dos alunos, excluindo-se o editorial e o artigo de opinião estão ainda muito centradas no autor que não tem muita noção do processo de interação de que participa - é o que deixam transparecer os textos -, mas o leitor é capturado por esse espaço alegre e festivo que é o *Folha 2*, um espaço de muito maior liberdade que o *Folha 1*, de muito maior responsabilidade e autonomia dos alunos, como se leu no editorial.

### **3.3 O *Folha Conexão Santa Clara* número 3**

O *Folha* número 3 é um jornal tabloide de 16 folhas com a dimensão de 30cm X 43cm, fechado, com área impressa de 27cm X 40cm e impresso em papel jornal. Este jornal teve como objetivo compor o perfil de crenças da escola, dos alunos e das comunidades em que vivem e como tema principal, a realidade segundo a Escola, os alunos e as comunidades.

Quanto às editorias, as páginas são divididas em quatro colunas, mas com variações para duas colunas de espaço duplo; o número de textos e gêneros por coluna é variável, variando entre 1 e 5 textos, às vezes do mesmo gênero; mas, na maioria das vezes, com gêneros distintos, como se verá na análise individual das páginas; a fonte básica é *Times New Roman* com letras, predominantemente, de tamanho 12, exceção apenas para títulos. O número 3 do *Folha* apresenta 40 figuras, sendo 23 fotos, três charges, uma tira, quatro gráficos, uma tabela, uma poema visual, duas cruzadinhas, um caça palavras e quatro desenhos. Em cada página há de uma a cinco imagens. O jornal tem apenas a primeira e a última página coloridas. Todas as páginas possuem cabeçalho e todos os seus textos são assinados.

O *Folha 3* foi produzido sob condições muito parecidas com as dos dois outros números, mesmo assim, o processo de produção apresenta algumas singularidades: o jornal foi produzido em três meses incompletos: de abril a junho de 2012. O número 3 foi produzido por alunos que, em sua maioria, haviam passado pela experiência de terem participado da produção do primeiro e do segundo números do *Folha*. A turma do terceiro ano de 2011 havia deixado a Escola. No projeto, foram incluídas novas turmas do primeiro ano, mas haviam ficado as turmas que em 2012 vieram a ser o segundo e o terceiro ano e que já tinham uma experiência importante para dar prosseguimento ao trabalho de pesquisa, e, portanto, de leitura e de produção de textos para o jornal. Alguns alunos já se destacavam como lideranças importantes e tinham condições de auxiliar os demais. A delicadeza com que o faziam, tornava a monitoria desejada.

O tema foi proposto pelos alunos que acreditavam que o jornal precisava trazer a opinião da comunidade escolar e das comunidades de onde os alunos vêm. Segundo eles, essa era uma forma de essas comunidades serem representadas, encontrarem-se com a Escola e revelarem o que pensavam sobre temas que eram então debatidos na Escola. Os alunos também deviam ser representados, então era importante buscar a opinião de todos, em todos os turnos com uma diversidade de temas de enquete.

O trabalho de planejamento do jornal sofisticou-se um pouco. Juntos, alunos e professoras entenderam que seria necessário pensar em páginas representativas de seções do jornal. Assim, os alunos foram divididos em grupos, segundo o seu interesse por temas e gêneros específicos: negócios, educação, esporte, saúde. etc.

Os alunos fizeram pesquisas sobre os temas, decidiram sobre eles. A sugestão da professora foi que produzissem artigos de opinião que exigiria deles, além da busca de argumentos e meios de persuasão, uma maior ordenação interna, dos argumentos ou do discurso e da redação. Muitos alunos aderiram à ideia, porque também estavam se preparando para o Enem, e era, portanto, importante para eles produzirem textos argumentativos. Por isso o “artigo de opinião” foi um gênero privilegiado para o ensino e para a produção, mas, como se verá, muitos alunos ficaram a meio caminho, sem conseguir compreender o gênero em suas características mais básicas tanto no que tange a aspectos constitutivos da oração, entendida basicamente como processo mínimo de predicação, quanto à conexão, à coesão e ao índice de formalidade necessária.

As etapas de produção tornaram-se mais longas, devido ao aumento de gêneros e textos. Na aula de linguagem, tudo ficou mais complexo. As aulas de discussões se multiplicaram, e o interesse dos alunos era crescente. De certa forma, o jornal teve um ganho e proporcionou um ganho a todos os alunos. Mas para as três editoras que encararam a tarefa de corrigir, selecionar, organizar aquele número com a maior responsabilidade, o ganho foi, certamente, muito maior. Convém lembrar que essas três alunas não eram o que se classifica como “as melhores da sala”, eram alunas da turma C, do turno vespertino, estavam acima da faixa etária, duas delas já haviam recebido diversas advertências na Escola por mau comportamento, as notas gerais eram medianas, mas gostavam das atividades propostas, do dinamismo do trabalho. Hoje, uma dessas alunas cursa Administração na UFVJM; a outra, Serviço Social, e a terceira trabalha com computação em uma das empresas da cidade. Acreditamos ser relevante essa informação, porque, a partir dela, pode-se perspectivar a dimensão social e cultural do projeto jornal da Escola. Essas editoras inauguraram na Escola uma tradição: a presença marcante de editores que assumem responsabilidades e compromissos com o processo de produção textual, com a qualidade da materialidade dos textos e com sua publicação. Além disso, o desenvolvimento da capacidade de produzir textos foi apontado por elas como fator determinante para alcançarem os objetivos a que se propuseram, tanto os relativos à vida acadêmica quanto os relativos à vida profissional.

O trabalho dos editores é tão significativo que, não raro, como acontece com essas três alunas, ainda hoje, os ex-alunos da Escola, tenham ou não trabalhado em edições anteriores, retornam a ela para participarem, voluntariamente, do processo de edição do jornal. Há, pelo menos, dois motivos para isso: veem nesse trabalho uma oportunidade de qualificação para enfrentarem o Enem ou por puro prazer, visto já terem sido aprovados e cursarem a graduação.

A volta dos ex-alunos à Escola tem também a função de despertar a curiosidade dos alunos que ainda não concluíram o ensino médio e de despertar o desejo destes alunos de darem prosseguimento às publicações, aos estudos, mas também fortalece a crença de que é possível ingressar em uma universidade pública.

Outro ponto positivo a se considerar no número três diz respeito aos modos de planificação, visto que surgem nesse jornal textos literários cuja planificação depende do domínio dos aspectos tipológicos do narrar em que se destacam dois elementos fundamentais: A. Domínio social de comunicação: Cultura literária ficcional; B. A capacidade de linguagem de narrar

(piada): *Mimeses* da ação através de criação de intriga, segundo Adam (2001, *apud* BRONCKART, 2012 [1999]): (i) Sucessão de eventos no tempo com predicados em causalidade; (ii) um conflito ou intriga. (iii) juízo de valor ou ponto de vista implícito ou explícito e moral implícita. (iv) Presença parcial dos elementos da narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final, avaliação final. O que ressalta o caráter “dinâmico” da sequência.

A variedade de gêneros e textos do *Folha Conexão Santa Clara*, em seu número 3 pode ser conferida na Tabela 3: Gêneros e Textos do *Folha* número 3. Essa tabela é composta pelas mesmas categorias das Tabelas 1 e 2 para que se facilite a comparação da evolução do jornal em seus aspectos mais gerais, no que diz respeito aos textos e gêneros textuais.

### 3.3.1 Análise dos Textos do Folha 3

Tabela 3 – Gêneros e Textos do *Folha* número 3

<b>Gêneros</b>	<b>Textos</b>
<b>Centrais presos</b>	
Cabeçalho	1
Editorial	1
Expediente	1
<b>Centrais livres</b>	
Reportagem	37
Notícias	3
Entrevista	1
Comentário	1
Artigo de Opinião	8
Perfil	1
Charge	1
Tiras	1
<b>Periféricos</b>	
Anúncios Publicitários	8
Palavras Cruzadas	2
Caça-palavras	1
Poema	3
Slogan	3
Curiosidades	3
Agradecimentos	2
<b>TOTAL DE GÊNEROS – 18</b>	<b>TOTAL DE TEXTOS – 78</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese, o *Folha* número 3 apresenta dezoito 18 gêneros, sendo três (3) centrais presos, oito (8) centrais livres e sete (7) periféricos, do que se conclui que sejam, portanto, onze (11) gêneros fixos e sete (7) variáveis.

O Quadro 4 coloca uma lente nos textos do *Folha* número 3, apresentando, a primeira coluna, “Páginas” e, a segunda coluna, “Classificação”, sob as seguintes categorias de análise: a esfera discursiva; o gênero de texto; o aspecto tipológico ou tipologia discursiva predominante, o tema e o título e a constituição textual desejável a cada gênero do texto. No quadro, os textos se apresentam na sequência em que aparecem nas 16 páginas do *Folha* número 3.

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 1	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Editorial
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	O processo de planejamento, de e produção e o conteúdo do <i>Folha Conexão Santa Clara</i> , 2012.
	<b>Objetivo</b>	Refutar as críticas feitas ao <i>Folha</i> 2012. Destacando a razão central do jornal, esclarecendo questões relativas às temáticas desenvolvidas nas matérias e a intencionalidade dos editores.
	<b>Título</b>	“Editorial”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A visão de administração da Escola
	<b>Objetivo</b>	Mostrar a visão da diretora e da comunidade sobre a administração.
	<b>Título</b>	“Administração Escolar: Equilíbrio das relações sociais, humanas, técnico-pedagógicas e econômicas”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 2	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A crítica ao projeto <i>Revista Literária Caminho das Letras</i> .
	<b>Objetivo</b>	Mostrar à comunidade o sucesso da revista.
	<b>Título</b>	“A 8ª edição da <i>Revista Literária Caminho das Letras</i> – ano em que o projeto chega à UFMG”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Aposentadoria de funcionários da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar uma homenagem aos funcionários aposentados em 2012.
	<b>Título</b>	“Eles deixaram marcas no caminho”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
<b>Tema</b>	Projetos realizados na Escola, nas mais diversas áreas do conhecimento.	
<b>Objetivo</b>	Apresentar ao público leitor os investimentos iniciais dos professores em uma pedagogia de projetos.	
<b>Título</b>	“Projetos desenvolvidos na Waldemar Neves”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	O preconceito na Escola.	
<b>Objetivo</b>	Apresentar à comunidade escolar os números relativos aos preconceitos nessa comunidade.	
<b>Título</b>	“Preconceito Social e racial”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	A difícil escolha profissional.	
<b>Objetivo</b>	Apresentar profissões almeçadas pelos alunos.	
<b>Título</b>	“Escolha profissional”	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>
<b>Textos página 3</b>	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Reportagem
	<b>Tipologia</b> Relatar
	<b>Tema</b> A poupança jovem no Estado e na Escola.
	<b>Objetivo</b> Apresentar o programa, destacando o envolvimento de jovens da Escola.
	<b>Título</b> “Poupança Jovem: uma escolha”
	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Reportagem
	<b>Tipologia</b> Relatar
	<b>Tema</b> “Os desafios da Escola e da Educação em escola de zona rural”
	<b>Objetivo</b> Apresentar as dificuldades e as concepções de educação em uma das escola.
	<b>Título</b> “Educação em Itamunhec”
	<b>Esfera</b> Jornalística
	<b>Gênero</b> Reportagem
	<b>Tipologia</b> Relatar
<b>Tema</b> Preparação para o trabalho	
<b>Objetivo</b> Informar os alunos sobre o projeto para a inserção no mercado de trabalho.	
<b>Título</b> “Projovem”	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Charge	
<b>Tipologia</b> Argumentar	
<b>Tema</b> Superlotação dos ônibus	
<b>Objetivo</b> Criticar o descaso do governo em resolver problemas que afetam a população.	
<b>Título</b> -	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Reportagem	
<b>Tipologia</b> Relatar	
<b>Tema</b> Índices de aprendizagem dos alunos e carreira futura.	
<b>Objetivo</b> Questionar sobre o ensino na escola.	
<b>Título</b> “Índices de aprendizagem na Waldemar”	
<b>Esfera</b> Jornalística	
<b>Gênero</b> Curiosidade	
<b>Tipologia</b> Relatar	
<b>Tema</b> O gênero Charge, os maiores chargistas e as obras mais conhecidas.	

---

<b>Objetivo</b>	Entreter o leitor.
<b>Título</b>	“Chargistas brasileiros”

---



QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>
	<p><b>Esfera</b> Jornalística</p> <p><b>Gênero</b> Notícia</p> <p><b>Tipologia</b> Relatar</p> <p><b>Tema</b> O teatro na Escola.</p> <p><b>Objetivo</b> Relatar os eventos voltados para o teatro.</p> <p><b>Título</b> “Teatro: um incentivo à leitura – Dos livros da biblioteca da Waldemar para as salas de aula”</p>
	<p><b>Esfera</b> Jornalística</p> <p><b>Gênero</b> Reportagem</p> <p><b>Tipologia</b> Relatar</p> <p><b>Tema</b> Ações de divulgação dos livros da biblioteca</p> <p><b>Objetivo</b> Apresentar o trabalho interdisciplinar de viabilização da leitura do acervo disponível na biblioteca.</p> <p><b>Título</b> “A biblioteca”</p>
<b>Textos</b> <b>Página 4</b>	<p><b>Esfera</b> Jornalística</p> <p><b>Gênero</b> Reportagem</p> <p><b>Tipologia</b> Relatar</p> <p><b>Tema</b> A importância de se formarem os leitores e de se incentivar a leitura.</p> <p><b>Objetivo</b> Apresentar os atores sociais e as ações que levam as crianças a lerem.</p> <p><b>Título</b> “Ler é uma atitude inteligente”</p>
	<p><b>Esfera</b> Jornalística</p> <p><b>Gênero</b> Reportagem</p> <p><b>Tipologia</b> Relatar</p> <p><b>Tema</b> A formação do hábito de ler</p> <p><b>Objetivo</b> Apontar atores sociais que colaboram para a formação do leitor.</p> <p><b>Título</b> “Ler, um hábito para a vida inteira”</p>

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 5</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Influência musical dos alunos da Escola
	<b>Objetivo</b>	Sustentar uma reflexão sobre a influência musical dos alunos.
	<b>Título</b>	“Música: arte, cultura”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Curiosidades
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O apagamento da MPB
	<b>Objetivo</b>	Incitar o leitor a conhecer a MPB.
	<b>Título</b>	“Música Popular Brasileira (MPB)”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A atuação do POPI na Escola
	<b>Objetivo</b>	<i>Sustentar</i> a importância da atuação da Polícia Militar de MG na Escola.
	<b>Título</b>	“POPI”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 6</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O futuro dos alunos da Escola.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a dissensão entre o que pensam os alunos e educadores sobre a Educação e o panorama de suas expectativas.
	<b>Título</b>	“Ensino e educação na escola”
	<b>Esfera</b>	Jornalística / literária.
	<b>Gênero</b>	Crônica
	<b>Tipologia</b>	Narrar
	<b>Tema</b>	Amor como motor da produção e do consumo
	<b>Objetivo</b>	Entreter o leitor com uma crítica ao amor como espaço de troca e negociação.
	<b>Título</b>	“O amor acaba”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Notícia
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	As aulas de oratória.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o projeto.
	<b>Título</b>	“Projeto Oratória”
	<b>Esfera</b>	Literária
	<b>Gênero</b>	Poema visual
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Como se sente o aluno reprovado.
	<b>Objetivo</b>	Entreter o leitor com a representação do efeito da reprovação.
	<b>Título</b>	“Aluno Reprovado”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
<b>Textos</b> <b>Página 7</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Palavras Cruzadas e Caça-Palavras
	<b>Tipologia</b>	Descrever
	<b>Tema</b>	Valores humanos.
	<b>Objetivo</b>	Entreter.
	<b>Títulos</b>	“Cruzadinha e Caça-Palavras”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Palavras Cruzadas
	<b>Tipologia</b>	Descrever
	<b>Tema</b>	Variedades ou Conhecimentos gerais.
	<b>Objetivo</b>	Entreter.
	<b>Título</b>	“Palavras Cruzadas”
	<b>Esfera</b>	Literária
	<b>Gênero</b>	Poema
	<b>Tipologia</b>	Narrar
<b>Tema</b>	O duplo	
<b>Objetivo</b>	Entreter o leitor com um questionamento sobre a escolha.	
<b>Título</b>	“Dois Cães em mim”	
<b>Esfera</b>	Cotidiano	
<b>Gênero</b>	Piada	
<b>Tipologia</b>	Narrar	
<b>Tema</b>	Ambiguidade.	
<b>Objetivo</b>	Entreter o leitor	
<b>Título</b>	“Padaria”.	
<b>Esfera</b>	Publicitária	
<b>Gênero</b>	Cartões (3)	
<b>Tipologia</b>	Descrever	
<b>Tema</b>	As empresas parceiras da Escola	
<b>Objetivo</b>	Difundir o nome, a marca.	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 8 (Continua)	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O esporte
	<b>Objetivo</b>	Destacar vitórias e participações dos alunos em jogos e a importância do esporte como estratégia de educação.
	<b>Título</b>	“O Esporte”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tema</b>	O sucesso dos alunos nas participações de jogos nos torneios da cidade e do Estado.
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Objetivo</b>	Apresentar os resultados dos investimentos na Educação Física.
	<b>Título</b>	“Esportes 2012”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
<b>Tema</b>	O futebol como profissão.	
<b>Objetivo</b>	Desmistificar o caráter lucrativo do futebol como carreira em T.O.	
<b>Título</b>	“Futebol: uma carreira rentável em T.O.?”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	O sucesso dos atletas de judô da Escola.	
<b>Objetivo</b>	Divulgar participação dos alunos em torneio estadual e títulos alcançados pelos alunos do judô.	
<b>Título</b>	“Projeto ‘Judô na Escola’”	
<b>Esfera</b>	Publicitária	
<b>Gênero</b>	Cartão	
<b>Tipologia</b>	Descrever	
<b>Tema</b>	A empresa parceira da Escola	
<b>Objetivo</b>	Difundir o nome, a marca.	
<b>Título</b>	-	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Crônica Narrar A vitória do Corinthians sobre o Boca Juniors. Entreter “O dia em que o Corinthians calou milhões de “Bocas”
<b>Textos</b> <b>Página 8</b> <b>(Conclusão)</b>	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Notícia Relatar O sucesso do programa da Escola de incentivo ao esporte. Divulgar participações de alunas da Escola que compuseram a base do time de basquete da cidade. “Waldemar, celeiro de talentos”
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Publicitária (2 textos) Cartões Descrever As empresas parceiras da Escola Difundir o nome, a marca. -
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Artigo de opinião Argumentar Vantagens e riscos do <i>Bolsa Família</i> . Criticar o programa. “Bolsa família”
<b>Textos</b> <b>Página 9</b> <b>(Continua)</b>	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Artigo de opinião Argumentar Os prós e contras da aculturação. Alertar sobre a alienação a respeito das perdas próprias do processo de aculturação. “Aculturação, a sobreposição de culturas: um processo muito brasileiro”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 9 (Conclusão)	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Possibilidade de minimização de conflitos doutrinários e ideológicos.
	<b>Objetivo</b>	Criticar à intolerância religiosa.
	<b>Título</b>	“Ecumenismo”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	O consumismo em T. O
	<b>Objetivo</b>	<i>Refutar</i> o consumismo
	<b>Título</b>	“Consumismo”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	As más condições de trânsito nas estradas e nas ruas e o incentivo ao aumento do número de veículos.
<b>Tema</b>	Congestionamento	
<b>Objetivo</b>	Denunciar uma incoerência.	
<b>Título</b>	“Trânsito e Transporte”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Tira	
<b>Tipologia</b>	Argumentar	
<b>Tema</b>	O trânsito em T.O.	
<b>Objetivo</b>	Criticar o crescimento desproporcional do número de automóveis em relação à ausência de infraestrutura da cidade para recebê-los.	
<b>Título</b>	“A evolução do trânsito em Teófilo Otoni”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	A segurança oferecida às crianças e as dificuldades enfrentadas por uma creche.	
<b>Objetivo</b>	Apresentar a contradição vivenciada por uma creche.	
<b>Título</b>	“Creches”	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Mudança de hábitos necessária para a garantia da sustentabilidade
	<b>Objetivo</b>	Sustentar a ideia da responsabilidade dos sujeitos sobre a sustentabilidade.
	<b>Título</b>	“Sustentabilidade”
Textos Página 10	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Charge
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A impotência humana frente a destruição do Planeta.
	<b>Objetivo</b>	Críticas a imobilidade humana.
	<b>Título</b>	“Apocalipse 21/12/2012”
Textos Página 10	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Charge
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	A impotência humana frente a destruição do Planeta.
	<b>Objetivo</b>	Críticas a imobilidade humana.
	<b>Título</b>	“Apocalipse 21/12/2012”
Textos Página 10	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	As benesses da agricultura orgânica e dos produtos orgânicos.
	<b>Objetivo</b>	Salientar a importância da agricultura orgânica.
	<b>Título</b>	“Agricultura orgânica”
Textos Página 10	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Artigo de opinião
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Os problemas enfrentados pelos sem terra de Itamunhec.
	<b>Objetivo</b>	Denunciar as más condições de vida dos sem terra de Itamunhec.
	<b>Título</b>	“MST – Movimento dos Sem Terra em Itamunhec”
Textos Página 10	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A seca de 2012 no Sertão Nordeste.



---

<b>Objetivo</b>	Mostrar como a seca afeta o sertanejo e também a quem não é sertanejo.
<b>Título</b>	“As grandes secas do sertão”

---

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Julgamento dos políticos envolvidos no Mensalão.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a corrupção de políticos.
	<b>Título</b>	“Mensalão – Escândalo Mensalão ou Esquema de compra de votos de parlamentares”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Charge
	<b>Tipologia</b>	Argumentar
	<b>Tema</b>	Incoerências de pais e filhos.
	<b>Objetivo</b>	Proporcionar ao leitor uma reflexão sobre conflitos entre pai e filho.
	<b>Título</b>	“Acontece nas melhores famílias”
Textos Página 11	<b>Esfera</b>	Cotidiano
	<b>Gênero</b>	Piada
	<b>Tipologia</b>	Narrar
	<b>Tema</b>	Corrupção de Marcos Valério.
	<b>Objetivo</b>	Levar a uma reflexão sobre a corrupção.
	<b>Título</b>	“Uma pena”
	<b>Esfera</b>	Literária
	<b>Gênero</b>	Poema
	<b>Tipologia</b>	Narrar
	<b>Tema</b>	As mortes de Galvez e Chico Mendes
	<b>Objetivo</b>	Incitar o leitor a pensar na Floresta Amazônica.
	<b>Título</b>	“Santos”
	<b>Esfera</b>	Publicitária
	<b>Gênero</b>	Cartão (1 texto)
	<b>Tipologia</b>	Descrever
	<b>Tema</b>	A filosofia da Escola
	<b>Objetivo</b>	Divulgar os valores humanos que a escola tem por meta.
	<b>Título</b>	-

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

<b>Páginas</b>	<b>Classificação</b>	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Negócios na 38ª Expovalas.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar a variedade das raças e o sucesso dos leilões e da exposição para a cidade.
	<b>Título</b>	“38ª Expovalas”
	<b>Esfera</b>	Publicitária (1 texto – Foto de panfleto).
	<b>Gênero</b>	Cartão
	<b>Tipologia</b>	Descrever
	<b>Tema</b>	Cantores e bandas que se apresentariam na Expovalas.
	<b>Objetivo</b>	Divulgar os shows oferecidos pela Expovalas.
	<b>Título</b>	“38ª Expovalas”
<b>Textos</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
<b>Página 12</b>	<b>Gênero</b>	Reportagem
<b>(Continua)</b>	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Oferta de consultoria gratuita para empresas.
	<b>Objetivo</b>	Informar pessoas físicas e empresários sobre a prestação de serviços na área de consultoria, por estagiários formados pela Empresa Júnior dos cursos gerenciais de uma das faculdades da cidade.
	<b>Título</b>	“Doctum Consultoria Júnior: consultoria gratuita para pequenos empresários”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O planejamento da compra do carro novo.
	<b>Objetivo</b>	Alertar o consumidor sobre as desvantagens para ele e para concessionárias de compra não planejada.
	<b>Título</b>	“Concessionárias”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Segurança pública em um dos bairros rurais da cidade.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as causas do crescimento da violência no bairro e a expectativa dos moradores.
	<b>Título</b>	“Violência”
	Textos Página 12 (Conclusão)	<b>Esfera</b>
<b>Gênero</b>		Reportagem
<b>Tipologia</b>		Relatar
<b>Tema</b>		O consumo de carnes
<b>Objetivo</b>		Apresentar o quadro das preferências de consumo de carnes no Brasil, na cidade e na Escola.
<b>Título</b>		“Consumo de Carne”
		<b>Esfera</b>
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	A redução do índice de criminalidade em T.O.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar as causas responsáveis pela redução do número de crimes relativos ao tráfico de drogas envolvendo jovens na cidade.
	<b>Título</b>	“Tráfico de drogas em Teófilo Otoni”
		<b>Esfera</b>
<b>Gênero</b>		Reportagem
<b>Tipologia</b>		Relatar
<b>Tema</b>		As consequências do envolvimento com drogas lícitas ou ilícitas.
<b>Objetivo</b>		Apontar as desvantagens do envolvimento com drogas sejam elas lícitas ou ilícitas.
<b>Título</b>		“Drogas na comunidade da turma 37”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
Textos Página 13	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	O despreparo do adolescente em relação à autopreservação com consequente gravidez.
	<b>Objetivo</b>	Incentivar as escolas a desenvolverem programas de educação sexual.
	<b>Título</b>	“Gravidez na adolescência”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Problemas de atendimento aos pacientes do SUS (Sistema único de Saúde)
	<b>Objetivo</b>	Denunciar ineficiência e ineficácia do SUS.
	<b>Título</b>	“Saúde em Teófilo Otoni”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Reportagem
	<b>Tipologia</b>	Relatar
<b>Tema</b>	Riscos associados ao ato de abortar.	
<b>Objetivo</b>	Alertar o leitor sobre os riscos do aborto.	
<b>Título</b>	“Aborto divide opiniões”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	Causas da obesidade mórbida.	
<b>Objetivo</b>	Alertar para a necessidade de buscar formas mais saudáveis de vida.	
<b>Título</b>	“Obesidade mórbida”	
<b>Esfera</b>	Jornalística	
<b>Gênero</b>	Reportagem	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	Obesidade	
<b>Objetivo</b>	Mostrar os riscos e as possibilidades de mudanças de hábito.	
<b>Título</b>	“Qualidade de vida”	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Reportagem Relatar A adesão à educação oferecida pela televisão Criticar a adesão aos preceitos de ética da televisão sem questionamentos. “Televisão”
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Reportagem Relatar A exposição a riscos técnicos e pessoais na internet. Apresentar os riscos a que o usuário da <i>internet</i> se expõe. “Riscos da <i>Internet</i> ”
<b>Textos</b> <b>Página 14</b>	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Reportagem Relatar A preferência pela tecnologia moderna. Apresentar a mudança de hábitos relativa à preferência tecnológica e à inclusão digital. “Tecnologia na zona rural: Itamunhec em foco”
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Jornalística Artigo de Opinião Argumentar Os benefícios e os perigos dependendo do uso que se faz da tecnologia. Possibilitar uma reflexão sobre o mau uso das tecnologias. “Tecnologia: o bem, os riscos”
	<b>Esfera</b> <b>Gênero</b> <b>Tipologia</b> <b>Tema</b> <b>Objetivo</b> <b>Título</b>	Literária Piada Narrar Ambiguidade Criticar a violência. “As bicicletas”

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Continua)

Páginas	Classificação	
<b>Textos</b> <b>Página 15</b>	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Perfil
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Vida e obra de Luiz Gonzaga
	<b>Objetivo</b>	Homenagear os 100 anos de arte de um sertanejo na MPB.
	<b>Título</b>	“100 Anos de Luiz Gonzaga”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Curiosidades
	<b>Tipologia</b>	Relatar
	<b>Tema</b>	Sucessão
	<b>Objetivo</b>	Mostrar como o sertanejo pensa a cultura.
	<b>Título</b>	“Curiosidades sobre Luiz Gonzaga”
	<b>Esfera</b>	Publicitária
	<b>Gênero</b>	Cartão
	<b>Tipologia</b>	Descrever
<b>Tema</b>	Uma das empresas parceiras da Escola	
<b>Objetivo</b>	Difundir o nome, a marca.	
<b>Título</b>	-	
<b>Esfera</b>	Jornalística / Literária	
<b>Gênero</b>	Crônica	
<b>Tipologia</b>	Relatar	
<b>Tema</b>	Vida e obra de Gonzaga.	
<b>Objetivo</b>	Entreter com apresentação de elementos históricos da vida do artista.	
<b>Título</b>	“Eta, Gonzagão!”	
<b>Esfera</b>	Publicitária	
<b>Gênero</b>	Cartão	
<b>Tipologia</b>	Descrever	
<b>Tema</b>	Uma das empresas parceiras da Escola	
<b>Objetivo</b>	Difundir o nome, a marca.	
<b>Título</b>	-	

QUADRO 4 – Os textos do *Folha* número 3

(Conclusão)

Páginas	Classificação	
Textos Página 16	<b>Esfera</b>	Escolar
	<b>Gênero</b>	<i>Slogans</i> e fotos: 1. dos alunos editores do jornal; 2. do 1ºD; 3. do 3ºC; 4. do 1º E; 5. do 2º D
	<b>Tipologia</b>	Descrever
	<b>Tema</b>	Os valores da turma
	<b>Objetivo</b>	Destacar a presença em massa dos alunos na produção do jornal, apresentando também o perfil que os alunos constroem para si mesmos ao escolherem o <i>slogan</i> .
	<b>Título</b>	-
	<b>Esfera</b>	Escolar
	<b>Gênero</b>	Agradecimento
	<b>Tipologia</b>	Expor
	<b>Tema</b>	O atendimento ao desafio de produção do jornal.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar à comunidade leitora um perfil positivo das turmas do vespertino, do ano de 2012.
	<b>Título</b>	“Ao ensino médio e ao ensino fundamental”
	<b>Esfera</b>	Escolar
	<b>Gênero</b>	Agradecimento
	<b>Tipologia</b>	Expor
	<b>Tema</b>	Oferecimento do jornal à comunidade escolar.
	<b>Objetivo</b>	Reafirmar o valor de instrumento de aprendizagem do jornal.
	<b>Título</b>	“À comunidade escolar”
	<b>Esfera</b>	Jornalística
	<b>Gênero</b>	Expediente
	<b>Tipologia</b>	Expor
	<b>Tema</b>	Apresentação dos membros da escola, de colaboradores de planejamento, revisores, os parceiros da Escola no processo de produção do jornal.
	<b>Objetivo</b>	Apresentar o envolvimento da comunidade escolar na produção do jornal.
	<b>Título</b>	Expediente

Fonte: Elaborado pela autora.



A Tabela 3 e o Quadro 4 apontam mudanças no jornal. Embora ainda se tenha a predominância de gêneros fixos jornalísticos centrais, o número de gêneros periféricos cresce exponencialmente. Tal crescimento se deve ao aumento do número de textos escritos pelos alunos o que revela um engajamento maior desses alunos no projeto de escrita. A tendência para se manterem gêneros mais essenciais ou básicos no *Folha 3* em relação aos outros números não impede que muitos espaços do jornal sejam dedicados a gêneros de entretenimento, de arte literária e de publicidade.

O jornalismo do *Folha 3* resume-se em um grande panorama representativo da opinião, da experiência e da vida das comunidades de que os alunos provêm; isso significa que o *Folha 3* focaliza a realidade mais próxima, as ruas, os bairros da periferia, do meio rural e, portanto, a vizinhança, as pessoas com quem os alunos convivem ou a quem conhecem de vista, o que diferencia esse jornal dos dois primeiros números, já que o primeiro número enfoca a cidade, a vida e os problemas mais urbanos; e o segundo, o universo escolar em festa. Por isso as técnicas de produção de texto são entrevistas e enquetes, os alunos publicam o que sintetizam sobre as crenças dessas comunidades, o seu olhar sobre o mundo, sobre a forma como vivem, sobre os problemas que as afetam, sobre os preconceitos que recaem sobre elas. As reportagens, em grande número, versam sobre assuntos que interessam a essas comunidades. Ao mesmo tempo em que delinea tal panorama, o jornal cumpre a finalidade de aproximar essas comunidades da Escola e vice-versa e busca a adesão desse público à sua leitura. Por isso a estratégia predominante de produção dos textos é a da pesquisa de campo, já que essa estratégia permite a coautoria e o protagonismo não de um indivíduo, mas dos mais diversos segmentos de cada comunidade (as donas de casa, os açougueiros, o trabalhador rural, a enfermeiras dos postos de saúde, as diretoras e os alunos das escolas rurais em que os alunos estudaram etc.). Dessa forma, são também entrevistados mais de 90% dos alunos da Escola, dos três turnos, sobre os temas mais diversos como os programas sociais do Governo Federal, as questões de saúde, moradia, trabalho, economia (feira de gado), acessibilidade à tecnologia, profissão, segurança, aspectos climáticos (seca) etc.

No *Folha 3*, a mídia dos setores escolares, ou seja, a participação no jornal de redatores como professores, secretários com textos que lhes dizem respeito e ao seu trabalho, reduz-se significativamente, para dar lugar à mídia dos alunos. Os textos que dizem respeito a estes são uma demonstração de que arte e esporte lhes interessam, mas não só como admiradores. Nas páginas do *Folha 3*, os alunos apresentam sua participação em peças teatrais, em eventos de música; a poesia produzida e publicada confirma esse protagonismo. Mas lhes interessa

redigirem o que pensam das realidades discutidas em outros jornais, e sobre o que produzem na Escola em razão do seu processo educativo, por isso, abrem espaço para falarem sobre os projetos em que atuam nas mais diversas áreas do conhecimento. Tudo isso é muito representativo de sua realidade.

Os textos tornam-se maiores e mais densos, ganham tanto em qualidade quanto em quantidade. O *Folha 3* publica, em suas 16 páginas, quase duas vezes maiores que as dos *Folha 1* e *2*, praticamente, o dobro da quantidade de textos e de imagens em relação ao *Folha 2*. Isso ocorre por muitos motivos: o trabalho com os gêneros textuais se intensifica nas salas de aula, mas foi determinante lermos e aprendermos sobre as possibilidades do jornal da Escola, no que diz respeito à necessidade de discutirmos democraticamente com os alunos sobre o que publicar. Demos-lhes abertura para fazerem escolhas sobre o que gostariam de ver publicado, em que gênero, com que imagens (fotos, desenhos, gráficos, poemas concretos), e assim aprendemos que oferecer ao aluno liderança o torna engajado no projeto. Então, no segundo ano de publicação, eles assumiram, com afinco, responsabilidades em relação à produção dos textos, ao auxílio a outros alunos e à editoração. Além disso, contamos e recebemos o apoio incondicional de uma diretora que é símbolo de administração democrática e que, por isso mesmo, sempre esteve atenta ao desenvolvimento dos projetos relativos ao processo de ensino e educação na Escola. Ela buscou o apoio de empresas para o financiamento do projeto, o que nos permitiu ousarmos em produzir um jornal maior.

### 3.3.2 *Artigo de Opinião no Folha 3: Ensino e educação na escola*

O artigo de opinião “Ensino e educação na escola” foi publicado na página seis do *Folha 3*, tendo sido produzido por duas alunas da turma D, do segundo ano do ensino médio: Marielle Fernandes Rodrigues e Kênia da Silva Ramos. O texto fundamenta-se em dados colhidos pelas redatoras junto a 200 alunos do ensino médio. As autoras conseguem apresentar a controvérsia em torno do tema e traduzirem sua opinião. Para isso, comentam, interpretam, refutam teses opostas à sua, garantindo a tensão. O texto combina o tipo de discurso expositivo com o tipo predominante argumentativo, em que as ações para convencer são em maior número que as ações persuasivas, embora estas ocupem espaços bastante importantes. Ambos os recursos utilizados orientam uma linguagem que visa a provocar efeitos de sentido, reações para a transformação do mundo social, de seus valores, sobretudo.

FIGURA 5 – Texto *Ensino e educação na escola*

## Ensino e educação na escola

Depois de entrevistas, pesquisas e enquetes sobre o ensino desenvolvido na Escola, constatou-se que alguns alunos não atingem o nível de aprendizagem necessário, mesmo sendo oferecido bom ensino. Segundo 35% dos 200 alunos do ensino médio, isso acontece porque há falta de autoconsciência dos educandos que veem a escola como obrigação, não como uma forma de capacitação. 20% deles acreditam que não são capazes de se desenvolverem sozinhos e, quando esse desenvolvimento não acontece, culpam o educador. Essa informação fica evidente quando 11,5% dos alunos entrevistados dizem acreditar que o seu desempenho não é necessário para o desenvolvimento da escola, e que esse é um papel somente do professor.

Apesar de 53,5% dos alunos entrevistados afirmarem que o ensino da Waldemar é de qualidade, 23% declaram que, às vezes, alguns professores não exercem realmente o papel de educadores.

Para que melhore o ensino, é preciso que os educandos não sejam apenas expectadores, mas pessoas capazes de pensar, analisar, criticar, interagir e refletir sobre o que é falado em sala de aula, pois, na maioria das vezes, os alunos escutam o professor, mas não aprendem o que é ensinado.

Exercendo sua profissão de educadora, Jacqueline Guimarães, vice-diretora do turno vespertino, disse que o seu objetivo é poder contribuir de alguma forma para que crianças, jovens e adultos possam compreender melhor o mundo em que vivem através do conhecimento dos conteúdos socialmente relevantes.

O que ela disse é exatamente o item em que se consiste a educação. A educação é o processo mais importante para a evolução do ser humano e para o conhecimento da sociedade em que vivemos. Mas não é o que pensam alguns alunos, pois segundo os dados da pesquisa, 15% deles afirmam que, após terminarem o ensino médio, não pretendem continuar os estudos em um curso superior, pois a conclusão deste grau é suficiente para ingressarem no mercado de trabalho, essa é, para eles, a serventia mais imediata oferecida pela educação.

*Marielle Fernandes Rodrigues e Kênia da Silva Ramos - 2º D*

Fonte: Recorte do *Folha 3*.

As marcas de coesão nominal remetem a um leitor que já sabe sobre o assunto de que as redatoras vão tratar. Isso fica evidente em várias situações: pelo uso de artigos definidos “Segundo 35% dos 200 alunos do ensino médio, isso acontece porque há falta de autoconsciência dos educandos que veem a escola como obrigação”, por exemplo, pela ausência de especificações de aspectos fundamentais para se estabelecer o significado, caso o leitor não conheça o contexto de produção do texto.

A coesão verbal é garantida pelo uso do presente do indicativo e o uso discreto do pretérito perfeito. Mas a coesão nominal é perturbada pelo uso equivocado do pronome anafórico “deste”, gerador de uma ambiguidade indesejada no último parágrafo do texto “15% deles

afirmam que, após terminarem o ensino médio, não pretendem continuar os estudos em um curso superior, pois a conclusão deste grau é suficiente para ingressarem no mercado de trabalho, essa é para eles, a serventia mais imediata oferecida pela educação.”. Verifique-se que o pronome “desse” remeteria o leitor ao referente anteposto mais próximo (“curso superior” que equivaleria ao terceiro grau) ao pronome e “aquele” ao referente anteposto mais distante (“ensino médio” que equivaleria ao segundo grau).

O título do artigo assim, sem subtítulo, sem olho ou lupa, “Ensino e educação na escola” é rígido demais, pouco criativo, delimita pouco o assunto, ou seja, é amplo demais visto que muitas informações poderem ser dadas dentro dele. Poderia ser inclusive título de seção, mas não de artigo.

O artigo de opinião inicia-se apresentando a metodologia empregada no processo de coleta de dados, mas sem dizer que processo, que coleta e em que situação.

O ponto de vista assumido pelas autoras é defendido com crítica aos comportamentos, o que se revela, na apresentação da tese, “alguns alunos não atingem o nível de aprendizagem necessário, mesmo sendo oferecido bom ensino”, já nas primeiras linhas do parágrafo, pela conjunção concessiva “mesmo”: “Depois de entrevistas, pesquisas e enquetes sobre o ensino desenvolvido na Escola, constatou-se que alguns alunos não atingem o nível de aprendizagem necessário, mesmo sendo oferecido bom ensino”. Portanto, a introdução é, neste artigo, o momento da apresentação da problemática e da visão das redatoras a respeito do tema em questão.

A fase da argumentação inicia-se com a apresentação de argumentos racionais e críticas provindas da avaliação dos itens dos questionários semiestruturados, produzidos pelas alunas, na fase de coleta de dados. Para cada item e respectivo dado, Rodrigues e Ramos apresentam uma pequena crítica e novos dados de sustentação. Assim a tese vai-se sustentando com os argumentos: (i) de que há alunos que não conseguem se desenvolver sozinhos e culpam os professores; (ii) de que alunos acreditam que o seu desempenho não é necessário para o seu desenvolvimento e que esse é um papel somente do professor. Somam-se 33,5% os alunos que afirmam tais teses, e que, provavelmente, são os interactantes com quem as redatoras gostariam de dialogar.

Segundo 35% dos 200 alunos do ensino médio, isso acontece porque há falta de autoconsciência dos educandos que veem a escola como obrigação, não como uma

forma de capacitação. 20% deles acreditam que não são capazes de se desenvolverem sozinhos e, quando esse desenvolvimento não acontece, culpam o educador. Essa informação fica evidente quando 11,5% dos alunos entrevistados dizem acreditar que o seu desempenho não é necessário para o desenvolvimento da escola, e que esse é um papel somente do professor.

As teses defendidas por esses 33,5% representam a contraposição ou antítese que garante um momento de tensão no texto. Tensão essa reforçada por outra informação dada no segundo parágrafo: “Apesar de 53,5% dos alunos entrevistados afirmarem que o ensino da Waldemar é de qualidade, 23% declaram que, às vezes, alguns professores não exercem realmente o papel de educadores”.

Rodrigues e Ramos preferem não confrontar diretamente esses 23%. Isso pode ocorrer porque concordam parcialmente com eles, mas não conviria frisar tal dado ou comentá-lo, pois isso poderia fragilizar a tese defendida.

No terceiro parágrafo, as autoras iniciam novo movimento de persuasão cuja estratégia é o ataque, visto que caracterizam os alunos, prováveis opositores de sua tese como “expectadores” e, sublinearmente, classificarem-nos como aqueles que não são capazes de pensar, analisar, criticar, interagir e refletir sobre o que é falado em sala de aula e que por isso são também aqueles que não aprendem o que é ensinado.

Os interactantes que conseguissem ler a mensagem sublinear, certamente, não gostariam de ver suas faces refletidas dessa forma e poderiam tentar provar que são capazes de fazer os movimentos que foram acusados de não saberem realizar. Nesse sentido, a estratégia de ataque pode ser considerada interessante para fazer o opositor reagir em conformidade com o que é proposto a ele.

Para que melhore o ensino, é preciso que os educandos não sejam apenas expectadores, mas pessoas capazes de pensar, analisar, criticar, interagir e refletir sobre o que é falado em sala de aula, pois, na maioria das vezes, os alunos escutam o professor, mas não aprendem o que é ensinado.

Para reafirmarem a tese de que há um bom ensino na escola e de que os alunos têm grande responsabilidade sobre o nível que atingem, Rodrigues e Ramos trazem um argumento de autoridade, no quarto parágrafo. Talvez seja importante destacar que a autoridade referida, Jacqueline Guimarães, a vice-diretora a quem fazem referência, é reconhecida, como uma pessoa de caráter ilibado e uma profissional competente, não só pelo corpo docente, pelo corpo discente, pelas comunidades que conformam a Escola, mas por grande parte da

população da cidade. É assim conhecida, devido à atuação em escolas públicas e particulares, além de ser membro atuante na igreja do bairro em que fica localizada a Escola.

Exercendo sua profissão de educadora, Jacqueline Guimarães, vice-diretora do turno vespertino, disse que o seu objetivo é poder contribuir de alguma forma para que crianças, jovens e adultos possam compreender melhor o mundo em que vivem, através do conhecimento dos conteúdos socialmente relevantes.

Nesse caso, Guimarães representaria o modelo de professor e de filosofia de ensino os quais as alunas querem sugerir que há na Escola. Além disso, querem reforçar o posicionamento que defendem sobre a educação para assim combaterem novamente a postura que 15% dos alunos que elas dizem acreditarem exclusivamente que a escola seja um trampolim para o mundo do trabalho e não acreditarem no quanto a escola é um processo “importante para a evolução do ser humano e para o conhecimento da sociedade em que vivemos”. Nesse ponto Rodrigues e Ramos equivocam-se. Vejamos o excerto:

O que ela disse é exatamente o item em que consiste a educação. A educação é o processo mais importante para a evolução do ser humano e para o conhecimento da sociedade em que vivemos. Mas não é o que pensam alguns alunos, pois segundo a pesquisa, 15% deles afirmam que, após a conclusão do ensino médio, não pretendem continuar os estudos em um curso superior, pois a conclusão deste grau é suficiente para ingressarem no mercado de trabalho, essa é, para eles, a serventia mais imediata oferecida pela educação.

Essa afirmação torna-se incoerente a partir do momento em que se lê a justificativa apresentada, ou seja, a explicação que elas apresentam para defenderem o seu ponto de “pois, segundo os dados da pesquisa, 15% deles afirmam que, após terminarem o ensino médio, não pretendem continuar os estudos em um curso superior, pois a conclusão deste grau é suficiente para ingressarem no mercado de trabalho, essa é para eles, a serventia mais imediata oferecida pela educação.”. Verifique-se que essa justificativa não é suficiente para que se afirme que os alunos não acreditam que a educação seja o processo mais importante para a evolução da humanidade e para o conhecimento da sociedade. A resposta dos 15% dos alunos garante apenas dizer que querem concluir o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho. Assim sendo, a conclusão do parágrafo é precipitada e pode ser considerada incoerente.

O artigo encerra-se abruptamente, sem conclusão que apresente síntese, avaliação ou soluções para o problema que a tese traduz. Esse é um equívoco que consideramos muito marcado deste artigo de opinião.



### 3.3.3 Editorial no Folha 3

FIGURA 6 – Texto Editorial

**Editorial**

Esta é a terceira edição do jornal Folha Conexão Santa Clara, da qual os alunos do Ensino Médio vespertino da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha têm orgulho de participar. Isso ficou muito claro em depoimentos colhidos para a composição deste editorial.

Esta edição é resultado de um projeto que suscitou intenso trabalho de planejamento e de execução. Os alunos escolheram temas que realmente fazem parte da realidade deles e trabalharam no sentido de compor o perfil de crenças da comunidade escolar.

O trabalho não ficou limitado às salas de aulas. Os alunos foram às ruas, realizaram enquetes, entrevistas, pesquisas, enfrentando todas as dificuldades, a falta de experiência e de confiança no próprio potencial.

Tudo foi coordenado pela professora de Língua Portuguesa, Tércia Rodrigues Timo, que não exigiu o bom, mas o melhor de todos os alunos, colocando-os em um mesmo patamar, mostrando-lhes o que são capazes. Foi um trabalho em equipe, que será visto como o jornal que a E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha tem condições de oferecer à comunidade neste momento, no processo de maturação de um dos Projetos Institucionais de maior visibilidade da Escola.

Ao leitor, esta escola põe em suas mãos um periódico com artigos que realmente interessam à população teófilo-otonense. São artigos críticos que mostram uma visão diferente da esperada, visto que os resultados das pesquisas realizadas atingiram metas surpreendentes. Os temas se relacionam à política, ao esporte, à educação, à cultura, à saúde, à arte e ao entretenimento.

Depois de muito trabalho e superação de todos os alunos para fazerem um jornal de qualidade para a comunidade, é com todo prazer que a escola oferece este periódico.

Que venham novas edições do Jornal Folha Conexão Santa Clara e que os próximos autores e editores sejam tão empenhados quanto os desta edição.

Boa Leitura!

**Gabriele Kelly de Jesus Huhn – 3<sup>o</sup>C**



Fonte: Recorte do *Folha 3*.

O editorial do *Folha 3* foi produzido pela aluna da turma C, do terceiro ano do ensino médio - Gabrile Kelly de Jesus Huhn - uma dentre as três editoras da primeira equipe de alunos editores do *Folha*. Essas três alunas tiveram importância decisiva, uma vez que, naquele ano, o *Folha 3*, já em processo de revisão, passou pelas mãos e sofreu críticas severas de um dos

professores de Língua Portuguesa mais queridos, ilustres e respeitados da Escola. Ouvimos as críticas com atenção, entendemos o que ele nos disse e chegamos ao ponto de pensarmos em não publicar o *Folha*, visto ser essa a posição sugerida pelo professor. Ao tomarem conhecimento do fato, essas três editoras mobilizaram-se em favor da publicação, junto aos seus colegas de ensino médio, às professoras e à direção da Escola. Para nós, a ação dessas editoras foi irresistível: elas encerraram os trabalhos de revisão, fotografia, organização de seções e solicitaram à coordenação produzirem o editorial. Huhn o escreve com a finalidade de sustentar o ponto de vista de sua equipe.

Huhn o redigiu em discurso teórico do mundo do expor autônomo, com verbos predominantemente no presente e sem marcas explícitas de interlocutor, mas com referência aos parâmetros da situação. O seu discurso pertence à categoria dos gêneros do jornalismo opinativo, por isso opta pela tipologia discursiva argumentativa para participar de um processo dinâmico, interacional e dialógico e, portanto, processo social, histórico, de embates de valores em dado espaço e tempo em que os atores constroem-se e são construídos no texto (KOCH; ELIAS, 2011).

Em função desse processo de interação, escolhe fazer uso do registro formal da linguagem jornalística, muito pertinente para a situação interlocução em que se move, sua linguagem é menos condensada do que o desejável, já que as frases são bastante longas, mas a dinamicidade da forma ou plasticidade ainda assim é garantida pela conexão simples e pelas marcas corretas de coesão.

Produto, portanto, de um embate histórico e real, o editorial do *Folha 3* tenta silenciar o discurso que o invalidava, centrando-se na tese implícita que defende: o jornal é importante para quem o faz e o lê.

Para isso, Huhn apresenta, inicialmente, o orgulho dos alunos por participarem da produção do jornal, introduzindo assim, a fase de argumentação, de forma persuasiva. Observe-se que ao afirmar ir a campo ouvir o que os alunos têm a dizer, essa autora move-se, textualmente, de forma simpática, política e estratégica.

Esta é a terceira edição do jornal *Folha Conexão Santa Clara*, da qual os alunos do Ensino Médio vespertino da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha têm orgulho de participar. Isso ficou muito claro em depoimentos colhidos para a composição deste editorial.



A seguir, utiliza-se de um novo argumento com sustentações que qualificam o processo de produção do jornal: (i) o trabalho de planejamento e de execução; (ii) a autonomia dos alunos em escolherem os temas; (iii) os temas serem parte da realidade dos alunos, e; (iv) os temas serem representativos das crenças da comunidade escolar. É como se Huhn dissesse que o jornal pode não ser importante para quem não participa de sua produção, para quem não compartilha com a comunidade escolar de sua visão e crenças, mas é importante para quem o faz e para quem o jornal é escrito, ou seja, para a comunidade.

Huhn abre o terceiro parágrafo com um argumento do senso comum que afirma “a importância de o trabalho escolar transcender os muros da escola” e o faz detalhando atividades cumpridas, dificuldades enfrentadas e conquistas alcançadas pelos alunos. Repetindo a técnica do parágrafo anterior, a autora aumenta a persuasão ao passo que a sustentação se firma em argumentos racionais: “O trabalho não ficou limitado às salas de aulas. Os alunos foram às ruas, realizaram enquetes, entrevistas, pesquisas, enfrentando todas as dificuldades, a falta de experiência e de confiança no próprio potencial.”.

No parágrafo seguinte, o texto destaca que é alto o nível de exigência a que os alunos são submetidos. Esse argumento revaloriza o trabalho e, subsequentemente, esses alunos. Um novo argumento do senso comum se impõe: “o valor do trabalho em equipe”, e é então produzido um fecho muito persuasivo com um argumento que marca a utilização moderada da modéstia “[...] o jornal que a E. E. Waldemar Neves da Rocha tem condições de oferecer à comunidade neste momento, no processo de maturação de um dos Projetos Institucionais de maior visibilidade da Escola”.

Tudo foi coordenado pela professora de Língua Portuguesa, Tércia Rodrigues Timo, que não exigiu o bom, mas o melhor de todos os alunos, colocando-os em um mesmo patamar, mostrando-lhes o que são capazes. Foi um trabalho em equipe, que será visto como o jornal que a E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha tem condições de oferecer à comunidade neste momento, no processo de maturação de um dos Projetos Institucionais de maior visibilidade da Escola.

No próximo parágrafo, Huhn marca o processo de interlocução com o leitor, dialogando abertamente em um discurso enfático, quase publicitário. Para atraí-lo, projeta um público macro para o jornal “população teófilo-otonense” e diz do atingimento de “metas surpreendentes” para, posteriormente, destacar as seções do jornal ou os grandes temas de que ele trata.

Ao leitor, esta escola põe em suas mãos um periódico com artigos que realmente interessam à população teófilo-otonense. São artigos críticos que mostram uma visão diferente da esperada, visto que os resultados das pesquisas realizadas atingiram metas surpreendentes. Os temas se relacionam à política, ao esporte, à educação, à cultura, à arte e ao entretenimento.

O orgulho que Huhn projeta inicialmente nos alunos, ela agora o transfere para a Escola, como instituição: “Depois de muito trabalho e superação de todos os alunos para fazerem um jornal de qualidade para a comunidade, é com todo prazer que a escola oferece este periódico.”.

No fecho do artigo, sutilmente, marca alguns posicionamentos ao dirigir-se, a um só tempo, à direção da escola e aos alunos, pressionando ambos a darem prosseguimento ao projeto: “Que venham novas edições do Jornal Folha Conexão Santa Clara e que os próximos autores e editores sejam tão empenhados quanto os desta edição.”.

Em se tratando de Huhn, conhecida pela ironia de suas crônicas, suspeitamos que a alteração nas características do gênero propostas por ela é devida menos ao desconhecimento das características do gênero e mais devida às funções que determinam essas características. Assim, o último enunciado poderia ser representativo menos de um equívoco de sua parte em relação às características do gênero ou do desejo de que os leitores façam uma “Boa Leitura!”. Para nós, ela diz, ambigualmente, que este editorial deve produzir reflexões.

O editorial também traz a foto de Huhn, uma elemento incomum para esse gênero e que revela as influências de ser esse um texto publicado no jornal da escola.

No geral, mesmo que se vejam melhorias no *Folha* número 3 em relação aos dois jornais anteriores, ele ainda apresenta problemas. Os textos têm desvios consideráveis em seus aspectos *global e pontual* (ANTUNES, 2010) ou em alguma das camadas de sua infraestrutura geral, em relação a mecanismos de textualização ou aos mecanismos enunciativos (BRONCKART, 2012). Alguns textos retomam caminhos mais fáceis e convencionais, visto preferirem as soluções já apresentadas. Essas soluções são resultados das traves e dos entraves da escolarização. O processo de produção dos alunos é perturbado pela repetição da voz de autoridades escolares e dos professores, pressões escolares de que eles têm grande dificuldade de se desvencilhar e que fazem os textos perderem a graça, a leveza, o humor, a intensidade. Mesmo assim, em seu conjunto, esses textos podem ser considerados mais bem escritos que o conjunto de textos dos outros números dos *Folha* 1 e 2, em função da qualidade da argumentação, como se viu no artigo de opinião e no editorial.

A repetição de tipos de argumentos também pesa contra esta edição, mas a possível monotonia é superada pela variedade de seções, de temas desenvolvidos com qualidade em muitos textos, jornalísticos, de arte literária e de entretenimento. A multimodalidade também chama a atenção. A fotografia útil e charges produzidas pelos alunos têm também a força de capturar o leitor.

O que se observa em relação à produção dos alunos no *Folha 3*, é que avançam, rompendo, aos poucos, os laços da timidez, já que ousam propor diálogos mais críticos, com uma ironia fina, muitas vezes. Assim, mais do que em fotos das páginas do jornal, os alunos surgem autores mais competentes para defenderem os seus interesses e os das comunidades que representam.

## 4 DISCUSSÕES

Este capítulo visa, primeiramente, apresentar um diagnóstico do ensino e da aprendizagem dos gêneros, em que elencamos as etapas de produção do *Folha 3*, por ser este o mais sofisticado dos três que os professores conseguiram desenvolver. Em seguida, elencamos os problemas mais específicos e os erros mais gerais percebidos no decorrer da análise sobre o resultado das ações dos professores e dos alunos, representadas pela produção textual que se vê no *Folha Conexão Santa Clara*. E, finalmente, apresentamos uma visão positiva do trabalho realizado.

As etapas pelas quais os alunos passaram para que produzissem os artigos de opinião e o editorial do *Folha 3* podem ser descritas desta forma:

- a) Os *diálogos* da sala de aula, com a professora e com os colegas, em que o aluno pensa, pela primeira vez, na seção do jornal em que quer publicar e no tema possível;
- b) As observações da realidade vivida na comunidade (ver, ouvir, examinar, identificar provas) nas conversas em casa, com os amigos, com os vizinhos, com outros professores o fazem decidir sobre o tema e o gênero;
- c) As leituras de *blogs*, revistas, jornais e livros sobre o tema e o gênero;
- d) A produção e a apresentação de um pequeno projeto (tema, questão, objetivo, metodologia, público alvo e referências) à sala com anotação das críticas;
- e) A organização dos questionários semiestruturados para garantirem uma avaliação qualitativa nas entrevistas, e as enquetes para garantirem uma avaliação quantitativa;
- f) As entrevistas, as enquetes e as fotos;
- g) O cotejamento de dados e a produção de gráficos e tabelas;
- h) A produção da primeira versão do texto
- i) A apresentação do texto, a defesa e as anotações das críticas;
- j) A refacção do texto; com a escolha do título, do subtítulo, do olho ou lupa;
- k) A reapresentação do texto para a sala;
- l) O trabalho em grupo para a produção da retextualização do artigo em piada, charge, tirinha, ilustração, foto;
- m) A revisão do texto;
- n) A avaliação do texto final pelo grupo de editores.

Apesar desse trabalho, a análise dos textos aponta para erros muito marcados que se revelam nos artigos de opinião e no editorial: alguns, porque as professoras precisavam deixar que sobressaíssem; outros, porque não se ativeram à materialidade textual e aos aspectos de produção de um texto de um dado gênero, por não conhecerem as características e nuances dos gêneros. Os erros mais frequentes nos artigos de opinião e editoriais dizem respeito:

- a) A aspectos característicos do gênero, como: título, subtítulo, olho ou lupa e assinatura inadequados ou inexistentes para o artigo de opinião, e o título inexistente para os editoriais.
- b) À infraestrutura geral do texto ou à planificação: ausência de critério de divisão e organização dos parágrafos ou da metodologia de desenvolvimento da tese.
- c) À progressividade ora com discrepância entre a tese e o desenvolvimento ora com discrepância entre desenvolvimento e conclusão e com problemas gerados pela presença de ambiguidade indesejada.
- d) Aos mecanismos enunciativos, como a voz dos autores serem orientadas por um discurso escolar subliminar ou predominância de vozes das autoridades; as conclusões apresentadas não serem baseadas em suas impressões e opiniões dos autores para o artigo de opinião, ou nas opiniões dos editores, para o editorial; e a ocorrência da produção de um perfil positivo das autoras e de um perfil negativo dos leitores como ocorre em um dos editoriais.
- e) Aos mecanismos de textualidade como problemas de coesão nominal ou ausência de conexão que comprometem a dinamicidade do texto e a materialidade textual não atingir os propósitos e funções.
- f) À tese não estar constituída de forma que a sua identificação seja ágil o suficiente para garantir a clareza do ponto de vista do articulista, sobretudo, quando o texto se desenvolve por indução.

Tais problemas redundam em outros mais gerais os quais passamos a elencar, acrescentando também, algumas das causas e implicações para o aluno e as professoras:

- a) A dificuldade de distinguirmos os gêneros em que os textos se incluem é o resultado de as professoras haverem oferecido orientações gerais para a produção de textos jornalísticos; como o diria Pécora (1980) “redações escolares” e não haverem oferecido aos alunos um estudo sistematizado do gênero. Os alunos precisavam do contato com os textos do gênero, para que percebessem os temas, as

formas, os aspectos menos flexíveis ou mais flexíveis possíveis a ele e soubessem que a plasticidade do gênero, ou seja, ele ser relativamente estável, ocorre em razão do seu aspecto mais fundamental: a dupla função social. A ausência da apropriação do gênero revela-se pela repetição da estratégia de produção, isto é, os textos são produzidos a partir de uma ou duas técnicas da linguagem jornalística (citações diretas ou indiretas e dados estatísticos), sem que se permita distinguir, com clareza, reportagem de artigo de opinião, por exemplo. Isso implica consequências indesejáveis: para as professoras, o enfrentamento de críticas pelo trabalho publicado; para os alunos, a não apropriação do gênero ou de sua técnica específica ou de estratégias de produção.

- b) Os textos parecem desconectados da realidade de sua função social de produzir um efeito sobre o leitor, em razão do mau uso dos mecanismos de enunciação. Neles são muito tênues ou inexistentes os limites entre a voz do autor e as outras vozes. Isso revela que as professoras, provavelmente, não orientaram os alunos sobre a importância de marcarem a presença das vozes e, portanto, de distinguirem o juízo de valor delas do seu, ou a imagem cultural e social, que essas vozes representam, da sua. Isso implica a fragilização da imagem do autor, perda de credibilidade frente ao leitor e, conseqüentemente, abandono do texto o que, de certa forma, invalida os esforços das professoras e do aluno autor frente às comunidades leitoras do jornal.
- c) Os textos se afiguram inacabados, ou seja, sem elementos essenciais para a sua integralidade constitutiva, a qual advém do planejamento da infraestrutura geral do texto (plano geral: tipologia discursiva) e dos mecanismos de coesão, além dos mecanismos enunciativos de que já tratamos no item anterior. Isso ocorre, porque, não foram realizadas com os alunos atividades de observação do gênero e exercícios linguísticos e textuais. O leitor sente dificuldade de estabelecer a coerência textual e, muitas vezes, desiste da leitura de um texto que deveria, por sua função social, permitir uma interação rápida, eficiente e eficaz.
- d) O desenvolvimento do tema é prejudicado por falta de conhecimento e domínio para discuti-lo; os autores não assimilam as discrepâncias e as incoerências sociais e, quando o fazem, não há uma análise ponderada sobre elas, senão apenas uma assertiva, algumas vezes despropositada e pedagógica. O resultado disso são textos com baixo nível de tensão, isto é, os autores dos textos não percebem as

desconexões textuais ou com o público alvo. Por isso os textos pouco aguçam o interesse de um leitor razoavelmente crítico.

Frente à problemática gerada pelo produto, ou seja, os textos para a publicação, por receio de mostrar as falhas cometidas pelos alunos, visto que os textos são o espelho também da formação que receberam do meio social de onde vêm, mas, sobretudo, da educação formal que recebem na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, as professoras, optaram por fazerem uma revisão mais rigorosa dos textos do *Folha Conexão Santa Clara* número 1.

Mas, nos números 2 e 3, uma outra concepção começou a surgir, elas começaram a refletir sobre a necessidade de o jornal ser representativo do nível de escrita em que os alunos se encontravam, não obstante, temiam também as consequências indesejáveis para os alunos, para si mesmas (a interrupção do projeto), para a Escola (críticas). Por isso, fizeram uma correção parcial.<sup>21</sup>

As análises dos jornais, dos artigos de opinião e dos editoriais levaram-nas à compreensão de que há uma distância considerável entre o que ensinam os teóricos a respeito dos gêneros do texto, e o texto que os alunos produzem sob a orientação das professoras. As dificuldades deles refletem, inicialmente, as falhas da didática das professoras.

Considerando que buscamos uma resposta para a questão “*Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na escola?*”, em primeiro lugar, cabe-nos mostrar a didática necessária para que os textos ganhem em qualidade, e os alunos, em criticidade, a fim de que avaliem a própria produção do gênero do texto para uma publicação.

Assim sendo, propomos, para que se reduza a considerável distância entre a prática utilizada pelas professoras da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha e a prática desejável, uma didática mais informada pelo sociointeracionismo do grupo de Genebra representado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) que apresenta as *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*, doravante SD, e por Bronckart (2012 [1999]) que

---

<sup>21</sup> Correção parcial deve ser entendida aqui como a correção da ortografia, da pontuação, da acentuação gráfica. Isto é, as professoras não se ativeram a outros aspectos relevantes, como a conexão e a coesão textual.

apresenta o *folhado textual*, incitando o autor e o leitor a se voltarem para a atividade linguageira e a materialidade do texto.

Pensamos nas SD<sup>22</sup> por se adequarem e completarem o trabalho de ensino de produção de um texto de um dado gênero, realizado, parcialmente, na Escola Dr. Waldemar Neves da Rocha, vez que o trabalho realizado pelas professoras apresenta elementos afins aos dessa sequência. Isso significa dizer, que não é preciso abandonar a cultura já instalada, mas desenvolvê-la. Assim, com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Bronckart (2012[1999]), propomos as seguintes etapas:

- a) O professor precisa trabalhar problemas de níveis diferentes: representação da situação de comunicação (contexto de produção); elaboração dos conteúdos (o aluno deve conhecer as técnicas para buscar, elaborar ou criar conteúdos); planejamento do texto (infraestrutura textual, aspectos tipológicos que se pode privilegiar); realização do texto (meios de linguagem eficazes, mecanismos de enunciação e mecanismos de coesão).
- b) O professor precisa variar as atividades e os exercícios de categorias de atividades e exercícios podem ser aplicados: as atividades de observação e de análise de textos do gênero a ser apropriado pelos alunos; as tarefas simplificadas de produção de textos; a elaboração de uma linguagem comum.
- c) O aluno deve produzir uma lista de suas aquisições e constatações. A capitalização é o momento em que o aluno teoriza, registra os conhecimentos adquiridos, aprende a falar sobre o gênero, adquire vocabulário, usa linguagem técnica ou metalinguagem, redige sobre regras de produção do gênero, desenvolve atitude reflexiva.
- d) O professor avalia de forma qualitativa e formativa os alunos, buscando constatar em que medida eles conseguiram realizar ou não a construção do conhecimento e colocarem em prática a aprendizagem que capitalizaram.
- e) O aluno põe em prática o que aprendeu nos módulos e no processo de capitalização, cabendo retextualização do primeiro texto, refacção e reestruturação do texto.
- f) A tecnologia fica a serviço do aluno, esse é o momento em que os textos são publicados. Esse é o momento da prática de interação social, em que os interlocutores entram em contato com o gênero textual por meio do jornal.

---

<sup>22</sup> Não há uma metodologia única. Hoje há variações ou interpretações distintas para SD. O importante é o ensino sistematizado e teoricamente informado.



- g) O professor investiga a produção publicada e faz a avaliação somativa da produção, utilizando-se, para tanto, também do confronto da produção textual com a lista de constatações.

Essa visão panorâmica de erros, de formas particulares das professoras entenderem o ensino e as noções teóricas de ensino do gênero do texto através de SD dá condições às professoras de projetarem uma SD que se ajuste às necessidades e à realidade dos alunos, da Escola e delas mesmas.

A impressão primeira trazida por esse diagnóstico tende a fazer acreditar que entendemos o projeto jornal da Escola Dr. Waldemar Neves da Rocha como uma sequência de equívocos, mas se compararmos o número de erros ao dos acertos que esses mesmos alunos conseguiram produzir, veremos que os acertos são em muito maior número e que são muito significativos, o que se prova com uma retomada exclusiva de acertos de cada um dos textos analisados.

Preferimos retomar e elencar apenas os acertos do artigo de opinião e do editorial do *Folha 1*, considerado por nós, a partir da análise que fizemos, menos bem realizados que os textos, por exemplo, do *Folha 3*.

Cabe-nos, então, rememorarmos, de forma sintética, os acertos do processo didático de orientação e, principalmente, os acertos dos alunos ao produzirem os textos:

No *Folha 1*, os alunos são orientados para se organizarem, fazerem pesquisas livrescas, *online* e de campo: produzirem questões para entrevistas, apresentarem-nas à turma, receberem críticas das professoras, dos colegas, reescreverem-nas e retextualizarem-nas em artigos. Agem, portanto, linguisticamente, fazendo a aquisição dos aspectos tipológicos: do relatar, do argumentar, do expor e do descrever. Uma leve ironia transparece nos textos. Assim, esses alunos vão, aos poucos, ganhando desenvoltura linguística, à proporção que também desenvolvem uma postura educada, cordial e inteligente com os seus colegas e com outras pessoas a quem entrevistam, para produzirem o material a partir do qual redigem os textos.

Para rememorar as qualidades linguísticas que esses alunos atingem, basta remontarmos às análises dos artigos de opinião e dos editoriais e a alguns dos melhores momentos daqueles jogos estratégicos de linguagem.

O artigo de opinião do *Folha 1* foi introduzido com a apresentação da tese, seguida de recurso de constatação; o artigo remete o leitor ao universo de referência, o mundo real, como é

devido a textos do campo discursivo da informação. A direção argumentativa ou o juízo de valor é implicitamente assumido, o argumento desenvolve-se com justificações ou suportes; a utilização da estratégia de coleta de informações por meio de entrevista garante o desenvolvimento temático com embate indireto e cauteloso em que se exploram as contradições. Uma argumentação atenuada e vigorosa constitui o jogo de linguagem, marcado pela liberdade de apresentação de juízos de valor com que as autoras defendem o seu ponto de vista, confirmado pela propriedade no uso de modalizações lógicas tímidas, mas eficazes. Os leitores são sugestionados a um acordo com a direção dada pelas autoras, à argumentação. A presença de vozes está bem marcada em discurso direto, indireto e indireto livre e perguntas retóricas. A convocação de um “todos” é estratégica para marcar a presença do leitor, cooptá-lo e aproveitar-se do recurso para garantir a proteção de face. A técnica de confronto ou embate subliminar permanece no desenrolar do texto. Com relação à coesão verbal, pode-se classificá-la como estratégica: o presente do indicativo é utilizado em toda intervenção das autoras, o pretérito perfeito introduz o discurso direto, e o futuro do pretérito apresenta o discurso da ciência, enquanto o futuro do presente é utilizado para a produção das questões retóricas (hipotéticas). Finalmente, o presente do indicativo de valor gnômico ou sentencioso do último parágrafo dá ao texto um valor autoritário e didático.

O editorial do *Folha 1* é um dos seis textos analisados nesta pesquisa que mais apresenta erros e, no entanto, ainda assim, podem-se ver acertos muito interessantes. O primeiro parágrafo apresenta, inicialmente, a fase de premissas, com uma sequência de máximas, em que se utilizam verbos no infinitivo impessoal. A presença de vozes sociais se dá pelo uso do pronome indefinido “todos”, uma tentativa de envolver o leitor e induzi-lo a agir em consonância com o ponto de vista do autor. A tese remete, parcialmente, o leitor ao universo de referência pretendido e aponta a direção argumentativa. As informações coletadas para a produção inicial do editorial advêm de vozes sociais ou *topói* (senso comum). O segundo parágrafo introduz-se com o mesmo tipo de estratégia de enumeração visto no primeiro parágrafo, a pontuação se altera positivamente com vírgulas, propiciando dinamicidade à leitura. Os argumentos elencados são do mundo do narrar implicado, do relato interativo (da ciência) e estão seguidos de uma pergunta retórica. Essa enumeração pode servir a dois propósitos, é, pois, estratégica. O conectivo “enquanto” tem função de marcar o juízo de desperdício do tempo. A pergunta retórica, fundada em uma forte oposição expressa pelo “mas” (progresso X destruição) traduz-se em dois efeitos: focaliza o tema e ironiza. Finalmente, as autoras discretizam o seu ponto de vista, convocando um nós, de modo a criar

um coro de vozes sócio-histórico, cognitivamente consensual. Isso o fazem, com finalidade claramente argumentativa, ou seja, no intuito de se aliar e/ou buscar a adesão do leitor com quem fazem parecer que dividem um perfil cognitivo.

Após refletirmos sobre os resultados que alcançamos com as análises, entendemos que a prática de produção de gêneros do texto, mesmo quando não tão informada pela teoria, pode aproximar os alunos de uma produção textual desejável. Consideramos bons os textos dos alunos e percebemos claramente a evolução por que passam um ano e meio depois de aderirem ao projeto jornal da Escola Dr. Waldemar Neves da Rocha.

Ao final desta exposição, acreditamos termos trazido um diagnóstico e uma discussão suficientes para compreendermos o nível de complexidade que envolve um projeto de mídia na escola pública. Nesse sentido, cabe destacarmos os elementos que consideramos preponderantes, mas que não conseguimos listar em ordem de importância: o envolvimento do aluno no processo de sua formação e nos resultados que alcança no processo de aprendizagem e na sua produção; o envolvimento das professoras que abrem espaço ao protagonismo do aluno; o desenvolvimento de capacidades de julgamento e crítica, o aprofundamento do olhar sobre a teoria dos gêneros do texto e uma didática de ensino dos gêneros que possibilite aos alunos apropriarem-se deles.

Cabe-nos agora, tecer as considerações finais para atarmos as duas pontas: o jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha e o processo de formação de autores críticos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Folha Conexão Santa Clara* é um projeto ainda recente, mas contempla um “processo gradual e ininterrupto de apropriação de saberes, de construção de conhecimentos, sobre e nas práticas sociais em que os gêneros se inserem” (SANTOS, 2006, p. 3). Esse projeto institucional contempla a diversidade de gêneros, como conjunto de manifestações socioculturais e propicia aos alunos e às professoras envolvidas viverem uma experiência intensa de educação, ensino e aprendizagem.

Participar de um processo como esse pressupõe que os professores estejam atentos à opinião, à crítica dos atores envolvidos, aos resultados parciais e totais, aos indicadores de desvios, de falhas e de erros. Essa postura parece-nos a mais produtiva, pois pode fomentar a pesquisa, racionalizar e intensificar os trabalhos de produção e ressignificar e revalorizar o projeto.

Frente às críticas recebidas sobre a qualidade dos textos publicados, formulamos o questionamento “*Como transformar o jornal em um instrumento que participe da formação de autores críticos na escola?*”. As hipóteses levantadas no projeto que deu origem a esta pesquisa se comprovam:

- a) O projeto institucional necessita do envolvimento da comunidade escolar e das comunidades de que os alunos provêm, fulcro gerador das problemáticas vivenciadas pelos alunos, porque é junto a essas comunidades que os alunos fazem suas observações, pesquisas. Portanto, o envolvimento do aluno com sua comunidade, com os problemas que as afligem e a busca de soluções junto a essa comunidade é fundamental;
- b) O jornal deve ser diversificado para atender ao público variado que o lê. Destacamos aqui a importância dos textos multimodais, visto que a presença de imagens provoca o olhar do leitor, função pela qual são ostensivamente utilizados, segundo os propósitos comunicativos que dizem respeito à ludicidade e à rapidez com que possibilitam a interação. Sua contribuição para a formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade é inestimável. Mas o jornal também deve constituir-se de textos mais rígidos e longos, publicados em grandes jornais, porque essa é uma forma de envolver a comunidade leitora em gêneros para a leitura dos quais ela deve estar preparada;

- c) O *Folha*, embora seja um jornal da Escola que abrange, em maior número, as classes sociais C, D, E, investe no trabalho com os artigos de opinião, mesmo sabendo que, nos jornais populares que lhes agradam, o artigo de opinião não tem representatividade. No entanto, em tempo de acessibilidade à internet, é preciso não desconsiderar a facilidade de acesso dessas classes aos maiores jornais do país e ao ganho que representaria o desenvolvimento do gosto pela leitura desse gênero por parte dos leitores do *Folha Conexão Santa Clara*. No sentido de esse público interessar-se por um gênero de opinião fundado na busca ou no levantamento de hipóteses sobre causas dos mais diversos fatos ou ainda motivar-se a tomar a palavra para agir de forma democrática, expondo os seus posicionamentos, sua identidade social, argumentando para defendê-los, seria um novo ganho. Por isso o *Folha* insiste em realizar uma tentativa de participação desse público “classes populares” que é parte de um contexto socioideológico caracterizado pela mídia como inadequado para a leitura do gênero. O artigo de opinião deve ser um gênero privilegiado também, porque envolve os alunos que o produzem em atividades reais de linguagem, exigindo-lhes competência comunicativa representativa de soluções satisfatórias e porque os prepara para defenderem o seu ponto de vista e o próprio estilo, com liberdade e autonomia.
- d) Os gêneros privilegiados não precisam ser todos os mesmos dos jornais de grande circulação; gêneros de outras instâncias ou esferas discursivas devem ser utilizados para garantir a adesão de diferentes tipos de redatores e de um público variado.
- e) Não se forma o autor crítico, se ele não conhece as exigências de uma atividade real de linguagem, os processos de produção da materialidade textual, eixo de sua coerência, e sua função social.

As hipóteses comprovadas levam-nos também a perceber uma resposta mais geral para a questão fundamental desta pesquisa: o jornal da Escola deve ter a melhor qualidade que puder alcançar e avançar sempre nessa direção. Dito em outras palavras, deve compor-se de textos dos alunos, os mais autorais, cuja materialidade permita uma interação social menos problemática possível. O jornal deve ser o espaço em que se publiquem textos “menos bons” para garantir ao número máximo de alunos uma representação, mas deve primar também pela qualidade máxima, isso quer dizer, por publicar textos, produtos de atividades reais de

linguagem e que propiciem ao leitor, adesão, por capturá-lo para realizar outras atividades reais de linguagem. Para isso, temos a opção de desenvolver todo o trabalho de produção textual crítica, conforme o sugerimos no decorrer desta pesquisa. Tal sugestão tem como pressupostos: (i) ter noções muito claras dos processos de produção da materialidade textual, como o propõe, em seu *folhado textual*, Bronckart (2012 [1999] p. 122-129) ou noções dos elementos constitutivos da dimensão *global do texto*, eixo de sua coerência, como nos ensina, em uma abordagem prática, Antunes (2010, p. 55-58); (ii) conhecer o gênero, em seus aspectos mais peculiares ou menos comuns, o seu uso e suas funções sociais; como o ensinam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Dito de outra forma, quando a “atividade real de linguagem” diz respeito à produção de um texto para publicação no jornal da Escola, precisa fazer parte da vida do aluno, mas não pode deixar de ser vista em seu valor didático. Vê-la assim requer a dimensão dos cuidados e das reflexões, sobre a materialidade do texto, entendido aqui como produção única e real, coletiva e social, cultural e histórica, profundamente inserido na experiência cotidiana, representativo de uma das instâncias ou esferas do discurso, produto de escolhas de uma das variedades da língua multifacetada, heterogênea, semanticamente opaca, conforme Marcuschi (2001). O texto, atividade real linguística, produto de um trabalho criador, ativo e construtivo, deve garantir que o leitor interaja com ele, perceba nele elementos que propiciem o estabelecimento de alguma coerência, a fim de que esse leitor seja capturado pelos efeitos de sentido produzidos pela materialidade textual, mas não só por ela, uma vez que o sentido do texto não está nele.

Escrever para publicar no jornal da Escola deve ser uma “atividade real de linguagem”, uma situação concreta de interação histórica e socialmente estruturada. Em tal atividade, o aluno vivencia uma situação-problema cotidiana maior, a produção textual para a publicação. O processo de preparação do material para essa produção exige competência comunicativa e soluções satisfatórias para situações múltiplas. Cada entrevista, enquete e pesquisa, traduz novas circunstâncias, novos interactantes, outro tempo, outro espaço, outra história; são novas práticas de interação internas ao processo de produção de um artigo jornalístico.

Sabíamos que o jornal propiciaria atividades de linguagem e simulação do real, que possibilitaria aos alunos o exercício da argumentação, mas não dimensionamos o quanto, muitas vezes, as atividades realizadas por eles ultrapassam esse primeiro estágio de treino e proporcionam situações reais de desenvolvimento da opinião, do raciocínio, do pensamento

crítico, das habilidades argumentativas ao aprenderem sobre os critérios da busca e a procurar, identificar coisas, comentar fatos, questionar valores e informações, selecionando-as, classificando-as, analisando-as, além de caminharem em direção à interpretação de dados e de formularem conclusões.

Sabemos que, ao retextualizarem um artigo de opinião em charge ou ilustrar um outro com uma tirinha, ou posarem para uma foto, ou trabalharem em parceria para que o colega humorista crie uma piada, ou o colega poeta componha um poema concreto para estar ao lado do seu texto no jornal, os alunos, aos poucos, ultrapassam a barreira das habilidades básicas de falar-ouvir e ler-escrever, dando sinais de terem aprendido que os textos multimodais são muito convenientes aos jornais, já que a interpolação resulta em uma maior plasticidade e fluidez.

Com os problemas enfrentados para a publicação do *Folha 3*, aprendemos que os textos do jornal da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha não podem ser monossêmicos e, para isso, o jornal deve ser produzido com uma variedade de seções, de gêneros das mais diversas instâncias discursivas - jornalística, publicitária, literária, mas, sobretudo, deve estar atento aos temas e à consistência com que são desenvolvidos, à qualidade da materialidade linguística, aos mecanismos enunciativos, às estratégias de construção dos textos, para que o jornal não seja repetitivo.

Aprendemos que o público leitor quer se ver representado no conjunto de ideias expressas nos textos e adquirir novos níveis de informatividade; que quer se envolver em espaços mais densos que permitam uma leitura de fruição, mas também almeja entreter-se com uma leitura de puro prazer e descomprometimento. (BARTHES, 2007 [1978]).

As críticas ao *Folha 3* foram imprescindíveis a fim de entendermos que, para que o aluno seja um autor crítico, é preciso que ele entenda cada um desses elementos, mas fundamentalmente, centramo-nos em uma resposta que, para nós, é dentre essas outras, a fundamental: para que o jornal se torne um instrumento de formação do leitor crítico, professor e aluno devem estar muito atentos à materialidade do texto, olhar para ele com um olhar perscrutador. Quanto à materialidade, quando esta se constitui de forma incoerente em relação ao gênero do texto, a função social desse fragiliza-se. Assim, o texto bem escrito, isto é, adequado à situação sociointerativa e, portanto, ao gênero, é fator preponderante para a captação e fidelização do

público leitor, seja ele qual for. O propósito de persuasão é imprescindível para qualquer autor crítico.

Com Lozza (2009), aprendemos sobre o leitor crítico. Entendemos que é possível aplicar algumas das características do leitor crítico para definirmos o autor crítico de jornal. O autor crítico de jornal conhece a força do oficialismo, das técnicas de naturalização dos fatos, consegue superar as dificuldades da linguagem, entende quando é necessário produzir uma segmentação, uma especialização para ganho de credibilidade; consegue dar ao texto um caráter de cientificidade, lógica e objetividade que ofuscam o conteúdo ideológico de que as matérias estão impregnadas. Sabe que a realidade, portanto, não se reflete nas páginas do jornal, o que se vê nelas é uma leitura da realidade, uma interpretação dos fatos movida por interesses da instituição jornalística. Sabe ainda que a controvérsia geradora de tensão não pode ser tratada com linearidade (ausência de reflexão) e simplismo (ausência de articulação) ou superficialidade; e a atualidade, condição intrínseca do jornal, não pode ser tratada com imediatismo e precariedade. Entende que o individualismo não deve ser elogiado em detrimento dos sujeitos coletivos (LOZZA, 2009, p. 43-59).

Ser um autor crítico pressupõe ser um leitor e um cidadão que se sinta responsável por sua participação social, comprometa-se com a vida, com o trabalho, que reflita para compreender o mundo contraditório em que vive, as causas, as consequências e os resultados do funcionamento das coisas, dos objetos para além da aparência ou do desejável; cidadão que se apropria da cultura e das linguagens (literária, jornalística, publicitária) mais ou menos subjetivas ou objetivas. Para esse autor, escrever é exercer o seu direito à opinião e à crítica, compreendendo o jornal como veículo que influencia e regula as interpretações, uma vez que não só veicula, mas administra a memória coletiva, marcando assim posturas mais mercadológicas ou as mais plurais.

Entendemos então que escrever, em qualquer situação e em qualquer gênero do texto, não é uma tarefa fácil; sobretudo, se for para atingir um público diversificado. Redigir para publicação exige ter consciência de que utilizar-se da linguagem é assumir uma atitude permanentemente responsiva (BAKHTIN, 2011 [1953]) e indagadora frente ao leitor, visto ser o texto, em sua materialidade e como produto de um discurso, uma reação para provocar reação no outro, em um tempo, um espaço, uma sociedade, uma cultura, ou seja, visto ser o texto uma ação dialógica e histórica representativa da presença humana e da vida.



Os alunos não querem só escrever, querem ser lidos. Depender do outro, que não se deixa capturar facilmente, para uma atividade que lhe exige tanto quanto a leitura, como também habilidades do autor em perceber seus desejos, seus interesses e as necessidades que movem esse provável leitor.

O público leitor do jornal da Escola, não raro, é capturado por imagens; move-se em direção ao jornal, inicialmente, pela estética, pela diversidade de seções de temas e de gêneros; busca divertir-se e surpreender-se; nessa busca, abre espaço para a informação mais densa e não lê, se percebe que o autor não dá mostras de competência linguística e habilidade de persuasão e argumentação. Os redatores do jornal da Escola encontram-se, portanto, expostos às regras de mercado, a oferta é grande, então a qualidade do produto precisa ser mais que apenas satisfatória. Quem quer ser lido não pode prescindir de pensar no outro e demonstrar o seu respeito, cativá-lo, convencê-lo, e ser bom o suficiente para ter credibilidade e propiciar-lhe fidelização. É por essa função socioeducativa que o jornal da Escola se torna um instrumento excepcional de formação do autor crítico para a vida.

Ao encerrarmos este trabalho, destacamos a valiosa contribuição que um projeto como o jornal da Escola representa em termos de ensino de língua, já que a recepção de textos e a sua produção vem atormentando os professores da educação básica e do ensino médio há um longo tempo. A produção de um jornal, como é o caso desse projeto, representa uma estratégia importante para encarar a questão. Em nossa análise, buscamos oferecer uma visão abrangente e vertical dos assuntos tratados, examinamos e detectamos os problemas com a clareza que nos foi possível e procuramos e encontramos estratégias para enfrentá-los.

Destacamos ainda questionamentos que poderão ser investigados em trabalhos futuros: (i) Um dos elementos mais importantes do projeto é oportunizar uma articulação dos estudantes com o mundo social, o que impediria isso é o mau uso dos mecanismos de enunciação, isso pressupõe que o projeto, para gerar efeitos positivos, necessitaria de um tempo maior de funcionamento? Nesse sentido, não haveria a necessidade de se criar essas estratégias paralelas no âmbito de todas as disciplinas que constituem o currículo?; (ii) É possível contar com a articulação de todos os professores do currículo ou essa é uma dificuldade a ser transposta?; (iii) Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que “o aluno deve produzir uma lista de suas aquisições e constatações. A capitalização é o momento em que o aluno teoriza, registra os conhecimentos adquiridos, aprende a falar sobre o gênero, adquire vocabulário, usa linguagem técnica ou metalinguagem, redige sobre regras de produção do gênero, desenvolve

atitude reflexiva”. Há nesse texto um elenco de ações para aferir a mudança operada nos alunos. Mas perguntamo-nos, além das ações indicadas, não seria necessário expandir o leque de tais avaliações, envolvendo outros estudantes de outras séries, reconhecidos como alunos competentes pela avaliação de seus professores, assim como a participação avaliativa de outros professores da escola, da área de linguagens e também de setores da comunidade? Não seria viável fazer parceria com órgãos da imprensa local, pedindo a criação de um programa especial que contaria com a participação de alunos e professores envolvidos com a produção do jornal?; (iv) O projeto preocupa-se em estabelecer uma distinção entre o texto criativo e o texto repetitivo. O primeiro tem todas as características do texto literário – invenção, originalidade, novidade – enquanto o segundo funciona como uma mera repetição de um discurso comunitário, ou seja, ele apenas repete com outras palavras aquilo que a cultura instituiu como o correto, o esperado, o necessário. Nesse caso, também se pode falar que o texto criativo é aquele que mostra a presença de um autor, enquanto o outro reproduz um agente de uma repetição que ele produz com baixo nível de consciência crítica. Em que medida o aprofundamento dessa questão pode ser útil ao projeto?

Há muito que se pensar sobre o Projeto Jornal da Escola, mas conseguimos responder uma questão fundamental para que ele se desenvolva a bom termo. Se o nosso objetivo é qualidade, precisamos desenvolver um planejamento de ações para que os alunos e a Escola consigam atingi-la. Ressaltamos que não há uma única didática, uma única forma de se pensar um projeto como esse, há muitas formas, mas descrevemos as trilhas de uma didática que podem ser caminhos para nós mesmos, deixando marcas que, vistas por outros professores, podem representar uma contribuição significativa.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- AGUIAR, Tarcisia Maria Travassos de. Títulos, para que os quero? In.: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Normanda da Silva.(Org.). *Tecendo textos, construindo experiências*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, v. 1, p. 55-79.
- BAKHTIN, M. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo. Hucitec, 2010 [1929].
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1953].
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007 [1978].
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BONINI, Adair. O conhecimento de jornalistas sobre gêneros textuais: um estudo introdutório. In: *Revista Linguagem em (Dis)curso* (on-line). v. 2, n. 1, jul./dez. ISSN 1982-4017. Editora Unisul: Tubarão (SC), 2001. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0201/01.htm>>. Acesso em: 5 maio 2009.
- BONINI, Adair. Os Gêneros do jornal: Questões de Pesquisa e Ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRÄKLING, K. L. Trabalhando com o artigo de opinião: revisitando o eu no exercício da palavra do outro. In: ROJO, R. (Org.). *A prática da linguagem na sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 221-247.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Lei de Diretrizes e Bases*, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais \_ Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/Semtec, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais Mais*, 2002
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Conteúdo Básico Comum*, 2005.
- BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. 2. ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Trad. Anna Raquel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2012 [1999].

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do Jornalismo português e brasileiro*. Santarém: Jortejo, 2005.

COIMBRA, Ludmila Scarano e CHAVES, Luíza Santana. *Jornal na aula de espanhol: lendo notícias, entrevistas e artigos de opinião*. São Paulo: Edições SM, 2012. (Somos mestres)

DEFFUNE, Deisi; DEPRESBITERIS, Léa. *Competências, habilidades e currículos da educação profissional: crônicas e reflexões*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

DOLZ, J. *et al.* Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Ed.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA Jr, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA Jr, Juvenal. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

FAUSTO NETO, ANTÔNIO. *Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974 [1926].

GERALDI, Wanderlei. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, Wanderlei. *Portos de passagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, Wanderlei. *Linguagem e Ensino – exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996.

GERALDI, Wanderlei. *Portos de Passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOFFMAN, E. A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GRADIM, Anabela. *Manual de Jornalismo*. Covilhã, Portugal. Universidade da Beira Interior, 2000. Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-gradim\\_anabela\\_manual\\_jornalismo.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2014.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ILARI, R; BASSO, R. *O português da gente – a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2002.

JORNAL *Folha Conexão Santa Clara*. Ano I, n. 1. E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. Teófilo Otoni, MG. 2011.

JORNAL *Folha Conexão Santa Clara*. Ano I, n. 2. E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. Teófilo Otoni, MG. 2011.

JORNAL *Folha Conexão Santa Clara*. Ano II, n. 3. E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. Teófilo Otoni, MG. 2011.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LOZZA, Carmen. *Estudos sobre jornal e educação: olhares de longe e de perto*. São Paulo: Gobar, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *O Livro Didático de Português: múltiplos olhares*. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. *et al. Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gênero textual: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de línguas. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio *et al.* Gêneros Textuais: Reflexões e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GRAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). *Gêneros Textuais: Reflexões e ensino*. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARQUES DE MELO, José. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

- MEIRIEU, P. *Aprender... sim, mas como?* 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *A Subjetividade no Editorial: Uma Análise Retórico-Argumentativa da Adjetivação*. Tese de Doutorado, FFICH-USP, 1990.
- NEVES, M. H. M. *A gramática: história, teoria e análise*. São Paulo: Unesp, 2002.
- PÉCORA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PERFEITO, A. M. Gênero editorial: análise linguística contextualizada às práticas de leitura e de produção textual. In: *Siget - 4o. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais*. Tubarão: Ed da Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007.
- PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1999 [1967].
- PINTO, R. B. W. S. *A heterogeneidade constitutiva do ethos no editorial português*. Calidoscópio, São Leopoldo, p. 25-32, 2004.
- RESENDE, Enio. *O livro das competências: desenvolvimento das competências – A melhor autoajuda para pessoas, organizações e sociedade*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.
- RONCARATI, Cláudia. *As cadeias do texto: construindo sentido*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.
- ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras, 2008. (Original 2000)
- SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. *Diversidade Textual: os gêneros em sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* *Gêneros Orais e Escritos*. 2 ed. Tradução e organização: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Gláís Sales. Campinas - São Paulo: Mercado das Letras, 2010 [2004].
- SOUZA, M. M. de. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. Recife, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco.

## ANEXO A

ANEXO A – Exemplares da *Folha Conexão Santa Clara*



# FOLHA Conexão Santa Clara

ANO I • NUMERO 1 • TEÓFILO OTONI • JUNHO 2011

## PROJETO INSTITUCIONAL “MEU AMBIENTE, MINHA VIDA”

A Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, no ano em que completa 40 anos de existência, inicia suas comemorações com uma reflexão acerca das questões ambientais. Alunos, professores, especialistas, vice-diretores e diretora construíram a várias mãos um trabalho de fôlego, cujos resultados encontram-se nestas páginas para apreciação de toda a comunidade escolar.



*3º ano Ensino Médio e professores*

## PROJETO TEMÁTICO “A REVOLUÇÃO DAS EMBALAGENS”

O SESC-MG - Unidade Teófilo Otoni, ofereceu parceria para o desenvolvimento do Projeto “A Revolução das Embalagens”.

“Para a Escola é um privilégio trabalhar com SESC por ser uma Entidade séria que valoriza a pluralidade cultural de Minas Gerais e está sempre voltada para as questões sociais”, considera Vilma Leão - Diretora da Escola.

O Projeto teve início em 14/04/11 com uma palestra sobre “Embalagens”, realizada no Salão Social do SESC/MG-TO, pelo Sargento Bonfim - Polícia Militar de Meio Ambiente de Minas Gerais.



*Diretora do SESC/MG-TO - Lucienne Ganem recebe carinhosamente a Escola.*

## EDITORIAL

**Reciclagem.** Preocupar-se com o lixo produzido em casa. Acabar com o desperdício de água. Evitar queimadas. Respeitar os recursos naturais. Não prender animais silvestres. Não jogar lixo na rua... Todos conhecem esses e tantos outros preceitos, por isso é condenável a atitude que grande parte da sociedade desempenha no que diz respeito à preservação do meio ambiente. Apesar dos inúmeros desastres ecológicos que ocorrem com demasiada frequência, a população continua cega, e o pior é que essa cegueira é por opção. Não somos especialistas no assunto, mas não é preciso que sejamos para percebermos que o planeta não anda bem.

Desertificações, derretimento de geleiras, aquecimento global, entre outros fenômenos, assustam a população. Seria isso mera coincidência ou a mais clara resposta da natureza contra o descaso com o futuro da terra? Acreditamos na segunda opção.

Enquanto o homem cego pela ganância se empenha na busca obsessiva pelo progresso, o tempo passa e a situação adquire proporções alarmantes. Onde está o tal desenvolvimento sustentável que é ou era primordial? Sabemos que o progresso é inevitável e indispensável para a sociedade, mas vale à pena conquistar esse progresso à custa da destruição da fauna e da flora, da qualidade de vida que a natureza nos proporciona? Não podemos continuar cegos diante dessa realidade.

O que uma pequena comunidade pode fazer em favor do meio ambiente? Pode mobilizar-se para a conscientização e preparar os caminhos para a transformação da realidade. É isto que esse jornal busca: mobilizar os membros de sua comunidade.

*Daniela Alves Nogueira*  
*Redatora-Chefe*

## MALHAÇÃO E COLABORAÇÃO

Até chegar ao produto final, foram muitas reuniões, encontros, oficinas, visitas, ensaios, produções, pesquisas e muita colaboração, o que nos encheu de grande alegria!




*Encontro de equipes com direção, vice-direção e especialistas*

### Nesta Edição

Página 6 - Lixo Hospitalar: Uma ameaça à poluição

Página 7 - Entrevista à CLTO

Página 8 - Embalagens Alternativas: O que pensa o



# “REVOLUÇÃO DAS EMBALAGENS”

PROJETO DE PARCERIA

A E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, sob a direção de Vilma Leão da Silva, abre espaço para um projeto interdisciplinar sobre o meio ambiente, uma parceria Escola Pública / SESC MG – Unidade Teófilo Otoni. O projeto: “A Revolução das Embalagens” desenvolve-se sob a coordenação das especialistas em educação básica. Os professores trabalharam para a sensibilização do público alvo, alunos do 9º ano do ensino fundamental e 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. Os alunos já estão em campo, produzindo pesquisas, experimentando uma nova forma de pensar a cultura do consumo. Espera-se que esses alunos se tornem multiplicadores de uma nova cultura.

O projeto conside-

rou a priori:

1. A Constituição da República Federativa do Brasil que estabelece em seu artigo 225: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações”.

2. A inclusão da temática Meio Ambiente nos currículos escolares, pelo Ministério da Educação, como tema transversal, permeando toda a prática educacional, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

3. O fato de que a ação governamental só

tem legitimidade com o apoio da sociedade civil que, ocupando seu espaço, reivindica e luta por uma melhor qualidade de vida e maior respeito pelo nosso Planeta Terra.

4. Que o trabalho em Educação Ambiental deve privilegiar um enfoque holístico, por meio de uma prática democrática, participativa e inclusiva, abordando a concepção de meio ambiente em sua totalidade.

5. Que a prática de Educação Ambiental para ser efetiva, exige a participação de diferentes atores sociais no processo de gestão ambiental.

6. Que a Educação Ambiental se propõe,

ainda, a dar aos educandos condições de se posicionar e agir em busca de caminhos mais justos e solidários para os desafios do processo de construção, ocupação e transformação do mundo natural, social, cultural e ético.

Esse projeto justifica-se por ser instrumento de leitura crítica de contextos que acirram a crise ambiental global e que podem pôr em risco a sobrevivência humana. Justifica-se mais ainda por permitir a definição de personalidades comprometidas com o desenvolvimento sustentável, o que pressupõe respeito pela preservação ambiental.

Jacqueline G. Gonçalves  
Especialista em Educação



Professora Aline Tomich e 9º ano - EF



Oficina de Arte 1º E - EM

## Notícia

### INTERNATO RURAL: MEIO AMBIENTE EM FOCO

A Escola Técnica Rural Luterana - ETRL - em parceria com a Escola Técnica de Formação Gerencial - ETFG - criaram o projeto “Meio Ambiente: Responsabilidade ambiental e sustentabilidade”. Esse projeto conta

alunos e dos funcionários das duas escolas. O objetivo geral das duas instituições é criar consciência de responsabilidade ambiental e sustentabilidade. O projeto foi subdividido em 6 módulos e terá duração de

período haverá reuniões periódicas entre as duas instituições. Os temas dos módulos são: Respeito à Criação, Sustentabilidade, Lixo, Água, Solo e Energias Alternativas.

Rafael Leonardo de Almeida





Entrevista

## CLTO - COOPERATIVA DE LATICÍNIOS DE TEÓFILO OTONI: GESTÃO AMBIENTAL E SEGURANÇA NO TRABALHO

Entrevista realizada com o responsável técnico industrial da CLTO, Clésio Pereira dos Santos, mostra o nível do comprometimento da empresa com o meio ambiente e a segurança dos funcionários.

■ **Quais as vantagens e desvantagens de a empresa ter se instalado na Vila Santa Clara? Hoje, a empresa se instalaria neste bairro?**

A vantagem é a de a empresa ter se instalado longe do centro. A desvantagem é a de que a população se aproximou da empresa, a área industrial deveria ter sido preservada, por isso não se instalaria a empresa no mesmo local.

■ **Qual a importância da gestão ambiental para a empresa?**

É de extrema importância. Demonstração

disso foi o projeto de preservação ambiental pioneiro criado pela empresa, em 2006, ETE (Estação de Tratamento de Esgoto ou Efluentes). Os resíduos produzidos pela empresa são tratados nessa estação e a água volta para a natureza sem nenhum produto químico.

■ **Quais projetos ambientais a CLTO desenvolve externamente? A comunidade é beneficiada por esse projeto?**

A CLTO não desenvolve projetos externos, mas, os papéis, plásticos são recolhidos e doados para a ASFUNC (Associação dos Funcionários).

■ **Vocês têm treinamento técnico abrangendo todos os funcionários? Como funciona?**

Não. Mas temos

um projeto para a preservação física dos funcionários que previne acidentes de trabalho. O projeto SOMA acontece semanalmente ou mensalmente, de acordo com o setor.

■ **Que tipo de energia é utilizada para o funcionamento de máquinas e caminhões na empresa?**

As máquinas funcionam movidas a óleo, energia elétrica limitada (usada apenas na área administrativa, em função de parceria feita com a CEMIG) ou energia vinda do eucalipto de reflorestamento (aquela gasta para aquecer as caldeiras). Os caminhões são movidos a óleo diesel. A empresa trabalha fora do "horário de pico" quando a energia é mais cara.

Há a reutilização de algum tipo de material?

Não.

■ **Tem-se argumentado que não se pode servir ao mesmo tempo às necessidades da indústria e às do meio ambiente, vocês concordam com isso? Por quê?**

Discordo totalmente, se antes a empresa poluía por ausência de consciência ecológica, hoje isso é impossível, a história muda, empresas precisam se adequar a ela. Na época do meu pai, não se pensava que seria proibido criar passarinhos, hoje, a não ser em casos previstos em lei, isso é crime. A empresa precisa se modernizar, pensar as relações com o meio ambiente é muito importante.

*Elane Siqueira Bitencourt  
Maria Júlia de Jesus  
Maicon Jr. dos S. Sousa  
Patrícia Lucas Bramantes  
3º ano C*





## CURIOSIDADE: TEMPO DE DECOMPOSIÇÃO DE RESÍDUOS

Conheça a previsão da média de tempo para a decomposição de objetos no solo e nos oceanos.

<i>Tempo decomposição no solo:</i>	<i>Tempo de decomposição nos oceanos:</i>
Jornal: 6 meses.	Papel toalha: 2 a 4 semanas.
Palito de madeira: 6 meses.	Pano: 6 meses a 1 ano.
Toco de cigarro: 20 meses.	Chiclete: 5 anos.
Nylon: mais de 30 anos.	Caixa de papelão: 2 meses.
Chicletes: 5 anos.	Palito de fósforo: 6 meses.
Pedaços de pano: 6 meses a 1 ano.	Restos de frutas: 1 ano.
Cigarros: 2 a 5 anos.	Jornal: 6 meses.
Fralda descartável biodegradável: 1 ano.	Fralda descartável: 450 anos.
Fralda descartável comum: 450 a 600 anos.	Fralda descartável biodegradável: 1 ano.
Latas e copos de plástico: 50 anos.	Lata de aço: 10 anos.
Tampas de garrafas: 150 anos.	Lata de alumínio: não se corrói.
Latas de aço: 10 anos.	Bituca de cigarro: 2 anos.
Tampas de garrafa: 150 anos.	Sacos plásticos: 30 a 40 anos.
Isopor: 400 anos.	Copos plásticos: 50 anos.
Plástico: 100 anos.	Garrafa plástica: 400 anos.
Garrafa plástica: 400 anos (dependendo do tipo).	Camisinha: 300 anos.
Garrafa de plástico PET: tempo indeterminado.	Pedaços de madeira pintada: 13 anos.
Pneus: tempo indeterminado, mínimo 600 anos.	Boia de isopor: 80 anos.
Vidro: 4.000 anos.	A informação sobre a decomposição do vidro é a mais variável: algumas fontes afirmam que são 4.000 anos, outras 10.000 anos e até 1.000.000 de anos.
Casca de frutas: 1 a 3 meses, serve de adubo e não causa danos à natureza.	
Madeira pintada: 13 anos.	
Latas de alumínio: 200 a 500 anos.	

*Aline Hossem,  
Professora Física.*

## ENTREVISTA EM ARTIGO DE OPINIÃO RESÍDUO SÓLIDO EM CRECHE

O resultado da pesquisa realizada na Creche Municipal Maria Urânia, do bairro Turma 37, sobre o volume de resíduo sólido, preocupa.

É grande o número de fraldas descartáveis que vão para o lixo todos os dias. Em torno de 180 fraldas para 9 crianças, num período de 5 dias. Conforme afirmou a diretora da creche, Jaqueline Santos de Souza. Isso quer dizer que cada criança usa em torno de 4 fraldas descartáveis por dia, sem contar o consumo noturno em suas casas. A diretora lembra: "Os pais optam pela fralda descartável, por isso a de pano fica como reserva para ser utilizada quando eles não tiverem condições financeiras para comprar as descartáveis, consideradas pela população mais práticas e fáceis de utilizar". A diretora revela não saber quanto tempo a fralda leva para se decompor no meio ambiente.

A fralda descartável demora cerca de 450

a 600 anos (se não for biodegradável), 1 ano (se for biodegradável) para se transformar em elementos naturais do meio ambiente. Isso justifica a preocupação que não deveria ser apenas da diretora da creche, mas de todos.

Um pequeno projeto para a reutilização de garrafa PET e caixas de leite também é desenvolvido pela instituição. Esses dois materiais são transformados em brinquedos. Apesar dos esforços, é preciso pensar "Essa é uma medida viável. Mas é definitiva?" Os brinquedos não têm grande durabilidade, quanto tempo levarão para se tornarem em resíduo sólido (lixo) da mesma forma?

O planeta carece de soluções mais efetivas, todos sabemos. O difícil é conseguir as tais soluções considerando tempo, distância e ausência de projetos mais abrangentes.

*Alessandra M. Ramalho  
Raissa Miranda Dias  
Roberta Alves Trindade.  
2º ano C*





*Entrevista  
em artigo*

## SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE:

Entrevista com o Sr. José Gonçalves Cangussu, Secretário da Secretaria do Meio Ambiente de Teófilo Otoni.

O secretário elenca como principais problemas ambientais da cidade:

- 1º. A poluição sonora;
- 2º. A poluição visual;
- 3º. A destruição de florestas ciliares, aquelas que ficam nas margens dos rios e nascentes;
- 4º. O aterramento de lagoas;
- 5º. A mudança do curso das nascentes.

Sobre as medidas fiscalizatórias, diz o secretário que há formalidades a serem seguidas:

- 1ª - o alerta, pedido para que o infrator corrija o erro cometido;
- 2ª - a multa e o encaminhamento ao Ministério Público do Meio Ambiente para a abertura do devido processo criminal ambiental.

Comenta: "No caso de o infrator realizar a compensação ambiental, a Secretaria do Meio Ambiente elimina a multa e faz o encaminhamento da documentação relativa a essa eliminação ao Ministério Público".

Sobre os principais avanços conquistados pela cidade em relação à preservação do meio ambiente, o secretário enumera que: "há praticamente a certeza de construção do aterro sanitário, a certeza do funcionamento da ETE (Estação de Tratamento de Esgoto), a queda acentuada da poluição sonora, a eliminação da poluição visual nas áreas centrais e a acelerada e visível arborização urbana".

Quanto à adminis-

tração do lixo na cidade, afirma "O lixo é sistematicamente recolhido e encaminhado ao aterro sanitário controlado, o lixo especial da área de saúde tem sua destinação final sob a responsabilidade das fontes geradoras: hospitais, farmácias, consultórios, gabinetes dentários, laboratórios". Sobre o lixo especial diz "Pilha, bateria, lâmpada fluorescente, vidro eletrônico retorna à empresa produtora ou fonte, deve passar por processo de acondicionamento especial para retorno e está enquadrado por lei federal do final de 2010, a logística de retorno é obrigatória". Esclarece: "O lixo industrial é competência da fonte geradora".

A respeito de parcerias com indústrias do

lixo ouviu-se do secretário: "Temos propostas de três multinacionais para implantação de usina de reciclagem, tal unidade faria a recepção do lixo municipal, implantaria a coleta seletiva, daria emprego aos catadores de lixo e construiria uma vila residencial para eles e ainda reciclaria todo o lixo. Em relação ao lixo orgânico, a empresa o empregaria na geração de gás (para gerar energia elétrica) e PELLETS (adubo para plantio de árvores) por meio do emprego de um incinerador, com isso, evitaria o vazamento de gases para a atmosfera".

*Bruna Lopes de Oliveira  
Alice Nascimento Xavier  
Daielle Fernandes  
Tathiane H. Schuffner  
3º ano C*





ENTREVISTA EM RELATO

## JBS-FRIBOI: RESPONSABILIDADE SOCIAL E PRESERVAÇÃO

### Progresso e natureza podem coexistir?

A JBS-FRIBOI faz parte de um dos muitos setores que dependem inteiramente dos recursos naturais para sua produção, pois para que o boi possa estar em perfeitas condições de consumo é preciso que a natureza esteja também em perfeitas condições.

Para entendermos como funciona na íntegra essa relação mútua entre meio ambiente e a empresa, entrevistamos a gestora de agronegócios e especialista em meio ambiente, Juliana de Souza Bonfim, que relatou:

"A JBS-Friboi, como qualquer outra empresa de grande porte, produz uma considerável quantidade de resíduos, tanto orgânicos (ossos, vísceras, apádas de carnes, dejetos em geral), como sólidos (lâm-

padas, plástico, papelão, sucatas metálicas entre outros). Para que haja uma redução de seus impactos, são reutilizados e reciclados. A principal fonte de energia utilizada pela em-

que funciona como medida compensatória, por isso faz o reflorestamento, com o plantio de eucaliptos".

Sobre a água, recurso que necessita de atenção mais especial, esclareceu a ges-

(PRECA) que visa à diminuição do consumo. O compromisso da JBS frente ao meio ambiente sempre fez parte da gestão da companhia, que desde 2000 criou o departamento de meio ambiente e esta área ampliou o seu escopo de atuação, o que resultou, em 2008, na criação de um comitê dedicado exclusivamente aos assuntos de sustentabilidade, o qual reporta ao conselho de administração".

Progresso e natureza podem, sim, coexistir, mas para isso, é preciso que haja a conscientização da responsabilidade ambiental.

Daniela Alves Nogueira  
Maria Karoline dos Santos  
Matheus Pereira de Jesus  
Tiago Celestino Rodrigues da Silva  
Elionai Gonçalves  
3º ano C



presa é a lenha a qual sabemos ser uma das grandes formas de degradação ambiental. Mas a empresa possui um programa chamado crédito de carbono

tora ambiental: "A empresa possui uma estação de tratamento: a água passa por vários processos para que possa ser reutilizada. Também existe um projeto

Artigo

## LIXO HOSPITALAR: UMA AMEAÇA À POPULAÇÃO

As entrevistas feitas no Hospital Santa Rosália e no Posto de Saúde Vila São João têm por finalidade mostrar à população as consequências e riscos que o lixo hospitalar traz para o meio ambiente e para todos os seres vivos que nele vivem. Este tipo de lixo é coletado por uma empresa terceirizada contratada pela Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni, e as pessoas que ficam em contato com este tipo de lixo usam equipamentos de proteção individual, como luvas, botas e máscaras, e o lixo hospitalar coletado jamais pode ser

me de lixo coletado é em média 6.153 kg por mês, entre eles, estão o lixo orgânico, papelão, papel, plástico e ferro, enquanto no posto de saúde são coletados em torno de 750 kg de lixo por mês. O lixo é recolhido no local de geração onde fica temporariamente armazenado e, após recolhido, o lixo hospitalar é encaminhado ao abrigo de resíduo, onde o lixo fica sempre armazenado em sacos plásticos. Somente os materiais cortantes e infectantes, como bolsas de sangue são esterilizados, e depois todos são levados para o aterro sa-

hospitalar é um fator de preocupação, ele fica a céu aberto, o contato dos catadores de lixo e da população que reside próximo ao aterro que buscam recursos no lixo é um perigo à saúde. O lixo hospitalar necessita de cuidados especiais e de ser mantido longe da população. Portanto, o aterro sanitário precisa passar por adequa-

ções no que diz respeito à legislação. (Leia a entrevista ao HSR na íntegra)

Daveniel B. Gomes  
Gabriele Kelly de J. Huhn  
Girlede de Jesus Teles  
Marcela Dias Rodrigues  
Pedro Henrique A. Santana  
Wanessa R. Burmann  
2º ano C





Entrevista

## LIXO HOSPITALAR

A Associação Hospitalar Santa Rosália, através de Ana Paula Machado (Bióloga), critica a ausência de uma política para o destino adequado do lixo hospitalar em Teófilo Otoni.

1- Quantos funcionários trabalham no setor de limpeza?  
Hoje contamos com 56 funcionários.

2- Qual o órgão responsável pela coleta do lixo hospitalar?  
Uma empresa terceirizada contratada pela Prefeitura Municipal.

3- Qual o volume mensal do lixo hospitalar?  
Lixo orgânico- 4.500kg;  
Papelão- 1.685kg  
Papel- 398 kg  
Plástico- 198 kg

Ferro- 582 kg

4- Como é feita a coleta do lixo hospitalar?  
O lixo é recolhido no local de geração onde o mesmo fica temporariamente armazenado. Após recolhido em cada setor, o mesmo é encaminhado ao abrigo de resíduo. (O lixo fica sempre armazenado em sacos plásticos)

5- Quantas vezes é feita a coleta do lixo no interior do hospital?  
É feita, em média, três vezes ao dia.

6- Qual o destino do lixo hospitalar?  
O lixão da cidade.

7- O lixo hospitalar é esterilizado antes de ser lançado ao meio ambiente?

8- Os funcionários que ficam em contato com o lixo hospitalar usam algum tipo de proteção? Qual?

Sim. Os funcionários usam equipamentos de proteção individual: Luvas; botas e máscaras. Também devem tomar banho no término do trabalho, antes de ir para casa.

9- O hospital garante que o lixo hospitalar não entre em contato com a população?  
Não, pois o aterro sanitário é aberto.

10- Quais os riscos de contato com esse tipo de material?  
Risco biológico; infecção por material infectante.

11- O lixo radioativo é

coletado separadamente?  
O hospital não produz esse tipo de lixo.

Comentário feito pela chefe da limpeza do hospital:

O hospital possui um plano de gerenciamento de resíduos PGRSS que tem como objetivo diminuir o lixo hospitalar e incentivar a reciclagem. Fazemos coleta seletiva do lixo, o destino é o que nos preocupa. O aterro sanitário precisa passar por algumas adequações no que diz respeito à legislação, estamos iniciando um projeto para incineração do lixo.

Gabriele Kelly de J. Huhn  
Marcela Dias  
Pedro Henrique Santana  
2º Ano C

### EMBALAGEM

#### Vantagens

- Transporta com maior segurança;
- Conserva produtos por muito mais tempo;
- Chama a atenção para a compra do produto e para serviços.

#### Desvantagens

- Acumula lixo excessivamente devido à lenta decomposição;
- Produz maior destruição dos recursos naturais do Planeta;
- Permite gastos desnecessários.

Laudiana da Silva Vieira - 2º ano C

### Ações do Projeto "A Revolução das Embalagens" em desenvolvimento:

- Ciclo de palestras sobre embalagens primárias, secundárias e terciárias e embalagens do futuro;
- Preparação de Festa Junina com artigos de decoração produzidos com embalagens recicláveis e reaproveitáveis;
- Apresentação de peças teatrais;
- Exposição de arte;
- Oficina de culinária;
- Evento de Encerramento com a presença do SESC/MG Unidade Teófilo Otoni



## EMBALAGENS ALTERNATIVAS:

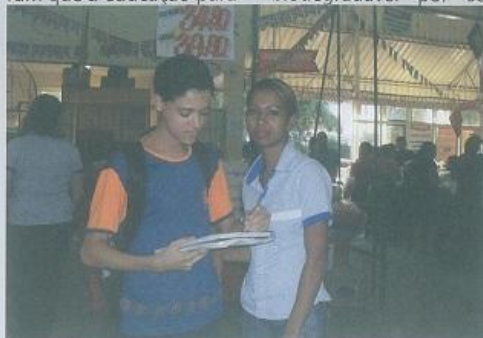
COMO ESSA IDEIA É RECEBIDA PELA POPULAÇÃO DE TEÓFILO OTONI

Pesquisa realizada sobre o uso de embalagens alternativas com 100 clientes do supermercado Araújo T.O das classes alta, média e baixa revelam que 76% dos entrevistados usariam embalagem alternativa, do tipo eco-bag em função de aproveitamento contínuo e da praticidade que esse tipo de embalagem possibilita.

A pesquisa aponta para dados favoráveis em relação ao reaproveitamento de embalagens alternativas, ou seja, menos agressiva ao meio ambiente, ao mesmo tempo em que revela uma situação preocupante: aquela que pode remeter à surpreendente fala de um dos entrevistados da classe baixa "...pra mim tanto faz...", quando perguntado o que pensava sobre a racionalização do uso das embalagens. A esse respeito, uma outra entrevistada da classe baixa disse "a racionalização para o uso da embalagem é muito importante,

mas é pouco praticada". O que demonstra a visão clara de alguma consciência e reflexão sobre o assunto.

80% dos entrevistados da classe alta disseram que a educação para



a racionalização do uso das embalagens é muito importante e que esse tipo de educação deveria começar na escola. No entanto, a classe alta revelou-se a maior consumidora de enlatados, congelados e *fast food*, algumas famílias consumindo mais de 50 enlatados por mês. Isso leva a um questionamento, quem mais consome e

mais polui é aquele que transfere a responsabilidade da família para outros ambientes como o da escola.

Todos os entrevistados usam sacola oxibiodegradável por ser

prática e facilmente reutilizável, mas alguns destacam um inconveniente: o aumento considerável de resíduo sólido e do volume do lixo. A classe alta revela que 80% das sacolas são reutilizadas e que o segundo tipo de embalagens mais reutilizadas são caixas de papelão. 68% da classe baixa e 65% da classe média preferem esse tipo de sa-

cola.

As embalagens de vidro parecem compor o rol da preferência de reutilizáveis em todas as classes, mas a compra de alimentos embalados em vidro é muito menor devido à desproporção do número de alimentos oferecidos em lata.

Um outro fator importante a destacar é que somente em alguns casos isolados todas as pessoas da casa se envolvem ou se preocupam com o lixo produzido por eles. Em geral uma minoria das pessoas dentro da casa se preocupa com a produção do lixo.

A pesquisa conclui que há um longo caminho a ser trilhado até que toda a população tome consciência e a transforme em cultura, em comportamento capaz de mudar a história.

*Daiane Aparecida Almeida*  
*Gustavo Dias Coelho*  
*Mikeila dos Santos Costa*  
*Rutielle Thais Alves*  
2º ano C

### Você sabia?

Algumas embalagens são comestíveis...

A embalagem interna do chiclete Trident, por exemplo, é feita de amido.

A universidade de Campinas desenvolveu embalagens comestíveis para biscoitos e outros alimentos.

Marcos Paulo B. R. Lima

### Expediente:

Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha

**Diretora:** Vilma Leão da Silva

**Vice-diretores:** Giovana Maria Amorim, Oldair Ribeiro Novais, Vera Lúcia de Assis Faria.

**Especialistas em Educação Básica:** Francine Nunes Cardoso, Jacqueline Guimarães Gonçalves, Juliana L. Camargos Schaper, Patricia Costa S. Bonfim e Rita de Cássia C. Sena.

**Revisão:** Tércia Rodrigues Timo

**Coordenação do Projeto Pedagógico:** Jacqueline Guimarães Gonçalves

**Colaboradores:** • Professores e alunos do 9º ano - Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º anos - Ensino Médio • SESC/MG-TO • Polícia Militar de Meio Ambiente de Minas



# FOLHA Conexão Santa Clara

ANO 1 • NÚMERO 2 • TEOFILO OTONI • NOVEMBRO 2011 • EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

## Editorial



Equipe Administrativa 2011 – Oldair, Vilma, Jacqueline e Vera

A comemoração dos 40 anos da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha iniciada em 16 de junho com o lançamento do Jornal Folha Conexão Santa Clara, teve culminância no dia 30 de setembro. O Jornal Folha conexão Santa Clara, nasceu de uma parceria oferecida pelo SESC-TO à E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. E deu certo! O empreendimento foi bem - sucedido ao garantir o contato dos alunos com o texto jornalístico. A abertura do evento de comemoração contou com a execução do Hino Nacional Brasileiro pela Banda de Música do 19º Batalhão da PM; e, posteriormente, com o Hino da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha cantado pela comunidade. A vice-diretora, Jacqueline Guimarães Gonçalves fez uma oração de ação de graças pelo aniversário da Escola. A diretora Vilma Leão da Silva abriu os trabalhos daquela tarde. A cerimônia contou com a presença de cidadãos ilustres como autoridades políticas, militares, ex-alunos, ex-professores, ex-diretores, ex-funcionários. Familiares do Dr. Waldemar prestigiaram a festa que teve por objetivo apresentar a história deste Educandário à toda comunidade escolar.

Esse evento foi um momento excepcional de trabalho e demonstração da força desta Escola. As atividades desenvolvidas por alunos e professores contaram com diversas apresentações culturais, visando levar conhecimento e entretenimento à comunidade.

Os alunos do ensino médio vespertino foram ao campo registrar os acontecimentos em fotos, artigos, notas e entrevistas à direção, aos professores que mais dominam o contexto histórico dessa comunidade escolar. Registraram homenagens, história, arte, literatura, crenças, princípios que são a filosofia viva desta Escola. Tudo isso para compor esta segunda edição. A edição: Aniversário da Escola Waldemar.

Eva Almeida Martins  
Maria Luíza Barbosa Gonçalves - 2ª C

## Hino: uma parceria de Vera Lúcia e Jacqueline

O Hino da Escola foi cantado por todos os alunos, sob a direção da professora Dilma Dourado e a vice-diretora, Jacqueline Guimarães Gonçalves. "Foram três meses de treino intenso", O hino tem letra de Vera Lúcia de Assis Faria e melodia de Jacqueline Guimarães Gon-

à escola e a sua história. "A glória do passado, / A excelência do presente / No futuro bem gravados / No coração e na mente. / Quem nasceu Polivalente / E cumpriu, assim, a sua sina / Recebeu como presente / O nome honroso, dádiva divina".

## O ensino na Waldemar



Equipe pedagógica - confraternização no turno vespertino



No aniversário de 40 anos da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, em 30 de setembro último, foram realizadas entrevistas com os professores dos ensinos médio e fundamental.

Elas revelaram que 80% dos entrevistados acreditam que o ensino da língua é interdisciplinar. A esse respeito, a professora Áurea Timo destacou a Matemática como uma disciplina que engloba diversas áreas do ensino, o que demonstra que as disciplinas estão interligadas.

Os professores concordaram que ensinar um conteúdo é construir conhecimento e permitir o desenvolvimento de competências e habilidades.

A pesquisa aponta dados favoráveis para a qualidade do ensino na formação de cidadãos. Em razão disso, os professores relataram que os projetos realizados pela escola são muito importantes para o desenvolvimento das inteligências múltiplas dos alunos como, por exemplo, o Jornal Folha Conexão Santa Clara, citado pela professora Gisele Onofri. Segundo ela, esse foi um projeto realizado pelos próprios alunos da escola.

Quando questionados sobre os problemas enfrentados na organização da comemoração dos 40 anos da escola, os entrevistados disseram que o projeto só teve sucesso em consequência da excelente parceria e competência de alunos e professores e da provisão de recursos pela direção da Escola.

Perguntados sobre o que ensinariam aos alunos que fosse determinante para a vida deles, vejamos as respostas dos professores:

Professor Daniel (História e Sociologia): Tornar-se cidadão crítico da sua realidade.

Hérica e Rozzane (Português e Geografia): Desenvolver

guês): Interpretação, saber falar e escrever, postura, adaptar-se às pessoas e à sociedade, comportamento no ambiente de trabalho.

Dilma Dourado (Ensino Religioso): Analisar as atitudes, os pensamentos, o sentimento do mundo em que vivemos, construindo uma visão crítica e dinâmica da ética e de valores.

Roberto (Instrutor de Judô): Desenvolver o valor ético e humano, como a cidadania e a formação integral, companheirismo e honestidade.

Fabrizio Dias (Matemática): Desenvolver o raciocínio lógico.

Renato (História): Os alunos devem viver a história e aprender com ela o que foi deixado como legado, para que possam escrever suas próprias histórias.

Áurea (Português): Desenvolver a capacidade de escrever e interpretar textos nas várias situações comunicativas.

Orlando (Biologia): O foco da disciplina são as questões ambientais e de saúde. Trabalho com filmes, pesquisas sobre fauna brasileira e flora, porque é preciso pensar no bem estar como um todo.

Trinta e seis professores entrevistados de todos os turnos, questionados sobre o porquê de terem escolhido a Escola Waldemar para trabalhar, responderam que no início era apenas uma oportunidade de trabalho, mas que com o tempo a escola se tornou como uma segunda casa com um ambiente acolhedor, estrutura condizente, corpo docente integrado com os projetos e objetivos da comunidade escolar, boa relação entre professores, alunos e escola.

Eva Almeida Martins,  
Gabrielle Kelly de Jesus Hum  
Maria Luíza B. Gonçalves  
Pedro Henrique Alves Santana



## Vilma Leão da Silva: carisma e compromisso na direção da Waldemar

A diretora Vilma Leão da Silva cursou Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Teófilo Otoni, é pós-graduada em Língua Portuguesa, trabalhou com Língua Inglesa na Escola Particular São José, na Escola Particular Benedito Valadares e, há 30 anos, trabalha na rede pública estadual de ensino, na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha. Tem formação em música pelo Coral Paulo VI e em teatro. Sob a orientação da artista plástica Lúcia Dantês especializou-se em pintura - óleo sobre tela. Seu dinamismo, amor e dedicação à Escola são contagiantes. A diretora conduz os trabalhos democraticamente e com carisma próprio dos simples. Assim consegue resultados que tornam esta Escola um diferencial em educação em Teófilo Otoni.

**Tércia Rodrigues Timo**  
*Língua Portuguesa*

**Por que você se candidatou para o cargo de direção?**

A Escola passava por um período difícil e, como

moradora desta comunidade, achei que era o momento de parar com as críticas e tomar uma atitude. Na área administrativa as possibilidades de ação eram melhores.

**Quando você assumiu a diretoria, quais eram os seus planos para a escola?**

O meu plano de ação visava trazer a escola para a modernidade pedagógica e tecnológica, mas, principalmente, fazer projetos que levassem a escola a retomar a credibilidade e que despertassem no aluno o prazer em estar dentro dela. Os projetos são altamente motivadores, o aluno motivado encontra prazer em enfrentar os maiores desafios.

**O que mudou na escola desde que você assumiu a diretoria: em relação a alunos, professores e estrutura da escola no geral?**

A escola mudou desde o aspecto físico até o pedagógico. Foram feitas reformas para adequar a rede física aos recursos modernos e às atividades delineadas pelo Projeto Político-Pedagógico

com a implementação de vários projetos. Além disso, retomamos o projeto da "Revista Literária Caminho das Letras" que havia sido deixado de lado de 1999 a 2006. Em consequência dessas mudanças, professores e alunos tiveram ganho de qualidade em suas respectivas atividades.

**Qual a maior dificuldade que você enfrentou após ter assumido a diretoria da escola? O que você fez para superá-las?**

Dificuldade maior foi dar a terminalidade ao curso de enfermagem, devido ao não cumprimento do estágio, pois, faltando apenas dois meses para o encerramento do curso, o estágio não havia sido iniciado. Para superar o problema, contei com o apoio de Doutor Adail Jacques Rodrigues e sua esposa, a enfermeira Cristina Rodrigues que se dispuseram a abraçar a causa em parceria com a escola.

**Qual o seu sentimento ao ver os bons resultados conquistados pela escola?**

Sentimento de ter cum-



*Diretora Vilma*

prido o compromisso assumido com a comunidade por ocasião da minha posse como diretora.

**Como é o seu relacionamento com alunos, funcionários, professores e comunidade?**

Somos parceiros que se respeitam mutuamente, além dos laços afetivos que conseguimos conquistar em todos estes anos.

**Eva Almeida Martins**  
**Maria Luiza B. Gonçalves**  
2º C

## Caminhos da Língua Inglesa

Os professores de Língua Inglesa da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha têm procurado nesses 40 anos de história, valorizar o aprendizado do inglês como instrumento de realização profissional e social dos seus alunos, através da produção e execução de projetos que possibilitem o desenvolvimento das quatro habilidades em língua estrangeira: reading, listening, writing, speaking e o conhecimento léxico sistêmico.

Levando em conta a relevância do conhecimento de uma segunda língua como instrumento de comunicação com outros povos, o acesso à cultura e ao mercado de trabalho no mundo globalizado,

através de projetos que utilizam estratégias curriculares e pedagógicas coerentes com as novas tecnologias.

Dentre as várias atividades desenvolvidas, uma das que tem se destacado é o projeto "Singing and Learning". Através dele, músicas atuais e clássicas são utilizadas como ferramentas de aprendizagem, objetivando e otimizando a ampliação do vocabulário, e para a fixação dos aspectos gramaticais, produção de textos suplementares, formação do senso crítico.

Depois de trabalhar os eixos temáticos (leitura, escrita, fala, compreensão oral), o conhecimento linguístico, o trabalho tem sua culminância

grupo, produção de cenários, vestuário, montagem de slides.

Através desse projeto, participantes e plateia, vivem momentos especiais, com revelações artísticas emocionantes.

Ficaram em nossas lembranças, as dançarinas havaianas à luz do luar no pátio da escola, as músicas coreografadas dos anos 70, com cenários de lambreta, jaquetas de couro e as danças folclóricas.

Enfim, possibilitando o desenvolvimento de várias competências e habilidades do educando, procuramos através da música, utilizar as novas ferramentas tecnológi-



e escrita, para atuar na formação e desenvolvimento dos nossos queridos alunos.

**Maria Dalma Lira Badin**  
**Marilúcia Figueiredo**  
**Anamaria Miné**



## Entrevista com o professor Wilson dos Anjos Silva



Vitória Mattoso, ex-professora, Prof. Wilson e Professora Uberlana

A E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, antiga Escola Polivalente, completa 40 anos de glória, de luta, de contribuição para a educação e para o desenvolvimento do ser humano. Durante esse período, a Escola contou com dedicados e competentes professores, que proporcionaram aos alunos e à comunidade escolar conhecimento, capacitação. Dentre tantos outros mestres que passaram por esse educandário, destacamos o professor de Língua Portuguesa Wilson dos Anjos Silva, através do qual homenageamos todos os outros educadores. Na entrevista a seguir, o Professor Wilson nos falará sobre a sua trajetória nesta Escola e sobre outros fatos interessantes que aconteceram nos últimos 39 anos.

**A Escola Polivalente foi uma opção em sua carreira?**

Inicialmente não tomei posse em Teófilo Otoni. Fui para Caratinga porque aqui não havia vaga. À medida que essa vaga apareceu, então foi a opção.

**Por que, havendo outras escolas na cidade, o senhor optou por permanecer nesta escola?**

Porque a escola é mais aberta, humana, melhor rede de ensino. Sempre olho o lado democrático e acolhedor.

**Quais os seus objetivos em relação à educação numa escola como a Polivalente em 1972, na época em que o senhor ingressou no magistério?**

O objetivo é sempre aquela história de sonho, ideal. Tive opção de deixar a escola e assumir a função na Faculdade de Letras. Não fui porque acreditava no projeto que era talvez o mais atraente: a Escola Polivalente. No início, mesmo ela passando pela condição de escola comum, ainda assim, mantivemos o sonho, aquele ideal, até porque a comunidade dava apoio para a transformação da escola.

**No período da Ditadura, houve interferência do Estado nas práticas de ensino? Como isso se deu?**

A diferença era a seguinte, na época da repressão havia uma grade curricular imposta pelo sistema militar. Por exemplo, fazia parte do currículo o ensino de Educação Moral e Cívica que era muito voltado para a Pátria. À medida que a escola cansou da imposição, não se falou mais em Moral e

época não havia. Talvez fosse o ensino mais voltado para o cívico, ou mais voltado para o sentido da repressão. Hoje tem mais liberdade, mais criatividade. Aquela época não foi boa não.

**A educação é muito importante em todos os aspectos e, ao longo dos anos, ela sofreu e ainda sofre várias transformações. Para o Senhor, o que representaram as transformações trazidas pelas Políticas Públicas em relação aos alunos e aos profissionais da educação?**

A política pública no sentido de trazer o aluno para a sala de aula foi importante, pois vocês podem ver que hoje tem uma merenda melhor, um livro didático melhor. Mas a respeito do ser humano, a valorização do magistério não há. O currículo do professor hoje é muito qualificado. O professor tem uma pós-graduação, uma formação melhor. Não sei se há uma atração como havia com os mais antigos, porque a profissão de magistério não é muito valorizada. A prova disso é que o governo federal faz circular na mídia propagandas para que as pessoas se tornem professores.

**A abertura política dos anos 80 favoreceu, realmente, uma mudança nos trabalhos da escola?**

Sim. Essa abertura veio trazer maior liberdade e maior vontade de trabalhar, porque no período repressivo a escola se tornou menos democrática. Hoje o aluno está perto da gente. Assim, hoje conheço melhor o aluno. Houve um ponto em que o professor era colocado em uma espécie de pedestal, o que o distanciava do aluno. Daí, não tínhamos muito contato com ele. Essa democratização, essa abertura foi muito boa à medida que a interação se tornou mais fácil.

**O ensino na escola pública hoje é diferente do ensino em anos anteriores? Que aspectos positivos e negativos o Senhor destacaria?**

Sim. Um aspecto negativo no presente em relação ao passado é que lá havia uma cobrança maior, o aluno aprendia melhor. Hoje, com as várias oportunidades de aprovação que o aluno tem, ele acaba se acomodando e o seu rendimento não pode ser bom.

**Que diferenças há entre ensino público e privado? De que forma essas**

O ensino público é voltado para as categorias menos favorecidas, embora eu ache que o professor bom está na rede pública. Entretanto, o particular tem um melhor material, e esse faz com que os alunos se preparem melhor. A formação do cidadão tem influência, até porque eu acho que o aluno da escola pública pode ser mais carente, mas isso não interfere na formação ética e cidadã. As oportunidades profissionais, o aluno da rede particular tem acesso mais fácil. Cidadãos, as duas redes formam. Mas acho que a pública os forma mais conscientes.

**Que mudanças o senhor proporia, efetivamente, para que houvesse maior aprendizagem de Língua Portuguesa?**

Eu acho que o Português vem bem. Eu só acho que o domínio da língua escrita ainda é o ponto fraco. A gente tem que desenvolver atividades que foquem esse problema. O nível e gosto pela leitura são baixos.

**Que orientações o senhor daria aos professores que trabalham com o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo, ao se defrontarem com alunos desestimulados que não veem na educação o seu projeto de vida?**

Na verdade esse é o grande ensino de cada matéria. Às vezes percebemos que o aluno não está motivado. Ai percebemos a diferença entre escola particular e pública, porque aquela, sendo paga, os alunos estão mais interessados.

**Professor, sabemos que a tecnologia está cada vez mais avançada. Que benefícios ela trouxe para o seu trabalho?**

Inúmeros benefícios. Hoje eu tenho a facilidade de, por exemplo, apanhar um texto online e hoje já tô-lo como objeto de aula. A velocidade é imensa.

**Qual o momento mais feliz do senhor nesta escola?**

São vários momentos felizes, não só na escola. Um momento feliz meu é quando encontro um ex-aluno bem colocado, bem projetado na sociedade. Essa é a realização maior.

**Qual o seu maior aprendizado nesta escola?**

Muitos. O maior aprendizado talvez seja a interação bonita que eu tenho com a comunidade. Aprendi muito com os alunos e com a comunidade.

**Nesses 39 anos de serviços prestados à comunidade de T. Otoni e região, já passaram por suas mãos em torno de 5.500 alunos, talvez mais. Que ações didático-pedagógicas e educativas foram mais significativas para a formação desses alunos?**

Eu acho que não foram nem ações, no meu caso especificamente, foi mais a relação de amizade. É bonito encontrar o aluno na rua, sobretudo, um ex-aluno, ele dizendo que é capaz, que pode se destacar na sociedade, que é bem sucedido. Isso é gratificante.

**Como ser professor e educador interfere na sua postura frente à sociedade?**

A sociedade ainda não valoriza o professor. Na hora em que se vai fazer um cadastro, por exemplo, e se tem de informar que é professor, vem o constrangimento... ser professor, às vezes, é ser alguém insignificante.

**Como o senhor se sente em dar aulas para filhos de seus ex-alunos?**

Para mim é a realização maior, alegria maior. É a coisa mais bonita que existe, talvez a mais gratificante.

Bruna Lopes de Oliveira

Daielle Fernandes Rodrigues

Darlane Rodrigues

3º C

## Parceria de Sucesso

Jovem representa UFVJM e E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha em congresso internacional.

Como consequência de um processo seletivo desenvolvido pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), o aluno Dennis Danny Matos (3º ano A do Ensino Médio da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha - 2011) foi convocado a participar, com a comunicação

"Projeto de Vida: um estudo psicossocial de adolescentes teófilo-otonenses habitantes da zona rural e urbana", do III Congresso Internacional UFES/Université Paris - Universidade do Minho, o qual se dará em Vitória - ES, de 07 a 10 de novembro de 2011.

No evento, o aluno apresentará índices estatísticos coletados durante um ano de pesquisas, efetuadas sob a coordenação da professora da UFVJM, Nilzarte Virgínia Pinheiro, representando orgulhosamente todos os estudantes da universidade e da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha.





## Vera Lúcia – uma vice-diretora e muita paixão por ensinar

Amor à primeira vista! Foi a expressão usada pela professora Vera Lúcia de Assis Faria quando questionada sobre a escolha da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves Rocha para desenvolver suas atividades profissionais.

A entrevista, cujo objetivo foi o de conhecer um pouco mais da história dos profissionais da escola, foi feita com a professora Vera, hoje vice-diretora, levando-se em conta que a carreira da referida professora perpassa as várias fases da escola.

Encarando a Educação de forma abrangente, ela disse que sua meta sempre foi a formação humanística, não se prendendo apenas aos conteúdos acadêmicos, uma vez que conhecimento sem senti-

mento cria robôs, não "pessoas, cidadãos".

A respeito das mudanças educacionais que se sucederam ao longo de sua carreira, ela vê neles pontos positivos e negativos e quando interrogada sobre os obstáculos enfrentados disse que vencê-los é questão de não se acovardar diante deles.

Sobre o aprendizado de Língua Portuguesa afirma que a leitura além da sala de aula, cria uma intimidade com a língua que favorece a compreensão de texto e, consequentemente, de regras de norma culta.

Finalizando, afirma que a recompensa por todos esses anos dedicados à nobre missão (apesar de todo o descaço com que tratam os profissionais da educação) de



preparar pessoas para enfrentar os desafios da vida é ter aprendido mais que ensinado, e deixa como mensagem aos que pretendem ingressar no magistério:

"Não deixem que a insig-

nificância que querem, por força, dar a sua função seja maior que a sua vontade de torná-la sinônimo de excelência".

**Maicon Junio S. Souza**  
3º C

## Educação Religiosa na Waldemar



A educação religiosa na Waldemar se faz partindo dos anseios e angústias e questionamentos próprios da adolescência. Queremos despertar para o transcendente, ajudar os alunos a construírem a sua fé, a amadurecê-la, para que possam encontrar, assim, o sentido da vida e descobrir a verdadeira "alegria de viver". O

crescimento da religiosidade nos alunos anima-os a uma vivência rica e cheia de prazer oriundo do Deus criador, que deseja que todos participem de Sua obra e do Seu plano de vida e de felicidade. Música e arte são os nossos aliados nesta construção.

**Dilma Dourado**  
Educação Religiosa

## Geografia no Ensino Médio

As fontes de energia são de fundamental importância, em especial na atual sociedade capitalista. Substâncias encontradas na natureza, após passarem por processo de transformação, proporcionam energia para os seres humanos em nosso dia a dia.

O atual modelo capitalista é altamente dependente de recursos energéticos para o funcionamento de máquinas que necessitam de combustíveis para se deslocarem; e a urbanização aumentou a demanda de eletricidade. Porém, a grande dificuldade da sociedade moderna é conciliar desenvolvimento econômico e preservação ambiental

da responsabilidade que cada um de nós tem em relação ao planeta, estamos propondo um trabalho com os alunos do 2º ano do ensino médio, com o objetivo de discutirmos a principal matriz energética mundial (os combustíveis fósseis), que são altamente poluidores. Queremos levar os alunos a compreenderem a importância de diversificar essa matriz energética, utilizando fontes de energia "limpas e renováveis" que além de serem encontradas em abundância na natureza, geram menores impactos ambientais.

**Suelin Manno Sara Silva**

## Waldemar, quarenta anos pelo desenvolvimento humano

Ao completar quarenta anos de história, a Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha faz-nos lembrar da sua história de conquistas e de promoção do desenvolvimento de homens e mulheres que ousaram alçar voo rumo aos pináculos da "glória" intelectual, donde puderam e podem colaborar, da melhor maneira possível, para que a sociedade e a educação a quem servimos, sejam algo diferente daquilo que alguns alcoviteiros insistem em fazer.

Data tão memorável faz emergir em nós momentos existenciais pelos quais passamos e, de alguma forma, não nos permitem desistir de querer

tir desta escola, quantos mundos agora são testemunhas fiéis do valor incomensurável da "família Waldemar"? Incontáveis, com certeza, são os números relativos às vidas que por lá passaram, e, levaram um pedacinho de todas que lá vivem. Por tudo isso, vale a pena dizer: Salve, Waldemar! A sua glória, portanto, não se encontra nos livros, na sua estrutura, mas naquilo que fez de cada homem e mulher que cruzou seus umbrais, e mais ainda, que lutaram e lutam para que permaneça promovendo o desenvolvimento dos homens para a glória de Deus; tudo isso faz com que continue sendo uma família.



## O Sertão... a Literatura de Cordel



Professora Wilma Colares e alunos

Dentre os muitos projetos desenvolvidos pela Escola Waldemar, destacamos "Literatura de Cordel", realizado

pelos alunos das turmas do 6º ano - vespertino, que tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a po-

esia popular nordestina, bem como, a história do cangaço, inspiração para este gênero literário. Fez-se o resgate da

cultura nordestina através de histórias que nos levam a conhecer o perfil de brasileiros ligados à terra, seus costumes, seu modo de olhar o mundo. Tudo isso, proporcionado pelas histórias, desafios e pelezas dos cantares desse discurso. O projeto teve como objetivo específico "Despertar nos educandos o gosto pela leitura prazerosa e interativa."

Alunos da Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida aproveitaram o momento para exporem suas produções literárias em cordel. Uma parceria que rendeu muitos aplausos.

**Wilma Colares**  
Língua Portuguesa

## O grande desafio do educador – Projetos do Governo: PAV - ACELERAR PARA VENCER EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Com o objetivo de acelerar a aprendizagem dos alunos que se encontram com defasagem idade/série no tempo escolar, os projetos – PAV, do governo estadual e EJA do governo federal, apresentam-se ao educador/professor como um desafio a ser enfrentado.

O sistema de educação pública brasileira ao deparar-se com uma realidade dura de atraso na aprendizagem de um número considerável de seus alunos, viu-se forçado a tomar providências que viessem a dirimir este problema.

Está na constituição, no seu artigo 208, a gratuidade e garantia de educação para aqueles que não tiveram acesso a ela na idade própria.

Alunos com dificuldades na aprendizagem, mesmo que sejam frequentes, e não conseguem acompanhar o ritmo da turma, vão ficando para trás retardando a conclusão dos cur-

sos: fundamental e médio. Esses alunos, que são do curso regular, serão assistidos pelo programa PAV do governo estadual conforme versa a Resolução SEE Nº 1033, DE 17 DE JANEIRO DE 2008. Esse programa visa recuperar a aprendizagem do aluno colocando-o na série correspondente à sua idade. O professor que trabalha com essas turmas precisa lançar mão de práticas pedagógicas plurais que promovam estímulo ao aluno que já está cansado de repetir várias vezes séries e conteúdos. O governo coloca à disposição do educador/professor recursos didáticos e pedagógicos para auxiliar na reapresentação de suas práticas. Várias sugestões de planejamentos de aulas e outros recursos podem ser encontrados em sites como, por exemplo, o CENTRO DE REFERÊNCIA VIRTUAL DO PROFESSOR (<http://crv.educacao.mg.gov.br>) do governo estadual.

Outros alunos do Ensino Fundamental, que por motivos diversos deixaram os estudos, poderão frequentar a EJA – Educação de Jovens e Adultos – compreendida em três (03) períodos (600 dias). Aos alunos do Ensino Médio, a EJA oferece a conclusão em três (03) períodos (200 dias).

Hoje o mercado de trabalho está mais exigente por conta do desenvolvimento tecnológico (automação) do trabalho. Empresas e fábricas necessitam que seus funcionários estejam mais preparados para apreenderem essa demanda tecnológica. Também existe a necessidade de estar preparado para participar ativamente das manifestações políticas, sociais e econômicas do nosso tempo, que requer um posicionamento mais claro e firme por parte do ser humano que se tornou global.

E a nossa Escola chega



**Roseni Matos da Cruz**  
Professora da EJA  
Língua Portuguesa

junto, firmando compromisso com esta nova demanda de atitudes. Para nós, da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, o futuro não é amanhã. O nosso aluno tem todo o direito a uma educação de qualidade, e este direito é respeitado por todos da Escola.

**Roseni Matos da Cruz**  
Língua Portuguesa

## Fique sabendo...

• A Revista Literária Caminho das Letras foi idealizada pelo Professor de Língua Portuguesa Wilson dos Anjos Silva e abrangente pelas

- O lançamento da 1ª revista ocorreu quando Maria de Fátima Godinho Pereira era diretora da escola;
- Sob a direção de Vilma Leão da Silva, a revista teve cinco edições no período de 2007 a 2011;
- A primeira edição contou também

- cursos oferecidos pela escola naquela época;
- Na quinta edição, entre muitos textos de qualidade, destacaram-se "Brasil Negro" de Carolina Ferreira Oliveira Silva e "Sou Negra" de Katelline Alves Santana.
- O lançamento da revista conta

Vilma Leão da Silva. Esse grupo desenvolve a arte e a cultura com o objetivo primordial de tornar o aluno protagonista, e é composto por alunos, ex-alunos e professores. Com a prática do teatro o aluno fica mais desinibido para falar em público.



## Professor João Eduardo Pereira de Freitas, o seu nome é Arte



**Turma 1º ano E – Ensino Médio em entrevista ao Professor João Eduardo**

*Artigo elaborado a partir da entrevista feita pelos alunos do 1º ano E ao professor de Arte João Eduardo Pereira de Freitas.*

O professor cursou a Escola Técnica Profissional do Instituto Almeida Junior de Teófilo Otoni e fez Especialização em perspectiva, anatomia humana e didática da arte. Trabalha na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha há 3 anos e no Conservatório de Música de Teófilo Otoni com serviço de terceirização no SESC-TO. No Conservatório, as oficinas de música e pintura em tela funcionam no importante espaço do Casarão.

Conforme afirma, a maior dificuldade enfrentada pelo professor João em seus 5 anos de serviço público é despertar o interesse do aluno pelas artes, na tentativa de que todos apreciem as atividades elaboradas por ele. Disse que a arte é um bem cultural histórico e pessoal, e que os temas podem despertar a paz, o equilíbrio, a reflexão. Destacou que grupos teatrais e a música são elementos que dão suporte à mudança comportamental. Mas que tem dificuldades em elaborar oficinas de teatro e de artesanato, por isso centra o seu trabalho em aulas de pintura e de História da Arte. Completa dizendo que há espaço nas aulas

para o paisagismo, o desenho técnico, visando a um ensino voltado para a matemática e a engenharia, o que poderia despertar o interesse do aluno por esses cursos. Fala da preferência dos alunos pelas oficinas de arte (fazer, pintar, desenhar), o que exclui a história da arte e a leitura de imagem. Lembra que os estudos de arte podem modificar significativamente a opinião ou o modo de vida do seu aluno.

Quando lhe perguntaram sobre a perda de espaço da arte para a tecnologia e como ele fazia para driblar a tecnologia em seu modo de ensino, o professor se emocionou dizendo "O dia em que as Belas Artes, pela mão do homem for extinta, o mundo acaba; a tecnologia nunca superará o valor da arte, arte é dote de Deus. Mas o ser comum pode fazer um bom trabalho porque a arte tem uma técnica, é da didática da arte que vem o melhoramento do autodi-

data, do vocacionado. É a técnica que permite abertura para que todos possam participar de oficinas e produzam trabalhos artísticos".

A tecnologia foi de extrema utilidade para que o artista atingisse os objetivos e a satisfação plena nos trabalhos de arte, porque a tecnologia da tinta foi melhorada, hoje você pode remontar ou remover a tinta. Além disso, eu trabalho com a História, quando crio um projeto já tenho as cores históricas para cada projeto. Se erro, posso sempre voltar atrás. O projeto de arte da escola para a comemoração dos 40 anos prova isso. Era um pré-projeto, mas já continha, formas, cores, traçadas. Errei, modifiquei. Não foi difícil reconstruir a Teófilo Otoni de 1898 a 1959, foi trabalhoso. O projeto trouxe a História da Escola, fazendo uma referência à História da cidade. A Escola como educandário, também fez referência aos animais em extinção, um grande problema ecológico. A professora de Arte do noturno, Maricélia Martins de Araújo, trabalhou lado a lado comigo, e nós temos que agradecer aos professores que nos deram suporte, incentivo, palavras, para que concluíssemos em tempo hábil o que foi edificado. Foi uma corrida contra o tempo, 17 dias, e as telas foram imensas 2,20 x 1,5m de altura, 15 telas de direitos humanos, 7 de animais em extinção, 7 que relatam o histórico de T. Otoni.

O professor disse ainda de como se sente podendo ensinar arte à juventude "Eu me sinto bem porque há uma diversidade de pensamentos, ideias, criatividade e habilidades. Há uma perfeita sin-

tonia entre professor e aluno que trabalham com desenho, grafite ou aquarela, há uma troca, nós discutimos, decidimos juntos". E completa "Quando pinto, sinto paz, tranquilidade, leveza; problemas exteriores podem alterar o meu projeto, mas não o uso de cores; a mim, não".

Ao lhe perguntarem sobre o motivo de ter escolhido trabalhar na Waldemar, responde "Não foi uma escolha, só havia eu. Após chegar, sinto que é o melhor lugar de T. Otoni. O que eu sinto aqui é uma família segura, verdadeira, por isso as horas extras são bem vindas, que venham mais vezes e bem-vindas assim".

Sobre o que o teria incentivado a trabalhar com arte, o professor diz que descobriu que a sua natureza era artística por excelência, tinha facilidade em artesanato, anatomia, paisagismo, isso o levou a uma escolha profissional com toda a satisfação. "Era aquilo que eu queria", destaca. E afirma que se não fosse professor, seria músico profissional.

O professor João diz sobre como enfrenta a desvalorização da disciplina de Arte por parte dos alunos: "Eu enfrento adequando-me aos outros conteúdos, como matemática, como desenho geométrico, desenho de projetos, assim como, o estudo da perspectiva. Assim beneficio os alunos nas ciências exatas e faço o trabalho interdisciplinar da interpretação.

*Entrevista coletiva dos alunos do 1º E*



**Murais na Escola Waldemar Neves pintados pelo Professor João Eduardo**

## Um sow de despedida

Um dos projetos que vem movimentando o Ensino Médio é a parceria entre o professor de Matemática JOSÉ IRMO e os terceiros anos. Há 04 anos os alunos e seus familiares, juntamente com funcionários da escola, comemoram, em noite de gala, a conclusão do En-

Clube será novamente palco desta grandiosa festa, no dia 16 de dezembro, animada pela Banda Filadélfia Hits e DJ Sky. A emoção toma conta dos alunos que, entre risos e lágrimas se despedem da educação básica e seguem à busca de novos horizontes.





## Coordenação Pedagógica na Escola

Na Escola Waldemar, o Projeto Político-Pedagógico é muito bem coordenado pela equipe de Especialistas em Educação Básica.

Uma proposta de formação humana que atenda às demandas desse novo tempo, precisa estar alicerçada em um planejamento estratégico, participativo voltado para a construção de competências e habilidades.

E isso não se faz de um jeito qualquer.

É preciso muito mais do que uma SUPERvisão.

É preciso uma visão holística do mundo real e do mundo que desejamos construir.

O Especialista atua como um fio condutor de toda

intenção educativa até a sua concretização.

Orientar o jovem e o adolescente, mediar a construção de conhecimentos e articular a práxis pedagógica são tarefas importantíssimas, que para nosso orgulho e prazer, estão em excelentes mãos em nossa Escola.

Numa dinâmica dialógica e dialética, aqui ensinamos e aqui também aprendemos.

Como em um corpo, reconhecemos a importância de cada ser humano que está ao nosso lado, valorizando as diferenças e exaltando as potencialidades.

Numa escola onde a atmosfera é impregnada de acolhimento e seriedade,



Rita de Cássia, Juliana, Waldirene, Francine e Patrícia, especialistas da Educação

não é difícil fazer a Educação acontecer. Ao contrário, ela acontece naturalmente, sustentada por um currículo prescrito e muito mais ainda, por um currículo não explícito

que se encontra no riquíssimo universo das relações humanas.

Jacqueline Guimarães  
Vice-diretora

## Um show de secretaria



A Secretária da EE Dr Waldemar Neves da Rocha funciona atualmente com uma equipe de servidores formada por Assistentes Técnicos da Educação, Professores em Ajustamento Funcional e Professores afastados da docência coordenados pela Secretária Andréa Orgando Jardim que assim se manifesta:

Considero a secretaria o cérebro da escola, pois é nela que se processam os registros necessários ao seu funcionamento – da matrícula de alunos à contratação de servidores.

Para que as demandas de trabalho sejam cumpridas dentro dos prazos estabelecidos, contamos com uma equipe unida e competente. São profissionais dotados de grande conhecimento da legislação escolar, tanto no que se refere à vida do aluno quanto à vida funcio-

lho é feita on-line – Educacenso, Simade, Sisade, Sisap, Sigespe – torna-se necessário, para atuar nesse setor, um satisfatório conhecimento de equipamentos modernos e tecnologias, principalmente de informática.

Documentos importantes à vida de alunos e servidores são expedidos pela secretaria de uma escola, o que dá a exata noção da responsabilidade e confiabilidade que deve nortear os trabalhos nela desenvolvidos.

Hoje, a secretária vem firmando o conceito da EE Dr Waldemar Neves da Rocha como uma escola de confiança e cumpridora de seus deveres junto à comunidade e a SRE de Teófilo Otoni, com quem dividimos o nosso sucesso!

## Salas Temáticas

A história da Escola foi exposta aos alunos e à comunidade através de fotos, cartazes e textos que compuseram as salas temáticas.

### Uma grande festa

A sala dos ex- e atuais alunos e funcionários festejou o aniversário de 40 anos da Waldemar. Esta sala tematizou os principais acontecimentos sobre arte e tecnologia no mundo da década de 70 aos dias atuais e trou-



xe um bolo cinematográfico.

Aline Tomlich – Ciências

## Um templo para o teatro



A sala de arte lembrou peças de teatro do Projeto Cultural "Viva Voz", com a apresentação de elementos de "Navio Negro" e "O Romancelo", peças

em exposição de fotos, como "Armadilhas do Trânsito", peça que recebeu prêmio regional de teatro no Fest Teatran.



## Nossa história se faz com projetos e parcerias de sucesso



A sala dos Projetos Pedagógicos e das parcerias teve como objetivo destacar a importância de se apresentar à comunidade e à sociedade os trabalhos realizados por alunos e profissionais da Waldemar com parceiros locais como o Internato Rural,

as faculdades locais: Doc-tum, UFVJM, UNIPAC, Polícia Militar de Minas Gerais e SESC/MG-TO.

**Juliana Shapper**  
Especialista em Educação  
Sebastião Sulz  
História

## Evolução da rede física da Waldemar



A sala da Evolução da Rede Física apresentou plantas da Escola e fotos desde a sua criação até os dias atuais. Pesquisas revelaram que a

da Rocha tem a maior e uma das mais privilegiadas áreas escolares de T. Otoni.

**Celso Antonio de Sousa**

## Língua e Literatura: do popular ao clássico

O anfiteatro destinado à Revista Literária Caminhos das Letras e ao jornal "Folha Conexão Santa Clara" contou, para a sua ornamentação, com o resultado da parceria entre os ensinos fundamental e médio. Os visitantes tiveram a oportunidade de não só ver a

beleza do sertão sendo retratada, como também puderam apreciar as várias apresentações de teatro, cantatas, recital, realizados por mais de 150 alunos do Ensino Médio, vespertino.

**Wilma Colares**  
Língua Portuguesa

## Um espaço para a lei POPI



A Polícia Militar, através do pelotão POPI (Polícia de proteção Integral à Criança e ao Adolescente), trouxe a história da parceria de seis anos com a escola, e apresentou vários projetos já realizados pelo pelotão. Os componentes envolvidos nestes projetos são militares de altíssima

por isso, preparados para o trato com nossos alunos. O último projeto realizado neste educandário foi o curso POPI Cidadania. Com duração de quatro meses, muito contribuiu para o aprendizado dos nossos estudantes. Nesta Escola, o atual instrutor é o Cabo **Rogério Gomes Silva**.



## Projetos desenvolvidos na Escola

### História de um povo Polivalente



A Educação Física expôs todos os troféus que a Escola reúne das vitórias conquistadas pelos alunos. No JEMG 2011, a Escola conquistou o título de terceira colocada geral no judô, módulo 1 (alunos de 12 a 14 anos). Nesses jogos, entre os mais de 680 municípios inscritos nessa competição, destacou-se Marcela Amaral Barbosa, aluna do 7º ano, que em Juiz de Fora, sagrou-se Campeã Mineira Escolar de Judô. A aluna foi classificada no 10º lugar no judô nacional estudantil, realizado em João Pessoa – PB.

Nos Jogos Escolares de Tênis Otoni – JOETO 2011, novos títulos foram conquistados: basquete masculino e feminino, módulo 2, judô em todas as categorias. A Escola foi campeã geral do atletismo e peteca masculino, módulo 2; e no xadrez, todas as categorias. Assim, conquistou o bicampeonato geral do JOETO, módulo 2 (alunos entre 15 e 17 anos).

**Adeilson Kretzli**  
**Francisco Lima da Cruz Neto**  
Educação Física

### Projeto alimentação Saudável

O projeto alimentação saudável destina-se aos alunos do 6º ano, do turno vespertino e está sendo desenvolvido, desde o 2º bimestre pelos professores de Matemática (Fabrício), Ciências (Rosânia) e Artes (João Eduardo).

O objetivo do mesmo é verificar, através de pesagens periódicas, a influência dos hábitos alimentares e suas respectivas mudanças. A metodologia utilizada favoreceu a aquisição de conhecimentos através de vídeos, textos, análise nutricional, pesquisas e construção de gráficos. Até o presente momento foi observado que o consumo

alunos mostraram preocupação com o peso e procuraram orientação médica. Outros estão com o IMC abaixo da média e alguns com sobrepeso.

O encerramento do projeto está previsto para a primeira quinzena de novembro e conta com palestra de um nutricionista, apresentação de trabalhos desenvolvidos e a degustação de delícias saudáveis.

Os professores já comemoram os excelentes resultados e apostam em significativas mudanças de hábitos por parte dos alunos.

**Rosania Duarte Turatti**

### Um trabalho a pincel



O Projeto Escola em Tempo Integral – PROETI – evidenciou produtos das oficinas de artesanato feitos pelos alunos desde o início desse projeto há quatro anos. Apresentou o trabalho com a leitura, letramento, além do esporte, teatro, jogos e música.

O PROETI visa atender adolescentes do ensino fundamental, oportunizando-lhes uma melhor perspectiva de crescimento em sua vida escolar. Oferece também, além de uma educação de qualidade, oficinas

pedagógicas, profissionais capacitados e materiais didáticos diversificados. São oferecidas, no mínimo, três refeições diárias, garantindo melhores condições para o aprendizado dos alunos.

Para os pais é uma tranquilidade saber que enquanto buscam o sustento da família, seus filhos estão sendo preparados para o pleno exercício da cidadania.

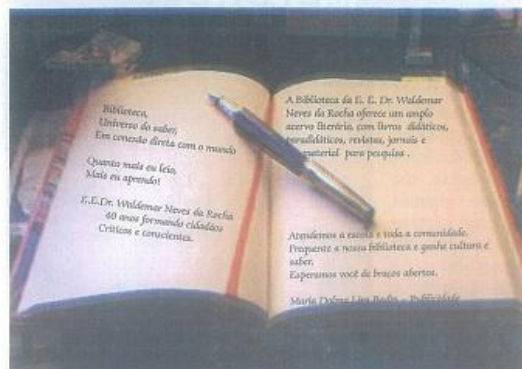
**Adriana, Mislene, Marcene**  
**e Amélia - Professores do**  
**Tempo Integral**

### Leia!

A leitura é um hábito que deve ser adotado por todos os alunos da escola. Fazê-la durante as férias fez com que os alunos melhorassem suas notas em todas as matérias, já que os ajuda na interpretação e, logo, no entendimento de

diversos outros assuntos. Além disso, o hábito de ler mostra para uma sociedade tecnológica e inculta que a leitura é capaz de proporcionar momentos de prazer, diversão e reflexão.

**Tarciso Alves Pinto 1º D.**





## Oficina: O teatro vive Folclore, tragédia e romance em prosa e poesia

Os alunos do 2º e 3º anos do ensino médio realizaram atividades de incentivo à cultura e à leitura. Por meio dessa oportunidade, puderam encenar peças de autores consagrados, como William Shakespeare e Mário de Andrade. Também declamaram poesias do Barroco à contemporaneidade.

Nos jardins da escola, havia roda de versos, teatros como Hamlet e Romeu e Julieta, Grande Sertão Veredas, Marabá, Epigrama de Gregório de Matos, e vários poemas recitados pelos alunos do ensino médio.

Foi uma grande festa, que contou com a presença dos pais, alunos e professores, e algumas presenças ilustres, que nos prestigiaram em nossos trabalhos.



Prosa - Macunaima - Mario de Andrade



Poesia - do Romatismo à Contemporaneidade

Esse trabalho só foi possível pelo total empenho dos alunos envolvidos nas atividades, com a coordenação da professora Tércia Timo que dispôs grande tempo para tornar possível a realização desse projeto. Não podemos nos esquecer dos

demais professores e da direção que nos ajudaram. Sobretudo, o professor Gemilton, da Matemática.

Ficamos muito felizes pela oportunidade de mostrar habilidades e talentos até então desconhecidos por muitos. Quere-

mos agradecer àqueles que nos honraram com sua presença. Que momentos como esse se repitam, para aumentar o nosso conhecimento, e nos tornarmos eternos aprendizes do saber.

Gustavo Dias Coelho - 2º C

## Grande Sertão: Veredas



Maicon e Yorran, alunos do 2ºC e 3ºC  
Cenas de "Grande Sertão Veredas"

Grande Sertão Veredas é um romance de jagunços, com aventuras e muitas guerras. Riobaldo, o protagonista da história, é um velho jagunço, que vive às margens do rio São Francisco, que conta suas histórias na época da jagunçagem e revela

ao leitor seu grande amor: Diodorim, uma mulher vestida de jagunço. Parte desta história foi encenada no jardim da Escola por Maicon e Yorran, alunos do 2ºC e 3ºC.

Maicon J. Santos Sousa - 3º C

## Marabá

O poema relata a rejeição que os índios nativos sofreram. As índias que tinham relações com os homens brancos tinham filhos mestiços, considerados monstros, pois eram rejeitados pelos brancos e pelos índios que detestavam suas características como, pele branca, olhos claros, cabelos anelados, etc.



Oficinas literárias e teatros

Para os índios, o fruto das relações entre índios e brancos era uma doença que

## Epigrama - Gregório de Matos Guerra

Durante a festa de comemoração dos 40 anos da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da rocha, os alunos montaram, com a ajuda dos professores, oficinas literárias e teatros nos quais representaram obras de grandes autores.

Uma das peças escolhidas para homenagear o Barroco foi o epigrama de Gregório de Matos Guerra, "O Boca do inferno", que ficou conhecido assim por criar protestos em forma de poesia sobre



Oficinas literárias e teatros

as injustiças, tais como, o descaso do governo em relação à população, os roubos praticados pelos mesmos, pela igreja e militares, etc. ocorridas na Bahia, no século XVII.

Marcos Paulo Salomão  
Jéssica Sena  
Pedro Henrique Alves  
2º C

## O Bicho - Manuel Bandeira

O poema "o bicho" recitado por Luís Henrique do 3º ano C do ensino médio relata a posição do homem diante da sociedade e os problemas por ela enfrentados. O poema compara o ser humano com um bicho por ter atitudes e comportamento de animais famintos.



Matos J. Santos Sousa



## Roda de Versos: Minas ontem, Minas hoje

Artigo a partir de entrevista a Filipe Soares Cajazeiro, 1º E - Ensino Médio

O objetivo do evento de comemoração dos 40 anos é mostrar para a comunidade a cultura que, com o passar dos anos está sendo desvalorizada e esquecida pela população mais jovem. A Escola está cumprindo o seu papel de levar conhecimento e cultura à comunidade. A laté de elaborar a exposição da Roda de Versos foi da professora Tércia Rodrigues Timo com a colaboração dos alunos. O objetivo da exposição é demonstrar conhecimento de atividades desenvolvidas em Minas ontem, por pessoas que não tinham outro tipo de lazer. É muito importante manter viva a Roda de Versos para manter viva a cultura dos nossos antepassados. Para mim, a Roda de Versos tematiza a forma cultural de se discutir assuntos importantes como foi feito com o Direito do

Trabalho, pela utilização do refrão de "Mulhé Rendeira" e discutir Filosofia com o refrão de "A Pombinha Voou". Mas também de buscar a tradição do causo mineiro como as mentiras de pescador nos versos da "Traíra". Foi bom aprender através de uma tradição tão divertida quanto a Roda de Versos Minas ontem, Minas hoje. A reação das pessoas diante da apresentação foi de euforia por estarem revendo uma tradição quase extinta. A literatura proporciona conhecimentos adicionais na minha vida. Mais importante é o resultado final do projeto, o processo é sempre difícil. Há uma contribuição para o desenvolvimento das inteligências para os participantes e para a plateia. Enfrentamos problemas inicialmente com o desinteresse de alguns alunos; mas, no decorrer do trabalho, compreenderam e fizeram acontecer com sucesso.

Kevin Dantas Schweighofer - 1º E



Exposição Roda de Versos

## Minas: Música e Poesia



A Arte Poética da Waldemar

Os alunos do 1º ano D do ensino médio, homenagearam a Escola com a apresentação de textos e poesias literárias.

As poesias apresentadas fazem parte da Revista Literária Caminho da Letras, criada pela própria Escola com publicações dos alunos que estudam e estudaram na Escola Waldemar. As poesias recitadas por cada aluno eram seguidas por algumas canções que fazem parte da cultura mineira, como: "Jequitinhonha", "Ponta de Areia", "Cio da Terra", "Seio de Minas" e "Isto aqui o que é?". Entre outras.

O trabalho feito pelos alunos do 1º D e coordenado pela

alunos, pais e visitantes para sua total realização.

O projeto teve como objetivo mostrar um pouco da nossa cultura, da história da nossa Escola e mostrar o potencial e a capacidade dos alunos que publicaram textos nos seis primeiros números da Revista Literária Caminhos das Letras. Além de incentivar os alunos participantes a conhecerem mais sobre a literatura e lhes ensinar a escrever e a falar bem. O projeto incentivava-os a expressar seus sentimentos, ideias e imaginação em forma de textos e poesias, o que pode ser muito importante no futuro desses alunos.

## Hamlet em foco



O Hamlet é uma grande estória de William Shakespeare, baseada em tragédias e vinganças. O tio e a rainha matam o pai de Hamlet para tomarem o poder, o reino da Dinamarca; mas, com o passar do tempo, o fantasma do pai de Hamlet apa-

A estória desencadeia uma vingança trágica. Todos os personagens morrem.

A dramaturgia clássica causa impactos no leitor para que esta não perca nenhum capítulo.



## Romeu e Julieta



Alunos do Ensino Médio Vespertino em cenas

Em comemoração aos 40 anos da escola Waldemar Neves da Rocha, os alunos apresentaram peças consagradas de William Shakespeare. Uma delas foi Romeu e

Julieta a qual, conta a história de dois jovens que se apaixonam perdidamente, porém, pela rivalidade entre as duas famílias, os dois encontram muitos obstáculos e decidem se

encontrar às escondidas. Mas por uma fatalidade, Romeu e Julieta acabam morrendo. Após a morte dos dois, as famílias Montecio e Capuleto decidem se perdoar dos antigos

ódios e rivalidades que causaram a morte dos seus filhos.

**Gustavo  
Dias Coelho**  
2º C

## Um breve olhar

Temos vivido momentos fantásticos com as comemorações dos "40 anos da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha". Gostaria de, no entanto, registrar a apresentação dos alunos de Ensino Médio dirigidos pela professora Tércia.

Trabalhar a Literatura é beber o vinho dos deuses com a benção de Deus, claro. Talvez por isso, o que era para ser um fiasco, tornou-se divino, poético, envolvente e nem mesmo Oráculos ou Fúrias tenham conseguido aplacar a determinação da professora ou a persistência de seus alunos.

A apresentação do recital envolveu coreografias que revelaram, num emaranhado de corpos que iam e vinham em intrincados movimentos e ritmos perfeitos ora aos pares, ora aos quartetos e ainda em fileiras de mãos sempre abraçadas, a força, a coragem de quem sabe o que faz, a união, além, de elevado bom gosto. Dali, mais fortalecidos, formavam barreiras, ou melhor, braços que protegiam os semideuses e

suas performances.

Se por vezes, sentiam-se ameaçados com os brados intermitentes da natureza através de uma chuva que caía incessantemente ricochetando o ar e o teto; por outra contavam com a fidedigna atenção dos que ali estavam totalmente encantados — esta é a palavra, na sua essência, mais apropriada para descrever a atenção dos tão inquietos educandos em sala de aula.

O espetáculo contou com os ingênuos versos dos próprios alunos homenageados em a "Revista Literária Caminhos da Letras", retrocedeu no tempo e trouxe, da literatura clássica, o poeta do Barroco brasileiro, Gregório de Matos Guerra severo questionador e crítico das atitudes governamentais e sociais da Bahia de seu tempo, o que lhe valeu o cognome "Boca do Inferno".

A festa (foi uma festa para olhos, ouvidos e alma) continuou com apresentações magnânimas perpassando o folclore, poemas como "Separação" do poetinha Vini-



cius de Moraes, a interessantíssima prosa de João Guimarães Rosa em seu trabalho: "Grande Sertão: Verdades" — que contou com a participação especialíssima da professora no papel de "o doutor". É importante ressaltar a mesma responsabilidade, o mesmo interesse, o mesmo cuidado dedicados a cada poema, apresentação ou representação. Tudo revisitado singularmente, feito para emocionar, enlevar o espírito

e ficarmos com a sensação de que, naquele momento, estávamos presos a este mundo por apenas um ténue e leve fio, o que nos deixava acreditar que partilhávamos, no Olimpo, o manjar dos deuses.

Neste nível, que venham mais 40 anos.

Brilharam. Parabéns!

**Áurea Rodrigues Timo**  
Língua Portuguesa

### EXPEDIENTE

Escola Estadual  
Dr. Waldemar Neves da Rocha

Diretora:  
Vilma Leão da Silva

Oldair Ribeiro Novaes  
Vera Lúcia de Assis Faria

Especialistas em  
Educação Básica:  
Francine Nunes Cardoso  
Juliana L. Camargos Shaper  
Patrícia Costa S. Bonfim

Revisão:  
Áurea Rodrigues Timo

Coordenação do Jornal:  
Tércia Rodrigues Timo  
Colaboradores: Direção, Especialistas, Professores e alunos da Escola

POPI (Polícia de Proteção Integral à Criança e ao Adolescente).

Parceiro:  
(Diagramação e Impressão)



# FOLHA Conexão Santa Clara

ANO 11

NÚMERO 2

TEÓFILO OTONI

NOVEMBRO 2012

EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

## Editorial

Esta é a terceira edição do jornal Folha Conexão Santa Clara, da qual os alunos do Ensino Médio vespertino da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha têm orgulho de participar. Isso ficou muito claro em depoimentos colhidos para a composição deste editorial.

Esta edição é resultado de um projeto que suscitou intenso trabalho de planejamento e de execução. Os alunos escolheram temas que realmente fazem parte da realidade deles e trabalharam no sentido de compor o perfil de crenças da comunidade escolar.

O trabalho não ficou limitado às salas de aulas. Os alunos foram às ruas, realizaram anketas, entrevistas, pesquisas, enfrentando todas as dificuldades, a falta de experiência e de confiança no próprio potencial.

Tudo foi coordenado pela professora de Língua Portuguesa, Tércia Rodrigues Timo, que não exigiu o bom, mas o melhor de todos os alunos, colocando-os em um mesmo patamar, mostrando-lhes o que são capazes. Foi um trabalho em equipe, que será visto como o jornal que a E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha tem condições de oferecer à comunidade neste momento, no processo de maturação de um dos Projetos Institucionais de maior visibilidade da Escola.

Ao leitor, esta escola põe em suas mãos um periódico com artigos que realmente interessam à população teófilo-otonense. São artigos críticos que mostram uma visão diferente da esperada, visto que os resultados das pesquisas realizadas atingiram metas surpreendentes. Os temas se relacionam à política, ao esporte, à educação, à cultura, à saúde, à arte e ao entretenimento.

Depois de muito trabalho e superação de todos os alunos para fazerem um jornal de qualidade para a comunidade, é com todo prazer que a escola oferece este periódico.

Que venham novas edições do Jornal Folha Conexão Santa Clara e que os próximos autores e editores sejam tão empenhados quanto os desta edição.

Boa Leitura!

Gabriele Kelly de Jesus Huhn - 3ª C



## A 8ª edição da Revista Literária Caminho das Letras no ano em que o projeto chega à UFMG



A E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, em 2012, apresenta à comunidade, a 8ª edição da Revista Literária Caminho das Letras. O lançamento será realizado no SESC de Teófilo Otoni, no dia 24 de novembro, às 17h.

A revista tem como objetivo apresentar os mais promissores escritores da escola à sociedade, valorizando-lhes a produção escrita e as horas de leitura para isso.

Ela é hoje o principal projeto da escola e aponta para o ensino de Língua Portuguesa baseado na leitura e produção de textos. A revista que a cada ano inova no sentido de apresentar um número maior de gêneros textuais literários, em sua 8ª edição, traz contos em prosa, contos em prosa poética, crônicas, fábulas e poemas, dentre os quais, poemas visuais da poesia concreta.

Além da diversidade temática e da qualidade dos textos cada vez mais alta, esse excelente suporte homenageia Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, que completaria 100 anos de vida.

O projeto Revista Literária Caminho das Letras, ultrapassou os portões da escola. Este ano, embasou monografia apresentada à FALE (Faculdade de Letras da UFMG), levado pelas mãos da professora Tércia Rodrigues Timo que teve como orientador do seu texto monográfico, fundamentado nes-

se projeto institucional, o Professor Doutor Luiz Francisco Dias, diretor da Faculdade de Letras. A professora Tércia diz que o projeto recebido por ele e pela comunidade acadêmica da UFMG foi acolhido com satisfação imensa, ao ponto de surpreender e, que a Professora Doutora Elizabeth e a Professora Doutora Gerusa, muitas vezes emocionadas pelo valor social e cultural do projeto, investigaram sobre as etapas de execução e resultados crescentes da revista, quiseram saber sobre o envolvimento de todos os educadores, da direção, da supervisão, do envolvimento de professores das outras áreas inclusive e concluíram: "A Revista atribui identidade aos alunos - disseram e comentaram sobre a importância da escola inteira nesse trabalho de educação, de dedicação, que, para elas, é o resultado de uma filosofia que atende muito bem às necessidades dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

"A E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha sente-se orgulhosa de poder entregar à sociedade de Teófilo Otoni a revista, em seu 8º número, e apresentar a essa sociedade a qualidade dos cidadãos que prepara." Diz a diretora Vilma Leão da Silva.

Alessandra P. Pacheco, Matheus Teles, Mayra C. P. Cardoso, Dayane A. Almeida, Pedro H. A. Santana - 3ª C

## ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

### Equilíbrio das relações sociais, humanas, técnico-pedagógicas e econômicas.

A administração é fundamental para o desenvolvimento da escola como um todo. A ela se deve o equilíbrio das relações sociais, econômicas, humanas e técnico-pedagógicas que ocorrem e mantêm a escola.

Entrevista realizada com Vilma Leão da Silva, a diretora da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, sobre a administração da escola, revela que isso é responsabilidade do diretor; dos vice-diretores, especialistas em Educação Básica e da secretaria, que conta, hoje, com 9 auxiliares.

Segundo Vilma Leão, o diretor é responsável pela coordenação de todos os setores, sendo o representante geral. Os vice-diretores respondem pelo diretor em sua ausência, cada um em seu turno. Já os especialistas são responsáveis pelo pedagógico. Assim, orientam os estudantes e acompanham os professores. A secretária é responsável por toda a escrituração.

Existem também os serviços, que são bastante importantes e que

se dividem em: cantineiras, porteiros e em trabalhadores da manutenção.

A diretora faz lembrar que as estratégias adotadas para auxiliar na administração e organização escolar são de conduzir todos os funcionários no sentido de que trabalhem com uma mesma linguagem, uma mesma diretriz, com um objetivo comum para atingir a meta que é o sucesso dos alunos.

Sobre as maiores dificuldades enfrentadas no dia a dia escolar, ela diz que uma das mais abrangentes é a influência do tráfico e a ausência da família, nem tanto na escola, mas que atingem o ambiente doméstico dos alunos.

Conforme enquête realizada com 821 alunos sobre a Administração da Escola Waldemar Neves da Rocha, 258 alunos afirmam ser a administração ótima; 237 afirmam ser a administração boa; os demais alunos abstiveram-se.

Wiviane Rodrigues Burmann, Amanda Pereira Pacheco, Uiza Carvalho - 1ª D

## ELES DEIXARAM MARCAS NO CAMINHO

Segundo pesquisa realizada na escola E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, vários funcionários da escola se aposentaram este ano. Eles fizeram e fazem parte da história dessa instituição que, em trinta de setembro de 2012, completou 41 anos de serviços prestados à comunidade escolar.

Esta escola, muito organizada, está sob a responsabilidade de diretora e vice-diretores, supervisores, coordenadores, secretários, auxiliares de educação, professores, pais e alunos, pessoas que durante anos trabalharam, e sonham ajudando a concretizar desempenhos e expectativas.

São muitas as histórias a serem contadas, experiências que foram adquiridas e que valem a pena ser lembradas. Na

tentativa de homenagear esses educadores, citamos o professor Wilson dos Anjos Silva, de Língua Portuguesa, que há quase 30 anos executa seu trabalho com dedicação e amor de forma eficiente e exemplar; a professora Neuzia Maria Holzbach Alexandrias, que ensinou História de forma eficaz durante tantos anos; a professora Clemência Margarida Esteves Carvalho, de Língua Portuguesa; a professora Nilânias Lopes Cairas, secretária há 15 anos, que declarou: "Desde a minha chegada à escola assumi um compromisso de parceria com carinho e dedicação, respeitando a todos; Vera Lúcia de Assis Faria, de Língua Portuguesa; Margareth Guimarães Silva, de Geografia; Maria Elizabeth Batista Malgaço, bibliotecária".



## Projetos desenvolvidos na Waldemar Neves

• **Projetos de Física:** as curiosidades do Sistema Solar, Circuitos Elétricos e a Física Mecânica – tudo é ensinado em pequenos projetos. Assim, a professora Aline Hossem mostra na prática, o que a Física tem de mais interessante e mais útil.

• **Projeto "Alimentação Saudável"** – Desenvolvido pelos professores de Matemática, Gemilton e Sandra, e pelas professoras de Ciências, Rosania e Aline Tomich. O projeto tem o objetivo de verificar o IMC dos alunos e, descobrindo quem está acima ou abaixo do peso, apontar os hábitos alimentares corretos para cada um deles.

• **Projeto "MPB"** – A professora de Língua Portuguesa, Áurea Rodrigues Timó, cujos trabalhos com recitais são reconhecidos devido à versatilidade, depois de realizar projetos como: A Poesia Afro-brasileira, Os Mitos da Era Clássica, Estética e Grandes Poetas Brasileiros. A professora inova este ano trazendo o recital Canções da MPB. O projeto terá culminância no próximo 27 de novembro e objetiva despertar nos alunos o gosto estético e a compreensão da evolução da poesia que, historicamente, se mistura ou se distancia da música.

• **Projeto "Gravidez na Adolescência"** – criado e executado pelas professoras Wilma Collares, de Língua Portuguesa e Aline Tomich, de Ciências, cujo objetivo é pôr em discussão os problemas decorrentes de uma gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e DSTs. Além disso, abriu-se espaço para discutir tabus sobre o aparelho reprodutor e preconceitos relacionados às questões de gênero.

• **Projeto "Sustentabilidade"** – Aproveitando-se da ocasião da convenção Rio + 20, a professora Aline Tomich propôs aos alunos uma série de discussões postas na Agenda 21. As discussões levaram a maior compreensão sobre que ações vão de encontro à noção de equilíbrio entre produção, consumismo e garantia de qualidade de vida para as atuais gerações e as futuras.

• **Projeto "Feira Geométrica"** – orientado pela professora de Matemática, Maria Aparecida Lemos – o qual tem a finalidade de mostrar os poliedros e as formas geométricas, como

planos no nosso cotidiano. Por isso, os alunos, utilizando-se de sucatas e palitos, construíram casas para terem noção da função dos poliedros.

• **Projeto "Halloween" (Dia das Bruxas)** – coordenado pela professora de Língua Inglesa, Flávia Santana Soares Pinheiro – o qual objetivou a aproximação dos alunos à cultura dos países em que se fala a Língua Inglesa. Tudo se deu de forma lúdica, por meio de oficinas. Isso proporcionou aos alunos o enriquecimento de seu vocabulário.

• **Projeto "Eu sou do Bem"** – realizado pela professora de ensino religioso, Dlíma Dourado. O projeto é visto como uma estratégia de envolver os alunos no processo de resgate da autoestima e confiança. Para isso, propõe situações de reflexão, crítica e construção do seu próprio conceito de valores. Isso contribui para melhorar o seu relacionamento na sala de aula, com a família e a comunidade.

• **Projeto "Voluntariado no Ambiente Escolar"** – realizado pelo ex-aluno Wesley Ribeiro Nogueira, o projeto tem o objetivo de manter os alunos envolvidos com os compromissos escolares. Wesley entra nas salas em horários vagos, em ocasiões em que faltam professores na escola, lá textos importantes para a formação dos alunos, propõe discussões. O ex-aluno tem colaborado muito, visto que se utiliza de técnicas de encenação desenvolvidas em sua passagem pela escola por ocasião da sua intensa participação em peças realizadas com o grupo de teatro da Waldemar. Não são raras as vezes que peças curtas são interpretadas por ele e pelos alunos a quem ele orienta.

• **Projeto "Matemática na Vida"** – criado pelo professor de Matemática, Fabrício Ferreira Dias. O projeto tem o objetivo principal de apresentar atividades que exemplifiquem como a Matemática pode ser utilizada para interpretar o mundo à nossa volta.

• **Projeto "Relações Internacionais"** – Em agosto e setembro deste ano, três estudantes de Cabo Verde (África): Albertino, Marli e Sílvia realizaram pesquisas na escola sobre os



Projeto de Física



Projeto "Halloween" (Dia das Bruxas)

temas: informática no ensino estadual, integração do meio ambiente e sustentabilidade. Houve a apresentação dos resultados das pesquisas no dia 02/10/2012, juntamente com a professora de História, Gisele Onofri, na UFVJM.

• **Projetos de Arte** – a professora Madalena Fernandes Paulino, de Artes, desenvolveu junto aos alunos o projeto "Primavera". Agora está em fase de execução o projeto "Natal". Dessa professora e dos seus alunos sempre se podem esperar surpresas.



Projeto "Relações Internacionais"

Roberto Alves Trindade e Wanessa Rodrigues Burmann – 3ª C

## Preconceito social e racial

O preconceito sempre foi a mácula pior deste país, o último do mundo a acabar com a escravidão. Junto ao preconceito de raça, veem-se hoje os preconceitos social, sexual, dentre outros.

Entrevista, na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, com o objetivo de verificar a porcentagem de alunos que chegaram a sofrer discriminação social ou racial, revela que o preconceito existe. E evidencia que há preconceito quando se julga uma pessoa por ela ser de determinada classe social ou, simplesmente, por ela ser gorda, magra ou homossexual. O preconceito racial se enfatiza quando as pessoas julgam as de-

mas por causa de sua cor ou raça.

Em enquete realizada com 376 alunos do Waldemar, chegou-se ao seguinte resultado: 11,28% destes já sofreram preconceito racial ou social e apenas 4,98% nunca foram vítimas de qualquer tipo de discriminação. 20,74% dos alunos afirmam terem sofrido preconceito racial; 35,37%, preconceito social.

Os números revelam-se bastante altos. É preciso que o diálogo sobre o preconceito se intensifique para que seja cada vez menor o número dessa estatística sórdida.

Camilla França Gonçalves e Daniela Sampaio Ottoni 2ª - D

## Escolha profissional

Em meio a tantas opções de cursos e trabalho, fica cada vez mais difícil os jovens fazerem sua escolha profissional.

Uma pesquisa realizada com jovens brasileiros mostra que as profissões mais escolhidas por eles estão ligadas à ciência da computação, matemática, as engenharias e a área financeira.

Entre as empresas mais desejadas, aparecem as ligadas à telecomunicação, a bancos, à mídia e ao entretenimento, eletrônicos e estatais.

As menos cobiçadas são as de indústria farmacêutica, fabricantes de equipamentos industriais e de seguro.

Em uma mostra de profissões realizada pelos alunos do ensino médio,

vespertino, da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, no dia 05/09/2012, percebeu-se a diversidade de profissões abordadas por eles. Dentre elas, destacaram-se profissões relacionadas aos cursos de administração, enfermagem, contabilidade, direito, lapidação, pedagogia e psicologia.

Em uma enquete realizada com os alunos do ensino médio, destacaram-se como profissões preferidas: administração, engenharia e medicina. E as instituições escolhidas pelos mesmos são as federais UFVJM e UFMG; no entanto, a instituição de ensino superior particular que se destacou na cidade foi a Doctum.

Dayane Aparecida Almeida e Alessandra Moreira Ramalho – 3ª



# Poupança Jovem: uma escolha



O Poupança Jovem tem a gerência estadual que fica em BH e é através dessa que a coordenação de T. O. recebe os planos de execução. O programa existe em 9 municípios mineiros, e as equipes são compostas por coordenador local, coordenador pedagógico, educadores, secretária, motorista, e um assistente social agente de promoção, dinamizador e auxiliar de serviços gerais.

Segundo Flávia Lisboa é Regina Coeli, o objetivo maior do Programa é a garantia do desenvolvimento e do bem-estar do jovem, na medida em que reduz a evasão escolar, aumentando, assim, o índice de estudantes que concluem o ensino médio.

O Programa é de livre escolha do aluno, mas a intenção é que ele tenha consciência do que é melhor para si,



para o seu crescimento pessoal ou profissional. Por isso, fica o critério do jovem fazer a sua opção.

Flávia Lisboa ainda afirma: "Vale a pena frisar que todo aluno que tem até 18 anos tem o direito de fazer a adesão ao programa por estar no ensino médio."

Pesquisa com 286 alunos do 1º, 2º e 3º do ensino médio, dos turnos matutino, vespertino e noturno, da

Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha mostra que o total de alunos participantes do programa é de 118, dos quais 66 jovens consideram o programa bom e 52 jovens, ótimo. 18 dos jovens entrevistados utilizarão o dinheiro para estudos, e os outros 100, para investimento próprio.

Stânia Ferreira, Isabela Ramos, Rafael Moreira - 1ªE

## Educação em Itamunhec

Nunca escapamos da educação, seja na rua, em casa, na igreja e, principalmente, na escola onde todos envolvem pedaços de suas vidas para aprender, para ensinar, para fazer e conviver. Assim, todos os dias, misturamos a vida com a educação.

Em uma entrevista à diretora Eloi-sa Helena da Escola Estadual de Itamunhec, esta diretora fala sobre o objetivo da educação na escola e diz que aquela comunidade acredita que todo ser humano é capaz de aprender e de se desenvolver, desde que a ele sejam assegurados acesso e boas condições para a inclusão e a permanência na escola. O objetivo da escola, portanto, é formar cidadãos críticos, participativos, comprometidos com a sociedade como um todo.

A respeito das melhorias da Escola de Itamunhec, a diretora cita: a ampliação da rede física, a montagem de laboratório de informática, a água tratada na escola, o canal de saúde, o telecentro.

E sobre o mau aprendizado, ela diz que alunos com problemas de aprendizagem são, na maioria das vezes, os que não têm interesse em aprender, não prestam atenção às aulas, só querem tirar nota, por acreditarem que não vão precisar adquirir

conhecimentos para o futuro. Para ela, esses alunos são filhos de famílias que não assumem o seu papel, transferindo para a escola toda a responsabilidade. Assim, o professor fica desmotivado e muitas vezes perde o interesse. Além de problemas como esses, ele faz lembrar que existem, na educação, profissionais totalmente despreparados para a função.

Para concluir, diz que ainda há aqueles alunos comprometidos, estudiosos, com a visão ampla e que têm os olhos voltados para o próprio aprimoramento.

Este jornal também quis saber a opinião dos alunos da Escola Estadual de Itamunhec sobre a educação na escola e obteve os seguintes resultados: de 90 alunos entrevistados, 72% acham que a educação é mediana, e o restante, 28%, dividem-se entre os conceitos bom e ótimo.

Uma escola se faz com os sujeitos que se envolvem no processo de ensino e aprendizagem. É preciso que todos se envolvam, verdadeiramente, e assumam o necessário compromisso com a Educação e com a vida. Somente cidadãos formam cidadãos.

Any Jussara dos Santos e Diego de Souza da Silva - 2º ano D

## PROJOVEM

O Projovem trabalhador é a integração do programa nacional de inclusão de jovens, como modalidade, exclusivamente destinada à faixa de juventude com as idades entre 18 e 29 anos.

O Projovem vem de modo a orientar o jovem para a escolha profissional consciente, prevenindo a inserção precoce no mercado de trabalho.

A intenção do programa é preparar o jovem para o mercado de trabalho e para ocupações geradoras de renda,

Podem participar dele, os jovens desempregados com idades entre 18 a 29 anos e que sejam membros das famílias com renda per capita de até meio salário mínimo.

O Projovem surgiu, na sua primeira versão, em 2005, na mesma época em que foi criada a Secretaria Nacional de Juventude e, até hoje, existe e vem auxiliando o jovem a conquistar mercado de trabalho.

Daniilo Antônio Maciel - 1ºD

## Índices de aprendizagem na Waldemar

Os índices de aprendizagem na escola são uma preocupação de todos. O desempenho dos alunos hoje pode interferir nos resultados da economia do país no futuro. A ausência de aprendizagem reflete na incapacidade de um brasileiro dominar determinadas informações técnicas, fazendo com que as empresas não tenham condições de lidar com o desenvolvimento tecnológico e aumentar os índices de produção.

Historicamente, o Brasil nunca esteve em um patamar econômico tão favorável para investir em mão-de-obra qualificada, por isso contrata trabalhadores estrangeiros. Até quando o cenário não se alterará? Que contribuições os alunos do Waldemar podem prestar ao seu país? Os resultados dos alunos permitem dizer que esta escola contribui para prepará-los para assumir posições em empresas de alta tecnologia necessárias ao Brasil do futuro? Quanto de Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia, História, Educação Física, Educação Religiosa se aprende no Waldemar?

Devido a uma pequena ocorrência, esta pesquisa não pôde apresentar todos os resultados, mas cabe não abrir mão daqueles que se conseguiram alcançar. 63% dos alunos têm mais dificuldade em Matemática e 37% em Português; 89% disseram que o ensino da escola é bom e 11% disseram que é ruim.

É bom que não haja unanimidade: as opiniões divergentes geram motivos para o questionamento, para a discussão que leva, em geral, ao crescimento.

Ícaro Y. Takahashi, Vitorio Aparecido P. da Silva e Samuel R. Ramos - 1ºD

## Curiosidades: chargistas brasileiros

Charge é um gênero textual com estilo próprio de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidos. Por meio das charges, podem-se contar fatos históricos de relevância social com diferentes pontos de vista, sem perder o ponto cômico.

Chargista é o profissional que, em seu dia a dia, faz sátiras de acontecimentos atuais, ou sobre pessoas da mídia ou determinados acontecimentos por meio de ilustrações conhecidas como caricaturas. A palavra charge é de origem francesa e significa carga, ou seja, exigira nos traços de caráter de alguém ou de algo para torná-lo cômico.

Os maiores chargistas brasileiros são: Glauco Villas Boas, nascido na cidade de Jandaia do Sul, estado do Paraná. Desenhista de grande talento iniciou seu trabalho autoral no início da década de 70. Maurício Ricardo Quirino que nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1963. É chargista, cartunista e músico. Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, em 24 de outubro de 1932. É cartunista, chargista, pintor, dramaturgo, escritor, cronista, desenhista e jornalista. É o criador de personagens famosos, como o Menino Malquinho, e, atualmente, um dos mais conhecidos e aclamados escritores infantis do Brasil.

A crítica bem humorada tem valor político e histórico. "Rinco se castigam os costumes" Gil Vicente, teatrólogo do século XV, já ensinava.

Jeferson Meira Santos - 3ª D



## Teatro: um incentivo à leitura

### Dos livros da biblioteca da Waldemar para as salas de aula



Os alunos do 3º ano C, com a participação especial de alunos do 1º D, de alunos do ensino fundamental e do PAV, com a intenção de incentivar a leitura, representaram introduções das histórias das obras: Dom Quixote de Miguel de Cervantes e Saavedras, Otelo e Macbeth de William Shakespeare. As encenações das peças foram feitas em cada sala, trazendo, portanto, fantasia e emoção para os alunos do vespertino da Waldemar que se surpreenderam com a exclusividade.

O evento aconteceu em comemoração ao Dia do Livro – 18 de abril, organizado pela nova biblioteca da escola e professora de Inglês, Maria Dalma Lira Badin.

As peças foram coordenadas pela professora Tércia Rodrigues Timo. O projeto Teatro tem como objetivo dar uma pequena amostra da literatura clássica universal que oferece grandes histórias que podem ser integradas ao repertório dos alunos e que estão disponíveis na biblioteca da escola.

Gabriele Kelly de Jesus Huhn – 3ªC



Ayandra Esteves e Ana Paula Ribeiro

## Ler é uma atitude inteligente

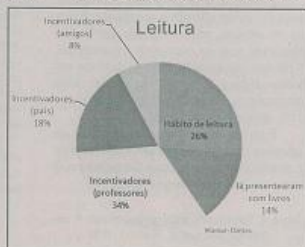
"Só há uma maneira de nos tornarmos leitores: lendo." Disse em entrevista ao Jornal Mundo Jovem em 12/03/2012 Elisabeth D'Angelo Serra, secretária geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Sabemos da importância que é a leitura na vida das pessoas. Cada vez mais temos a convicção de que esta é uma habilidade que deve ser cultivada por qualquer pessoa e de qualquer idade. Aqueles que não têm a oportunidade de viajar no mundo da fantasia e imaginação, provavelmente terão muitas dificuldades para realizar seus projetos de vida. A leitura literária alimenta a imaginação, a fantasia e nos proporciona momentos de prazer. Ler é viajar, se aventurar, conhecer outro mundo.

O ambiente cultural em que a pessoa vive é determinante para que a habilidade de ler tenha chances de crescer. As oportunidades são criadas por adultos que estão próximos às crianças e aos jovens.

Pesquisa realizada na Es-

cola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha em novembro 2012, com mais de 550 estudantes do Ensino Fundamental e Médio, teve como questões: "Você é um bom leitor? Você já presenteou alguém com um livro? Quem foram seus maiores incentivadores? Os resultados dessa pesquisa foram disponibilizados em um gráfico que deixa bem evidente que falta muito para que nossos alunos sejam considerados bons leitores.



## Ler: um hábito para a vida inteira



Você não gosta de ler o quê? As notícias do seu time de coração? Um e-mail daquela sua amiga ou namorada? Bilhetes de amigos e parentes? Cartas? Instruções para jogar na internet? As mensagens do Facebook? Revistas de moda? Placas? Romances românticos ou policiais? O que, exatamente, você não gosta de ler? A reportagem sobre homicídios? A matéria nos livros didáticos? A bíblia sagrada? Poemas? Notícias do país e do mundo? Letras de música? Reportagens sobre o comportamento dos políticos e da economia nacional, mundial? Os classificados? A resenha do filme que vai passar na TV ou em cartaz nos principais cinemas do país?

Há leituras que são fundamentais, as de formação técnico-científica, por exemplo. Há outras que são puro divertimento e outras são obrigatórias para a formação profissional.

A prática da leitura é fundamental por proporcionar conhecimento. Ler está presente em nosso dia a dia, fazendo com que possamos dialogar com o mundo. A leitura é importante, pois nos proporciona a vontade de decifrar e interpretar as situações sob diversas perspectivas.

Ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para o mundo. A leitura pode afastar pensamentos e ações ruins; proporcionar visão crítica; melhorar a memória e tem a quali-

dade de poder transformar o seu dia ruim em um dia melhor e vice-versa.

Pesquisa realizada na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, com os alunos do vespertino, constata que de 234, 18,80% dos alunos leram de 0 a 1 livro; 22,64% deles leram de 2 a 3 livros; 38,88% leram de 4 a 5 livros ou mais; os demais alunos – 11,11%, abstiveram-se da resposta.

Esses 11,11% provavelmente não leram livros, mas isso não quer dizer que só livros sejam importantes ou que só eles sejam responsáveis por hábitos de leitura que algumas pessoas desenvolvem e podem desenvolver em vários suportes, sejam eles os sites da internet, os panfletos, as caixas de objetos, revistas. Independentemente de a gente querer ou gostar, a leitura entra em nossa vida.

Já pensou o que é um fazendeiro que não lê as instruções de aplicação de um vermífugo ou de uma vacina? Coltados dos animais e das plantações! Já pensou uma mãe que não lê a bula do remédio do filho? Que irresponsabilidade e descompromisso com a vida! Já pensou um empregado que não lê o contrato de trabalho? Um sujeito que compre um terreno que não lê a certidão de compra e venda? Dizem que o mundo é feito de gente esperta, pode ser que seja feito de bons leitores e muita gente não saiba.

Robson R. Lauer, Victor P. Alves e Wallace A. de Matos – 1ºD

## A biblioteca

"Ah... meu livro, Quando te abro, Não quero te fechar!"

A biblioteca da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha busca planejar e executar ações que estejam em consonância com o Projeto Pedagógico da escola, definindo ações e metas a serem alcançadas.

Em 2012, continuamos a organizar e catalogar o acervo existente, relacionando novos livros, divulgando e realizando atividades diversas para a comunidade escolar.

Muito interessantes foram alguns eventos realizados como: Feira do Livro, Festa Literária, Dia do Faldore, Dia

do Estudante, Dia do Professor, Halloween e outros, com números artísticos realizados pelos alunos e "cortação de histórias".

Aconteceu também a divulgação de artigos atuais no mural da escola, como "O mensalão", "Bullying" e outros, objetivando trabalhar de forma integrada com os diversos conteúdos.

Agradecemos, sobretudo, às professoras, Lúcia, Luzia, Marisa, Tércia, Aúra, Wilma Collares, Gisele, pela colaboração nos trabalhos de interdisciplinaridade, contribuindo para leitura e divulgação dos livros.

Maria Dalma Lira Badin  
Professora de Língua Inglesa e Bibliotecária



# Música: arte, cultura

Quem afinal nunca sonhou em ser um pop-star? Quem nunca sonhou vendo aqueles filmes norte-americanos, que falam do luxo da vida de um cantor ou de uma cantora, em ter esse tipo de vida que mostra pessoas comendo atrás do grande sonho, e conseguem alcançá-lo? Quem nunca quis estar no lugar desses artistas?

A música faz o ser humano se emocionar, desperta o desejo de cantar, de dançar, de se envolver com alguma coisa mais sublime ou forte ou tocante.

Mas de fato nós brasileiros não fazemos a melhor música, não temos os cantores mais famosos do mundo, mas temos vários hits que grudam pior que chicletes na nossa mente. Quem nunca dançou o hit "Ai, se eu te pegoi" que fez famosos internacionais dançarem, que ficou no topo de várias paradas musicais? E o que falar afinal de "Garota de Ipanema" que fez vários cantores internacionais regravam esse famoso hit brasileiro?

Sempre há de existir aquela música, que escutamos, e que leva nosso corpo a não aguentar ficar parado. Sempre há de existir aquela música que nos traz lembranças, ir dormir escutando aquela música bem "deprimida", quando estamos tristes é quase inevitável, ou até escutar aquela outra para simplesmente desligarmos do mundo...

Mas o que pensam os alunos da Waldemar sobre esse assunto?

Dos 836 alunos entrevistados, 139 tocam instrumentos; 100 alunos cantam em coral de igreja. 93 sonham em seguir

carreira musical. Em termos de preferência de estilo, 257 alunos preferem o funk, 254 preferem gospel, 362 preferem sertanejo (universitário e de raiz), 248 preferem "rap", 284 preferem música internacional.

As pesquisas mostram que os alunos sofrem influência de gêneros norte-americanos. Embora as músicas, em sua maioria, sejam cantadas em português, não é tempo de repensar essa influência? Por onde começar? Para colaborar com as reflexões sobre essas e outras questões, entrevistou-se o professor de música, do coral da cede da Igreja Assembleia de Deus, Jary Alves.

**Leia a entrevista na íntegra.**

**P:** O que é música?

**R:** No conceito abrangente, música é a arte de combinar os sons de modo agradável aos ouvidos. Música não é ciência, mas depende diretamente de duas ciências que são matemática (que é a divisão de sons) e da física (a variação da frequência em hertz é que produz o som). Mesmo dependendo dessas duas ciências, a música é uma arte em que se emprega muito mais a emoção para expressar os sentimentos.

**P:** Que tipo de influência a música causa na vida das pessoas?

**R:** A música pode influenciar culturas, povos, que criam seus ritmos. O ritmo é elemento fundamental. O povo brasileiro é conhecido no mundo inteiro pelo samba.



**P:** O que é preciso para ser um bom músico?

**R:** Existe um ditado entre os músicos "você é o que você escuta". Para ser um bom músico, em primeiro lugar há que se ter um bom ouvido, ou um ouvido musical, além de uma boa dose de estudos.

**P:** O que se pode dizer sobre o atual momento musical?

**R:** O momento musical atual é o pior

possível, visto que músicas que fazem sucesso são exatamente aquelas com frases curtas e onomatopéias que entram no consciente e subconsciente. Essas só precisam ser ouvidas uma vez que já se sabe de cor a letra. Sem saudosismo, creio que se faz necessário um retorno às músicas com melodias e letras inteligentes.

Francirlaine Nery, Katlin Marques, Micael Lucas e Natán P. de Sousa - 1º D

## Música Popular Brasileira (MPB)

Eh! tem jançada no mar  
Eh! eh! Hoje tem arrastão  
(Arrastão, Vinícius de Moraes - interpretação de Elis Regina em 1965)

Durante muitas décadas, até os dias atuais, a música popular brasileira (mais conhecida como MPB) vem se destacando. A MPB surgiu a partir de 1965, com a segunda geração da Bossa Nova. Além disso, houve a fusão de dois movimentos musicais: a Bossa Nova e o Engajamento Político. A sigla MPB foi adotada, pois ambos os propósitos se misturaram e, com o golpe de 1964, os dois movimentos se tornaram uma fonte ampla de cultura contra o regime militar.

Junto com a música popular brasileira surgiram novos gêneros musicais como: Rock, Soul e o Samba-rock. Uma música que marcou o fim da Bossa Nova e o início da MPB foi Arrastão de Vinícius de Moraes, defendida em 1965 por Elis Regina. Alguns dos representantes da MPB são Elis Regina, Chico Buarque, Edu Lobo, Geraldo Vandré, Caetano Veloso e Gilberto Gil que ganharam espaço na MPB, trazendo, em suas harmonias, lembranças da época da ditadura e de outras realidades do nosso país.

Com o passar dos anos, surgiram novos gêneros musicais como Sertanejo Universitário, Internacional e outros. Por isso a MPB não é mais ouvida como nos tempos passados. Os jovens dos dias atuais não conhecem o suficiente sobre a MPB. Se a conhecessem e soubessem o quanto é agradável, curtiriam muito mais e o que há de melhor nela.

Mikeila Santos - 3º C

## POPI

postas por militares que realizam o policiamento nas proximidades das escolas, visam à prevenção de delitos. As equipes fazem atendimento às ocorrências nas escolas, além de realizar as abordagens a indivíduos suspeitos nas regiões dos educandários.

Questionados sobre como é para eles trabalhar no POPI, os policiais responderam que é muito gratificante, pois têm a convicção de que já colhem os frutos. Sobre quais seriam as dificuldades enfrentadas por eles na escola, responderam "Quando a base (a família) que deveria sustentar a criança ou adolescente, está abalada... Não estruturada, o problema maior é quando o público alvo não tem o apoio familiar".

Questionados ainda sobre se suspeitam de algum grupo ou quadrilha que usa drogas ou outros tipos de substâncias prejudiciais à saúde dos jovens, disseram "Nesta escola não, mas quando ocorre algum fato isolado, tal situação é acompanhada até a evolução apropriada."

Este jornal quis saber quais seriam as ações dos policiais se houver algum caso de formação de quadrilha. Eles responderam que as ações seriam "Identificar os componentes e tomar as medidas subsequentes: apreensão e prisão. Contudo a nossa maior preocupação é evitar que o crime aconteça."

Diante da questão "Houve redução do número de ocorrências de furtos com a presença do POPI na escola?" Eles responderam; "Sim; principalmente da conscientização de cada discente e o consequente afastamento de infratores das imediações da escola. E houve redução de todos os delitos."

De 37 alunos entrevistados do 1º e 3º anos do ensino médio, 33 responderam que os índices de violência na escola diminuíram nestes últimos 5 anos.

"Há alunos que não têm em casa diálogo com os pais e não sabem o que há de perigo nas ruas. Aqui na escola, essas crianças são orientadas pelos policiais do POPI, recebem instruções, conhecimentos que precisam ter para se protegerem contra a abordagem do crime." (Ana Lúcia de Sousa Farias - 3º ano C)

Marcos Paulo Nunes Salomão, 3º ano C, discorda dessa opinião e diz que as crianças podem se interessar mais pelas armas dos policiais do que pela ação educativa que eles desempenham. Influenciadas pela visão das armas, podem entrar em contato com crianças que, em suas casas, tenham armas e isso pode levar a acidentes.

Dos 37 alunos que participaram da discussão, 11 concordaram com Marcos Paulo.

Aline Gomes Dias, Joice Lopes de Souza e Jéssica Alexandrine Sovioto - 1º E



## Ensino e educação na escola

Depois de entrevistas, pesquisas e enquetes sobre o ensino desenvolvido na Escola, constatou-se que alguns alunos não atingem o nível de aprendizagem necessário, mesmo sendo oferecido bom ensino. Segundo 35% dos 200 alunos do ensino médio, isso acontece porque há falta de autoconsciência dos educandos que veem a escola como obrigação, não como uma forma de capacitação. 20% deles acreditam que não são capazes de se desenvolverem sozinhos e, quando esse desenvolvimento não acontece, culpam o educador. Essa informação fica evidente quando 11,5% dos alunos entrevistados dizem acreditar que o seu desempenho não é necessário para o desenvolvimento da escola, e que esse é um papel somente do professor.

Apesar de 53,5% dos alunos entrevistados afirmarem que o ensino da Waldemar é de qualidade, 23% declaram que, às vezes, alguns professores não exercem realmente o papel de educadores.

Para que melhora o ensino, é preciso que os educandos não sejam apenas expectadores, mas pessoas capazes de pensar, analisar, criticar, interagir e refle-

tir sobre o que é falado em sala de aula, pois, na maioria das vezes, os alunos escutam o professor, mas não aprendem o que é ensinado.

Exercendo sua profissão de educadora, Jacqueline Guimarães, vice-diretora do turno vespertino, disse que o seu objetivo é poder contribuir de alguma forma para que crianças, jovens e adultos possam compreender melhor o mundo em que vivem através do conhecimento dos conteúdos socialmente relevantes.

O que ela disse é exatamente o item em que se consiste a educação. A educação é o processo mais importante para a evolução do ser humano e para o conhecimento da sociedade em que vivemos. Mas não é o que pensam alguns alunos, pois segundo os dados da pesquisa, 15% deles afirmam que, após terminarem o ensino médio, não pretendem continuar os estudos em um curso superior, pois a conclusão deste grau é suficiente para ingressarem no mercado de trabalho, essa é, para eles, a serventia mais imediata oferecida pela educação.

Marielle Fernandes Rodrigues e Kênia da Silva Ramos - 2º D

## Um espaço para a crônica O amor acaba?

Contradições, ilusões, decepções: esses são obstáculos que encontramos na busca da definição de amor. Para ser sincera, descobrir o que é o amor tão propalado pelos seres humanos ou onde encontrar esse sentimento, não me interessa nem um pouco. Existindo ou não entre os homens, continuará sendo mais um sentimento desperdiçado por seres incapazes de compreenderem algo tão divino e extraordinário.

Subtraindo-se o amor, sentimento de Deus por nós, resta-nos outra coisa a que não se pode chamar de Amor, embora seja esse o nome usado, resta o Amor assim em letras minúsculas. Realmente, o amor não acaba, porque não existe!

Já sei que muitos vão discordar de mim por comodismo. Bastaria uma pequena reflexão para que se compreendesse a afirmação que fiz: o que alguns chamam de amor, eu defino como interesse, essa coisa ambígua, misto de desejo carnal e necessidade de exercer algum tipo de poder. E são muitos os tipos de interesse: o controle das instituições familiares, religiosas, políticas, as ambições financeiras e a necessidade de se manter o patrimônio, as ambições intelectuais. Tudo é preservado em nome do amor. Por isso as sociedades exigem contratos

firmados em cartórios, devidamente legalizados, sacramentados. Por causa da religião, dos direitos adquiridos, um homem ou uma mulher aturam tudo em um relacionamento matrimonial ou união estável, há pessoas que empurram por uma vida inteira uma sociedade.

Por causa do amor, aumenta o consumo de artigos que garantem a satisfação de qualquer vaidade, desde carros os mais possantes e jóias as mais raras ao anel de latão. Amor exige comodidades que degradam o meio ambiente: o colchão mais largo, a fazenda mais forrada de pasto e gado, as indústrias trabalhando a todo vapor. Penso em coisas pequenas assim e concluo que o amor é fundamental para o fim do planeta. Quanto mais os seres humanos amam, mais dão e exigem receber.

Essas questões é que fazem com que a minha imagem do "amor" seja esta deturpada, dirão os leitores. E é nas horas que tudo dá errado e, pra ser sincero vejo que sempre dá errado, já que os conflitos dominam sempre a cena das relações humanas, é que sei que ninguém realmente leva a sério esse sentimento que todos dizem existir.

Roberta Trindade - 3º C

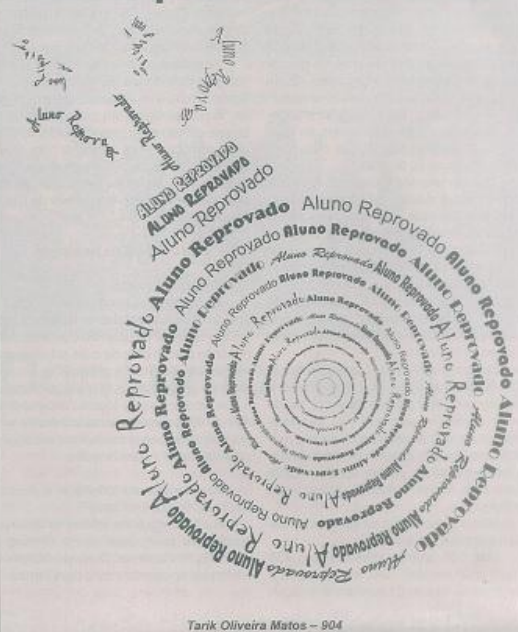
## Projeto Oratória

O projeto é proposto pela professora Tércia Timo. Cada sala apresentará temas variados: cinema, literatura, a história da música, esporte, textos jornalísticos, etc. Os alunos aprenderam técnicas para melhorar o tom de voz, a postura, a preparação

de discursos, com seriedade e sem timidez. O projeto causa estranheza, mas os alunos se aderem a ele com empenho.

Alessandra P. Pacheco, Gabriele Huhn, Maires Costa - 3º C

## Poema visual: o quanto fala a poesia concreta



Tanik Oliveira Matos - 904

## Poesia, por quê?

Por que ler poesia?  
São só versos preenchendo espaços vazios. \_Acredite!  
Por que escrever poesia?  
Não ganho nada fazendo isso. \_ Pense!

Poderia experimentar outros tipos de lazer  
Andar por aí, bater perna,  
Assistir televisão, tirar uma soneca,  
O tempo passaria, com a mesma pressa.

E mesmo assim, pensando,  
Coloco-me a escrever,  
E por ser uma obrigação da escola  
Não há nada o que fazer.

Escrevo e não sei se gosto, o exercício é intrigante.  
Coloco-me à disposição, desse processo de busca, incessante.  
Obrigo-me ao trabalho mental,  
Difícil e estressante.

É que escrever o que escrevi  
Não é nunca suficiente.  
Eu não me deixo em paz,  
Poemas nunca são bons o bastante.

Penso e penso...  
Se é assim, por que razão continuar?  
E quando me dou conta,  
Não dá para controlar.

E eu não sei como ou por que,  
Os versos saltam de dentro de mim  
E revelam-me a mim mesmo  
Descubro um outro dentro de mim.

Isso muda a minha existência,  
Me amadurece por dentro,  
Revolutiona a minha vida,  
Muda o meu comportamento.

Michael Pereira Guimarães - 2º D

## O Exterminador do Futuro

É considerado o melhor entre todos os animais,  
O mais temido e devastador,  
Conhecido pela crueldade com que devora sua presa,  
E pela inteligência avançada,  
Capaz de criar um arsenal bélico  
E destruir todo o planeta.  
Das cavernas para o mundo moderno,  
Apresento-vos o HOMEM.

Laudiana da Silva Vieira - 3º C



# Cruzadinha

Resolva a cruzadinha seguindo as pistas dadas pelas definições e encontre as palavras que devem ser usadas, exploradas e mais vivenciadas no nosso dia a dia nas relações interpessoais.

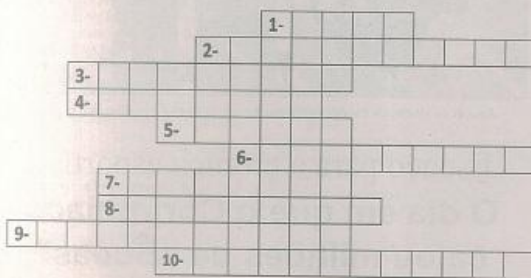
**HORIZONTAL:**

- 1- Sentimento que impela as pessoas para o que se lhes afigura belo, digno ou grandioso.
- 2- Estado ou vínculo recíproco de duas pessoas independentes.
- 3- Aprço, acatamento, consideração, submissão.
- 4- Qualidade de bom.

- 5- Sentimentos de dignidade própria que leva o homem a procurar merecer e manter a consideração pública.
- 6- Modo de proceder que infunde respeito.
- 7- Sentimento de afeição estima.
- 8- Amor de Deus e do próximo. Benevolência.
- 9- Cuidado, zelo, dedicação, diligência.
- 10- Honradez, probidade, decoro, pudor.

**VERTICAL:**

- 1- O sentimento de zelo, cuidado pelo outro.



# Caça palavras

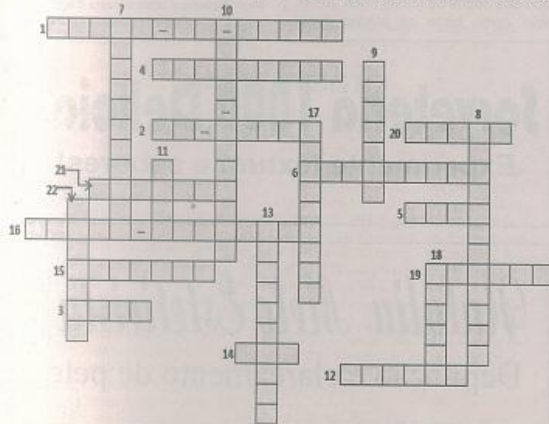
No caça-palavras, encontre as dez palavras usadas para preencher a cruzadinha.

S	H	T	U	M	G	H	Ç	G	Z	G	E	T	Z
I	L	K	Z	I	O	A	N	S	D	F	L	L	J
B	Z	A	M	O	R	Z	R	E	Y	R	T	Z	Z
C	G	P	L	Z	Z	Z	Z	I	Z	D	M	L	E
E	Z	Z	P	T	Z	Z	Z	Z	D	Z	Z	Z	E
P	R	E	S	P	E	I	T	O	Z	A	Z	Z	J
Z	B	Z	H	O	N	R	A	Z	Z	Z	D	Z	Z
S	O	L	I	D	A	R	I	E	D	A	D	E	Z
K	N	Z	Z	U	H	I	P	D	Z	Z	Z	K	Z
O	D	Z	Z	D	I	G	N	I	A	D	E	L	U
Ç	A	D	D	T	E	G	Z	Z	Z	D	Z	U	G
Ç	D	L	Z	Z	A	M	I	Z	A	D	E	I	P
R	E	Z	S	O	L	I	C	I	T	U	D	E	Z
H	O	N	E	S	T	I	D	A	D	E	T	T	O
J	J	F	G	O	A	A	B	K	M	L	N	B	I

7º ano - Coordenação: Professora Aures Rodrigues Timo

# Palavras cruzadas

- 1. Filme brasileiro vencedor da categoria do Oscar, Urso de ouro. [12L]
- 2. Organização de Osama Bin Laden. [7L]
- 3. Títulos dos imperadores russos. [4L]
- 4. Elementos gráficos muito usados na escrita chinesa e japonesa para representar ideias. [9L]
- 5. Primeiro canal de TV no Brasil. [4L]
- 6. Habitante do sertão. [9L]
- 7. Primeira cidade a entrar e sair do ranking da lista das áreas mais desmatadas da floresta Amazônica. [11L]
- 8. Movimento da década de 60 com influência da MPB, na sociedade moderna brasileira e com inspiração internacional. [12L]
- 9. Posição do jogador no futebol. [7L]
- 10. O 2º livro mais traduzido no mundo. [10L]
- 11. Circuito elétrico miniaturizado. [4L]
- 12. Estilo de música caracterizado pelo uso acentuado do contrabaixo. [6L]
- 13. Sistema com a teoria da evolução dos seres através dos seres mais simples. [10L]
- 14. Serviço secreto dos EUA para espionar o bloco socialista durante a Guerra Fria. [3L]
- 15. Chargista mineiro, um dos mais expoentes na época da ditadura. [7L]
- 16. Estudantes conhecidos em manifestação contra a presidência de Fernando Collor. [13L]
- 17. Eixo x. [9L]
- 18. Símbolo da Biologia. [6L]
- 19. 1º grupo de teatro fundado em MG. [6L]
- 20. Protocolo assinado por 84 países para reduzir emissão de gases causando o Efeito Estufa. [5L]
- 21. A arma biológica mais temida nos EUA. [7L]
- 22. Nome da bola da copa de 2014. [7L]



## Dois cães em mim

Dentro de mim, há dois tipos de cachorro: um cruel e mau, e o outro alegre e bom. Eles convivem e brigam, ferozmente, entre si.  
Então me pergunto  
"Qual desses cães ganhará essa briga?"  
"Aquele que alimento mais frequentemente"  
Responde uma voz dentro de mim.

João Adrison Gomes da Silva - 1º E

## Ria... Se puder!?!

### Padaria

Há anos eu não ia à padaria. Chegando lá, encontrei o pai-deiro e disse - tem pão?  
Ele me abraçou e disse: "tem-pão mesmo! Hein?!"

Felipe Soares Cajazeira e Victor Pereira Souza - 2º D

# Bazar Badin



**SESC**  
MINAS GERAIS



GRÁFICA  
**EXCLUSIVA**  
transformando suas ideias em realidade!

Rua Wenefredo Portela, 228 - Centro - Teófilo Otoni - MG  
Fone: 3522-1226 / graficaexclusiva@hotmail.com



## Esportes 2012

A E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha participou neste ano dos Jogos Escolares de Minas Gerais 2012 (JEMG) nas modalidades Basquete, Xadrez, Atletismo e Judo. Os alunos foram acompanhados pelos professores de Educação Física: Francisco Lima, Adelson Kretzli, Janine e Marcione Oliveira.

A 1ª etapa (microrregional) foi realizada em Novo Cruzeiro, onde a escola classificou-se para a 2ª etapa em João Monlevade (Regional) nas seguintes modalidades: Xadrez masculino e feminino e Basquete feminino e Atletismo. A escola conseguiu passar pela primeira vez para a etapa estadual, na modalidade de Basquete feminino realizada em Patos de Minas,

sagrando-se quarta colocada de Minas Gerais.

Ainda neste ano, a escola participou dos Jogos Escolares de Teófilo Otoni (JOETO) cuja cerimônia de abertura se deu na Praça de Esporte.

A escola ganhou sua primeira medalha de ouro no Basquete feminino e continuou sua trajetória de sucesso nos demais esportes: Judo, Futsal, Atletismo, Peteca, conquistando, assim, o título geral do módulo 2, para alunos até 16 anos.

O esporte na escola é considerado um grande aliado para a formação integral dos alunos e é incentivado em sua plenitude.

Alessandra Pereira Pacheco - 3ª C



Equipe de atletas da Escola Waldemar Neves da Rocha que disputou o JEMG

### Futebol: uma carreira rentável em T.O.?

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo. Praticado em centenas de países, desperta interesse em função de sua forma de disputa atraente. Esse esporte tornou-se tão popular graças ao seu jeito simples de ser jogado. Em Teófilo Otoni, o futebol é representado pelo América Futebol Clube, fundado em 12 de maio de 1936. Essa agremiação tem como alcunhas: Mecão, Mecão Maravilha e Maior do Interior.

O time tem como mascote o Dragão do Corcovado e joga no estádio Nassr Mattar, cuja lotação é 6.000 pessoas. O presidente do time é Nodje Walter Diamantino Neiva e o treinador, Gilmar Estevam.

De acordo com pesquisa feita em Teófilo Otoni, na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, com alunos de todos os turnos dos sexos feminino e masculino, 53,64% deles sonham em ser jogadores de futebol. Desse total, 32,67% responderam que têm condições físicas para serem jogadores de futebol e 20,8% responderam

que não.

Entrevista com Willison Pereira, ex-jogador do América Futebol Clube, revela que ele considera a profissão pouco rentável pelo fato de exercê-la somente quatro meses no ano, visto que o time só joga o Campeonato Mineiro. Nos outros meses, os jogadores retomam suas outras atividades e profissões. Questionado sobre se os jogadores de Teófilo Otoni se aposentam, o ex-jogador disse que não, e que para um jogador se aposentar tem de procurar outro emprego.

Willison afirma que muitos jovens que pensam em ser jogadores de futebol profissional, em T. Otoni, desconhecem que terão que enfrentar muitas barreiras: lesões, salários muito baixos no início da carreira, e a falta de estudos por causa dos treinos que são diários.

Leonardo Oliveira, Luiz Felipe Pereira Lopes, Jhonatan Ferreira da Silva - 1ª D

### Projeto "Judô na Escola"

Em mais um ano, o judô da Escola Waldemar Neves da Rocha é sucesso nos Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG). Neste ano, repetiu-se o êxito, a pesar de não contar com plena participação de sua atleta campeã, Marcela Amaral, contundida ainda na primeira luta.

Com coragem vontade e técnica, em combates memoráveis, destacaram-se com a conquista de medalhas de prata as atletas Gabriela

Barbosa (categoria meio pesado), Winne Francielle Hunn de Oliveira (categoria super leveiro) e Ketylyn Menezes (categoria super leveiro).

Ainda treinadas e orientadas pelo professor Francisco Lima (Kiko), as atletas Raquel Cristine Gonçalves Batista, Maria Paula Ribeiro Cardoso e Ana Karolina Fraga Oliveira conquistaram medalha de bronze.

Parabéns às jovens e ao professor pela conquista.

## Acqua Fitness

Ginástica e natação  
para crianças e adultos

### Espaço para a crônica esportiva O dia em que o Corinthians calou milhões de "Bocas"

O ano de 2012 entrou para a história da Libertadores.

O Corinthians, nunca na história da competição, tinha jogado contra o maior arquirival de nossa seleção e contra uma grande maioria de times de nosso próprio país.

O Corinthians era uma piada de várias décadas; uns times conseguiram três títulos e outro apenas um; o Corinthians, ao final de cada competição, desaparecia dos campos,

humilhado.

Mas, desculpem-me todos os adversários da Fiel: em 2012, vocês escolheram o adversário errado... o tal time "piada" deu a volta por cima, esmagou vocês e o tal de Boca Juniors, calando assim as ironias de milhões de Bocas no Brasil e na Argentina.

Dá-lhes, Fiel!

Hicaro Yuki Takahashi - 1ª D

### Waldemar, celeiro de novos talentos

A Escola Waldemar Neves, através do seu programa de incentivo ao esporte, está se destacando cada vez mais nos cenários municipal e estadual no esporte, servindo como base de diversas equipes que representam o município em competições estaduais. Este ano a equipe de basquete feminino da cidade que participou dos Jogos de Minas (JIMI 2012), teve como base as atletas deste

educandário, destacando-se entre elas as alunas Ana Paula Mendes, Mayra Caroline Pereira, Alessandra Pereira, Emanuela Pereira, Gisele Rodrigues, Daiane, Thainá Marques e Thaís Soares Dantas, bem como o técnico da equipe, o professor Francisco Lima.

Prof. Francisco Lima e Mayra Caroline Pereira - 3ª C

## Sorveteria 1000 Delícias

Experimente textura e sabores!

## Natália Melo Esteticista

Depilação e clareamento de pele



## OPINIÃO

O Programa Bolsa Família foi criado para apoiar as famílias mais pobres e garantir a elas o direito à alimentação e ao acesso à educação e à saúde. O programa visa à inclusão social dessa faixa da população brasileira, por meio da transferência de renda e da garantia de acesso a serviços essenciais.

Os beneficiários do Bolsa Família são parte da população constituída por famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza. As famílias extremamente pobres são aquelas que têm renda per capita de até R\$70,00 por mês. As famílias pobres são aquelas que têm renda per capita entre R\$70,01 a R\$140,00 por mês e que tenham em sua composição: gestantes, nutrízes, crianças ou adolescentes entre 0 a 17 anos.

Em todo o Brasil, mais de 11 milhões de famílias são atendidas pelo Bolsa Família. Os programas incorporados a este são Bolsa Escola, Cartão Alimentação, Auxílio Gás e Bolsa Alimentação.

O objetivo do programa é combater a fome e promover a segurança alimentar



e nutricional, combater a pobreza e outras formas de privação das famílias, promover o acesso à rede de serviços públicos, em especial, saúde, educação e segurança.

Na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, foi feita uma pesquisa com todos os alunos do ensino médio e do ensino fundamental, dos três turnos, para se saber quantos alunos se beneficiam do Bolsa Família. Os números apontam para a realidade de que 29,24% das famílias utilizam o Bolsa Família para complementar a renda, enquanto 3,35% utilizam-se da renda obtida como salário, visto que não há quem trabalhe nessas famílias.

O Bolsa Família hoje, para muitas famílias carentes do Brasil, representa a única renda. Entretanto isso tira dos adultos da família o compromisso, a responsabilidade e a dignidade do sustento da família. Esse é um risco do programa.

Loirena Gomes Alves, Katelino Alves Santana e Iago Rainer Ferreira - 1ª D

## Aculturação, a sobreposição de culturas: um processo muito brasileiro

A população brasileira é bastante miscigenada, por sua própria origem, conjunto de etnias fundadoras e por ter o país acolhido, posteriormente, outros grupos étnicos como força de trabalho que veio a modificar as estruturas da economia do país, tornando mais sólida a agricultura e a pecuária. Assim, os seus principais grupos étnicos foram os indígenas, africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Essas etnias ofereceram aos brasileiros um perfil de imensa diversidade cultural, e muitas são as inteligências do povo brasileiro.

Pesquisa realizada sobre o tema, na Escola Estadual Waldemar Neves da Rocha, com alunos do turno vespertino, aponta para uma realidade bastante interessante: de 130 alunos entrevistados, 54 não sabem qual é a sua descendência; 5 são descendentes de alemão, 11 são descendentes de índios e apenas 60 alunos acham importante ter o conhecimento de sua descendência. A maioria

deles 60 alunos desconhece a sua origem étnica.

Esses resultados mostram que o processo de aculturação atinge e atinge todos e isso é irrevogável. Eles ainda permitem duas leituras: uma positiva, já que todos podem se considerar definitiva e unicamente brasileiros, e outra negativa. Essas pessoas não conhecem ou não guardam parte de uma história e uma cultura que é sua.

"É preciso conhecer para preservar" diz o ditado popular. Quantos brasileiros conhecem e valorizam a cultura nacional marcada pela diversidade? Quanto dessa cultura tem se perdido em nome do domínio cultural de outros países? O que é possível preservar, apesar da inevitável aculturação que as sociedades, mais poderosas economicamente, impõem?

Yaminne M. Michaelson, Samira R. dos Santos, Kénia S. Ramos - 2ª D

## Ecumenismo

Considerado um dos países com mais adeptos ao Cristianismo, o Brasil tem cerca de 87% de sua população cristã. Dessa população, 64,4% são católicas e 22,2% se declaram protestantes. Das igrejas protestantes destacam-se as adventistas, batistas, evangélicas e metodistas.

O Protestantismo nasceu com a Reforma de Martin Lutero, fundador, e se difundiu por todo o mundo com um grande crescimento em número de fiéis. Hoje é não em denominações religiosas e tem tomado espaço no território nacional.

Devido ao aumento das opções religiosas, o Brasil tem ficado pequeno para tantas religiões e isso vem ocasionando conflitos doutrinários e ideológicos. Uma saída vista por muitos é o ecumenismo

cristão que é a união das igrejas cristãs em busca de um bem comum: acabar com a segregação religiosa.

Em Tedfilo Ottoni, eventos deste tipo ainda são raros, mas acontecem; exemplo disso foi o culto ecumênico realizado na Catedral Imaculada Conceição com participação de Evangélicos de Confissão Luterana e Católicos Romanos. Na Catedral rezaram pela unidade dos cristãos.

Iniciativas como essas devem ser levadas a sério, pois a união dos cristãos e de outras opções religiosas ajuda a eliminar das sociedades as ideias de intolerância religiosa e o fruto desta união será sempre a paz.

Pedro Henrique Alves Santana - 3ª C

## Consumismo

O ato de consumir produtos e/ou serviços, indiscriminadamente, sem noção de que podem ser nocivos ou prejudiciais à nossa saúde ou ao ambiente é denominado consumismo. São várias as discussões a respeito do tema, dentre elas, as influências que as empresas exercem nas pessoas.

Tudo começou no século XVIII, com a Revolução Industrial. Daí em diante, o mundo nunca mais foi o mesmo. A técnica, os sons, as imagens ganharam espaço dentro dos parâmetros estabelecidos pela sociedade, levando ao consumismo alienante de produtos industrializados. As pessoas acreditam que para serem felizes não basta consumir o necessário, mas também o supérfluo.

De acordo com a pesquisa realizada no Supermercado Araújo e na escola E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha, com 200 pessoas, 70% delas se consideram consumistas e 52% afirmam que têm algum produto comprado, guardado em casa e não o usam. Além disso, 46% dessas pessoas disseram que costumam comprar algo só para melhorar sua autoestima.

Essa patologia comportamental ocasionada pelo consumo em excesso, faz com que as pessoas comprem, compulsivamente, coisas de que

nem precisam, somente para atenderem à vontade de comprar. Na pesquisa, foi feita a seguinte pergunta: "Se você se vê diante de um objeto que quer muito, só que o orçamento está curto, o que você faz?" 35% das pessoas disseram que compram, pois iam se sentir mais felizes. A origem desse consumo exagerado é tanto emocional, quanto social, financeira e psicológica.

Não se pode esquecer que já são mais de 7 bilhões de habitantes na terra, vivendo sob uma evolução tecnológica incrível; se continuar essa velocidade evolutiva, não haverá mais espaço no planeta para todos. Dentre as pessoas entrevistadas 23% disseram que o que mais influencia no consumismo é o modelo padrão imposto pela sociedade. 52% afirmaram ser as propagandas e publicidades na TV e 25% acreditam ser a necessidade de aumentar a autoestima.

Para evitar esse comportamento, 51% dos entrevistados disseram que o indivíduo deve se conscientizar sozinho; 26% discordaram, afirmando que a sociedade deve apoiá-lo e modificar os valores dominantes; os outros 23% acreditam que não é preciso fazer nada, pois o tempo muda tudo.

Laudiciane da Silva Vieira - 3ª ano

## Trânsito e transporte



Brasil mudou, o poder aquisitivo do brasileiro cresceu, e o sonho de ter o tão sonhado carro se tornou realidade. Mas mesmo se tornando a 6ª maior economia do mundo, o país não tomou as medidas necessárias para ser considerado de 1º mundo. O brasileiro viu a vida melhorar da porta de casa para dentro e da porta de casa para fora, vê uma realidade diferente: as ruas estão esburacadas, estreitas e, a cada dia que passa, mais cidades, bairros e ruas são construídas sem planejamento.

Em Tedfilo Ottoni, não é diferente: os bairros mais distantes são de difícil acesso, poucas ruas são asfaltadas e, as que são, precisam de uma "operação tapa buraco". A situação em alguns bairros é precária: em época de chuva, a lama deixa as ruas interditadas e, quando há um longo período de estiagem, a poeira traz diversos problemas de saúde para os cidadãos da localidade.

Na E. E. Dr. Waldemar, dos 172 alunos entrevistados, apenas 48,25% afirmaram ter calçamento ou asfalto em sua rua. Esses dados dão

uma noção do problema da cidade e trazem a certeza de que ainda há muita coisa a ser feita.

O transporte é um problema à parte. O preço do transporte público que hoje é de R\$2,25 é classificado, por 80,77% dos 182 alunos dessa escola, como alto e apenas 45,17% consideram como bom ou regular o atendimento da empresa responsável pelo transporte urbano.

Todos esses problemas são motivos suficientes para o usuário do transporte público comprar um automóvel. Isso está acontecendo em larga escala, e as ruas de cidade, que são estreitas, ficam intransitáveis em horários de pico, devido ao grande fluxo de veículos que estão transitando em via mal planejadas.

A cidade de Tedfilo Ottoni tem um formato de cidade colonial, não se adequando ao tempo. Hoje a cidade é a maior dos vales do Mucuri e Jequitinhonha e necessita de um novo planejamento na área do trânsito e do transporte.

Matheus Alves Bangarte, Diego Alves Gomes e Victor Pereira Souza - 2ª D

## Creches

Em tempo de mãe e pai trabalhando fora de casa, as crianças precisam de ambientes seguros. As creches são aliadas dos pais, por proporcionarem segurança aos pequenos.

Entrevistas foram realizadas nas creches da Vila São João com a diretora, Helena Soares da Silva, e também na creche Imã Ika com a coordenadora pedagógica, Edna Pereira Ramos para que se tenha noção de como funcionam as creches em T. Ottoni.

A creche da Vila São João, fundada no governo de Maria José Hausen, em 16 de outubro de 2006, possui apoio e assistência de nutricionistas e o seu serviço principal é oferecer assistência à criança. Entre as dificuldades enfrentadas pela creche estão: área física pequena, falta de área coberta, falta de brinquedos pedagógicos. Apesar dessas dificuldades, os pais avaliam a creche com o nível de credibilidade alto.

A creche Imã Ika, fundada em 1969 por Dona Adairil e Joaquim Portugal, hoje recebe apoio e assistência de nutricionistas e os serviços oferecidos são também de assistência à criança.

Como as 27 pessoas avaliaram o trabalho das creches

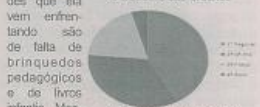


Gráfico: Avaliação do trabalho das creches

os serviços oferecidos como sendo de boa qualidade.

Os resultados das entrevistas realizadas com 27 pessoas da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha que têm filhos ou filhas em creches está representado no gráfico abaixo.

Apesar do que se ouviu nas creches, o resultado na Waldemar ainda aponta para dificuldades enfrentadas pelas crianças nesses ambientes.

landra G. Santos, João Adrissom G. Silva e Wátisson de Assis - 1ª D



## Sustentabilidade

Nas últimas décadas, o capitalismo favoreceu a revolução tecnológica. A humanidade enredou-se pelo consumismo que gera impacto direto no meio ambiente. Em consequência disso, há algum tempo, notam-se as mudanças no planeta, desfavoráveis à vida. É o desequilíbrio gerado pelo aquecimento global, resultado das "pequenas" ações diárias humanas, que põem em risco a vida do planeta - da exploração exagerada, por isso se fazem sentir as alterações climáticas repentinas: secas intermináveis, chuvas devastadoras, derretimento de geleiras, o ser humano põe em risco a vida no planeta.

Ao lado de tudo isso, surgiu um conceito que pode reestruturar a ação humana: é o da sustentabilidade, capacidade humana de interagir com o mundo, preservando-o para as gerações futuras. Nesse sentido, é preciso pensar em usar sem deprender, ou seja, protegendo. Esse conceito envolve pelo menos três considerações importantes: a questão social, respeito ao ser humano para que ele respeite a natureza; a questão energética para que a economia se desenvolva e a questão ambiental, visto que com o ambiente degradado reduz-se a condição de vida do ser humano.

São as ações de preservação e proteção do meio ambiente que garantem a

sustentabilidade e podem melhorar e garantir a vida no planeta. Para se mudar esta situação, a sustentabilidade mostra o quanto é preciso e imprescindível mudar emergencialmente os hábitos, e optar sempre por alternativas que prejudiquem o menos possível o meio ambiente.

Se todos fizerem sua parte, como, utilizar a coleta seletiva, reciclar, ter um consumo consciente, economizar os recursos, evitar desperdícios, preservar os rios, a fauna e a flora, poder-se-á ainda garantir a existência da vida do meio ambiente e dos seres vivos que nele vivem.

Os governos podem fazer a sua parte, incentivando empresas e pessoas que estejam dispostas e tenham responsabilidade social bastante para ajudar a melhorar este espaço a que chamamos de Planeta Terra. Mas é muito mais importante a ação humana diária, consciente.

As ações realizadas para amenizar estes problemas ainda não são suficientes. Quanto de papel se desperdiça, quanto tempo as torneiras ficam abertas, quanto de energia se gasta no banho, em luzes e ventiladores ligados? Essa é uma preocupação que não deve ser individual, mas de todos, todos os dias.

Daveniel Burmann Gomes e Wanessa Rodrigues Burmann - 3ª C

## Waldemar: uma escola que se preocupa com a natureza e aprende a preservar



## MST – Movimento sem Terra em Itamunhec



Quando se fala em Movimento Sem Terra (MST), a sociedade pensa em cabanas de lona à beira de uma estrada, e confrontos constantes com a polícia. Na verdade, é isso que acontece em vários acampamentos dos sem-terra espalhados pelo Brasil.

Em Itamunhec, a realidade é diferente. O MST ali chegou por volta de 2002, a convite de um fazendeiro que, depois de ter alugado sua fazenda por dez anos, não a conseguiria de volta, mesmo tendo passado o tempo do arrendamento.

Por isso, ele resolveu vender sua fazenda para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), surgindo a

partir daí, o Acampamento Mão Esperança.

A enquête revelou que, para as famílias desse acampamento, a ocupação foi compensatória, pois essas famílias são carentes, mas as promessas feitas a elas, como: ter um espaço próprio nessa comunidade, ainda não foram cumpridas.

Mesmo assim, os integrantes se sentem bem fazendo parte do MST, pois a comunidade os recebe bem e eles não sofrem preconceito por fazerem parte do Movimento Sem Terra.

Esperam que ainda este ano seja resolvida a situação de moradia provisória, mesmo sem terem certeza se restará espaço para eles na fazenda ocupada, pois são muitos os posseiros, pessoas que já moravam na terra antes de ela ser ocupada pelos sem-terra, e que, por isso, têm o direito a parte da terra.

Apenas depois de dividida a terra entre posseiros e os sem-terra, as famílias do MST poderão construir casas mais resistentes, o fazer plantações, sem receio de serem abandonadas.

Jaqueline da S. Cardoso, Geany da S. Cardoso, Milcon J. dos Santos - 1ª E

## As grandes secas do sertão

O sertão nordestino é o que mais sofre com a seca, devido às baixas incidências de chuva. Com essas secas prolongadas, os agricultores têm prejuízos, como perda de animais e de toda plantação. Por isso, muitas pessoas passam fome e sede.

Algumas espécies de plantas da Caatinga têm a capacidade de armazenar água no caule ou nas raízes; outras perdem as folhas para não diminuir a umidade. Mas todas têm a mesma função: poupar o máximo de água para tempos de seca.

A maioria dos rios do Sertão e Agreste são temporários, ou seja, nos períodos sem chuva, eles secam, mas, logo que chove, enchem novamente.

A pior seca dos últimos 30 anos foi a que atingiu o nordeste no começo de

2012, a região mais afetada foi o semiárido nordestino. Cerca de 230 municípios foram atingidos.

Existem algumas ações para diminuir o impacto que a seca causa, como: distribuição de água em carros-pipa em épocas de estiagem; utilização de sistemas de irrigação para não perder plantações; construção de cisternas, entre outros.

A seca do sertão nordestino precisa ser amenizada, pois está causando muitos problemas, não só para os que vivem nessa região, mas também para as demais partes do mundo que se comovem com as drásticas consequências das secas.

Roberta Alves Trindade - 3ª C

## APOCALIPSE 21/12/2012



## Agricultura orgânica

A agricultura orgânica é um desafio para o agricultor e um bem para a saúde da população. O horticultor Emílio Hammer explica que a agricultura orgânica é um sistema de produção de alimentos sem agrotóxicos e fertilizantes químicos. Segundo ele, a diferença da agricultura orgânica para a agricultura convencional, é que na primeira não há uso de agrotóxicos - o que é abusivo na segunda.

Embora a agricultura orgânica promova a melhoria da saúde do ecossistema agrícola, o tipo de agricultura mais usado é o convencional, embora tenha menor rapidez de produção e menos resistência às pragas e doenças.

É preciso levar em conta que os sistemas de produção devem ser adaptados às condições regionais. A produção orgânica de alimentos se dá sem trazer problemas de saúde para agricultor e consumidores e

sem que o solo ou o meio ambiente fiquem prejudicados, porque é muito usado esterco animal e compostagens orgânicas.

Entenda-se: é direito, de todos o acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais.

A procura desses alimentos orgânicos é muito grande em relação ao número de produtores que usam o método orgânico. A agricultura orgânica mantém viva e fortalece a rica herança dos conhecimentos agrícolas tradicionais e a variedade dos alimentos. Como sistema de produção desejavelmente correta é parceira do meio ambiente e dialoga muito bem com a ideia de sustentabilidade.

Tárcio Pereira Schmalz e Jean Ott Hammer - 2ª D



## Mensalão

“Escândalo Mensalão ou Esquema de compra de votos de parlamentares”

A maior crise política sofrida pelo governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, no Brasil.

Mensalão é a palavra utilizada pela mídia internacional: em espanhol, foi traduzida em mensalón; em inglês, big monthly allowance (grande pagamento mensal) e vote-buying (compra de voto).

No dia 14 de maio de 2005, ocorreu a primeira divulgação pela imprensa de um vídeo em que o ex-chefe da DEMAC/ACT, Maurício Marinho solicitava e recebia vantagem indevida para ilicitamente beneficiar o falso empresário Joel Santos Filho (advogado)... “Propinas foram pagas aos deputados para votarem em projetos de interesse do poder executivo”.

Entre 22 e 27 de setembro de 2007 o Supremo Tribunal Federal (STF) iniciou o julgamento dos 40 nomes denunciados pelo Procurador Geral da República (Antônio Fernando Barros e Silva de Souza).

Esses 40 políticos foram acusados de crimes como: formação de quadrilha, peculato, lavagem de dinheiro, corrupção ativa, gestão fraudulenta e evasão de divisas.

De acusados para réus o primeiro a perder seus direitos políticos foi o então deputado Roberto Jefferson em 14/09/2005. Em 01/12/2005 foi a vez de José Dirceu, acusado de mentor do esquema.

Em 2011, no fim do mandato de Lula, a Polícia Federal (PF) afirma a existência do mensalão em um documento de 332 páginas.

No dia 02 de agosto de 2012, o STF começou o julgamento dos 38 réus do escândalo do mensalão.

O relator Joaquim Barbosa concluiu na quinta-feira (20-09-2012) a leitura do relatório sobre a primeira parte do item do processo do mensalão, relacionado à compra de apoio político no Congresso, lavagem de dinheiro e voto pela condenação de 12 réus, dentre eles, políticos ligados ao PP, PTB, PMDB e PL: os deputados Valdemar Costa Neto (PL-SP, atual PR) e Pedro Henry (PP-MT) e os ex-deputados Roberto Jefferson (PTB-RJ) e delator do mensalão, Romeu Queiroz (PTB-MG), José Borba (PMDB-PR), Pedro Corrêa (PP-MT) e Bispo Rodrigues (PL-RJ). Ele também se manifestou pelas condenações de João Cláudio Gênus, ex-assessor do PP; do ex-tesoureiro do PL (atual PR) Jacinto Lamas; dos sócios da corretora Bônus Banval, Enivaldo Quadrado e Breno Fischberg; e do ex-secretário do PTB Emerson Palmieri. O relator absolveu ainda Antônio Lamas, irmão de Jacinto Lamas e que foi assessor do extinto PL.

Para o ministro, os parlamentares que ele condenou venderam voto e, com isso, cometeram o crime de corrupção passiva (receber vantagem indevida na condição de servidor público).

Barbosa condenou o delator do mensalão, Roberto Jefferson, presidente nacional do PTB, pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, assim como o ex-deputado do partido Romeu Queiroz e o ex-primeiro secretário do PTB Emerson Palmieri.

Joaquim Barbosa disse que, ao receber R\$ 4 milhões do PT, o presidente do PTB “consumou” o crime. “Ora, pagamento nesse montante, em espécie, para um presidente de partido político, com poder de influenciar sua bancada, equivale sem dúvida à prática corrupta”, assinalou o relator.

Do PP, Barbosa condenou por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha o deputado Pedro Henry (MT), o ex-deputado Pedro Corrêa e João Cláudio Gênus, ex-assessor do então presidente do partido, José Janene. Na condição de intermediários dos pagamentos, foram condenados por lavagem de dinheiro e formação de quadrilha os sócios da corretora Bônus Banval, Enivaldo Quadrado e Breno Fischberg.

O relator condenou por corrupção passiva e lavagem de dinheiro o deputado federal Valdemar Costa Neto, ex-presidente do PL (atual PR); Jacinto Lamas, ex-tesoureiro do PL; e o ex-deputado do PL Bispo Rodrigues. Costa Neto e Jacinto Lamas foram responsabilizados ainda pelo crime de formação de quadrilha. A pedido do Ministério Público Federal, o relator inocentou o ex-assessor do PL Antônio Lamas.

Ele também condenou o ex-deputado do PMDB José Borba por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Segundo Barbosa, José Borba recebeu dinheiro do esquema antes de votação importante para o governo de Lula. “Eu considero claro o interesse do PT ao listar os pagamentos a José Borba antes da votação da reforma tributária.”

Um dos principais argumentos da defesa dos réus acusados de corrupção ativa foi o fato de não haver provas de que eles praticaram um ato de ofício (atitude no exercício da função), em troca da vantagem indevida recebida pelo PT e agências de Marcos Valério.

O relator Joaquim Barbosa afirmou “Conclui-se, portanto, que os parlamentares acusados utilizaram de seus cargos para solicitar vantagem indevida aos réus ligados ao PT; e utilizaram essa vantagem em diversas finalidades, como campanha eleitoral e para fins de enriquecer pessoalmente ou ainda para distribuir mesada aos parlamentares de seu partido ou atrair parlamentares de outros partidos, aumentando assim suas bancadas.”

Até o momento, 10 dos 38 réus do processo do mensalão já tinham sido condenados na análise de outros três itens: desvio de recursos públicos, gestão fraudulenta e lavagem de dinheiro.

As penas (de prisão ou prestação de serviços comunitários, por exemplo) para cada um dos réus condenados só serão definidas ao final do julgamento. O item, atualmente, em discussão envolve 23 dos 38 réus da ação penal. Dos 23, só 13 tiveram as condutas analisadas até agora. Faltam ainda o ex-ministro José Dirceu, o ex-presidente do PT José Genoíno, o ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares, Marcos Valério, Ramón Hollerbach, Cristiano Paz, Simone Vasconcelos, Rogério Tolentino, Geiza Dias e o ex-ministro dos Transportes, Anderson Adauto.

Joseane Sena Santos e  
Matheus Telles 3º C

## ACONTECE NAS MELHORES FAMÍLIAS...



Ria... Se puder!?!

### Uma Pena

Marcos Valério e o advogado na sala de visitação...

"Marcos, sua pena é de 40 anos."

"40 anos!?"

"Isso porque eles ainda não sabem de tudo."

Joseane Sena Santos - 3º C

## Santos

São Santos sem título  
São santos sem milagres  
Foram santos humildes  
Foram santos de verdade

Eis os profetas atuais  
Que assumiram uma missão  
A de levar o Cristo revolucionário  
E tirar os povos da escravidão

O Amazonas se tornou cruz  
Cristos foram crucificados  
Para defender os pobres  
Tiveram seu sangue derramado

As mortes de Galvez e Chico Mendes  
Não podem ser em vão: há tantos significados nelas  
Vamos fazer ecoar os gritos dos profetas  
A Amazônia, suas florestas precisam de quem clame por elas.

Pedro Henrique Alves Santana - 3º C

## Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha

Dedicada à Glória de Deus e ao Progresso Humano

"Nós saudamos sua história, ação e obra,  
Celebramos-lhe a honra, glória e prestígio".



## 38ª EXPOVALES

A exposição que aconteceu em Teófilo Otoni - MG de 13 a 23 de setembro foi de grande importância para pecuaristas da região do Vale do Mucuri. Nela reuniram-se grandes produtores em leilões de gado de corte e leiteiro. Foi grande a procura de gado para cria, recria e engorda.

Entre alguns concursos, pode-se destacar o de doma de cavalos, além do de melhor marchador.

No mercado de pequenos animais, destacaram-se os leilões e shoppings de caprinos e ovinos de várias raças.

Entre os bovinos, destacou-se o 2º Leilão Brahma Arrojo em que se negociou a produção mineira.

Foram considerados bons os

negócios realizados na feira. Segundo Morgana Nunes, no dia 15 de setembro, o 2º Leilão Brahma Arrojo movimentou R\$ 322.080,00. Os 80 animais ofertados foram selecionados pelos criadores Olídio Carlos Blanc Gomes e Luís Amaral, proprietários das fazendas Arrojo e Esperança. Desses animais, foram negociados 45 touros pela média de R\$ 4.554,00, porém dois deles registraram R\$ 5.520,00. O lote duplo foi arrematado por R\$ 11.040,00 pela criadora Vilma Aparecida Cervoni. Os números apontam para o sucesso dos leilões e da exposição.

Marcos Paulo Nunes Salomão e  
Matheus Alves Liesner - 3ª C



### Doctum Consultoria Júnior: Consultoria gratuita para pequenos empresários

Em uma pesquisa sobre pequenas empresas em Teófilo Otoni, entrevistamos a Professora Mestre Iara Alcântara da rede de ensino Doctum. A professora disse que as faculdades Doctum têm uma associação que se chama Doctum Consultoria Júnior e que não tem fins lucrativos, disse que essa associação foi fundada em 2003, mas só registrada em cartório, 5 anos depois.

Essa associação é para estagiários, práticas empresariais dos alunos e capaci-

tações profissionais. É também essencial para a economia da região pelas orientações ao micro, pequeno e médio empresário e à população de modo geral.

As principais funções dessa associação são: fornecer consultorias, treinamentos profissionais, orientações para o crédito, cursos de nivelamento e capacitação profissional de professores.

Felipe Oliveira Gomes e Rodrigo  
Santana Rocha - 2ª D

### Concessionárias

A Dinauto Fiat de Teófilo Otoni atrai o cliente tanto no que diz respeito aos preços, quanto às formas de pagamento e aos lançamentos e quanto à aceitação de novos modelos no mercado.

Os modelos populares mais procurados na concessionária Dinauto são: o Fiat uno 4 portas - R\$ 23.800; o Fiat uno 2 portas - R\$ 21.900; o Pálio 4 portas - R\$ 26.500. Há também alguns lançamentos: o Fiat 500 (Cinquentão), o Freemont, o Novo Celta e o Novo Pálio. As formas de pagamento são: financiamento, consórcio e à vista.

Segundo o vendedor Elder Lúcio Cardoso da concessionária Orvel, o cliente deve ter atenção na hora da compra de carros importados, pois esse tem sido um grande empecilho para a compra dos nacionais, e são as fábricas e indústrias

nacionais que geram empregos.

Ele diz ainda que a inadimplência (comprar, financiar e não conseguir pagar) é outro problema que vem sendo enfrentado pelas concessionárias. Mas que, apesar disso, as empresas automobilísticas e concessionárias, na busca de expandirem suas vendas, continuam investindo.

Na concessionária Orvel, os preços dos carros populares são: o Gol G4 2 portas - R\$24.800, o Gol G6 4 portas - R\$33.000, o Golf 4 portas - R\$36.000. Os lançamentos são: o Amarok S 2012 duas portas, o Saveiro 2012/2013 duas portas, o Polo Sedan 2013 quatro portas. As formas de pagamento são: financiamento, a prazo e à vista.

Jucilene B. Souza e Ângela  
Priscila Santana Pereira - 3ª C

### Violência

Pesquisa realizada no bairro Turma 37 sobre a violência revela que a população não se sente segura. As pessoas entrevistadas afirmam que cresce o número de assassinatos, furtos, sequestros e outros crimes.

O motivo para isso - apontam os entrevistados - é que muitos jovens crescem em um ambiente em que têm contato com a criminalidade, estando mais predispostos a se envolverem no mundo das drogas e dos crimes.

80% das pessoas entrevistadas

concordaram que o crime tende a piorar, pois não consideram o trabalho da Polícia Militar eficiente.

Todos esperam viver em um mundo melhor e com pessoas melhores, e apesar do que revela a pesquisa, o trabalho da Polícia Militar é ainda a esperança de muitos que ainda veem nela dignidade e capacidade suficientes.

Ingrid Lorraino de Souza e Letícia  
Miranda Eliote - 2ª

### Consumo de carne

Quando se leva em conta o nível de consumo de carne bovina no Brasil, é possível afirmar que é alto. Pesquisa do IBGE apontou a carne como um dos alimentos mais consumidos pelos brasileiros, ocupando o 3º lugar entre 10 opções alimentares analisadas. Na entrevista feita em açougues de Teófilo Otoni, constatou-se que a carne bovina é a mais consumida pelos teófilo-otonenses e que eles compram pela qualidade, não pelo

preço. Na enquête feita na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha com os turnos vespertino e matutino do ensino médio e fundamental, sobre o consumo de carne, obtiveram-se os seguintes resultados: de 319 alunos, 90% consomem carne bovina e os outros 10% optam por frango, peixe e carne suína.

Gabriela Almeida Santos Alves - 2ª D

### Tráfico de drogas em Teófilo Otoni

O tráfico de drogas, nos últimos tempos, tem sido um problema nacional, e com ele vem a violência. Em Teófilo Otoni, o índice de criminalidade tem diminuído, essa é uma afirmação do Capitão Ivanildo de Souza Campos do 19º Batalhão de Teófilo Otoni que diz terem sido registrados 17 homicídios este ano, na cidade, sendo que apenas 4 têm relação direta com o tráfico.

Questionado sobre quais são os principais fatores que levam os adolescentes a entrarem no mundo tráfico, respondeu: "O ambiente em que moram, falta de estrutura familiar e dinheiro fácil, associado à falta de opções de lazer e ocupação do tempo do jovem". Segundo ele, os usuários de drogas começam a cometer crimes para a manutenção do vício, passam a se prostituir, não respeitar os familiares, a furtar, a roubar da família e de terceiros.

Enquete realizada nos turnos ves-

perino e noturno, com 330 alunos da Escola Estadual Doutor Waldemar Neves da Rocha, mostra que 24,5% dos jovens entrevistados já foram abordados por tráfico, mas que o número tem diminuído, consideravelmente, se comparado aos dois últimos anos.

Na opinião de Gabriele Kelly de Jesus Huhn, aluna do 3º ano C, vespertino, isso se deve "aos investimentos que o governo tem feito na educação, oportunizando ao jovem um número maior de cursos técnicos e superiores e ampliando o tempo de permanência dos alunos na escola de tempo integral." "A qualidade de vida do brasileiro tem aumentado, evitando que o jovem se envolva com o mundo do crime e das drogas", diz Matheus Alves Bangarte, aluno do 2º ano D do ensino médio, turno vespertino.

Carla N. Siqueira, Maria Ivonete M. Tavares  
e Raiane dos Santos Fernandes - 2ª D

### Drogas na comunidade da turma 37

Em qualquer povoado que se vá, o número de traficantes e usuários de drogas perturba as famílias e a sociedade. Os moradores da Turma 37 também são perturbados por esse mal que aflige a sociedade mundial e lhes chega às portas.

Entrevista com 49 pessoas da Turma 37 revela que a 18 delas já foram oferecidas drogas, que os vendedores de drogas têm idades de 10 até mais de 25 anos, mas que são, em sua maioria, homens entre 15 e 17 anos, apesar de haver mulheres e homossexuais que também se prestam a esse serviço. 27 das pessoas entrevistadas disseram que há usuários de drogas

lícitas ou ilícitas em sua casa, e desses, 27,5% responderam que há usuários de drogas ilícitas (maconha, cocaína, crack). 27 responderam que os usuários de droga de suas famílias tiveram suas vidas afetadas: 7 com perda de emprego, 14 por envolvimento com a polícia, 11 por destruição de lares e 1 com perda de emprego e por envolvimento com a polícia.

Importa que outros jovens e adultos não se deixem envolver por essa armadilha que são as drogas lícitas e ilícitas.

Larissa Guimarães, Rodrigo Silva, Jasmirian  
M. dos Santos, Nair Gonçalves - 1ª E



## Gravidez na adolescência

"Denomina-se gravidez na Adolescência a gestação ocorrida em jovens de até 21 anos que se encontram, portanto em pleno desenvolvimento dessa fase da vida - a adolescência." (Revista Mundo Jovem - agosto 2011).

Esse tipo de gravidez em geral não foi planejado. Acontece em meio a relacionamento sem estabilidade, o que vem demonstrando cada vez mais a falta da família e da sociedade como um todo, em desenvolver programas de educação sexual na escola; resistência dos pais em não conversar com seus filhos sobre essas questões. Tudo isso vem colaborar para o crescimento do índice de adolescentes grávidas em nosso país.

Alunos do 9º ano da Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, demonstrou em gráfico o resultado de uma pesquisa realizada em outubro de 2012, com 600 alunos aproximadamente e o resultado não foi nada animador. Os dados deixam claro que há uma porcentagem

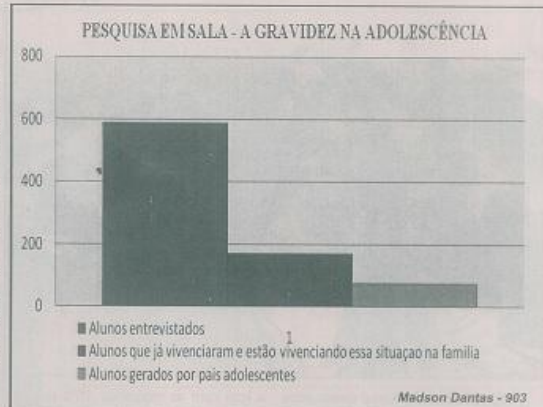
grande de alunos gerados por mães adolescentes, outros já passaram ou estão passando por essa situação na família.

São muitas as implicações que uma gravidez não planejada traz na vida da adolescente: ter um filho requer desejo, tanto do pai, quanto da mãe. Mas não é somente isso; é necessário, além de muita consciência e responsabilidade, um amplo planejamento.

"Tive meu filho aos 15 anos e não estava preparada para isso. No início da minha gravidez, fiquei muito assustada, pois tive medo de falar para os meus pais. Eles descobriram sozinhos, mas deram-me muito apoio" disse N.F. 17 anos.

Não podemos esquecer que são vários os motivos que levam à gravidez na adolescência, além da dificuldade de obter o contraceptivo, há o acaso, a ingenuidade, a violência, etc.

Ayandra Esteves e Jessica Coelho - 903



## Saúde em Teófilo Otoni

A Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 196 normaliza: "A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação."

Nos últimos anos, o aumento as filas de espera do Sistema Único de Saúde (SUS) têm aumentado. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que muitos brasileiros sentem-se hostilizados pelo sistema.

Em entrevista com a enfermeira Camille Ferreira Freire, da Unidade de Atendimento da Vila Santa Clara e proximidades, perguntou-se o que seria necessário para o melhoramento na saúde de Teófilo Otoni. A enfermeira respondeu "Para haver um melhoramento, necessita-se de efetivação das leis do SUS; contratação de mais profissionais; humanização dos profissionais da área e conscientização da população sobre seus verdadeiros deveres e direitos". Este jornal também quis saber o porquê de haver tanta lentidão nas filas de espera. A enfermeira afirmou "Faltam profissionais, tanto médicos como servidores nas demais categorias: enfermeiro, técnico em enfermagem, para a agilização no atendimento ao

público. Além disso, existe uma demora na realização de exames". Questionada se o governo tem tratado com descaso as classes menos favorecidas, ela respondeu "Não, pelo contrário, a cada dia, aumenta o número de leis e programas para o favorecimento das classes vulneráveis".

Em enquête realizada, com 290 alunos dos turnos vespertino e noturno da Escola Estadual Doutor Waldemar Neves da Rocha, soube-se que, aproximadamente, 85% dos entrevistados avaliam o Sistema de Saúde da cidade como precário, e 25,8% deles possuem familiares na fila de espera do SUS.

Os dados mostram que há uma incoerência se se considerar a entrevista com uma profissional da área e enquête realizada com a população. Segundo a enfermeira, a saúde está caminhando para ser classificada como boa; já a população relata que há muito a ser feito. O responsável pela saúde teófilo-otonense será município, estado ou federação. Enfim, a realidade de quem utiliza este sistema é crítica - são inúmeros os relatos de quem já sofreu algum tipo de negligência ou maus-tratos quando do atendimento.

Ellen Nayara Cordeiro Pinheiro e Patricia Soares de Matos - 2º D

## Aborto divide opiniões

A questão do aborto há muito tempo vem sendo discutida, nunca deixando de ser, nos mais diversos âmbitos da sociedade, um tema tão polêmico quanto religião, ética, moral, medicina, direito, filosofia dentre outros.

O aborto é a interrupção da gravidez pela morte do feto ou embrião, junto aos anexos ovulares.

De 100 pessoas entrevistadas no centro da cidade de Teófilo Otoni, 93,0% são contra o aborto e 7% são a favor. Já na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, 87,5% são contra e 2,5% a favor.

A professora Mislene Magalhães que trabalha na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha afirma que: "O aborto é condenado justamente porque, além

de ser um crime, só gera complicações, independentemente do método utilizado". Muito mais do que consequências físicas, o aborto pode provocar danos psicológicos para a mãe, em especial, e para a família como um todo.

O aborto cria ainda novas enfermidades como a síndrome de Asherman e com e complicações tardias, que poderão provocar necessidade da ovariária ou da Misterecoma. Mas, dentre todos os problemas, o mais grave é a Memaragia (hemorragia) que transforma em alto risco o que deveria ser apenas uma gravidez, podendo levar ao óbito.

Antônia Marize Pereira Silva e Karine Ferreira Marinho - 2º D

## Obesidade mórbida

IMC (Kg/m <sup>2</sup> )	CLASSIFICAÇÃO
Menor que 18,5	Baixo Peso
18,5 a 24,9	Estrófico (normal)
25 a 29,9	Sobre peso
30 a 34,9	Obesidade grau I
35 a 39,9	Obesidade grau II
40 acima	Obesidade Mórbida

A obesidade mórbida ocorre quando o peso de uma pessoa ultrapassa o valor de 40 no IMC (Índice de Massa Corporal). De acordo com o Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, um aumento de 20% ou mais, acima de seu peso corporal significa que o excesso de peso tornou-se um risco para a saúde.

Pesquisa realizada na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, com alunos de todos os turnos, 70% deles alegaram ter familiares com obesidade mórbida.

A nutricionista Priscilla Vilela diz: "Acredito que a obesidade está aumentando cada dia mais na nossa cidade. Assim como em todo o país, pois vivenciamos a transição nutricional (uma fase em que a obesidade prevalece e a desnutrição tende a se

reduzir)".

Priscilla Vilela ainda completa, que o fator genético seguido pelos maus hábitos alimentares, sedentarismo e, principalmente, psicológico (medicamentos que agem no sistema nervoso central) utilizando o quadro de depressão, são causas que levam a pessoa a chegar ao quadro de obesidade mórbida.

Médicos e especialistas podem medir o IMC (Índice de Massa Corporal). O paciente sabendo o resultado desse índice, pode a partir da tabela abaixo, compreender o que ele significa e buscar formas mais saudáveis de vida.

Priscilla Fernandes, Letícia Noronha, Ana Paula Pereira e Ana Luiza Afonso - 1º D

## Qualidade de vida

O Brasil viu a vida mudar de várias maneiras, entre elas, quanto à qualidade de vida, que vem crescendo gradativamente, mas junto a esse quadro, outro menos interessante para a população se afigura. A situação de muitas crianças e adolescentes tornou-se preocupante. Por falta de alimentação adequada e atividades físicas, esses adolescentes tornaram-se obesos. Isso pode acarretar doenças graves tais como: a diabetes e as cardio-vasculares.

Na Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha, 324 alunos do vespertino e matutino mostram que

desse total, 83,9% praticam exercícios físicos regularmente. O guia local, saúdeemovimento.com.br, informa que caminhada de 20 a 30 minutos por dia, melhora a saúde e a qualidade de vida.

Entrevista com pessoas que caminham há 1 ano ou mais, regularmente, às margens do Todos os Santos trouxeram os seguintes resultados: perda ou manutenção do peso, mais disposição e energia e maior cuidado com a alimentação que tem se tornado mais saudável.

Anderson Machado Hirle e Mauricio Pacheco - 2º D



## Informática



Informática é um termo usado para descrever a ciência da informação, muito importante hoje no mercado de trabalho.

Pesquisa realizada na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha mostra que dos 896 alunos entrevistados, 270 têm o curso básico de informática. Dos 270, cerca de 80% afirmaram que o curso de informática não lhes beneficiou a aprendizagem para lidarem com computadores, e que acabaram aprendendo sozinhos

a lidar com as máquinas. 70% dos alunos concordam que o mundo do trabalho poderá cobrar deles cursos de informática. Dos alunos questionados, apenas 14,73% disseram que os seus pais têm curso de informática.

Os números são muito baixos, mas revelam uma sociedade em processo de inclusão digital.

*Kênia de Souza, Larissa Moura Oliveira e Magda Bruno dos Santos - 1ª D*

## Televisão

Gráfico: preferências dos alunos quanto aos programas de televisão



Filmes, novelas, telejornais, programas de auditório. A televisão traz informações, entretenimento, emoção e é uma das principais formas de lazer das famílias brasileiras.

Mas o ditado popular já alerta "tudo em excesso faz mal" e não é diferente com o uso excessivo do aparelho que pode acarretar graves problemas de saúde como: problemas de visão ou de coluna em função do mau posicionamento. Problemas mais graves podem advir do hábito de assistir televisão, é o retardamento mental.

Não se pode esquecer de que os meios de comunicação têm a sua própria ética, e de que a violência se propaga em imagens e fatos a que sujeitos em formação como crianças e adolescentes não deviam ser expostos. Por isso todo o cuidado com esse meio de comunicação é pouco.

Pesquisa realizada na E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha com 823 alunos revela o gosto dos alunos por tipos de programas televisivos, isso é o que o gráfico mostra.

Apenas 1% dos alunos assiste ao jornal.

Esses números preocupam. Mas a pesquisa também aponta uma realidade problemática, os alunos estão mais expostos aos conhecimentos que a televisão proporciona que aqueles advindos da escolaridade ou das relações familiares.

Os alunos dizem que, apesar dos prejuízos vindos por meio desse recurso, eles entram em contato com diferentes conteúdos e encontram estímulos para criar novas concepções sobre temas já conhecidos, porque o que veem vai ganhando sentido, transformando-se em aprendizagens significativas que são incorporadas à realidade cotidiana e que há muita informação positiva.

A realidade oferecida pela TV, os modelos, nem sempre são os mais desejáveis e melhores para a sociedade que deve discutir, criticar, aceitar ou rejeitar conjuntos de ideias de determinados programas. A rejeição levaria as redes a melhorarem a sua programação.

*William Araújo, Jean Oliveira, Guilherme Bramante, Diego Cruz - 1ª E*

## Riscos da Internet

A globalização se deve ao progresso dos meios de comunicação e dos recursos tecnológicos. A Internet é entre eles o mais importante. São inúmeras as pesquisas, estatísticas qualitativas e quantitativas referentes ao acesso a ela. A escola não se deve furtar a esse trabalho, por isso realizou-se uma enquete com os alunos da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha sobre o que eles pensam a respeito do acesso a Internet em nossa comunidade escolar.

Dos 165 alunos entrevistados no turno vespertino, 80% responderam que têm em casa é muito importante.

Questionados sobre se a usavam de forma correta, 14,54% responderam que sim e, surpreendentemente, 78,18% disseram que não. 25,45% consideraram que têm maturidade suficiente para usar a Internet e 50,30% responderam não terem.

Os números indicam imaturidade dos usuários e possibilidade de riscos que vão

muito além daqueles que a população já tem que enfrentar como a violência dos hackers, que são verdadeiros piratas da internet e vírus de toda espécie como kyloggers, malwares, trojans. Alguns riscos podem ser evitados com softwares de proteção, como antivírus, anti-spywears e vários outros métodos de proteção; outros, só podem ser evitados com a formação de uma consciência ética sólida.

Os pais devem estar atentos e a escola pronta para o diálogo sobre os perigos e os riscos a que se expõe um usuário da internet, dentre eles: a exposição total, o diálogo com estranhos que podem abusar sexualmente de crianças e pré-adolescentes e induzir jovens ao uso de drogas e à prostituição, a furtos, entre outros perigos tão grandes ou maiores que esses.

*Kelly de Souza, Rosiele Vieira da Silva e Michael Pereira Guimarães - 2ª D*

## Tecnologia na zona rural: Itamunhec em foco



Em pleno século XXI, em meio aos avanços tecnológicos, há pessoas que não usufruem desses meios. Ao contrário do que muitos pensam, a zona rural faz um grande esforço para se incluir na modernidade.

De acordo com a pesquisa realizada na E. E. de Itamunhec, 50% dos alunos têm acesso à internet e 86,7% preferem passatempos digitais.

A boneca e o carrinho foram substituídos por vídeo games e os playstations.

Mesmo na zona rural, os adolescentes têm cada vez mais acesso ao meio digital. Talvez se houvesse maior incentivo, o processo se concretizaria com maior rapidez. Mesmo lento e gradual, um mundo tecnológico cada vez mais desenvolvido está sendo introduzido na zona rural.

*Dalani Sampaio Ottoni e Laudiana da Silva Vieira - 3ª C*

## Tecnologia: o bem, os riscos

No cotidiano, as pessoas estão cada vez mais cercadas com os equipamentos tecnológicos, seja em casa, no trabalho, no lazer, enfim, em todo lugar, a toda hora. O cenário em que vivemos é modificado a todo segundo, devido a esses recursos que surgem a cada momento. Modelos de eletroeletrônicos imitam as coisas e despertam o interesse das populações que, em geral, não resistem a eles.

A origem dessa era tecnológica é a energia elétrica, portanto, é quase impossível imaginar o mundo hoje sem ela. Difícil também seria a vida das pessoas sem televisão, outro recurso tecnológico que prende a atenção da metade da população. De altíssimo nível de produção aliado à internet, o computador tornou-se indispensável em qualquer ambiente de trabalho, e o celular, pequeno aparelho - que nem sempre foi tão pequeno -, faz-lhe cerrada concorrência, pois

além de cumprir a sua função de intercomunicador, ainda acumula várias funções como a de calculadora, máquina fotográfica, computador e, para usá-lo, basta ter uma tope de área na região.

No entanto, na mesma proporção de evolução e involução, o ser humano que sofisticou tecnologias e usa as já criadas para facilitar a vida, também as utiliza para cometer horridos, pequenos e grandes delitos. Não se pode imaginar que drogas sintéticas, as armas biológicas, as bombas nucleares, as armas de fogo podem ser criadas para garantir poder às nações, ameaçar o próprio homem. Assim, cabe ao ser humano escolher o que pode beneficiá-lo e tirar o maior proveito daquilo que a tecnologia pode oferecer.

*Marcos Paulo Batista Resende Lima e Matheus Teles Soares - 3ª C*

## Ria... Se puder!!! As bicicletas

Dois bicicletas desciam o morro, uma de cada lado, ao chegar lá embaixo se chocam. Um dos rapazes furiosos diz, gritando: "Qual é a sua, meu irmão?" E o outro responde "A azul, idiota!"

*Felipe Soares Cajazeira e Victor Pereira Souza - 2ª D*



# 100 Anos de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga, conhecido como o Rei do Baião, completaria 100 anos de história, em 2012. Ele nasceu em Pernambuco e, desde muito cedo, apresentava-se em feiras, acompanhado de seu pai.

Luiz Gonzaga era um verdadeiro representante da cultura nordestina, tanto que ele sempre utilizou todo aquele cenário do nordeste como inspiração para as suas composições. Suas canções tratavam de assuntos como a seca, a pobreza e a vida do nordestino.

Em Asa Branca, uma das canções que marcou toda a sua carreira, fala sobre a seca no nordeste, em que um nordestino perde sua plantação e o seu gado, e por tal motivo, vai embora para longe à espera da chuva que o fará retornar à sua terra natal.

Mesmo morando em São Paulo, Luiz Gonzaga manteve-se ligado às suas origens. Suas composições ganharam cada vez mais destaque em todo o país, e hoje fazem parte da história da MPB.

Wanessa Rodrigues Burmann - 3ª C



## Curiosidades sobre Luiz Gonzaga

- Antes de gravar o primeiro álbum cantado, em 1945, Luiz Gonzaga já havia lançado 32 instrumentais.
- Por ter um rosto arredondado e um largo sorriso, Luiz Gonzaga ganhou de Dino, um violinista da época o apelido de Lua, que foi amplamente divulgado por César Alencar e Paulo Gracindo.
- Gonzagão tinha o hábito de prementar com sanfonas a quem ele achasse que tinha talento. Joquinha Gonzaga, sobrinho do músico, é o único sanfoneiro vivo da família. Ele está tentando convencer seu filho Luiz Januário, de apenas 5 anos, a manter a tradição.
- No final de sua vida, Gonzagão não conseguia mais segurar a sanfona por causa do câncer na próstata.
- Quando morreu, aos 77 anos, ele estava cego de um olho que perdeu devido a um acidente de carro na década de 50.
- O "Von" de Larsvontrier foi um apelido criado por seus amigos de faculdade que viu certa nobreza ao comum nome dinamarquês do diretor.

### PRIMEIRO APELIDO DA CABEÇA AOS PÉS

- Foi vendo uma apresentação do Catarinense Pedro Raimundo, que se vestia com bombachas, que Gonzagão passou a usar trajes nordestinos em suas apresentações. Sua marca era o chapéu de couro.
- Existe uma lacuna sobre a paternidade de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o Gonzaguinha. Quando o compositor conheceu a cantora Odália Gueder, ela já tinha o menino e o músico registrou-o com seu nome.

### EM MEMÓRIA

- A música "Morta do Vaqueiro" foi feita em homenagem ao primo de Luiz Gonzaga, Raimundo Jacó, que era vaqueiro e foi assassinado em 1954. A canção deu origem à tradicional Missa dos Vaqueiros, que acontece todo ano em Pernambuco.

Grasiely Alves Ramalho Lopes e Raissa Miranda Dias - 3ª C

## Um espaço para a crônica Eta, Gonzagão!

Uma coisa boa de observar, é que do sertão só sai artista! Como é que numa terra tão seca aparece tanta novidade?! De lá veio o Luiz com sua sanfona, a zabumba e o triângulo animando as festas com o forró pé-de-serra.

Aprendeu a tocar com o pai, mas saiu de Pernambuco; os motivos... é melhor nem comentar.

Com a vidinha amarga "Quem Jiló", voou na Asa Branca, Cabloco Nordestino apresentou a Acácia Amarela, inspirou-se no Juazeiro, lançou o "Sirlidó" e criou a moda do Baião.

Se teve frustrações com as mulheres, em troca fez muito casal se apaixonar. Amou de verda-

de foi seu filho de coração, mas com este não soube lidar.

Ganhou notoriedade com filológico de autoria própria.

Vira e Mexe, vida agitada; na mazurca, Dança Mariquinha, parece que nordestino é assim; trabalha até cansar!

Choros, sambas, foxtrotes foram uns dos seus fortes, cantou a realidade do sertão na MPB, fez o Brasil enxergar o que muitos não conheceram.

Eta, Bico-de-ágo, Velho Lua, batizado Embaixador Sonoro do Sertão. Não perdeu a majestade, perdeu a vida, mas ficou o seu legado.

Gabriele Kelly de Jesus Huhn - 3ª C

## Patrocinadores A serviço da cultura

Ernani Scofield  
Pimenta

Planeta Esportes

Jackson Andrade  
Câmara

Tharik Rebouças  
Borges



**cadastre-se**  
AQUI GRATIS  
na MANISTEIO



16

IMPACTO EDUCACIONAL

FOLHA  
Conexão Santa Clara

## Editoras do jornal

Grandes responsabilidades se entregam a pessoas de confiança



Ana Lúcia de Souza Farias, Laudiana Vieira, Gabriele Kelly Huhn – 3ª C

## Outro aprendizado...

“Aprendemos a ser nós mesmos e a trabalhar em equipe.”



Alunos do 1º D

## Ousadia e alegria dos que conseguem porque se atrevem...

“A vida começa todos os dias, independentemente, das perdas ou das vitórias. Ousamos arriscar e apostamos no futuro.”



ALUNOS DO 3º ANO C

## Jornalistas e redatores

### Um aprendizado...

“No começo, o interesse não era o nosso hobby, mas mesmo com as críticas, conseguimos mostrar que realmente somos e que podemos fazer diferente.”



Alunos do 1º E

## Os que conhecem o caminho...

“Somos como árvores à beira de um rio, que ao tempo certo floresce e dá bons frutos.”



OS ALUNOS DO 2º ANO D

### Ao ensino médio e ao ensino fundamental

Caríssimas alunas, caríssimos alunos,

Vocês atenderam ao desafio proposto. Estamos habituados a termos as melhores expectativas. Tarefa cumprida. Parabéns!

### À comunidade escolar

Oferecemos o fruto do nosso aprendizado. É mesmo como diz o poeta Milton Nascimento “Há que se cuidar do broto pra que a vida nos dê flores e frutos.”

Até a próxima edição.  
Tércia Rodrigues Timo

### EXPEDIENTE

Escola Estadual Dr. Waldemar Neves da Rocha

Diretor: Vilma Lato da Silva

Vice-diretores: Jacqueline Guimarães Gonçalves, Oksair Ribeiro Novais, Sydio Magno Sosa Silva

Especialistas em Educação: Francine Nunes Cardoso, Hebe Carlos Ribeiro Brown, Juliana L. Carrageos Scheper, Rita de Cassia C. Sera.

Revisão: Aurora Rodrigues Timo, Tércia Rodrigues Timo, Wilma Colares e Wilson dos Anjos Silva

Fotografia: Jacqueline Guimarães Gonçalves.

Editoras: Ana Lúcia de Souza Farias, Laudiana Vieira, Gabriele Kelly Huhn – 3ª C

Coordenação do Projeto: Tércia Rodrigues Timo

Colaboradores: Aurora Rodrigues Timo, Maria Dalma Lira Bied, Oksair Ribeiro Novais, Tércia Rodrigues Timo, Wilma Colares e Wilson dos Anjos Silva – Ensino Fundamental e a aluna Ana Lúcia de Souza Farias – 3ª C.

Participantes: Professores do vespertino: Alina Hossain, Alire Tomich, Fátima Santana Soares Pinheiro, Rosaline Duarte Turati, Sandra Azeiteiro, Genilim Assunção da Fonseca, Cíntia Dourado, Conceição Aparecida Lemos dos Santos e Fabricio Ferreira Dikis.

**ANEXO B**

ANEXO B - Questionário semiestruturado sobre a formação e participação dos professores da E. E. Dr. Waldemar Neves da Rocha no Projeto Institucional “Jornal *Folha Conexão Santa Clara*”.

**AOS PROFESSORES DE LINGUA PORTUGUESA DA  
E. E. DR. WALDEMAR NEVES DA ROCHA**

**LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA :** Rua José Augusto Faria, 780 - Vila São João, Teófilo Otoni, MG.

**OBJETO DE INVESTIGAÇÃO:** Projeto Institucional “Jornal *Folha Conexão Santa Clara*”.

**OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO:** Reunir dados estatísticos para produção de dissertação que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

**ORIENTANDA:** Tércia Rodrigues Timo

**PROFESSOR ORIENTADOR:** Professora Doutora Delaine Cafiero Bicalho

**A. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO: FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

1. Tempo de trabalho na função de Professor de Português:

---

2. Instituição de Ensino Superior na qual se formou / ano de conclusão do curso:

---

3. Curso(s) de Especialização / ano de conclusão do curso:

---

4. Turno em que trabalha nesta escola: \_\_\_\_\_

5. Número total de alunos deste professor na escola:

---

6. Horas/aulas semanais trabalhadas, dedicadas à educação nesta escola:

---

7. Horas/aulas semanais trabalhadas, dedicadas educação em escola(s):

---

8. Título e autor do livro e/ou outros materiais didáticos adotados pelo professor nesta escola

---

9. Leitura que costuma fazer regularmente

- A. ( ) jornais.
- B. ( ) romances.
- C. ( ) contos e crônicas.
- D. ( ) poemas.
- E. ( ) revistas informativas.
- F. ( ) revistas pedagógicas.
- G. ( ) artigos e textos científicos sobre linguística.
- H. ( ) quadrinhos.
- I. ( ) artigos de opinião e crônicas políticas.
- J. ( ) outros (especificar).

10. A participação dos seus alunos no Projeto Institucional “Jornal *Folha Conexão Santa Clara*” gira em torno de:

- A. ( ) 5% ou menos.
- B. ( ) 10% ou menos.
- C. ( ) 20% ou menos.
- D. ( ) Mais de 20%.

11. Espaço para comentários do professor sobre sua atuação no Projeto Institucional “Jornal *Folha Conexão Santa Clara*”.

---

---

---

---

